

Entrevistas dos sujeitos-leitores

Entrevista com D. Alaíde 08/07/2004 (Realizada do Centro de Convivência do Idoso)



Ana Lúcia: - História de Leitura na 3^a idade: memórias individuais e coletivas. Entrevista com Alaíde Santos de Souza, 71 anos, na Casa de Convivência do Idoso, para que a gente possa saber dela um pouco da sua vida, de leitura e com ela aprendeu bastante na vida.

Dona Alaíde: - É pra mim responder?

A.: - Quando começar. É... a gente, no nosso trabalho, a gente... é, tá conversando com um pouco, exatamente, sobre a vida de cada um, suas histórias, suas memórias, são suas lembranças e... do que viveu, do que estudou, do que leu, pra gente conta isso, não É? Na nossa... no nosso trabalho final. Então a gente gostaria de saber de você, se você é... quando... dos... do período de sua infância, você viveu na cidade ou viveu na roça, no início, assim?

D.A.: - Vivi na roça.

A.: - Foi?

D.A.: - Foi.

A.: - Nasceu na roça?

D.A.: - Nasci na roça, em Pindobaçu, depois foi criada, aqui em, cima no Angico. É pra Curralinho pra esses lado aí.

A.: - Sei.

D.A.: - Acabei de me criar no Curralinho, e daí me casei com um rapaz daqui.

A.: - Foi?

D.A.: - E daqui, eu vim morar aqui.

A.: - Depois é que veio pra Jacobina, né?

D.A.: - É. pêra aí, que vim pra Jacobina.

A.: - Anram.

D.A.: - Da roça eu vim pra Jacobina. O que é que foi mais? (risos)

A.: - Mas, me diga uma coisa, em... quer dizer que viveu na roça até uma... a idade de mocinha?

D.A.: - É. Até a idade de 16, 17 anos mais ou menos.

A.: - E quantos irmãos tinha? Era você e mais quantos?

D.A.: - Irmão eu tenho bastante, se eu for (risos) te contar.

A.: - É de uma família grande?

D.A.: - Huu. A família era... é grande, né? Eu num... num vou falar... citar os nome porque (risos) eu não to lembrando, agora de quantos que já morreram, uns.

A.: - Hum.

D.A.: - Eu não vou citar os nomes tudo, mas uns oito ou nove já era.

A.: - Irmãos, né?

D.A.: - É.

A.: - E de mulheres a... tinha quantos?

D.A.: - Tinha três, viva. Que era eu e Detinha, e Valdeli. É três.

A.: - Três mulheres. E qual foi, assim, você foi... quais foram... a idade que você foi pra escola lá na roça?

D.A.: - Eu, 11, 16, 17 anos. Era mais ou menos 16, 17. Eu vim aqui pra cidade pra ca... pra casa de minha patroa. A patroa nossa, lá da fazenda, que era dona da fazenda. Vim passar uns dia com ela, porque a empregada dela estava doente. Ai eu vim pra ajudar ela, daí tinha aquela escola aqui na cidade, mas não tinha luz direito. Uma hora era de candi... daquele candeeiro, como é que chama de...

A.: - (não entendi)

D.A.: - Grande.

A.: - Ah, sim.

D.A.: - Outra hora, não tinha, e... malmente eu assinava o nome.

A.: - Sim.

D.A.: - Ai aprendi com me... é... só... só votava com 18 ano, né? Com 18 ano eu graças a Deus já assinava o meu nome, já vinha votar e tudo. É isso.

A.: - A senhora começou a... a aprender lá, com ela.

D.A.: - E a deprende, né? E... é. Aprendi fa... com a minha patroa.

A.: - E aí com a sua patroa...

D.A.: - É, eu vinha aqui. Vinha e eu, aqui em Jacobina.

A.: - Veio aqui pra Jacobina e ai foi te ensinar as primeiras letras, o alfabeto.

D.A.: - Aí tinha escola, tinha aula de noite.

A.: - Ah, você ia pra aula...

D.A.: - E é noturna.

A.: - Ah, você ia pra aula noturna. Certo.

D.A.: - É, aqui eu não tinha todo dia aula, que foram 6 meses, só, de aula.

A.: - Ah, era?

D.A.: - Que tinha naquele tempo.

A.: - Era mesmo?

D.A.: - Era. Então um dia tinha e outro dia não tinha aula, porque não tinha luz.

A.: - Ah, entendi, porque na época não havia eletricidade.

D.A.: - Num. É... era...

A.: - Vocês ia pra escola era com lampião?

D.A.: - É, isto.

A.: - Não é?

D.A.: - Tinha mas é pouca é... tinha luz, mas era, assim, logo cedo. Sabe como é que é?

A.: - Ah, era na época que existia luz a motor e depois desligavam nesse horário.

D.A.: - Isto.

A.: - Não é isso?

D.A.: - Isto. Isto.

A.: - Ah, então ficou com dificuldade pra estudar a noite?

D.A.: - Tive.

A.: - Não é?

D.A.: - Tive.

A.: - Mas depois que aprendeu a ler, que você falou, começou a votar num... num estudou mais. Parou?

D.A.: - Ah, eu sempre quando é... Époça de... ai eu casei.

A.: - Ah!

D.A.: - Casei vim morar aqui. Não... daí eu não fui mais estudar. E de... Levou 6 ano de casado, o marido morreu. Fiquei viúva.

A.: - Ah! Ficou viúva.

D.A.: - Então, nem terminou a aula, eu só assinei né tempo de eleição pra pode saber... treinar.

A.: - Se. Só vota? Era?

D.A.: - É. Treinar as mão.

A.: - Era, mesmo? Precisava treinar pra votar, interessante.

D.A.: - É. Era pra pode vota.

A.: - Quer dizer o objetivo, era um objetivo, já mesmo eleitoreiro, de você ir lá e saber votar porá um candidato.

D.A.: - Isto.

A.: - Não era um trabalho de leitura de escrita de... de educação continuada, não?

D.A.: - Não, não.

A.: - Isso aqui na cidade de Jacobina?

D.A.: - Aqui. Jacobina. E a depois...

A.: - Mais ou menos nos anos quantos lembra?

D.A.: - Hã?

A.: - Mais ou menos no anos quanto, na década de quanto isso?

D.A.: - Cinqüenta... Eu casei em 52, foi?

A.: - Então, assim...

D.A.: - Foi 50 mais ou menos. Mais ou menos, eu suponho, assim.

A.: - Sei. Sim (não entendi)

D.A.: - Que eu tenho setenta e... e... dois ano.

A.: - Tá com 72 já, né?

D.A.: - É.

Ingrid: - Vai precisar mudar.

D.A.: - Então, eu tinha... numa época de se... cinqüenta mais ou menos, ou 49. Por ai, assim, né?

A.: - É, por ai, hanram, exatamente nesse período.

D.A.: - É.

A.: - Então ai como (não entendi) como... com sua entrada no mundo de... na... no casamento, não é? Você foi tendo muitas responsabilidades, foi tendo filho, enfim, parou de estudar, então.

D.A.: - É, só entrava na escola, só quando era mesmo tempo pra... de eleição.

A.: - Então, isso quer dizer que existe um, então, momento que a escola chamava todo mundo, na época de eleição de novo?

D.A.: - Chamava.

A.: - E lá, além de treina, pra votar e tudo. Liam, faziam leituras de livros, de poesia, de que tinha e de algum romance ou não.

D.A.: - É que naquele tempo de cartilha.

A.: - Ah!

D.A.: - Que tinha tempo de cartilha. Premero tinha que saber o ABC, primeiro. (risos)

A.: - Sim.

D.A.: - Pra depois do ABC então vem a cartilha, eu nunca fui estu... na matemática... na... é na matemática que eu... só meia ruim, que era melhor. Mas assim, nego, de... de português, eu nunca fui, eu nunca acompanhei as outras. Eu tinha tanta vontade de aprender a ler.

A.: - Sim.

D.A.: - Agora já acabou. Já terminei.

A.: - Sua vontade acabou? Não acredito!

D.A.: - Hã?

A.: - Acabou sua vontade Alaíde, mas enquanto há vida, tem que ter vontade.

D.A.: - Mas eu acabei a vonta... aquela... a..., essa, ansiedade que eu tinha de aprender a leitura.

A.: - Sim.

D.A.: - Parece que acabou-se.

A.: - Foi. Por que?

D.A.: - Não sei.

A.: - Será qual motivo, Alaíde?

D.A.: - Não sei. Depois foi quando vieram, botaram aí na... aí eu casa... aí eu fui embora.

A.: - Certo.

D.A.: - E... e 59 eu fui o para... pra São Paulo.

A.: - Ah! Por isso tem esse sutaquezinho também?

D.A.: - É. aí eu fui pra.. o primeiro... terminou o outro casamento, que morreu fiquei viúva e tal. Fiquei viúva.

A.: - Ah, sim. Certo.

D.A.: - Da escola...

A.: - Achou um outro amor?

D.A.: - Não e outro... Fui pra lá pa... pa... pra São Paulo. São Paulo fui pro Paraná.

A.: - Foi? Viajada, né?

D.A.: - No Paraná foi que eu me casei outra vez.

A.: - E achou um novo amor.

D.A.: - É.

A.: - Casou novamente.

D.A.: - É. Casei.

A.: - Teve filho desse segundo casamento, não?

D.A.: - Não.

A.: - Não, né?

D.A.: - Não, só do primeiro.

A.: - Quantos filhos você tem?

D.A.: - Tenho duas meninas. Pena que eu sou mãe de 4 filhos, mas dois faleceu e essas duas são vivas. (...)

A.: - Você tem netos?

D.A.: - Tenho bisneto já.

A.: - Olha que maravilha!

D.A.: - Já tem uns 10 anos.

A.: - Já tem neto e bisneto, temos duas gerações aí pra contar histórias, hem?

D.A.: - É. e a depois eu cheguei aqui, minha cabeça tá... Eu tô meia... meia surda não sabe? Um barulho na cabeça que eu não guento. O barulho, na cabeça. Aí eu, digo, eu ficar sem fazer nada, aí eu... minha pensão, então eu não posso trabalhar por isso, por aquilo outro. Então, veio a pensão, quer dizer que eu vivo da minha pensão.

A.: - E me diga uma coisa, mas o seu segundo marido, também, morreu?

D.A.: - Mo... morreu, eu tô... (risos)

A.: - Foi? E hoje ficou viúva duas vezes Alaíde? E você ri, Alaíde? Alaíde, foi mesmo?

D.A.: - Foi!

A.: - Viúva por duas vezes?

D.A.: - É, por duas vezes.

A.: - Dois companheiros?

D.A.: - É dois companheiro bom? Fiquei sempre só (risos). Sem nenhum (risos).

A.: - Novamente ficou só, não é?

D.A.: - Então?

A.: - Mas valeu a pena, não é Alaíde?

D.A.: - Valeu. Graças a Deus, tenho bom... Se o primeiro era bom, o... o derradeiro era melhor ainda, porque tinha mais estudo, tinha mais...

A.: - Certo.

D.A.: - Uma banca de... de gente mais civilizado. (risos)

Ingrid: Parece que era mais bonito. (risos)

A.: - Era, Alaíde? Você achava mais bonito.

D.A.: - Não, de bom, quer dizer que é, quase igual.

A.: - Era, Ala... a

D.A.: - Mas muito caprichoso, assim...

A.: - Sim.

D.A.: - Limpos, era muito limpos, mesmo, era.

A.: - Em... então, foi ótimo, porque você teve outra convivência, né? E viveu quantos anos (não entendi)

D.A.: - Com esse derradeiro, eu nem me lembro, mais.

A.: - Foi?

D.A.: - ... Sessenta... aí, eu esqueci. Tô... tô... ói, esqueço tudo na minha cabeça, sempre. Na mesma da hora que eu tô sabendo, na mesma da hora já não sei mais.

A.: - Lembra. Tá lembrando e esquecendo, né?

D.A.: - É, esquecendo. É por isso que eu entrei aqui.

A.: - Sim, me conte.

D.A.: - Foi por causa disso, mesmo.

A.: - Centro de Convivência.

D.A.: - Eu, digo, eu vou ficar louca, ou então vou perder o juízo de tudo, porque eu não sei mais o que tô fazendo. Aí foi por isso que eu entrei aqui.

A.: - Aí veio pro Centro de Convivência.

D.A.: - É.

A.: - Ficar com outras pessoas, você começar a conversar, fazer uma série de outras atividades, o que é que mais gosta de fazer?

D.A.: - É, que disse que tinha aulas de Yoga. A única coisa que eu sei mais fazer, que eu tinha vontade é aprender a leitura. Eu digo, pelo menos eu num... num... paro assim, pelo menos pa... né?

A.: - (...) tentar, é. não pode deixar os sonhos sem realizar.

D.A.: - Então.

A.: - E aí, aí vem, estuda aí de tarde, faz as suas atividades, lê, produz textos pra professora, né?

D.A.: - É.

A.: - O que, que você mais gosta de fazer, nas aulas?

D.A.: - Na... aqui?

A.: - Sim, nas aulas da professora sua.

D.A.: - Ah, eu gosto de tudo. Tudo que ela passa é... Uma professora muito boazinha, desde o tempo da outra, que eu esqueci o nome da outra. (risos) Quando eu entrei aqui era outra professora. Todas duas foram muito boa, muito paciente com a gente e tudo. É, eu gosto bastante daqui. No dia que tá fechado aqui pra... pra mim é... tá faltando uma coisa.

A.: - É. já acostumou, também, com as pessoas, né?

D.A.: - É, já acostumei aqui, vem as meninas e tal. Lá em casa, não gosto de estar nas casas dos outros e eu dentro de casa, só dentro de casa sem fazer nada, você sabe que é chato, né?

A.: - Ninguém gosta.

D.A.: - E eu então...

I.: - A senhora mora sozinha?

D.A.: - Não, eu moro com a neta e esse bisneto. É, mora comigo, mas mesmo assim, eu fico sozinha dentro de casa que ele sai ou qualquer coisa, (não entendi), criança faz um sofrimento da gente, né?

A.: - Atrapalha as suas atividades. É, nos deixa ficar um pouco nervosas, não é?

D.A.: - É.

A.: - E aí, eu soube, por isso que a gente só tá conseguindo fazer a entrevista com você hoje, não é?

D.A.: - Hã.

A.: - A gente soube que você viajou pra São Paulo, exatamente, porque teve um problema no coração, né? Foi, parece, fazer tratamento.

D.A.: - Então, fez dois anos agora no mês de julho...

A.: - Engraçado que eu já tava escrevendo o capítulo, eu tinha botado, faltou uma entrevista... uma entrevistada, porque está doente, não podemos conversar com ela e agora vou ter que mudar de novo, porque a gente veio hoje e olha aí.

D.A.: - E então, se eu me detenho mais, não tinha mais coisa.

A.: - Você aqui de volta, saudável e bonita, né? Então que ótimo.

D.A.: - Então.

A.: - Voltou e deu certo o tratamento, fez, não tá mais doente.

D.A.: - É, tô fazendo tratamento, que... tô... agora mesmo no mês de... outubro... no... outubro, agora eu tenho que ir pra São Paulo.

A.: - Fazer exame?

D.A.: - E no dia 3 de... de novembro vo... é... a... já tá marcada.

A.: - Sim.

D.A.: - A consulta, pra mim fazer o re... o...

A.: - A revisão?

D.A.: - A revisão, outra vez, que ne 6 em 6, no ano eu vou duas vez, no ano.

A.: - Sei.

D.A.: - Já tá me enjoando viajar, assim, que eu não tinha problema de viajar, não sentia enjoô, não sentia nada. Agora, que tá começando.

A.: - Sei.

D.A.: - Já tenho enjoô.

A.: - Que a viagem não é longa, também, né?

D.A.: - É longa, três dias.

A.: - É. Você vai de ônibus, não é, isso?

D.A.: - Por que? Elas querem que eu vá de avião, não é? de avião, eu vou daqui pra Salvador. Eu não tenho conhecimento de nada, lá em Salvador. É... O dinheirinho, você sabe a gente pobre como é que é. É... é pouco, né? Eu vivo da pensão.

A.: - Certo.

D.A.: - Pra (...) leva dia pra chega lá, pra chega em Salvador pagar o ônibus, uma... a passagem daqui pra lá tá 30, 40 reais, né?

A.: - Tá, isso.

D.A.: - É mais ou menos isso. Chega lá, ainda poder pegar o avião, pra...

A.: - Depois pegar o avião pra São Paulo.

D.A.: - Pra inda, pra...

A.: - Assim, pra você seria confortável, não ficar... né?

D.A.: - É, mas...

A.: - Mas aí já pesa o lado financeiro.

D.A.: - É. (não entendi) Já pesa financeiro.

A.: - Nunca andou, então, de avião?

D.A.: - Já.

A.: - Já, né? Gostou?

D.A.: - Adorei. (risos)

A.: - Não sentiu medo, gostou muito, não é?

D.A.: - Não. Como?

A.: - Não sentiu medo, achou ótimo (não entendi)

D.A.: - Não, não. Achei bom, ótimo... é ótimo

A.: - Rápido (não entendi)

D.A.: - Foi do... esse derradeiro marido, que... ele trabalhava no Mato Grosso, daí ele, meio, que trabalhou lá... trabalhava lá. Eu fiquei lá quase... um ano, pode bem dizer, que eu fui ne janeiro, quando foi em dezembro que pra cá. Pa... pra... pro Paraná, né?

A.: - Sei.

D.A.: - Que nós morava no Paraná

A.: - Morava no Paraná. Você teve... ficou no Mato Grosso?

D.A.: - É.

A.: - Um tempo?

D.A.: - É.

A.: - E aí (barulho de moto) você foi de avião? Né?

D.A.: - Isto. Me lembro que eu fui de avião e voltei.

A.: - Como era o nome dele Alaíde?

D.A.: - Orias.

A.: - Orias? Diferente, né? (risos) Orias, seu Orides.

D.A.: - Orias e o premero chamava Dário.

A.: - Dário o primeiro, né?

D.A.: - É. Dário o primeiro.

A.: - Da época, que vo... de sua infância, que morou na roça, quais eram as brincadeiras, Alíde, que vocês mais gostavam de brincar, naquela época?

D.A.: - Eu era muito presa, porque eu sou a primeira.

A.: - Ah!

D.A.: - Meus pais não deixava eu...

A.: - Sair.

D.A.: - An... sair, muito, né? Mas assim mesmo com os outros, assim, mesmo, em redor da casa, assim, né... é... O que mais eu gostava era roda, que naquele tempo brincava muita roda, né? É, assim, de roda.

A.: - Ainda lembra de alguma cantiga daquela época?

D.A.: - Não, eu... (risos) Tem vez que eu de todas, tem ou... me esqueço.

A.: - Sei. Tem momentos que lembra de todas elas e tem momentos que esquece todas elas, né?

D.A.: - É. É porque...

A.: - Se ouvir uma pessoa cantando lembra?

D.A.: - É, aí eu lembro. É, isso, verdade.

A.: - E, assim, você, percebe se hoje, seus netos, canta alguma cantiga de sua época ou se as brincadeiras, hoje, são diferentes?

D.A.: - Ah, é bem diferente! Nem as filha num canta mais. Num canta de jeito nenhum. Nem as filha que são mais velha, que é de cinquenta e... Uma de 54 a outra de 56 parece, num tô bem a paz. Mas nem elas num... num canta mais. (não entendi) essas... tá usando agora. Só isso aí.

A.: - Mas você ne... ne... quando depois ficou mocinha, costumava, assim, ir em baile, festas, um forrozinho ou nunca foi chegada a dançar?

D.A.: - Eu não sabia. (não entendi) você falando, que meus pais não deixava eu sair?

A.: - Sim.

D.A.: - Nem... A mamãe era uma que não gostava de sair. E eu era... Tendo filho, todo ano tinha filho pequeno e então quer dizer que... ela também já não saía e... pra deixar. Eu só ia numa missa.

A.: - Era?

D.A.: - Mas a minha avó.

A.: - Sim.

D.A.: - Nos mato. (não entendi) segura. Nós ía arranca folha no coqueiro.

A.: - Certo.

D.A.: - Que hoje em dia tem estrada e aquele tempo nós ía de a pé. Era criança, no tempo de oito ano, assim, nós ia de a pé, eu ía mais a minha avó.

A.: - E gostava de ir a missa?

D.A.: - Ai, eu gostava, toda vida, até hoje. (risos) Isso.

A.: - Até hoje (não entendi) né?

D.A.: - E sou gamada por essa religião.

A.: - Você é católica?

D.A.: - Sou, graças a Deus.

A.: - Mas é uma católica que frequenta, que acompanha a missa, né?

D.A.: - Eu frequento, sim. Mesmo assim, eu tenho aquele prazer de pegar o ônibus, que eu não gosto de ônibus.

A.: - Sei.

D.A.: - De hora marcada. De vontade eu gosto de sair logo, mas

A.: - Sim

D.A.: - Mas por causa disso, quando dá pra ir, eu não deixo de ir na igreja. Segunda-feira, mesmo, eu já fui, porque eu moro perto da igreja... da Igreja da Conceição.

A.: - Certo. Você mora aqui na Missão, é?

D.A.: - É, na rua... agora esqueci.

A.: - São João.

D.A.: - São João, isto. Eu moro ali pertinho, né? Então eu vou. No domingo mesmo, eu fui lá embaixo. Aí eu não vou na sexta-feira, que tem telça, tem hoje... teve missa. Eu não fui porque eu não agüento, não dá. Dá, dá, o pior é não guenta, é porque...

A.: - Sei, você...

D.A.: - Se eu quiser ficar mais uns dia viva.

A.: - Você... é... cansa mais, se sente mais desgastada, não é? Então você se poupa.

D.A.: - É... não é que é mais desgastada, é porque da... da doença, minha que eu não posso caminhar.

A.: - Então, é isso que eu digo, pra pode se poupar mais, não é isso?

D.A.: - É, é. Isto.

A.: - E a... Me diga uma coisa Alaíde, quando você vai pra missa quando o padre explica que ele... que ele explica. O que, que mais você gosta? O que, que mais você tira como lição de vida e aprendizado? Você aprende o que, nas missas?

D.A.: - Nas missas?

A.: - Sim.

D.A.: - Nas missas, eu a... eu adoro de ver eles rezando, sabe? A missa que tem... cantarem, é... as festinhas que tem também, a... eu sou do coração de Jesus, é... reunião do coração de Jesus, a gente vai e assim vou fazendo o que posso. (risos)

A.: - E cada vez que você vai, assim, que lição você traz pra sua vida? O que você aprende toda vez que vai?

D.A.: - O... ói, muitas não. Muitas não dá pra mim aprender porque toda vida eu sou rudas, assim, sem... aprender, sem eu guarda as coisas, né? Mas alguma coisa a gente guarda.

A.: - É claro.

D.A.: - Guarda.

A.: - Sempre alguma coisa a gente aprende.

D.A.: - É, menos alguma coisa lá, aprende a mais.

A.: - Não é?

D.A.: - É.

A.: - Então, se ele discuti sobre a caridade, sobre o perdão, se dali reflete, sempre traz uma lição.

D.A.: - É, isso aí a gente já... já sabe, já tudo, eles mesmo é... Tem coisa da gente ir, tudo. Tem reunião, tem tudo isso, eles fala. Quer dizer que já é uma grande coisa.

A.: - E me diga uma coisa, quais são, assim, os fatos de sua vida, que você assim... de... desde da infância, da mocidade, que você lembra assim com mais saudade e sente falta, tem alguma época sua que lhe marcou muito, que você assim, que gostaria de... de ter novamente ou gosta de relembrar?

D.A.: - Olha, eu acho, que, o que passou, já passou. Eu só tenho de hoje pra... de hoje pra amanhã. É a lembrança que eu tenho, mas esse negócio de lembra... de... de eu lembrar que se passou de... NUTH. Ah, não presta, não.

A.: - Não guarda, não.

D.A.: - Não.

A.: - Não. (não entendi)

D.A.: - Não. Eu vivi muito bem com meu marido, graças a deus, nois tinha um restaurante, ele era um bom... Tudo isso enfeitava.

A.: - Passear.

D.A.: - Mas, nada assim, pra dizer assim, se eu tivesse outro ai... Mas! Eu não ligo, não.

A.: - Você prefere que as coisas aconteçam, pra você viver?

D.A.: - É.

A.: - Aquela experiência, né?

D.A.: - Isso.

A.: - E assim, tirar o maior proveito dela, restante do que a senhora pensava.

D.A.: - Isso.

A.: - Mas, se amanhã um novo dia, tem muita coisa pra aprender, você vai lá e faz tudo.

D.A.: - É.

A.: - Não é isso?

D.A.: - É verdade. (risos)

A.: - Então o... a... o melhor da vida é viver a vida.

D.A.: - Isso.

A.: - né? Com maior gás, com tudo de bom. E você, assim, é já teve pessoas, assim, de sua convivência. Os seus dois maridos, eles gostavam assim, de ler, eles liam? Gostavam de assistir televisão? Como era?

D.A.: - Todos dois.

A.: - Hã?

D.A.: - Ai, todos dois tinha leitura, quer dizer que eles liam livro.

A.: - Sim.

D.A.: - Esse mesmo, o derradeiro, sabia ler mais. Quer dizer que ele ia pro ma... ele queria aprende trabalha, assim, no mato. Ele foi, a ultima vez Ele morreu lá no Mato Grosso.

I.: - E então, quer dizer que...

D.A.: - Ele levava os jornal, levava... coisa... ali um... um caderno.

A.: - Sei

D.A.: - Qualquer coisa, assim, de ler, essas coisa, ele disse que a hora que ele tivesse em casa, a hora que ele chegasse do serviço, ele lia pra mim.

A.: - E... ele... ele... vocês do... ele lia pra você comentava, o que lia? Como é?

D.A.: - Comentava, sim. Ele ia no cinema, que eu não ia... se eu não ia e ele fosse, quando ele chegava me contava e eu gostava mais que ele fosse...

A.: - Pra ouvir a história.

D.A.: - Pra ouvir a história, do que eu vê.

A.: - Era?

D.A.: - Era.

A.: - Ah, você gostava, então, de mais ouvir a história, do que...

D.A.: - Era, era, era.

A.: - Ouvindo dele. Aí conversavam sobre aquela história que ele contou do cinema?

D.A.: - Isso.

A.: - Aí quando ele lia o jornal ou qualquer outra revista que ele comentava, com você também, o que lia e vocês trocavam idéias sobre o que liam.

D.A.: - Era, trocava sim.

A.: - Os assuntos.

D.A.: - Era muito bom, esse derradeiro marido, ele... ele lia alto, assim, pra mim escutar.

A.: - Hum... Você era leitora de ouvido. Ouvia, né?

D.A.: - É, isto. Isto.

A.: - Você, assim, pe... pega um livro, um jornal pra lê ou você não, não lê assim?

D.A.: - Eu... alguma coisa eu leio, mas, agora, o nome é muito grande eu num...

A.: - Não lê. Então sempre leu, mais, a partir do que os outros lêem pra você ouvir?

D.A.: - É.

A.: - Não é?

D.A.: - É.

A.: - E que histórias, assim, que você ouviu de leituras, que as pessoas já contaram e que você, também, de qualquer sorte, o... é conviveu ou com pai ou com mãe, com as pessoas que convivia com você, né? Participaram. Tem alguma história, assim, que você ouviu, que você sabe conta e que você aprendeu, alguma coisa que lhe deixou... Assim, foi uma marca na sua vida? Ou não teve uma história, assim, marcante? Nenhuma história?

D.A.: - Se tenho eu não lembro. Que me marcasse, assim, não. Só... da... é coisa de antigo, né? Da minha avó... Ela gostava muito de conta história, de fala história de... de... quando ela... eu... isso aí eu tenho saudade.

A.: - Sei.

D.A.: - Eu tenho falta.

A.: - Sente falta.

D.A.: - É, porque ela que...

A.: - Que era contadora de história.

D.A.: - Cantava, cantava, precisava de vê, pra gente, dia de... de assim, de lua cheia, ma roça, que a luz só durava (risos) quando tem lua mesmo.

A.: - A lua cheia.

D.A.: - É, ela vinha, os vizinhos vinha tudo lá pra casa, escutava ela canta história... conta história.

A.: - Que beleza! Ai fazia aquela roda...

D.A.: - É.

A.: - Todo mundo ouvia a contação de histórias dela?

D.A.: - É, era. Só isso.

A.: - Mas que cada história linda que sai aqui, né?

D.A.: - É, é cada história bonita.

A.: - Todo mundo comenta depois, conversa sobre as histórias.

D.A.: - É, mas eu (risos) não aprendi.

A.: - Não lembra de nenhuma?

D.A.: - Não, não lembro.

A.: - De que falava.

D.A.: - Mesmo assim, esse negócio de rezado. Reza mão, essas coisa. Eu não aprendi, muita reza, nem... Só o Pai Nosso e acabo, e eu não sei o que reza um... se eu visse, eu já (não entendi) Ave Maria, Salve Rainha... A Salve Rainha, eu tenho, inclu... tenho o livrinho, então, que tem, que eu... já...

A.: - (não entendi)

D.A.: - Já leio e já sei.

A.: - Já sabe, né?

D.A.: - É. O Crêm Deus padi (risos) pela cabeça?

A.: - Sabe não.

D.A.: - Tudo é o livro, que eu já... que eu leio, então...

A.: - Já sabe ler.

D.A.: - Eu já entendo, já sa... eu já sei, é.

A.: - Já consegue ler sozinha, lendo, pelo livrinho, não é?

D.A.: - É, isto.

A.: - Mas você falou ai da prece, dessas rezas, ai tentou aprender de cabeça, mas eu lhe pergunto, o mais importante da reza, é aquela reza que sai do coração ou e é a reza decora e aprende? Pra você qual é... qual é a mais importante?

D.A.: - Eu acho que a mais importante é a do coração. (risos)

A.: - Então não pode ser, que eu não sei de cor uma, o importante é que eu possa conversar com Deus na minha oração, dizendo do meu coração.

D.A.: - É.

A.: - Que já é uma prece, né?

D.A.: - É.

A.: - Essa é a verdadeira prece.

D.A.: - É. As vezes eu num... eu não acompanho muito o que foi, eu fico rezando aqui por dentro.

A.: - Tá vendo. Então internamente a senhora tá orando.

D.A.: - É, é.

A.: - Dizendo a ele, conversando, dizendo com as suas palavras, com sua fraqueza, não é?

D.A.: - É, isso.

A.: - Que essa é, Jesus sempre (não entendi), né? Que não é pra dizer (não entendi).

D.A.: - E, então.

A.: - Pra dizer da... daquilo que se sente.

D.A.: - A pois é, isto aí

A.: - Não é?

D.A.: - Eu gosto muito... Ou, se eu não sei de outro, assim eu... se eu vê a coisa assim, eu vô...

A.: - Mas sente, tem sede de sentimento, tem... né?

D.A.: - É.

A.: - Uma vontade que vem, que você faz e que ela (não entendi). Me diga uma coisa, depois que...

D.A.: - E que hora que é que essa? Se não eu perco meu ônibus.

A.: - É? É agora o seu ônibus?

D.A.: - É 5 hora já?

A.: - É. É o ônibus de 6 horas?

D.A.: - É, 5 e 47 aqui perto.

A.: - Ah, então a gente vai rapidinho. Você gosta de assistir televisão?

D.A.: - A televisão?

A.: - Sim. Você costuma assistir?

D.A.: - Ah! Eu não tenho pra onde sair as vezes, assim, eu assisto, assim, as novelas, quando as novelas... Agora, mesmo ta passando uma novelinhazinha boazinha, até. Engraçada (risos).Então só isso eu gosto. Eu gosto de ouvir rádio, eu gosto de vê notícia.

A.: - Sim.

D.A.: - Mesmo porque, eu não tenho jornal pra ler, eu não sei ler.

A.: - Pra se informa, ouve a notícia do rádio.

D.A.: - É, a notícia do rádio, gosto.

Simone (longe): - Vai perder o ônibus!

D.A.: - Toda de manhã eu... A hora que eu levanto, até meio dia, até uma hora. Antes de eu vim pr'aqui eu corro pro rádio.

A.: - Já se mantem informada, né?

D.A.: - É.

A.: - Certo. E que, que ce... é... dessas... dessas... coisas, quando a senhora assiste televisão os programas, chega a assistir mais novelas, não assiste, jornal, não?

D.A.: - Assiste o que?

A.: - Jornal, assiste, assim pela televisão?

D.A.: - Ah, eu gosto muito de jornal pra saber notícias.

A.: - Assim, a senhora fica, por dentro do que acontece, né?

D.A.: - É. Tem gente que, ai que não! Porque eu tô sabendo. Por isso, nois não tamo sabendo de nada, se eu não sei lê um jornal, eu não tenho todo dia um jornal pra mim lê, ou a pessoa lê um jornal pra mim, vê. Eu, o que eu tenho é da... do... da televisão, que eles fala que até dos Estados Unidos, que num existia gente que sabia de nada, né?

A.: - Pois é, e hoje a gente fica sabendo de tudo isso, né?

D.A.: - E hoje a gente sabe de tudo, porque que passa lá, de manhã ou de noite a gente vai assisti o jornal, ai já sabe.

A.: - Impressionante, né, como esse mundo global, e tudo, né, ao mesmo tempo interligado. Muito bem. E você, assim se... sente hoje, falta de não ter lido muito? Sente falta da leitura na sua vida?

D.A.: - Eu tenho falta, da leitura eu tenho falta, sim. Tenho.

A.: - Você acha que a sua vida poderia ser diferente se você tivesse tido mais estudo, mais leitura?

D.A.: - Ah, se eu tivesse mais estudo era melhor, néra? Por eu já tinha uma coisa assim pra lê, já lia melhor, néra? Se fosse possível até pra ensinar, ai... graças a Deus, eu ia voltar pra ensinar quem não soubesse, né?

A.: - É. Então a partir do seu conhecimento, você já ia passando pra...

D.A.: - É. Né?

A.: - Você acha que é importante.

D.A.: - Faz falta, sim. Faz sim. Às vezes assim, agente tá sozinho pega um livro, uma bíblia mesmo, uma coisa ou outra, vai lê, aqui o tempo se passa que a gente não vê. Né verdade?

A.: - É. O livro é sempre um grande companheiro, né?

D.A.: - É.

A.: - A gente nunca tá só se tem um bom livro (não entendi). Mas ai você lê de outra foram, né? Relê vendo televisão, jornal, ouvindo rádio, né?

D.A.: - É.

A.: - Encontra outras formas de também, ficar interagindo e informada, né isso?

D.A.: - É.

Simone: - Quem tá ai, é Alaíde, é?

A.: - É.

Simone: - O ônibus tá perto de passar e ela não pode andar de pé, não.

A.: - É, ela tá me dizendo, tô terminando.

D.A.: - Você vai pra lá? Pra cidade?

Ingrid: - Ela tá de carro.

A.: - Eu tô de carro, se quiser eu lhe deixo lá em cima.

D.A.: - É, você me deixa lá(risos). Lá na rua do morro. Você vai pro... pro... por onde é que cê vai?

A.: - Não, eu posso lhe... lhe... e por lá a senhora me dizendo onde é que entra, eu acerto.

D.A.: - É. É porque eu não posso andar, se não (não entendi).

A.: - Então se ir agora, é... é... que a... acho que já, né Ingrid? Já consegui saber mais, assim, que a gente gostaria, mesmo. È isso que a gente (não entendi). A pergunta era essa mesmo, sobre a necessidade de contato com os livros, a leitura. Se ela sente falta, né? A importância (não entendi). Pois é, a gente agradece sua participação no nosso projeto, sua entrevista, viu?

D.A.: - Muito obrigada. (risos)

A.: - Saber um pouco de sua história, pra mim...

D.A.: - É um pouco, ainda tem muito...

A.: - Tem muita coisa, é?

D.A.: - De quando a gente brincava no mato. (risos)

A.: - Quanta coisa boni...

D.A.: - Briga na roça, que na roça... Mãe que a... falava que não era pra gente sair no sol. A gente... eu... saia porque... é claro, criança é criança, né? Não vai saber...

A.: - Criança sempre desobedece.

D.A.: - Não é? (risos) Eu adorava sair de casa.

A.: - Essas... essas brincadeira, né?

D.A.: - Isso. É, só se for outra vez.

A.: - Agradeço, viu Alaíde? Se a gente se encontrar mais, a gente conversa mais, ai... né?

D.A.: - Se encontrar, a gente conversa mais. Ai vem mais cedo, já tá sabendo que eu tenho horário. (risos)

A.: - Pois é, é. Que a gente teve que tirar a foto das outras pessoas. Foi lá e voltou, foi lá e voltou, ai mais um pouco nesse.

D.A.: - Isso.

A.: - Viu?

D.A.: - Tá bom.

A.: - E também não esperava lhe encontrar aqui, mas já foi ótimo, que já tá sabendo que tá de volta. Viu?

D.A.: - Tá, tudo de bom.

A.: - Saúde, sucesso, viu?

D.A.: - Certo.

A.: - Jesus abençoe a senhora.

D.A.: - Que dizer que eu, esse ano eu não vou voltar, lá em São Paulo pra vê isso.

D.A.: - Então? Mas não tô bem, graças a Deus!

A.: - Que bom!

D.A.: - O marca-passo tá bom. Lá, em Salvador, eles não querem... Já liguei pra marca minha consulta aqui, pra vê se eles me atendem aqui.

A.: - Aqui ou lá?

D.A.: - Em Salvador num... não querem. Que diz que não tem, não sei o que é... do INCOL, eu.

A.: - Ah!

D.A.: - Faço tratamento no INCOL.

A.: - No INCOL, sei.

D.A.: - E eles diz que não querem pegar essa responsabilidade (risos) Os daqui não querem pegar...

A.: - Daqui não querem responsabilidade. E outro, como é?

D.A.: - Novo, dos mais novo o marca-passo.

A.: - Ah! Porque o seu é um dos mais novo, entendi.

D.A.: - Sabe, né? Pois o meu que ele colocou, o velho por um mais novo, então...

A.: - Então eles não querem...

Entrevista com Antônia da Silva Santos (76 anos) em 09/10/2003(Realizada do Centro de Convivência do Idoso)



I.: - Pra saber assim... como foi mais assim... as... as histórias de vida da senhora, falar mais sobre história de vida e também sobre a história de leitura. O que a senhora sabe, se aprendeu a ler, se não aprendeu, porque não aprendeu, essas coisas.

A.: - É... a leitura eu num... não apren... tudo que bota no quadro eu faço, agora. O negócio meu é só... é... pra leitura.

I.: - Então a senhora tá aprendendo a ler agora?

A.: - Agora. Eu nunca fui nê escola não. Meu pai nunca me deu... meu pai dava era roça. Prantar, trabalho em roça e nunca deu divertimento a gente. Aí, eu... eu aprendi sinar o nome, porque já tem 3 mês que eu aprendi sinar o nome, mas daí pra cá... eu ainda tinha memória melhor, mas daí pra cá o meu sofrimento foi demais, minha memória hoje não dá pra nada. Eu tô aqui na verdade só pró... se daqui a pouco fô viva, eu tô aqui só pra passa tempo, pra me distrai, mas não que eu vô aprender mais nada.

I.: - Então, a senhora acha que não vai aprender?

A.: - Não, não aprende nada minha cabeça não dá não. Ela me diz o nome, aquele troço. Eu soletro o nome e na mesma dá hora me procure que eu não sei.

I.: - Então, a senhora ta sentindo dificuldade pra aprender?

A.: - Dificuldade grande demais, demais.

I.: - Que esquece. Então a única coisa que a senhora sabe é assinar seu nome?

A.: - Assina meu nome, alguma coisa com... tudo que ela bota no quadro, eu faço tudinho no caderno. Agora, na hora da leitura pa... pa... pra desilusão, foi que eu... que eu tenho muita dificuldade.

I.: - E como foi assim... porque que a senhora não estudou quando a senhora era jovem?

A.: - Porque meu pai não deixou. Nois morava na... na roça. E ele disse que não ia bota fia na escola, não tinha filha pra namo... pra escrever pra namorado (risos). Eu me casei com 19 ano, não sabia nada, se ele não botava a gente na escola. A escola da gente era o cabo da enxada.

I.: - E a senhora teve filhos?

A.: - Tive. Tive onze.

I.: - E a senhora... E eles estudaram?

A.: - Ah?

I.: - Eles estudaram?

A.: - Alguns meu... meus menino estudô. Tudo não tem nem... tudo sabe um pouco. Formei duas e os outro sabe um pouco. Uma dificuldade grande, que naquele tempo era uma dificuldade sem... sem a gente ter condições, mas Deus me ajudou que tudo sabe. Não tem nenhum burro. Pouco, mais sabe. E não tão tudo formado porque não quisero, porque assim como eu formei duas... era... ainda foi quando tinha auxiliar de escritório, né? Que agora não tá valendo mais de nada. Mas as outra não quis. Tem uma casou com 17 ano, só fez a 5ª do primário. O marido não deixou estuda, mas sabe, né? Mais um pouco. Pior de tudo é eu que não sei nada.

I.: - Já faz uma diferença.

A.: - É.

I.: - Então, a senhora não chegou a freqüentar nem uma escola quando era mais jovem...

A.: - Não. Só tive... nunca. Dos ano... que eu fui escrever primeira vez, pra pôde escrever meu nome. Pra pôde tira o título, minha identidade. Eu tirei minha identidade com aquele nome analfabeto, eu digo o meu deus! Eu vou aprender menos sinar meu nome pra...pré eu tirar esse nome analfabeto da minha carteira. Aí, tem 3 mês. Eu aprendi sinar o nome.

I.: - É... E assim sobre a história de vida da senhora, o que a senhora tem pra contar?

A.: - Da minha vida? Nada.

I.: - Sim.(risos). Que a querá... quiser contar.

A.: - Se eu for contar minha fia! Humm...Ainda essa semana mesmo eu tô aqui doente. Essa semana... é que eu tenho 4 filho home. Eu tô aqui doente. Eu tive onze. Morreram 4 homem. Morreram... morreu um com 16 anos e 6 mês. Morreu um com 9 mês. Morreu um com 5 ano e morreu um já pegando os 30.

I.: - De doença?

A.: - É, foi. E os outro sete tá ai, me dando um trabalho, me dando um trabalho. Ne cachaça. Outros com mulher. Sai dentro de casa, larga a mulher e vai pra rua atrás das vagabundas que não presta, como tem um agora. Esse mesmo, segunda-feira saiu segunda umas 9 horas. Deu a noite e nada, amanheceu o dia e nada. Deu a ho... trabalha na faculdade esse. Eu acho que você deve conhecer Francisco. Um moreninho miudinho.

I.: - Ah! Sei quem é.

A.: - Pois é aquele que quase me mata essa semana. Ne bebida. Eu digo oxênte. Esperava mais... Olhe, eu vim praqui ontem, ontem não, atontem terça-feira. Só vim pra vim chorar. Chorei a tarde todinha, entrou pela... noite e nada. Eu só esperava era... como da... eu já fui assaltada umas duas vezes. O que é que a gente espera hoje? Só espera qual... que eu criei, já tem 52 ano e ele não é mais nenê. Mas se engraçou com uma sujeita ai, que veio dos quinto dos inferno, eu digo é assim, porque o que presta não vem praqui não. É tão boa que nem no brega ninguém que mais ela. Onde ela ficava a mulher expulsou. Então, ela foi no sertão. Tem gente que diz: “Eu não acredito em bruxaria”. Eu não acredito, mas existe. Ela foi pro sertão, lá ela enlinhô ele dum jeito que ele já saiu até de dentro de casa. Diz que tomou ódio de casa, tomou ódio dos fio, tomou ódio da mulé. Tudo por... por causa, da infeliz. E a de lá dá deboche a mã... a mulher dele. E sustenta atrás, quando ela sumiu, agora já tornou chega. Ela telefonava,

porque ela trabalha de noite no Hospital Regional. Ela telefonava meia noite pra ela esculhambando. Aí contava tudo, mas eu não queria que soubesse. Quase ninguém conhece. Ele foi lá segunda-feira, digo, terça-feira de noite. Onze hora, ele apareceu onze hora da noite na terça. Chegou em casa, quando acaba, botou os papel lá e tornou a descer. Os filho vinha e disse que ele tava sentado mais ela lá no jardim da Serrinha. Mas eu mesmo não conheço a cara. E ai tudo é contrariedade. Tem um que bebe. Tem um que tava sumido 18 ano. Quando apareceu a... aquela vida sofrida, dentro de casa. Me esculhamba. Me man... se toma uma, fica maluco. Chega dentro de casa, eu não posso dizer nem, vai toma banho? Ou vai comer? Ou vai jantar? Ou vai tomar café? Ah! Tudo serve de briga. E se dana, me xinga . Ele cai ne mim e me xinga todinha.

I.: - Meu Deus!

A.: - Na terça-feira mesmo de noite. Pegaram uma briga os dois. Luciano mais ele. O que quê Luciano foi aqui na (não entendi) que tinha me xingado. Ele disse que era mentira dele. Quando ele se foi tava todo mundo chiando, só não foi aos tapas porque nois mais a mulher dele não deixou. Aquilo pra mim olhe, eu tô morta, tô acabada até hoje. Tô aqui mais... tô assim toda . Essa noite mesmo eu não dormi com dor de cabeça. Como é que uma pessoa tem uma cabeça dessa?

I.: - Então quando a senhora vem pra cá fica melhor porque a senhora foge de seus problemas?

A.: - Aqui... é. Aqui eu tô aqui, porque eu tô entendida aqui, né? Que sai as... as coisas da minha cabeça. Mas na hora que eu chego em casa que piso os pé no batente já vem a contrariedade. É com tudo. Um se preocupa com alguma coisa, outro já é outro problema. Outro ali, já é outro pobrema e ali tudo vem pra minha cabeça. Qual é a cabeça que agüenta?

I.: - Verdade.

A.: - Né? Minha fia meu sofrimento... meu sofrimento é um romance, se for fazer um livro é um romance. Porque se... muitas pessoas dizer tenho paz, me procure qual a idade que eu tô. De 76 ano, não sei o que é paz na minha vida, nunca tive nunca. Nunca tive. Eu tinha um marido, ele morreu faltava 6 dia pra 30 ano, foi...foi quase 30 de sofrimento com cachaça, mulher e jogo. Hoje é os filho. Eles devia dizer assim, minha mãe sofreu tanto com meu pai, mas não. Tão pior que ele.

I.: - Todos na bebida?

A.: - Bebida. Uma bebida que parece que é endiabrada, parece que é demônio. Porque quando bebe esculhamba todo mundo, quer quebrar tudo. E assim. Luciano mesmo dentro de casa se ele começa a se alterar, o outro fala nele, ele arrebenta tudinho, hoje ele já quebrou varias vazi... coisa. E é tudo. Sei não e outros problema ai com outros. Outro dali mais ali. E assim vai levando e a mente falecendo.

I.: - A senhora mora com eles. Com seus filhos?

A.: - Não eu moro na minha casa. Ele é que tá comigo. Agora eu tenho duas neta. Tem uma que a minha menina tá em São Paulo. Ela veio com 2 ano, tá... vai fazer 10 ano domingo. E tem a outra que a mãe ta morando... tem a casinha dela é pegada com a minha, mas com esse trabalho que fez o concurso, botaram pra viajar pra... pra Canavieira. Aí ela, ela alugou uma casa na... na Jacobina III. Foi a perdição que lá a menina 15 ano arranjou uma gravidez. Que essa quase fui eu que criei também. Tá em casa comigo, porque fica mais perto pra ir pro médico e pro colégio. Tá indo pra ir, porque já tá perdida mesmo. Mas tudo é sofrimento. É com neto e é com tudo. É uns neto assim... tudo rebelde com a gente. E eu já a pouco tempo eu digo: Ó Quando eu tinha a minha avó e meu avô, eu caminhava léguas na Semana Santa pra ir tomar a bença. Respeitava na... maior coisa do mundo, minha vó é minha mãe, naquele tempo também a criação era outra. Hoje o povo vai ficando... cada dia... vai passando a geração, vai ficando pior. E então, se me procurar o que é paz, eu digo que não sei. Nunca vi.

I.: - E a senhora tem assim... lembranças... Quais foram os fatos que marcaram mais a vida da senhora? De coisas ou boa ou ruins que influenciaram muito na sua vida.

A.: - Que... mais ou menos se eu me alembro de alguma coisa?

I.: - Sim, de que a senhora lembra? Um fato que toda vez que a senhora lembra, lhe trás alguma emoção. Que a senhora...

A.: - Não lembro.

I.: - Não sabe contar uma única?(risos)

A.: - (risos) Porque... uma já começou no tempo quando eu comecei...eu fui noiva de um rapaz, já ele... mas isso ai já fui eu porque eu toda vida fui de juízo, quando eu namorei com esse rapaz foi bem 3 mês, era que o namoro daqueles tempo era diferente. Aí depois

também quando o... eu não quis também a... só por causa que ele disse... a família disse assim, até de junto de mim, se Tônhã casar com Manuel não dou 8 dia pra eles briga. E eu ouvi essa palavra. Aí, como é que eu vou casar e já com 8 dia briga? Oxé! Eu não vou querer não. Eu peguei e terminei, mas ele ficou nos meu calo. Aí arranjei esse outro e casei, mas esse eu casei... Ele passou 30 dia no meu calo. Eu tinha um ódio dele, um ódio, que se eu visse ele lá, eu corria as léguas. Meu pai não queria, ninguém queria. Eu trabalhava numa casa lá de uns crente, eu tinha dese... dezoito ano. E eles me dava conselho e já conheciam ele. Ele foi nos meu calo e eu lhe não, não. Um dia ele mandou um negocio pra mim e eu era boba peguei e desse negocio que eu peguei enlouqueci por ele. Mas ai foi coisa que ele... mandou fazer pra mim, que quando eu brigava mais ele, eu dizia: eu não gosto de tu, porque eu casei com tu por causa do feitiço. Porque tu me enfeitiçou que eu não queria ver tua cara. E foi mesmo. E uma criatura mesmo já me disse. Apareceu um velhinho, lá numa vendinha que eu tava e ele olhou pra mim assim. Olhou, olhou e me disse assim: Como a senhora é sofrida! A senhora... com esse marido que a senhora casou, não era pra ser seu marido não. Casou porque fizeram casar a pulso. Não foi porque alguém boliu com a senhora ou fez mal à senhora. É porque fizeram o mal pra senhora casar com ele.

I.: - Porque a senhora não queria.

A.: - Não queria não. E pensar no negócio que ele mandou pra mim parece que o demônio vinha ali dentro. Aí, foi nada não. Olhe, meu pai era muito carrasco e eu fugia mais ele. Do jeito que meu pai não queria porque não podia nem olha pra um assim que nego já tava se urinando de medo. Me casei com ele e vivi assim quase 30 ano faltava 6 dia, tudo de sofrimento, ne jogo, cachaça, rapariga, tudo. Chegava dentro de casa me esculhambava, me mandava ir pra aquele lugar. Me dava home. Quebrava as panelas cheia de comida. As crianças ficava tudo com fome e o... quando eu alembro disso, dessas coisa, eu acordo de noite chorando. Porque...meu Deus, como uma pessoa dessa merece viver? Aí, me alembro disso, me alembro das ingratidão, meu pai me batia. Ele era um carrasco, mas me batia de jeito Tudo isso era revolta pra mim. Quando eu começo a me relembra daquelas coisa tudo, aí isso me faz chora. Não tem uma coisa ne mim pra eu dizer, eu fui feliz com essa coisa que eu tou contando aqui. Não tenho nada E foi uma pessoa que nasceu, que não teve felicidade foi eu.

I.: - Ah! Então realmente o que marcou pra senhora foi isso.

A.: - Um castigo. Quando a pessoa nasce, já nasce com aquele traço de sofrê, né? A minha marcação toda é essa, sofria demais. Ele ói. Ele bota uma carga de Gerusa trabalha de (não entendi), podia ser uma hora dessa. Vá em tal lugar busca o carro de batata. Quatro légua. Uma hora dessa. Nessa estrada, saia do barro ia tomava a estrada podia passa o bom ou o ruim. Tinha dia da gente chega lá meia noite. Quando voltava de lá pra cá, chegava em casa com os pau de fogo. Botava tudinho em uma macambira, a tara de pau e o fogo botava no meio, pra quando acaba volta. Tudo isso mule! Eu já sofri na vida. Na estrada, a gente vinha na estrada, até a onça atravessa. Louvado seja Deus, a onça vai come a gente hoje. Aquela bichona preta chega brilhava no sol. Tudo eu passei na minha vida. É quando eu alembro desses passado assim, que começo, eu não tenho apetite pra nada. E no dia que você me vê alegre sorrindo pode dizer que é sinal de tristeza. É isso ai.

I.: - E... assim... da infância da senhora, quando a senhora era criança, a senhora lembra alguma coisa?

A.: - Da infância? Eu desde a infância que eu... não sei, só lembro quando eu... alembro assim da gente quando era criança brincava muito e alembro assim... de uma coisa, só tem uma coisa de quando eu era criança que eu me lembro. Tinha um gato lá em casa. Meu pai tinha uma raiva de gato! E as vez ele pegava... mandava. Me obrigava mata esse gato e joga no mato. Isso eu me alembro como com... parece que foi ontem. Eu chegava lá, com a maior pena do mundo que eu não gosto de judiar bicho nenhum. Batia no gato deixava lá. Com a mesma hora o gato voltava. E tornava ir mandar. O meu Deus do céu! Eu não tenho coração pra matar esse bichinho aqui. Xeu vê outra coisa aqui. Alembro do tempo da Revolta. Eu era desse tamainho, no tempo dos revoltosos. Tempo de Lampião e o Corisco Diabo Loiro. Eu nasci na primeira revolta, que teve. Ne ... 15 de novembro de 26. E eu era desse tamainho. Se eu te disser. Eu tinha dois ano e eu alembro como hoje, como quando eles vinha a turma, a tropa toda. Mamãe ia, nois ia catar umbu assim perto, ai quando eles vinha na ladeira assim, corria se escondia e eu tô vendo, parece que eu tô vendo e tudo foi hoje. Era... é algumas coisa que eu alembro,mas coisa do passado de agora eu não lembro nada.

I.: - E o que foi que fez a senhora decidir, já que a senhora quando era mais jovem, não teve oportunidade de estudar. Agora o que foi que lhe incentivou a estudar, a buscar aqui no centro?

A.: - Aqui a o que me ativou foi aqui os idosos, porque...

I.: - A convivência do pessoal aqui?

A.: - É. Porque quando vim pra aqui cada um tinha uma coisa, o que borda, borda. O que faz crochê faz. O que faz outra coisa faz, agora os que não queria... vim pra escola, vem pra escola.

I.: - Ah! Então a senhora não quer bordar, não quer costurar, não que nada só a escola?

A.: - É.

I.: - E lá a senhora é... A professora passa o que pra estudar?

A.: - Passa assim... ela faz no quadro. Ela vai botando... tem hora que ela bota coisa pesada pra gente fazer. Vai fazendo aqueles nome pela cabeça da gente mesmo. Ai a gente... guarda no dia a gente procura ela. Aí ela vai quebra a cabeça e vai dizendo.

I.: - E a senhora já consegue ler alguma coisa assim?

A.: - Nada. Agora só tem uma coisa... dois nome que se eu vê no São Paulo, no Salvador... é o nome Bahia e Jacobina. Esses nome...

I.: - Por onde passar?

A.: - É. Se eu vê esses nome no lugar que eu for, tiver uma palavra com o nome Jacobina, já sei. Bahia. Agora. Não. As letras eu conheço tudo ói, não tem letra que eu não conheça, agora pra ajuntar e fazer o nome é o que me atrapalha minha cabeça não dá. Eu digo ó pró não aperte meu juízo hoje não viu. Minha cabeça tá tão sofrida com tanto sofrimento que não dá.

I.: - E a senhora não sente assim... quando a senhora era jovem não sentiu dificuldade?

A.: - Quando eu era jovem?

I.: - Por não saber?

A.: - Não. Eu tinha uma memória ótima. Tinha uma memória... eu chorava pra aprender e meu pai não deixava. Eu me casei com 19 ano, onde foi com 19? Quando eu tava grávida do primeiro filho, eu casei em fevereiro, xêu vê... foi em fevereiro?

Professora de Educação Física: - Gente!

A.: - Em janeiro a gente foi embora...

Professora de Educação Física: - Vocês morrem... opa! Boa tarde.

A.: - Boa tarde. Para Paraná. Eu tive o primeiro filho dentro das matas do Paraná. Eu já sofri nesse mundo! O segundo filho eu já tive lá morreu lá. O terceiro eu tive lá. Ai, que eu já sofri nesse mundo! Agora eu tinha uma loucura, loucura para aprender, mas não tinha condições, no lugar que a gente tava não dava pra... ai comecei já cria filho também, não me inteirizei mais.

I.: - E também o seu marido lhe impedia de estudar?

A.: - Ah?

I.: - É seu marido lhe impedia de estudar?

A.: - Não. Ele brigava, ele brigava. Ele nem estudava, nem deixava ninguém. Num deixava não... num deixava não.

I.: - Nem a seus filhos?

A.: - Hum?

I.: - Nem a seus filhos ele deixava?

A.: - A estuda? Deixava, mas não dava nada. Olhe, pra te dizer, que ele nunca deu nada, pro caçula ele deu, um dia, um caderno. Mas eu que tinha que me virá. Lava roupa, ói eu lavava domingo, segunda, terça, quarta, quinta, sexta. Eu lavava roupa. Vinte e três ano.

I.: - Pra poder bota seus filhos na escola?

A.: - Pra poder bota na escola. Vinte e três ano não é vinte e três dias.

I.: - É verdade.

A.: - Viu? Mas eu fui perdendo o gosto, fui sofrendo demais. Criando fio. Como é que eu podia ir pra escola. Do mesmo jeito. A minha escola foi cabo de enxada, que quase me mato no cabo de enxada. Todo trabalho pesado de roça ele me botava.

I.: - Quem? Seu pai? Ou o...

A.: - Meu pai. Quando eu me casei que fui pro Paraná, fui trabalha na roça também. Pranta algodão, pranta aquelas coisa que pranta pra lá. Depois, não dava certo num canto já ia pra outro, até que tornemo volta. Aí, fui cria filho e o meu destino foi lava roupa pra cria os filhos. E se o marido me deixava... tinha uma menina que eu tive sem ser essa que mora, que tá trabalhando na Canavieira. Eu quase morro de fome dela. Ele foi embora, trabalha fora, sumiu. E eu fiquei, tive a menina, quase que morro, com os fio todo de fome. Me deixou outro de resguardo, desse que morreu com quase trinta ano, me

deixou com quase dezoito dia de parido, me acabando de fome também com os fios. Minha vida é um romance. Compadre Lino tava aqui disse: É Tônhã, de nois dois não sei que é que sofre mais. Eu digo: Deus lhe livre se o senhô sofre ao menos um quarto de mim.

I.: - Agora, é... e dos... assim da... dos fatos que aconteceram... A senhora mora aqui em Jacobina há muito tempo?

A.: - Eu cheguei aqui em 52.

I.: - No ano de 52? E não foi mora em outro lugar?

A.: - Não. Daí mesmo, a gente...

I.: - A senhora é daqui de Jacobina?

A.: - Não. Eu sou de lá de Campo Formoso. Ainda pra lá, embrenhado nas caatinga. Nego doido. Aí depois, vinhemo pra Campo Formoso. Eu já tava assim de meus... 13 ano. Depois que sai de Campo Formoso. Aí depois que eu fui pra Paraná que voltei, cheguei em Campo Formoso, meu pai não tava mais, ele já tava morando aqui em Jacobina. cheguei aqui em 52. eu vi coisa, eu nem estudei. O terceiro menino eu tive lá também, que é esse que trabalha na faculdade que eu contava.

I.: - Seu Francisco.

A.: - É Francisco. Aquele menino é um menino bom, mas essa... o segundo foi o que virou a cabeça, virou a cabeça, virou a cabeça por essa sujeita e o que tá me acabando é isso.

I.: - Ele tava tentando fazer vestibular, né?

A.: - É. Ele também só fez a... a 5ª série. Mas olhe lá que quem se forma hoje sabe o que ele sabe.

I.: - Ai eu não sei.

A.: - Olhe lá, se sabe. Que nem disse...

I.: - É. Ele tava tentando fazer o vestibular, eu achei interessante que... num... eu não pensava que o pessoal de lá resolvesse fazer. Aí ele disse... não, é o que que vai fazer? O senhor tá aqui de fiscal? Ele disse: não, eu vim fazer o... o... (risos) eu sou candidato a aluno. Ah! Sim, interessante. Eu disse tá bom pode entrar, que eu fui fiscal no dia, né?

A.: - É.

I.: - Aí ele pegou e entrou todo satisfeito, foi lá fazer a prova dele. Mas, infelizmente, parece que ele não passou.

A.: - Passou não?

I.: - Não. Parece que não.

A.: - Pois é. Ele vai sempre em Feira, quando tem... sai, que vão fazer curso lá. Ele vai também. Ele sempre vai, pra essas coisas. Mas ele é sabido ele não é besta não. (risos)

I.: - E a senhora sentiu dificuldades por não saber ler?

A.: - Eu?

I.: - Assim... a senhora precisou ler alguma coisa durante a sua vida só que... por não saber a senhora passou por algum problema?

A.: - Não. Meu problema só foi esse que eu lhe falei.

I.: - Como a senhora vivia na roça então não precisou tanto da leitura.

A.: - É. Na roça não tinha escola. Pra estudar tinha que vim pra rua, meu pai deixava? Era ruim! Meu pai era aquele do tempo do carrancismo.

I.: - E no tempo que... depois de casada, pra ensinar seus filhos, também não? Ou eles aprendiam só na escola e não lhe procuravam?

A.: - Quem os menino?

I.: - Sim.

A.: - Não. Era tudo na escola.

I.: - Então não procuravam a senhora. Não precisavam, “Ah! Me ensine aqui”?

A.: - Não. Eu num... num tinha tempo minha fia. Eu não tinha tempo. Minha vida era vida de doido. Olhe, quando eu não lavava roupa, lavava nos depósito de sinzal de mamona. Misturando saco de mamona o dia todinho. E os maiozinho ficava com os menor. E eu tinha que trabalha.

I.: - Sei. Ah! Sim. Então a senhora não teve nem um contato com livros, essas coisas. Mas aqui a senhora tem?

A.: - Tem com livro tenho.

I.: - E que tipo de livro é que lê? Livro de história?

A.: - Nem sei que livro é. Os livro da 1ª assim... da escola, né?

I.: - É de... como é? ABC?

A.: - Não. Não é ABC não é livro mesmo.

I.: - E a senhora gosta de ouvi... gosta de história assim... as pessoas le... contam a história? A senhora sabe contar alguma história?

A.: - (risos) Não de cabeça tá duro. (risos) Tá duro eu contar porque não me... me... minha mente não ajuda.

I.: - Mas quando a senhora era mais jovem... é que a senhora morava na roça?

A.: - É.

I.: - Que o pessoal da roça sabe um monte, né?

A.: - Olhe, quando eu era jovem, eu sabia tudo. Velso não tinha quem... que me batesse. Roda era tudo sabia. Muitas coisas que eu sabia hoje eu esqueci mais. Oi, eu mais minhas irmãs a gente aprendia tanto verso. Hoje é... poucos que eu sei.

I.: - E a senhora aprendia como? As pessoas chegavam e contavam pra senhora e a senhora ouvia?

A.: - Ficava cantando na roça, senão, não aprendia.

I.: - Ah! Sim. Porque um passava pro outro, cantando.

(defeito da fita)

A.: - ...Porque o jeito que faz em roda não é assim?

I.: - É.

A.: - Pois é. Aí... aí vai aprendendo.

I.: - E as brincadeiras quando a senhora era criança, que tipo de brincadeira que a senhora fazia?

A.: - As brincadeiras que a gente brincava era só de boneca. Só de boneca. As brincadeiras daquele tempo era essa. Não tinha outras brincadeira que tem hoje. Que hoje tem várias brincadeira, né? E os daquele tempo não, as brincadeiras de menino era só de brincar de boneca (risos)

I.: - É... a senhora gosta de música?

A.: - Eu gosto, mas não é todas não.

I.: - Que tipo de música a senhora mais gosta?

A.: - Eu? Gosta muito de Amado Batista. Zezé de Camargo e Luciano eu também gosto.

I.: - E a senhora sabe cantar?

A.: - Não. (risos) Aí pra mim decora minha fia é duro. (risos) Gosto de ouvir mais pra...

I.: - Mas quando ta tocando a senhora aí vai cantando.

A.: - É. Pois é. Mas pra decorar eu não sei não. A pró já botou e nunca saiu. Faz tanta música no quadro. Música de um bucado de cantor, ela bota a gente pra fazer lá.

I.: - E o que a senhora gosta mais aqui da escola daqui?

A.: - Aqui? Eu gosto de tudo.

I.: - Assim... o que é que eles costumam fazer mais? A professora faz na sala o que?

A.: - Ah! Ela ensina.

I.: - Música. Ela... poema. Se ela trás. Histórias...

A.: - Ah! Ela conta muita coisa. História é.

I.: - Textos. A senhora gosta mais de que? A senhora não sabe assim, o que ela faz que a senhora gosta mais? Que diverte mais a senhora para poder estudar, essas coisas.

A.: - Da do que ela conta?

I.: - Sim.

A.: - Agora é ruim de eu dizer. (risos) Porque aqui não entra na minha mente não. Tem hora que eu... eu aprendo, assim, algumas coisa, quando demora some tudo. Tem jeito não.

I.: - E a senhora costuma assistir televisão?

A.: - Assistio, mas nenhuma dessas novela de agora eu não gosto. Não assisto não.

I.: - E a senhora não gosta por que?

A.: - Ô novelas enjoadas! A novela que eu gostei muito foi aquela de... Oi quando era de premero eu decorava uma novela todinha. Eu assistia do começo ao fim até terminar e eu contava ela todinha. A novela. Hoje me pergunte que eu não sei mais que diaxo é. Eu também não assisto mais. Eu decorava as novelas. Aquela de... Antônio Fagundo é?

I.: - Antônio Fagundes?

A.: - Sim.

I.: - Qual delas?

A.: - Aquele... aquele que... do Rei do Gado.

I.: - “O Rei do Gado”? Ah! A senhora gostava daquela.

A.: - Daquela eu gostava. E onde tinha aquele menino que cantava é... Do Rei do Gado Trabalhava... Como é? Aquele grandão do chapuzão.

I.: - Ah! Já sei, Sérgio Reis.

A.: - Sérgio Reis mais aquele que cha... Zé, que canta... chama... né? Que tocava viola os dois.

I.: - Arrã. Eu esqueci o nome dele.

A.: - Também lembro? Zé Trovão (risos).

I.: - É, é. Ele participou daquela outra novela.

A.: - Após. Mas essas eu adorei.

I.: - “Ana Raio e Zé Trovão”.

A.: - Aquela novela foi boa demais. Mas daí pra cá, cabou novela pra mim.

I.: - E programa de televisão assim... sem ser novela... gosta?

A.: - O programa de televisão só gosto do jornal. Oi eu não gosto da Xuxa, não gosto de nada, óia pedi o gosto de tudo.

I.: - Sílvio Santos não?

A.: - Sílvio Santos as vez eu assisto, Gugu é a coisa mais difícil, Ratinho também é difícil eu assistir. Agora, da igreja é que eu gosto...

(Professora de Ed. Física: Cadê os home pra pegar o som? Aqui não tem home não?)
...da igreja eu gosto muito, das música da igreja...

(Professora de Ed. Física: Oxente? É a reunião dos namorados, pra paquera, ela veio bonita. Mas não tem home aqui)... agora mesmo eu comprei o CD do Divino Espírito Santo. Agora eu fico feliz, que eu boto...passo o CD todinho, que as música tudo são bonita. Mas não decoro nem uma de cabeça. Não dá. (risos)

I.: - E a senhora faz parte de algum grupo da igreja?

A.: - Faço. Eu sou do apostolado.

I.: - É da onde assim...?

A.: - Postolado de oração, aquele que usa fita vermelha.

I.: - Ah! Sim.

A.: - Já tem mais de 20 ano que esse... oração.

I.: - Agora pra gente... participar desse... grupo de apostolado, é como, que faz?

A.: - Pra pegar a fita. Pega a fita e aí, elas explica tudo que vai fazer, que tudo tem trabalho, né? Tudo faz um trabalho, tem visita de doente, tem várias coisa pra fazer.

I.: - Ah! Então tem que ir visitar as pessoas...

A.: - Tem.

I.: - É... Participar, se comprometer com as coisas da igreja...

A.: - Como as coisas da igreja, também...

I.: - E também, tem que ta todo domingo na... nas missas?

A.: - Todo... Tem umas... tem toda primeira sexta-feira do mês.

I.: - Toda...

A.: - Toda primeira sexta-feira do mês, é a missa do apostolado.

I.: - Ai tem que ta lá?

A.: - Ai todos os apostolados tem que ta na igreja. A igreja tem que ficar cheia. No primeiro domingo de...

I.: - É lá na Matriz?

A.: - É. No primeiro domingo, também, pela manhã, é a missa de novena que pertence ao apostolado. Ai agora tem a festa. Tem o... o que a gente contribui com as coisa. Tem agora mesmo a gente tá com um trabalho pra fazer. Agora é pra festa de coração de Jesus, agora em novembro. Ela botou a gente pra fazer... combino o que nos ia fazer. Se era melhor fazer uma coisa assim pra sai tirando um real ou fazer a feira do cacareco. Sai pedindo assim, roupa usada que a pessoa não veste mais e que as vez tá perdida. Panela, essas coisas que não usa mais, tiver pra um canto, pra a gente tirar pra botar na feira do cacareco. Ai todo mundo concordou pra tirar o dinheiro pra festa. Do coração de Jesus, que é em novembro, mas ainda num... não marcou o dia ainda, vai marcar ainda. E vai marcar também o dia da feira. Agora eu... É porque tem muitas feira do cacareco, as que presta pras pessoas que já fizeram... as pessoas que nós já tinha pedido, que tinha que me dá, tudinho já deram. Não arranjei quase nada.

I.: - É já achou...já procurou pra outras festa e ficou agora pra essa sem.

A.: - Fica agora pra essa e não tava, mas um me deu assim um pouquinho, outro dia um pouquinho, não foi um tanto de coisa. Teve minha comadre ne... também disse que...se... amanhã pegava de tarde um tantinho de coisa, mas tudo já pega. Ai pega tudinho. Agora seu Antônio, você conhece do Rancho Catarinense?

I.: - Seu Antônio?

A.: - Ali do... do... daquele hotel lá em cima.

I.: - Não.

A.: - Rancho Catarinense?

I.: - Não. Não conheço.

A.: - Ele mesmo, tava (não entendi), mas ele disse que quando foi na semana passada a feira, da semana passada, foi a feira das professora do cacareco. Mas tudo de bom! Ele disse que deu. Levaram coisa de lá... que não foi mole. (não entendi) Zinho, também, disse que deu um bocado! Que eu disse... Hãhã? Eles iam me dá e dero a elas.

I.: - O povo participa muito dessas feiras?

A.: - Participa muito.

I.: - Consegue arrecadar algum dinheiro pra igreja?

A.: - Consegue, porque tem vez que as feira do cacareco, as vez vende tudo. Se é tudo de um real. Olhe, tem roupa boa, coisa boa e é tudo um real. Ai acabou.

I.: - É que... é que as pessoas doam mas não são coisas ruins.

A.: - Não é aquelas roupas que não querem usar mais e vai deixano, que não quer. Não é dizer que é pano velho que não presta mais não. Quem vai pegar um pano velho, rasgado. É, né? É assim... é... as coisa... é coisa de cabelo de criança, cadeira, é... prato, tudo que a pessoa não quiser, bota assim pra lá e não quiser usar.

I.: - E vende lá perto da Matriz?

A.: - Hum?

I.: - É lá perto da Matriz que faz a feira?

A.: - Que faz a feira? Faz ali na feira mesmo.

I.: - Ah! Na feira.

A.: - É. Não sabe onde é a panela do povo?

I.: - Sei.

A.: - Do lado. É do lado de cá.

I.: - Ah! Já sei.

A.: - Que tem aquela outra panela de lá, que chama... da Pastoral da Solidariedade, faz ali a... a.... Pede a barraca ao prefeito, ai arma e bota as banca.

I.: - Ah, sim.

A.: - Vende é muito ali.

I.: - E dessa campanha que tá tendo agora na igreja a senhora sabe alguma coisa?

A.: - Sei. A campanha... do quilo?

I.: - Eu não sei, é...

A.: - Tem a campanha do quilo. Tem o apostolado quando é... vai...

I.: - Não, que é pra dia 19 a gente leva...

A.: - É, 19. É... é isso mesmo. É... eles pede roupa, pe... pede coisa, comida, cama, colchão que não usa mais, tá pra lá. Essas coisas assim de casa que tá pra lá e não querem mais. Diz que agora é... o padre agora é que diz, televisão que não que dá pro padre. (risos) Mas é que ele faz graça, né?

I.: - (risos) É.

A.: - agora eu, não sei quantas pessoas fui pegar, passei foi vergonha, todas pessoas que eu já pedi, tudo já dero, os conhecidos.

I.: - E como era a cidade que a senhora... a senhora nasceu? Que a senhora se criou na verdade?

A.: - Olha, a cidade que... o lugar que eu criei até a idade assim de 8 ano, era arredado de gente uma légua. Só tinha a casa da gente.

I.: - Ah, então só tinha a família da senhora lá perto ai...

A.: - Só tinha nossa casa. Arredado de... de gente era uma légua. Tinha vez, ói, meu pai saía, ia pra Campo Formoso, (não entendi) fazendo farinha, e eu com 8 ano (não entendi) me deixava, eu, um mês, com as crianças tudo pequena. A casa era porta de pau. Carregava água com quase 1 km. Botava... o peso era tão grande que pra me ajuda, com meia lata d'água, eu botava encima de um pau, de um poço, pra pode me ajuda. Ai eu cuidava dessas criança um mês, um mês! Passava uma vida que só Jesus Cristo. Agora, eu só fui feliz quando eu nasci, por que? Eu nasci... no ano que eu nasci, foi um ano de fartura. As roças vivia nas ruma de abóbora ou de melancia, o mato cobria a... a cerca. Meu pai era caçador, carne tinha ai pros bicho come, tinha dia que era bom. Foi a única coisa que tive... que eu fui feliz na vida, foi quando eu nasci. Que eu nasci encima da fartura, é por isso que eu não tenho nada em minhas mão. Tudo que eu vejo, eu pego... e, dô. Fico sem nada e dô. E só a única coisa boa pra mim nesse tempo foi isso. Longe era caatinga, dentro das...da caatinga ele criou a gente. Longe de Campo Formoso oito léguas. Era longe!

I.: - era longe mesmo!

A.: - Longe...

I.: - Agora é a senhora... quando a senhora era adolescente a senhora também morou lá?

A.: - Ah?

I.: - quando a senhora já era mais... mais velha... se ficou lá?

A.: - não. Quando a gente foi ficando já mocinha mudou já pra... o lugar que a gente ia, que morava... a... uma légua, né? Já era um arraialzinho que tinha um terreno que a gente morou pra baixo. Ai eu já tinha meus 15 ano. Ai depois disso ai, depois a gente foi pra Capim Grosso, Zepete, por ai, a gente fazia feira em Campo Formoso. Ai eu fui me criando lá, fiquei com meus avôs também. Ai, eu tive também... uma vez quando... eu tinha era assim mais ou menos 8 anos, tive um problema de ferida dentro da boca, quase morro! Faltou nada pra eu morrer. Eu digo, ô Deus pra que Deus não me levou? Por que se eu... se eu tivesse esse destino de sofre tanto, devia ter me tirado. Minha mãe fez uma promessa pra Santo Antônio. Se eu ficasse boa... e eu tinha que vim pagar essa promessa em Campo Formoso. Eu vim pagar eu já tinha 17 ano, mas eu fiquei sã e no dia que fui em Campo Formoso, eu fui paguei a promessa.

I.: - Ah, então ela era devota de Santo Antônio?

A.: - Eu? Eu não.

I.: - É por isso que o nome da senhora é Antônia?

A.: - É.

I.: - Ah... E a senhora tinha irmãos?

A.: - Se eu tinha irmão? Tinha...

I.: - Sim. Se tem irmãos ainda?

A.: - Ainda tenho. De cinco irmão homem, só tenho agora Zaú.

I.: - Então os nomes dos seus irmãos são todos assim... bíblicos?

A.: - É?

I.: - Santos?

A.: - É. Este chama Zaú. Esse é da bíblia mesmo, né?

I.: - É.

A.: - É... João, Pedro, deixa eu vê como é o outro... Antônio. O outro era... Como era o outro meu Deus? (não entendi) Francisco de Assis não é o meu não , o meu, o nome é Francisco da Silva. E os nome quase todo é da bíblia o nome. Agora os da mulher é Rosa... Rosário, Maria, é... Marlene, tem uma que chama Antônia, Júlia e outra... tem ou... e Maria, que chamava Maria e ainda dava o apelido de Duzinha, chega vinha na

careira... (Risos) E os meu é Luciano, Francisco, João, Marcos... só Jailton, que Jailton eu não sei se tem não , que o Jailton era perdido. Mas Raimundo, tem Raimundo é... Diz que é da bíblia também né? São Raimundo.

I.: - É.

A.:- Tudo... Agora as mulher é só Railda, Nair, tem Maria Aparecida. Só tenho essas.

I.: - O seu...seu pai trabalhava de que? O que ele fazia?

A.: - De roça.

I.: - Ah, ele tinha roça.

A.:- De roça, depois ele virou matador, ele matava bode, matava porco, isso que nós criava, né? Essas coisa.

I.: - No matadouro?

A.:- Matava... matava muita caça, matava bode, matava gado, matava tudo.

I.: - Pra vender na cidade?

A.:- Era. E depois ele deixou de matar, mas ele até quando ele foi embora pra Bom Jesus da Lapa, lá mesmo ele morreu, que ele...ele matava.

I.: - E a senhora sente algum incentivo do pessoal daqui para que a senhora continue estudando?

A.:- Se eu sinto o quê ?

I.: - Algum incentivo, se as pessoas lhe impulsionam a...a estudar, dizem vá em frente, estuda mesmo, mesmo a senhora sentindo dificuldade...

A.:- Tem. Ainda agora... Já fez, já fez, ela mesma já diz, a pró. Vá tentando. Vá tentando que você aprende. Eu digo, eu não aprendo pró que a minha memória não dá mais, pelejo. A senhora tá me ensinando aqui, na mesma da hora me procure que eu não sei.

I.: - Já esqueceu ?

A.:- Tenho dificuldade, que eu tenho uma dificuldade grande na minha cabeça.

I.: - Não será porque enquanto a senhora estuda, a senhora também fica pensando em seus problemas?

A.:- Eu acho é mais. Eu acho que problema demais tira a memória da gente.

I.: - Aí, cria complicações também, né?

A.:- Ói, tem dia, que eu tô na igreja e faz vergonha, eu choro a igreja... a ... as... a hora da missa todinha. Mas tô na missa, tô rezando pra eles, fico pensando, recordando aquele... os passado de sofrimento que já sofri e agora. Eu já sofri até fome. Eu já passei tanta fome na vida, ai isso tudo me mete na cabeça, aí eu fico assim. Criei meus filho tão bem criado todo mundo tá ai de prova, que não sabe como eu criei meus fio tão educado, que eu educo meus filho quando eles era menino, eles não xingava nem cão na minha vista. E agora depois de tudo já velho, pai de filho, tudo, se revolta. Vira assim uma revolta. Logo, deram pra beber e tudo, se revolta, num... não vão numa igreja, não vão em nada, só vão na escola do mundo. Como é que pode? Só quem é devota mesmo é eu.

I.: - E a senhora sente saudade de alguma coisa na sua vida?

A.:- Se eu sinto?

I.: - Alguma coisa que já passou a senhora sente falta, essas coisas.

A.:- Não tenho nem uma. nem na minha mocidade eu tinha coisa pra dizer, home! Eu sinto uma coisa daquele tempo, não. Eu não tenho saudade de nada.

I.: - A senhora costumava ir nas festas?

A.:- Festa. Só aqui quando faz.

I.: - Então só agora é que a senhora participa.

A.:- Só. E nunca dancei não. Nunca no tempo que eu fui moça, me casei com 19 e nunca dancei. Depois que a minha... No casamento da minha irmã caçula, porque ele boto eu pra dançar com um amigo dele, que ele não deixava.

I.: - Quem? Seu pai ou...

A.:- Meu marido.

I.: - Ah, seu marido!

E meu pai deixava? Meu pai não levava a gente, se fosse pra festa ele escondia a gente pra lá. Deixava a gente na cozinha. E também eu era assim, se um viesse me tirar pra dançar, eu dançava nada!depois me agarrava quando pra ir dançar... (risos) Eu digo Oxê, eu é que não vou dançar com um homem, me pra ir dançar, eu que vou não.

I.: - A senhora não ia?

A.: - Ia nada!

I.: – Então as coisas hoje são bem diferente, né?

A.: - É diferente. Hoje elas é que estão agarrando eles. (risos)

I.: - O pior é que é. (risos)

A.: - Não é não? Elas não tem mais medo de homem não. Elas vivem se entregado. E aí eu digo a elas assim, ói, a minha cabeça tá aqui. Eu ainda não aprendi muita coisa, mas eu queria ser uma moça hoje pra ver se eu não era a mesma coisa. Porque é minha ... meu jeito esmo que é assim toda a vida. Olhe, eu fui moça, ninguém nunca falou de mim, me casei e nunca ninguém me falou de mim, fui casada nunca ninguém falou de mim, fiquei viúva até hoje, tem vinte sete ano que meu marido morreu, nunca! Nego... Sempre me dá valo, mas nunca me falaram, porque eu nunca dei meu direito a ninguém. Já sofri que só (não entendi), mas nunca dei meu direito. Vou pra aqui, vou pra acolá, vou pra ali... ói, depois que ele morreu, já fui... ô, Salvador é lindo e eu não conhecia. Foi a melhor viagem em Salvador. Já fui em Belo Horizonte.

I.: - Depois que entrou aqui?

I.: - Hum?

I.: - Foi depois que entrou aqui, que a senhora foi pra Salvador?

A.: - Sim. Depois que eu To aqui em Jacobina mesmo, depois que eu estou aqui num... Ia assim, quando ia pro médico, já passei 13 ano na companhia de Doutor Juarez, Juiz de Menor, que morou aqui, era meus grande amigo. Quando eles foram embora, eu fui com eles, depois eu já fui lá passei 13 dia com eles e... e assim, mas... Já fui em Governador Valadares cinco vez, já fui em São Paulo, já fui ne...óí aqui perto (não entendi). Passeio que a gente faz por aqui perto tudo eu vou.

I.: - Então a senhora é bem viajada? Conheceu um...

A.: - No tempo dele minha fia , eu si era de casa pra o rio, lavava roupa e ir pra dentro de casa. Quando eu ia para a igreja ele dizia que eu era amigada com os padre.

I.: - Com os padres? Nossa!

A.: - Dizia. E só ia dia de domingo. Isso mesmo quando eu no sábado não ia na missa porque eu lavava de domingo a domingo. Minha mãe disse ói você tem que tira pelo menos o domingo pra ir para a missa. Aí eu fui naquela...naquilo, hoje Graças a Deus meu Pai! To dentro da igreja não tem quem me faça sair de dentro, só Deus se me derrubar, Deus é quem me leva . E tudo que se faz... participa da missa da... na igreja eu tô.

I.: - Então hoje a senhora se envolve com a...

A.: - Com a igreja.

I.: - Com a igreja e com o Centro de Convivência, né?

A.: - O Centro de Convivência.

I.: - Aí a senhora vem prá cá e se diverte mais.

A.: - Venho prá cá e tá bom. Aqui, quando eu tô aqui, mas quando eu chego em casa seis hora....

Simone: – Tu não merendou ainda não. Não tá com fome não?

I.: - Tá então a gente (risos)...

A.: - Quando eu chego, saio daqui ói, eu chego lá não dá tempo nem de eu tomar banho. Eu tomo nas carreiras, Vupu-vupu aí eu pra missa, que tem a Semana da Unidade, né ? Tem missa a semana toda, ainda não perdi nem uma até hoje.

A.: - Então deixa a senhora ir merendar e outra hora a gente continua nossa entrevista, né?

Simone: – Ainda não terminou não?

I.: - Sempre tem mais alguma coisa pra perguntar, né? Aí com isso, mas deixa a senhora ir comer e outro dia...

ENTREVISTA – 29/07/2003 (Realizada na casa da professora Ana Lúcia Gomes)



(1º fita)

Ana Lúcia: - Entrevista com Ataíde Cosme da Silva 67 anos, para o projeto “Histórias de Leitura na 3ª idade: memórias individuais e coletivas.”

Ingrid: - Então ...é...assim..., o que o senhor pode falar... pra gente. Sobre... assim... a história de vida do senhor, alguma coisa assim que...

Ataíde Cosme: -...Que já passou comigo?

I.: - ...O que, que o senhor já passou?Tudo isso.

A.C.: - Ah! Já passamos muitas coisas, agora coisa de roça...sou do campo, certo?... eu adoro o campo... Por final, eu trabalho nisso, nesses negócios, fiscalizar né? Uma vez é... é Juiz de paz é que vai fiscalizar... (não entendi)... corredor, saberam que ia fechar aquele corredor, não pode que é antigo. Eles dão (não entendi). E várias coisa certo? E do campo eu sei contar muitas coisas.

I.: - Então conta ai alguma coisa do campo pra gente.(risos)

A.C.: - Do campo, eu aboiei de vaqueiro.Tomava conta de ...

I.: - O senhor é vaqueiro?...

A.C.: -É, Tomava conta de uma fazenda, administrador da fazenda. Toda cinco hora, que cinco hora, quatro hora da manhã eu to lá. Se não soubesse tirar com as duas mão o leite não trazia.(risos)

A.C.: -...Vaca do peito pequeno, ó...e ta soltando certo? Se não se perde aqui não sai. Agora cês conhece quem sabe tirar o leite, bota o balde aqui dentro das perna...

I.: - Eu já fui...eu já fui tentar tirar o leite da vaca,mas eu fui um desastre, (risos) porque eu comecei a puxar assim, ai eu... queria me assusta...

A.C.: - ...É, mas é...suspende esses dois dedos assim e faz isso assim ou então esse daqui, esse dedo vinha pra qui. Quando cansa... Agora pra tirar assim não produz, só vaca do peito muito pequeno, ou então de cabra, cabra já tem o peito comprido não é?...Agente coloca o pé aqui, ela suspende a perna sabe, e hoje tem uma raça de cabra que é boa de leite. Antigamente uma cabra só dava um litro de leite quando dois. Hoje são três, quatro litro. Chama Sianinha uma miudinha da barriguinha que fica durinha. Mas é raça mesmo... e é um bom (não entendi) é bom pra mim... E eu tinha amor pela roça. Cavalos bom, de campo. Brincava argolinha, sabe como é argolinha?

I.: -Não.

A.C.: - Argolinha, você trás uns pregos e bota uma vara assim, pra vim correndo e enfia num apegador...

I.: - Ah! Sim...

A.C.: - ... Uma argola cê assim e empurra assim pra ver se acerta.

I.: -... É aquela corrida que vai com o cavalo...

A.C.: - É... então outra, tem uma... como um morango seguro aqui assim pra trás. Aqui cê pega com uma vara. Quando cê vim com velocidade, joga ela pra cima e pega lá. É a prática que eu tenho ou então pega a garrafa no chão uma coisa... cê bota a garrafa, sabe aqui vai pega, quem não sabe cai. Bota uma garrafa de madeira. Mas rente, porque se pegar aqui, não pega a garrafa, bota a mão baixa, ele tem que ir por aqui ó. Pra cá (risos) eu já tenho a prática. Viajava sempre...pelo campo tinha muito, porque eu pegava o boi de carro. O boi... aquele seis boi. Eu chamo boi do coice, aquele cê domina. Eu bato o pé aqui, ele para... se você cai por debaixo do carro só é grita, ele pára, se não a roda passa por cima e quebra tudo. Ladera pra descê. E tudo isso eu gostava. Andava assim eu me

adivertia. Tava plantando ai chegou o (não entendi). Boi mandava pastar, pastava por final. E do campo mesmo, eu me adivertia muito.

I.: - E o senhor... assim... as terras em que o senhor trabalhava, já não tem mais né ?

A.C.: - Não, não. Mas eu adoro a propriedade que eu não tenho mais, a propriedade me garantiu que ainda vendi e vim para cidade mas também estou muito satisfeito, porque seria muito melhor o que eu fiz, do que ter uma fazendinha com vinte vaca ou trinta ou quarenta e as fia analfabeta, não é ? Pra mim é uma honra na vida, porque todo lugar que as pessoas me encontra diz suas filha é uma maravilha, pra mim era ruim se elas dissesse suas filha é ruim, né? Não dizia nada mas ficava triste, né? Então é um prazer, porque todas são obediente. Tem os meu netinhos que eu quero bem, quero bem.

I.: - E o senhor assim... como é que o senhor estudou ? O senhor chegou à ir na escola, freqüentar, tudo isso...

A.C.: - Não, não tive tempo. Meus pais não teve condição. Não é que não teve condição, na época eles não tinha escola. Nem em fazenda, agora você sabe tem fazenda, bota a professora na fazenda ali no lugar que tem muita gente. Ou então um predinho, né? Município, bota a prefeitura. Antigamente não tinha. O que eu sei eu aprendi... o que eu sei, escrever fazer uma conta, foi 45 dias só, de aula que eu fiz. A fazenda que eu trabalhava era, não é como hoje que tem vaca mansa. É vaca mineira, é vaca brava, era tudo a mesma coisa. Não tinha como tira leite, não tinha bota... de borracha. Tudo na lama aí. Só que a lama, de gado, por causa da urina não pega frieira. E, é quente por causa do calor do animal, né? Levantar 4 horas da manhã, cobertura quando era tempo quente, certo? (um som não identificado) Era um clima bom não existe... essa... E na escola tinha uma professora que tinha um.... uma escola em Cachoeira Grande. Ela tinha uma escola, mas era longe e eu não tinha tempo de ir, que eu era empregado. Eu trabalhava até de noite. Aí, mas tinha um pessoal de Cachoeira Grande, essa professora tinha uma farmácia. Ela tomava conta numa farmácia de Dr. Antonio Veloso. É...em Itapeipu. E a noite vinha três moça e um rapaz pra ela dá o curso das 7 às 9...

I.: - Na cidade?

A.C.: - ... É. Na PAVERME. Das 7 às 9. E eu pegava, os trabalhos, mas a maioria dos dia só pegava... que eu não tinha tempo, mas 7 horas eu não tava pronto. Eu tava fazendo qualquer coisa. Aí, eu pegava de 8 às 9, só uma hora de aula. Foi nesse período assim de

duas horas de aula, uma hora, em 45 dias acabou tudo. Eu aprendi a escrever meu nome...

I.: – Aí, tudo o que o senhor aprendeu foi nesse período?

A.C.: – Nesse período... certo... Eu não pude continuar mais estudando porque... Em outro lugar, porque não podia sair que era empregado. Desde menino. Menino, era eu que carregava leite... na fazenda. E eu fui jóquei de cavalo. Corria corrida de cavalo. E eu fui crescendo e fui fazer outras atividades. Até que com 16 anos eu tomei conta da fazenda. (não entendi) quem dominava era eu. Roça e tudo (não entendi) limpar tanque, depois o carro, depois o que tem saído assim, botava o carro. Coro seco. Amarrava uma corda aqui. Enchia de lama. Chegava lá, o próprio boi derramava, virava e tornava a derramar pra nois bois encher, era bonzinho o trabalho (risos). Os caras ia enchendo com a pá e eu carregando. É por isso que de roça eu sei contar tudo. Depois... tinha uma vaca que tava... não pode nascer, o bezerro ta enganchado. Precisou chamar uma pessoa, que quando foi tirar o bezerro já tinha morrido. Esse foi um caso, uma vez é? É como gente também, se não correr pra dá assistência... deu a hora de nascer e... (não entendi) se não tirar... perdeu, que o bezerro, ele cria, no focinhozinho dele, aqui.

I.: – O senhor viu só uma vez?

A.C.: – Hum?

I.: – O senhor, só foi uma vez que o senhor viu?

A.C.: – Vi, só...

I.: – E já aprendeu!?

A.C.: – Aprendi. O bezerro nasce assim, ó. Aqui é o focinhozinho dele. Aqui é as juntinha, né? Das mão. Nasce as duas mão juntinha aqui. E vem com a cabeça aqui em cima, se quando a vaca dilata, atrapalha o bezerro. Ele por ali agoniado, se vê assim, ó. Só uma mão de fora, tá enganchado. A cabeça dele virou, aí tem que pegar, lançar, meter a mão, mas a vaca espreme, quando ela tá com força não tem homem, nem duas pessoas segura. Quando a pouco ela, olha assim, espreme e aperta. A gente vai com cuidado, quando ela acaba as forças a gente faz tudo. Agente conhece quando tá morto. Boto o dedo assim na boca, vê a língua, se ele meche com a língua, ou então aperta também. Quando bota que não vê movimento, já tá morto. Aí, desenrola ele, tira, bota lá. Fiz muito isso (não entendi), mas depois aprendi pelo campo mesmo... Eu vi na televisão.

I.: – Ah, então, o senhor assistiu foi na televisão, como é que fazia? (risos)

A.C.: - É... é...não.Eu aprendi antes da televisão.Nesse tempo não tinha televisão,nem nada não...

I.: - Ah,sim!

A.C.: - Mas,agora já sei muitas coisas. De pranta, como é que pranta, como é que trata dos animais com medicamento.Tirar sangue... quando vem pra exposição tem que tirar sangue.Que tem uma doença que...que ataca na vaca... no útero. Seca a... a... o útero. E a vaca não pega fio.E se o boi usar... a doença pega nele, chama-se Bucerosa. Se tiver Bucerosa num vai... tem que tirar o sangue, né? Pra vê. Tem a veia de tirar. Tudo eu fazia. Alguma coisa,eu vi na televisão o seguinte, a vaca tá com muita dor ela só tira o bezerro quando ela... já perdeu as força, sem movimento. Quando você empurrar lá, pra virar o bezerro, ver como é que tá. Ela espreme. Aperta mesmo a mão da gente,mas você coloca um varão.Um pau roliço assim, um tipo de varão (não entendi) ela tá deitada, você passa, duas pessoas, uma pega de um lado outro de outro, faz assim no lombo. Pega na juntinha do lombo,ó. Fica ardida e agente faz tudo lá dentro e ela não pode espremer... tendeu ? Aí, você desenrolou o bezerro quando ela espremeu, só é bota a mão aqui por cima e ele vem certinho...certinho...se tá enganchado não dá aí morre.

I.: - E assim, sobre o trabalho do senhor como Juiz de Paz, o que ,que o senhor fazia ?

A.C.: - Juiz de Paz é isso que eu estou lhe falando,no dia do casamento, celebrar o casamento. Sem ele não tem casamento, porque, quando o escrivão... ta os noivo aqui sentado, né ? Você é o escrivão, uma hipótese. Ele...ele... preenche toda folha de risco e aí tem que botar nome de pai, a idade da pessoa, tal, nas folha. Antigamente era duas folha, uma de um lado, uma de outro. Era uma dela e... dos pais da moça e do rapaz, mas hoje já é outro modelo, numa folha só coloca. Aí ele... pega a habilitação que tem o nome,aí espera... tá aberto a audiência... eu chego... todo mundo se levanta... eles se levanta... repita o seu nome, primeiro o homem. Antônio de José da Silva, é de sua livre espontânea vontade casar com dona Maria de Jesus ? É você e diz sim.E falta você. Você responde que sim, se disser que não, ai não tem casamento. Que é de sua livre espontânea vontade. Agora o resto eu sei de cor.

I.: - Como é que fala ?

A.C.: - Aí de cor... mediante o que vós acabaram de dizer. Eu Ataíde Cosme da Silva , Juiz de Paz em exercício. Em nome da lei vos declaro casados. Pronto, aí pronto...(risos) Aí, assina o rapaz, quem pega o final... a... a moça tem que pegar o nome do dele. Se ela for Maria de Jesus Sampaio e ele José Antônio da Silva, ela tem que pegar Silva, final do nome dele, troca o nome. Ela vai dizer como é que quer se é Sampaio, se é Silva... certo?... Aí pronto, aí assina o noivo, assina a noiva, assina os testemunhos . Depois dos testemunho, eu assino. Depois o escrivão (não entendi) Tem comunhão, separado. Tem comunhão de bens, parcial de bens. E tem comunhão com separação de bens.

I.: - E tinha mais assim, como? Mais separação...?(risos)

A.C.: - É porque separação, só via... uma vez,é um cara rico.Se engraça com uma moça pobre. A família dele aceita casar com pobre, mas não que, né ? Aí, coloca, separação de bens. Seus pais às vezes não tem aquele não tem aquele entendimento... porque se não a... se você acha que minha fia merece se casar com você... então você não quer. Não tem amizade a ela, só quer os bens, né ? Então... Mas muitos aceita separação de bens. Essa só vai ter direito depois de... Aquilo que ele já tem é dele e adquirido depois do casamento, pra frente, é dividido. Mas hoje já tem outro...outro... A vez já se modifica, hoje tanto faz ser casado como não. Tanto faz ser casado no civil como... como amigado.Tem o mesmo direito. Mesmo que não tenha filho mas o tempo, certo? Mas o casamento civil só é bom por isso, uma parte. Numa parte, nos indica. Que uma vez as pessoa se larga e fica casado,não pode se casar nem a mulher, nem o homem. Quem fosse não consegue, porque antigamente era cinco ano, parece que hoje... negocia. Negóciou, pronto (não entendi) porque se ele for casado no civil, ele não pode vender nada de... de imóvel sem a assinatura da mulher. Se ela não assinar fica difícil e ninguém pode separar (risos) a vantagem só é essa, né? Que muito joga fora, aproveita de quem tem...às vezes a mulher é bobinha e ele... vai vendendo,vendendo, pensar que não , já vendeu tudo.

I.: - É mesmo... agora, da onde foi que surgiu assim, porque o senhor trabalhava na roça né?...

A.C.: -Trabalhava na roça...

I.: - ... Aí como foi que o senhor começou... pra entrar nesse trabalho?

A.C.: - Foi um escrivão...foi um escrivão muito meu amigo. E ele me chamou.. pra trabalhar com ele. Eu digo: ô, rapaz não posso não que eu não tenho cultura. Então... Ele disse: não, o que você vai fazendo você... você... E o irmão dele era promotor, né? Você compra gado pra... sabe comprar mais que o promotor. Ele te chama para comprar, escolher a boiada que ele vai vender, o pasto máquina, tudo. Não tem prática? E digo: ô rapaz não quero não. Por que? Talvez vá atrapalhar meu trabalho. Ele disse: não, casamento é a noite, ele escolhe o dia e diga se ta bom, não impata não. Um 4 horas em diante, chega o dia você... tá bom, ele me chamou. Eu digo: eu vou ver. Quando foi com oito dia ele tornou a chamar, aí depois eu pensei, ele ta... ta com boa vontade porque senão ele só chamava uma vez. Mas chamou as duas... eu digo assim, certo? Mas quem entrava de Juiz de Paz não tinha documento é político, você sabe como é, né? Por mais que você trabalhe para o político. O puxa-saco do político, aquele que puxa o saco. Ele diz oxênte, fulano votou nê outro partido, ele bota pra fora.

I.: - É...

A.C.: - Você votou no outro, pra você vê. Passava lá, é dois ano. Aí botava. Eu só vou se eu receber o... o documento... provando o que eu vou fazer. Aí vem no Diário Oficial de Salvador, aí teve um cerimonial, né? Tomei posse. Pra tomar posse, na época eu não tinha todos os documentos. Só tinha a identidade, CPF, é... casado. Eu, que já era casado, certidão de casamento. Atestado de saúde fui pegar... tinha que pegar a profissional, tem que pegar aquele outro documento é... certidão de não sei de que lá... revista sei que lá... eu... tenho tudo. Ai eu tirei tudo. Tome aqui o Juiz me deu a função, eu tirei os documentos, já tô com 26 anos, vou fazer em setembro. Entrei no dia 23 de setembro de 78. Agora em setembro completa 25 ano.

I.: - E o senhor... o senhor não parou, não?O senhor ainda trabalha de Juiz de Paz,ainda?

A.C.: - Continuo. O escrivão se aposentou. O cartório ta aqui em Jacobina, mas que... vai voltar pra Itapeipu (não entendi) que cartório não pode acabar, é onde fica todos os documento.Aí, você vai pegar a 2ª via... qualquer documento você pode tirar várias.Tá no livro constando, a idade, quando foi que você foi registrado. Aí, eu procurei que ano, vai no livro... livro tal. Ta lá que...

I.: - Então o senhor foi esperto em (risos) botar assim,pra... tirar a documentação.Tudo certo...

A.C.: - É... é... Aí eu tô certo, tenho documento,tenho tudo. Eu tenho um documento assinado tribunal da Justiça de Paz... só não tenho remuneração, que não ganho do estado, mas as vezes eu não ganhava, na frete (não entendi). Tô trabaiano,me pediram até uma certidão e... posse... a moça foi dá uma busca no livro pra me entregar, no cartório, as coisa que eu tenho no livro...Aí, eu continuo,no campo, tendeu? Casamento eu não faço mais desse tipo, que o cartório era de Itapeipu e aqui já era área da comarca.Nós trabalhava no município de Itapeipu, agora no campo eu trabalho. De Jacobina abaixo, Junco, Capim...Capim Grosso não, que não é cidade. É,não pertence a Jacobina.Caldeirão Grande, Paraíso, Palmeirinha, (não entendi), neste a filha de (não entendi), aqui veio pergunta... Pra mim resolver em outro município, é uma complicação. Porque (não entendi).

I.: - Assim... é assim, com as dificuldades que o senhor passou pra poder estudar, né? Essas coisas,mas assim, como é? Do que o senhor aprendeu, como é que foi esse negócio assim, serviu pra...para vida do senhor, fez alguma diferença, assim, o pouquinho que o senhor aprendeu, essas coisas...

A.C.: - Serviu... não... serviu. Sabe porque é? Porque a gente... a gente ganha experiência com a própria pessoa, tendeu?

I: - E também com a vida, né?

A.C.: - É. Com a vida. Porque às vezes você se dedica naquilo. Se eu vou conversar com um formado. Eu pego muitas palavras dele. Tendeu?

I: - É bem esperto! (risos)

A.C.: - É, a gente vai descobrindo as coisas, aí... tendeu? Hoje... como é que diz? As leis se modifica. Hoje daqui a outro dia é diferente, vô chegando, vô chegando, então vô chegando lá.

I: - Então o senhor não teve dificuldades?

A.C.: - Não.

I: - Mas o senhor sabe ler, assim... seguindo a mente ou é só escrever, alguma coisa assim...

A.C.: - Não, não leio... muito... muito pouco, entendeu?...

I: - Muito pouco?...

A.C.: - É ... motivo, não teve, não tenho. Nunca de... depois disso aí, eu nunca mais peguei assim... só um jornalzinho, assim, tal. Mas, muito, muito pouco mesmo. Agora prática assim... pelo campo. Eu tenho, certo?

I: - Aí, já deu pra perceber que o senhor entende mesmo.

A.C.: - É exato, do campo entendo. Quando pensar que não, uma garrotada, né? Posição. Rapaz, criança. Atender eu sei. Conheço, de cavalo, de gado. Sei escolher o boi, reprodutor. Que raça que é. (não entendi) qual que é é mais de origem. A raça de vaca, Pequiapi, é... Buserá, Holandês. É pretinha. Geos. E tem várias... várias raças. Tudo conheço. Uma vez, sempre que é posição, os cara me chama. Os fazendero me chama pra escolhe, eu digo: ô, rapaz tu não é fazendero. Não tu é que sabe escolhe, escolha. Quando trás o documento eu digo: rapaz (não entendi) todo pra vender, mas esse tem mais raça porque, já foi cruzado com vaca tal, que já tem uma origem melhor. E todos os boi hoje, que vai pra exposição tem registro como gente. Tudo registrado. É... se não, não passa. O cavalo Machador, esse que, tem o passo assim para trás é... chama-se Machador. O Ingreis, é para corrida. Tem velocidade. O Quarto-de-milha também, mas não tem rojão. O Parceiro é outra... outra raça. Aí, eu conheço tudo. De campo assim eu sei contar muita coisa. Como é que pode plantar lavoura, como é que faz com os animais...

I: - E o senhor, tem algum tipo de leitura, assim para campo?

A.C.: - Como?

I: - Assim, se o senhor tem alguma coisa, que o senhor gosta de ler é... procura saber... tipo assim... que algum livro, revista, o que é que o senhor gosta mais?

A.C.: - Ah! Eu gosto... ontem mesmo eu peguei no jornal, não, na revista de exposição de animais.

I: - Tudo relacionado a... a campo?

A.C.: - É... é o campo, ai eu vou ver a raça e lá explica tudo. A raça como é. E tal. O valor do animal. Teve uma exposição lá em Salvador, ontem eu peguei no jornal Pitangueira, viu? Que tipo de raça é, quando... Pitangueira é uma raça nova e tal. Leiteira. Aí marca tudo. Tem gente que num... eu gosto muito de ver, essas coisas assim... de campo ou lavoura também que a gente sabe, também. Atear a pranta, como é a maneira de cultivar, certo? Como é que aprica? Pranto. Como é que prepara a terra?

Tudo isso eu gosto de ler são práticas muito interessantes. Como é que se faz a muda? Entendeu? De laranja, banana... como é que enxerta?...

I: - E tem diferença, é? (risos)

A.C.: - Tem... tem diferença...

I: - Pra mim tudo é planta e plantação... (risos)

A.C.: - ... Cada... cada pranta, tem a primeira e tem a segunda, então tem... tem diferença. Como é que dá Barriguera? Tem que prantar. Como é que faz? O enxerto. Vai prantar uma prantinha de laranja. Cê compra aqueles pezinho, né? E a pêra é outro tipo. Você pranta limão. Esse limãozão aí. Que é até ruim pra suco. Quando ele tiver segurado, você vai fazer o enxerto. Serra aquela gaia, abre assim. Pega outra gaia da laranja coloca aqui. Bota o esparadrapo e deixa ela fermentar. E deixa ela, que quando sair aquele óio que vai sair chama-se ladrão. Da parte que tem o limão. Cê vai rancando tudo, vai rancando tudo, vai rancando, vai rancando quando ele pegou ele subiu, no pé de limão dá laranja. Faz uma parte de um outra de outra se quiser. Se não, faz dos dois enxertada um com o outro.

I: - Assim, no tempo que o senhor estudou o que é que o senhor mais gostava, assim de noite. Qual o interesse, mais do senhor aprender foi por que?... Assim, de insistir, né? Pra poder, pegar e ir pra noite, já que o senhor trabalhava durante a manhã...

A.C.: - É...

I: - Aliás, todo o dia, né?...

A.C.: - ... Como o tempo era tão curto, que não dava nem pra eu... eu aumentar a escola...

I: - ... Aproveitar...

A.C.: - Porque ela passava lição. Quando passava (não entendi). Estudar... o caderno qualquer coisa. Eu não tinha tempo. Amanhecia o dia 5 hora, o frio, depois o trabalho...

I: - Então era só durante a aula...

A.C.: - É...é.Era só durante a aula.Eu não pegava num livro facilmente pra ler assim... porque não tinha tempo.

I: - E as outras pessoas que iam também,era do mesmo jeito? Da roça?

A.C.: - Não as outras tratava de outra atividade.É, como era?... Eles ia pra escola de dia e a noite tomava curso, eles se desenvolveram mais.Uma colega minha bem aqui, ela era

colega durante o período, 41. E outros foram embora pra São Paulo... desenvolveram mais. Como tinha um, ele era meu amigo, mas família pobre assim... não tinha... Eu já tinha 16 ano e ele tinha 18... Eu,ô rapaz fala com a professora que eu quero aprender... tô loco pra aprender, não sei ler...nada... Quando eu vejo os outros lendo uma revista eu... ia aprender pra ser caminhonero...

I: - Um caminhoneiro?!

A.C.: - É eu falei com a professora... ai eu, Ivone chama seu Zé, vá chamar ele.Chamo ele. Seu (não entendi), eu não li... toda... é... ABC não.Ela boto logo nas...

I: - Nas frases?

A.C.: - É, ela boto logo num... num...é... no outro caderno, como é que da o nome? É...agora eu esqueci. Que o ABC é um livrinho pequeno assim...Ela me deu outro livro que já tinha as coisa.

I:- Ah! Caderno de caligrafia...

A.C.: - É... já tinha a caderneta, já tinha a... a...(não entendi) que era pra pessoa... pronunciar a palavra.Era mais fácil,ele tá vendo... o... animal que você quiser...

I: - Ah! Sei, ele é ilustrativo. Ele tem a fotografiazinha e o nome.

A.C.: - O gato e tal... É, como é que dá o nome? É... é, exato. Já tem o nome. E você ia se praticando. Porque no ABC não tinha...

I: - Aí, ficava mais fácil , também...

A.C.: - ... Não tinha, ficava mais difícil, né ?

I: - Humm...

A.C.: - Aí...eu chamei esse rapaz, ele foi. E ele... ele só estudou 45 dias também, junto comigo. Aí foi...

I: - Então, todo mundo só foi nesse curso?

A.C.: - Aí, depois ele foi pra escola. Outra escola, fora. E que ele fosse (não entendi), qualquer coisa, foi embora pro Rio de Janeiro. Lá... mas foi pouco tempo .Foi... tempo que pegou de escola, não foi nem um ano, só. Ele foi embora. E foi escrever pra professora. Tava dizendo a ela que tava feliz, já... já tinha tirado carteira de motorista. Prendeu... foi trabalhar na oficina e da oficina ele aprendeu a dirigir. Quando ele foi embora, ele nunca mais deu notícia, nada.

I: - É assim. E o senhor nunca teve vontade de ir também, não?

A.C.: - Como? De sair?

I: - Sim, como esse.

A.C.: - Já tive vontade. Não de...de ir pra capital, essas capital. Eu tenho vontade de ir pro estado de Minas, porque Minas era a terra do gado. Uberaba, Uberlândia...

I: - O senhor gosta de gado mesmo hem?

A.C.: - É... Aí meu negócio era esse. Se eu ti... se eu tivesse estudado, eu tinha estudado. Se eu tivesse um... pouco mais ou menos desenvolvimento. Meus pais tivesse condição. Eu ia estudar pra ser veterinário. Eu ia lutar com gado, com animal. Veterinário é que cuida de animais... Que tem veterinário que tem a formação e as vezes não sabe nem fazer nada. Que um dia se encontrado com um colega meu. Eu fui assistindo. Ele mora em Itapetinga. Meu território é de Itapetinga. E ele, prendero com garrote, numa pista assim um 6 metro. E os cavalo em sela. Cada qual selava o seu cavalo. Tinha uns que não sabia selar. Veterinário. Vamo laçar, quem disse? Laça é como? Eu primeiro ajudei a laçar. Aí eles me chamaro. Lace aí. Laçava com velocidade. Botava eles pra correr, CHAP. Sem pegar na oreá, só nas ponta. Não sabia laçar. Esse rapaz tirou o primeiro lugar. Ele tinha um papel, mas não tinha a prática, nem nada.

I: - É...não tinha a prática do dia-a-dia,né?

A.C.: - Do dia-a-dia. E esse já foi criado em fazenda. O pai dele era fazendero. Boiadero. E já fosse criado, já tinha o caminho pra ele seguir. Como eu se soubesse receitar, isso eu aprendia rápido. Que eu já tinha a prática, já sabia como é que faz... Derrubar o gado oxé, eu... sei... lidar com isso. E mato. Ia com uma boiada pra Feira de Santana. Sei de tudo isso...

I: - Agora, o senhor saia d'aqui com uma boiada...

A.C.: - Com uma boiada. Era 8 dia de viagem. Nesse tempo não tinha caminhão daquele de carregar gado. Caminhão onde a boiada é criada, né?

I: - O senhor ia sozinho?

A.C.: - Não! Seis, sete pessoas. Um na guia. Que dividia a boiada isso tudo. E tudo era aberto. Primeiro dia, se o boi fosse embora, o cara... da boiada... Tinha o chefe. Diz: Fulano, você vai pega o boi. Dormia até no mato! Um dia o boi foi embora e... Botei o rastro assim. Ajeitei o cavalo. Deus me avisto, num vi, vi o cavalo. Quando derru... derrubei. Porque se for o cavalo eu fico... tem que parar em cima. Se não levanta, ele cai

levanta. Tendeu? Derrubou, caiu em cima, pegou ele, botou a mão aqui. Aí, se bate não levanta. Com a mão no pescoço. No que, ce laça, marra, já tava escurecendo, mas eu vou e fui dormir no mato. Dormir não, sentei, mas o sono não senti. No outro dia o boi amanheceu zangado, virando o cão. Bota uma gaze assim pra ele não enxergar nada. Agora pra tirar a corda é que é difícil. Porque senão a corda pega na careta, ele enxerga de lado. Aí, tira a corda da cabeça, amarrei uma no pescoço. Passa uma, chama-se ligeiro. Divagazinho, só pra... soltar e pegar o pano. O trio acompanha a boiada. Agora dois em diante, acabou. O gado tria na estrada. Ele vai embora. Hoje, não. Descarregou um caminhão aqui, quando é de noite no Pernambuco de tardzinha, pra mais tarde. E nem, nem, nem perto...

I: - Bem mais longe.

A.C.: - É. Eu já levei pra Pernambuco. De caminhão. Cavalo pra Paraíba. Pernambuco conheço um montão de cidade. Levei dois caminhões.

I: - Agora, o senhor vendia lá... em Feira de Santana?

A.C.: - Xi! Ao, nois vendia... Nós fomo pra Pernambuco, nois... quando chegamo lá, uma seca. Só vendemo dois cavalo. Aí, trocamos por ração por dois meses. Os animais. O mesmo veneno. Pequeno... é, Famandaroba, Filadélfia, Cansação, Monte Santo, Queimado... e Capim Grosso. Pedra Alta e Capim Grosso fizemo reta. Por exemplo, só deu pra paga o frete e pronto. Mas gado, esse gado que nois levava pra Feira, já era negócio. Gado gordo. Chegava lá, prendia e vendia o gado. Quando a gente chegava lá o fazendeiro já tava. Ia lá, deixava a boiada e vinha me embora...

I: - Lá em Feira tem até um... como assim? Um boizão, bem grandão assim, quando vai chegando assim, um boi bem grande!

A.C.: - É Feira tem...

I: - E assim... quais são os fatos da sua vida que o senhor sente mais saudade?... De tudo que passou.

A.C.: - É do campo mesmo.

I: - É o que eu percebi, foi do campo.

A.C.: - O campo é bom demais.

I: - O senhor gostava tanto, né? Agora o senhor começou desde pequeno, desde menino?

A.C.: - Desde menino.

I: - O senhor nasceu lá na... na fazenda?

A.C.: - Não, era vizinho. Manhecia, trabalhava na fazenda lá perto de casa. Agora com 16 anos é que eu tomei conta, que minha mãe não deixava ninguém viver em casa de vizinho. Viam, trabalhava, a fazenda era perto.

I: - Ah! O senhor trabalhava numa fazenda de uma outra pessoa?

A.C.: - De outra pessoa...

I: - Aí, ia...

A.C.: - Nós morava, nós tinha uma rocinha com os terreninho, vaquinha de leite. Trabalhava todo mundo aí pronto. Trabalhava todo mundo fora.

I: - Aí, ia...

A.C.: - Meu pai era fazedor de cerca e eu carregando madeira. Meu pai trabalhava no chavamento a 42 ano, no tempo da mineração.

I: - Seu pai trabalhava de que?

A.C.: - Numa chave, cortando madeira e fazendo cerca.

I: - Ah! Também... também, ele trabalhava na mesma coisa assim, com roça...

A.C.: - E, eu carregando a madeira depois e botando, e fazia assim. Puxava varão, rolo de arame (não entendi), cavava buraco, puxava (não entendi). Não tinha cavadeira naquele tempo, pegava no cavalo (não entendi) pegando com capim. Serrava um pouco, tirando a terra. Hoje não se for na cavadeira, pa, pa, pa, pa, pronto. É facinho assim...

I: - Agora é muito fácil. E prático, né? E... assim da onde foi que surgiu nesse negócio assim... o... porque o senhor morava numa roça né? Aí, depois o senhor veio pra... pra cidade ou... Por que sua filha... o senhor mesmo diz, né? Seu orgulho porque estudaram...

A.C.: - Não, sim... é... é... exato, é... é... eu estudava em Itapeipu...

I: - O senhor morava na roça ou na cidade?

A.C.: - É... quando eu me casei, fui pra Itapeipu...

I: - Sim... na cidade.

A.C.: - Mas tinha roça, é. Continuamo trabalhando na roça. Com minha mulher trabalhando aqui na roça, na roça. Aí, já fui plantar como? Mandioca e feijão e milho.

I: - Quantos filhos o senhor tem?

A.C.: - Três.

I: - Ana e...

A.C.: - É. Duas Ana e Ovídio.

I: - A são duas Ana?

A.C.: - É... Ana Margarete e Ana Lúcia.

I: - E por que o senhor gosta tanto desse nome Ana?

A.C.: - Porque minha... mãe chamava Ana Josefa, minha sogra Josefa. Tendeu? Josefa Gomes São Paulo. A minha mulher, Maria Gomes da Silva. Era Maria Gomes São Paulo, agora passou pra ser Silva porque eu também sou Silva. E minha vó, bisavó chamava Virgínia. Meu pai Manuel Cosme da Silva. Meu avô Manuel Cosme da Silva. Minha Mãe Ana Josefa de Jesus. Minha... meu bisavô chamava... era Cospinho Pereira de Matos. Minha avó... minha bisavó era... Eugenia Pereira de Matos. Aí, eu achei bonito esse nome assim da família da gente. Meu sogro chamava Ovídio Gomes de São Paulo. Aí, eu botei Ovídio. Que era bom pra mim, ele. Era calmo, bom. Muito fechado, mas não tinha nada... de qualidade correta. Ele tinha a fazenda, tinha o carro de boi. Todos os fio trabalhava na casa de farinha, e... todo mundo usava o carro de boi. Pra levar os filho, fazer o seu serviço, (não entendi), pegava o carro essa semana, o meu carregava. Não custava nada, pra ninguém. O outro tarefaava, trazia mandioca de volta no carro de boi. Acabava numa semana, um mês o carro de boi direto aqui. Não cobrava mais. É tudo da fazenda. Era muito bom pra mim. Aí, eu achei de bota o nome de Ovídio. E ele também graças à Deus... (não entendi).

I: - Mas o senhor viu em algum lugar esses nomes ou foi alguém que disse “Ah! Tem esse nome aqui”.

A.C.: - Não. Lugar.

I: - O senhor viu em algum lugar.

A.C.: - Não. Eu vi o nome pronto dele. Eu mesmo gravei. Meu sogro.

I: - Não. Eu to dizendo assim o...

A.C.: - De Ovídio?

I: - Não. Ana assim...

A.C.: - Oh! Que não. Eu via... propriamente eu vi várias Ana.

I: - Tinha muita?

A.C.: - Muita Ana. Ana Margarete, Ana Lúcia, Ana Regina né? Eu achei que devia botar o nome dela esse mesmo.

I: - Não. É porque lá em Água Branca tem muita Maria. É um montão de Maria. É Maria disso, Maria daquilo...

A.C.: - É eu nasci no nordeste e na fazenda...

I: - ... Aí, minha vó é Maria José. Aí tem Maria José, Maria Lúcia, Maria um negócio lá, Maria isso. É tanta Maria, que eu perdi a conta.

A.C.: - É que eu também, eu nasci na Fazenda Água Branca. Onde nós morava chegava Água branca.

I: - Eu tô falando é de uma cidade, ela fica lá em Alagoas.

A.C.: - Sim. Certo. Não realmente, esse povo mais velho tem esse negócio mesmo. Tem dois nome só, por que José Nilton. Nilton é nome próprio, né? Zé Antônio é dois nome. Eu acho que é. E aí depois da idade já vem isso. Antigamente, tinha um... um livro do pensamento. Quando o menino nascia, já olhava que data foi hoje. Bastião, Gerônimo, esses nome assim. Por isso que o povo do Norte... oi, o povo do Norte ô é José, Bastião, esse povo. Pode reparar que o povo do Norte. Todos os nome é assim. É Pedro, é Antonio.

I: - Livro de Pensamento?

A.C.: - É.

I: - É só... é só nome?

A.C.: - Era que in... insinava assim, as coisas. Tendeu? Mas hoje..., o povo botava o nome do filho pela aquela data que nasceu, ia no livro e olhava que nomizinho. Mas hoje não, você bota o nome que você quer.

I: - Não. Porque também, tinha muita coisa assim... coisa da Bíblia, né? Eles gostava muito de botar nome bíblico.

A.C.: - É exato.

I: - Aí por isso.

A.C.: - É por isso. Ou então um nome assim parecido da família, pra; daqueles nome... porque tem muita família que botar (não entendi) do pai.

I: - Fulano bi... é... neto.

A.C.: - É.

I: - Bisteno.

A.C.: - É bisneto, é.

I: - É filho...

A.C.: - Exato é.

I: - Assim...

A.C.: - Exato, porque o sobrenome é... esse é que claro que tem, né?

I: - É.

A.C.: - Mas as vez bota o nome parecido. Que as vez o cara, como teve lá em Itapeipu, ele até morreu esse mano véi. Emanuel Cedraz. O apelido dele chama Cedraz Filho. Já é filho precisava ele bota (risos). Mas tem muitos que a... que coloca assim.

A.L.: - Estamos mais ou menos onde aí?

I: - A gente ta conversando aqui sobre...

A.L.: - A história dele.

I: - É, a história de vidas, essas coisas.

A.L.: - Eu queria que ele no... nos contasse também assim... se na época que foi pra escola. O que era que mais gostava de fazer lá nas aulas. Se as professoras incentivam a ler e que tipo de livro elas... mandavam ler?

A.C.: - Ah! A primeira que eu li, foi a cartilha.

A.L.: - Ah!

A.C.: - Que do ABC não tem... Demorava a gente aprender, eu já com 16 ano. 14 ano pra 16. Tendeu? E... as... era a professora que colocava a cartilha, porque a cartilha já tem o nome da... das coisa. Como borboleta, um... um gato. E pronunciar as palavras mais fácil, né? E o ABC não tinha, só aquelas letrinha miúda a, b, c. Era cantar, menino sorria. E depois e... e... era da tabuada, eu gostava, porque os menino contava, outros contava no dedo se perdia. Tanto vez tanto, aí tinha aquele que não acertava, bolo.

A.L.: - E das histórias que... que... que tinha assim na cartilha e de... depois da cartilha que... que foi lido e apren... que aprendeu a ler a partir da cartilha, essas histórias, que tinha as imagens, né? Junto pra ajudar a perceber.

A.C.: - Tinha muitas histórias que eu, até, já, me esqueci hoje...

(risos)

A.C.: - As histórias de... de menino, bem novinho que calçava bota. Aqueles menino bem traquino, né? Mas que eu não gravei. Muitos anos que... O meu tempo foi pouco também.

A.L.: – O tempo que passou na escola não é?

A.C.: - Na escola. Só que... 45 dia. Eu pegava de... das 7 às 9, mas tinha dia que 7 hora eu não tava pronto ainda. Tendeu? Não tinha tomado... tava lá luta na fazenda. E foi uma escola na fazenda que eu aprendi.

A.L.: – E... e... e da... da... depois que se mudou da roça, que veio morar aqui em Jacobina, morou em Itapeipu...

A.C.: - Foi vinte e cinco ano.

A.L.: – Né? Vinte cinco anos em Itapeipu. Qua... quais foram as mudanças que... o senhor percebeu mais, em... quando volta pra sua... sua cidade, sua terra. Ou assim... em relação a educação, acha que melhorou?

A.C.: - Ah! Melhorou.

A.L.: – Colégio...

A.C.: - Melhorou.

A.L.: – ... Como era a cidade antes? Como é hoje?

A.C.: - Porque eu já morava na cidade. Que na roça só conversava com gente da roça. Não sabia nada. A vez era analfabeto. Só sabia conversar coisa da roça mesmo, que eu sabia. Não tinha outro... outro objetivo. Na cidade sentava lá e ia conversar com o promotor. Ia carregar gado mais ele. Ali na história, ele conversava no caminho comigo. E aí eu ia gravando as palavras. Tirava com padrinho Ricardo na loja. Nois e a gente arrumava o nome. Que era escrivão. E aí a gente vai pegando qualquer coisa, né?

A.L.: – E... e hoje, quando o senhor volta lá em Itapeipu, o que é que o senhor vê de diferente em relação ao que tinha naquela época, o que tem hoje. Como é que tá a cidade hoje?

A.C.: - Ah, hoje tá muito diferente.

A.L.: – Hum. O que mais assim tá... o que o senhor vê de mais diferente? Que...

A.C.: - Eu acho diferente porque...

A.L.: – O que até lhe lembra alguns fatos?

A.C.: - Porque lá... você lá... você ia no correio. Tendeu? Tinha o correio. Tinha a coletoria. Você via o movimento do povo. A história batend... Máquina não tinha naquele tempo. Era na caneta. Tendeu? Chegava clube no salão, que tinha, aqueles... pessoal ia jogar biriba qualquer coisa, ia conversar assuntos. Sobre política, sobre qualquer coisa e tal. E eu ficava por ali. Ficava observando. Hoje, Itapeipu ficou velho, aí não tem mais cartório, não tem nada. Só sai aquele povo... lá... novo. Só conversa umas coisa que eu não deve pra ouvi

A.L.: – Me diga uma coisa e... e nessa época em que o senhor fala aí. Como era? Que tinha coletoria, que tinha é... é... cartório, que as pessoas escreviam, que não tinha máquina de escrever. Tem mais ou menos quantos anos isso?

A.C.: - Ah! Isso tem mais de ano.

A.L.: – Mais de...

A.C.: - Isso foi nessa faixa de... deixa eu ver...

A.L.: – Que ainda não escrevia... não datilografava, num... Lá não tinha ainda máquina de datilografar.

A.C.: - É... Que ano? Deixa eu ver mais ou menos. É muitos... muito ano daqui pra lá porque passei 25 ano. Era na época de...

A.L.: – Na década de...

A.C.: - De 62.

A.L.: – Ah!

A.C.: - Em diante, 62 até...

A.L.: – Nessa época o senhor percebia se lá em Itapeipu tinha biblioteca. Se... se as professoras é... incentivava o aluno, os alunos a lerem. Levava. Se na biblioteca tinha um lugar assim, que lia e tinha livro ou não tinha isso assim.

A.C.: - Não, não.

A.L.: – E hoje voltando lá, o senhor já vê se...

A.C.: -... Já tem, isso aí já tem a diferença, hoje. No... Tem o ginásio, já tem um ginásinho lá. Hotel. A organização é outra. Tendeu?

A.L.: – E assim... é... qual da... da época do senhor é... é... era digamos... adolescente, que brincava. Quais era out... as brincadeiras naquela época que o senhor mais...

A.C.: - Lá que eu ia pra Itapeipu?

A.L.: – Mais freqüentes, sim... Ainda é... são brincadeiras que ainda existem hoje ou são diferentes das brincadeiras de hoje? Como é que se organizavam pra fazer as brincadeiras?

A.C.: - Não. Lá nós brincava... era de... o pescado. Nos olhos d'água, naqueles tanque ali. Mais eu gostava mais era de pescar. Menino ia jogar bola também. Jogava bola. Brinca... brincava de bola. E (não entendi) a história é assim mesmo. Não tinha o que.

A.L.: – E não tinha o... assim, vocês faziam mesmo os brinquedos pra brincar? (não entendi) Naquela época brincavam de gude. De... de... de pipa. Tinha essas brincadeiras na... naquela época?

A.C.: - Era de pião. É. Brincava de pião. De gude não. Que a gente fazia umas linha. Um quadro. Botava o pião. Aí tirava aquele pião com um (não entendi) né? Brincava de pião e jogava castanha também. Fazia a coisa de pé agachado. Uma de um, outra de outro, com uma maia com tantos metro pra ver quem derrubava.

A.L.: – Ah! Tinha que atirar com as castanhas?

A.C.: - É. Fazia um buraco também (não entendi) chutava, cê jogava longe, quando ce acerta é que ele faz um buraco. Caía na sua mão assim. Eu não entendo dessas coisas.

A.L.: – O senhor, analisando hoje, o tempo que... o tempo que passou na escola, o tempo que né? Que chegou já... já ta na... com seus 67 anos. Analisando hoje, aquela época e a época atual. Qual é assim, a necessidade que o senhor tem em relação à leitura? O senhor acha que... que a leitura lhe faz falta em sua vida profissional, pessoal?

A.C.: – Não. A leitura é tudo. A leitura é que... tendeu? A criança pega... pega o livro pra ler, ele ta dedicando naquele livro não ta olhando pra outras coisa que ta passando.

A.L.: – Por exemplo, outras coisas?

A.C.: – É... é... exato.

A.L.: – Que outras coisas seriam?

A.C.: – Hoje já mudou, modificou outras coisas que naquele tempo não tinha. Hoje já tem. Umás brincadeiras muito diferentes (não entendi) a professora sabe explicar, as outras eram tudo leiga não sabia nada, sabia sim...

A.L.: – Eram leigas e sabiam menos que a de hoje?

A.C.: – É... é. Exato. É que hoje é tudo mais desenvolvido. Tendeu? Até as próprias crianças já sabe até ensinar a outra. Aqueles mais desenvolvido. Não é?

A.L.: – Se fosse assim pra... pra ler, pra... pra ler livros ou revistas, o que o senhor escolheria? Qual é o seu gosto? Gosta mais de ler o que? Se pegasse para folhear e ler. O que é que mais gosta de ler? Cartas, livros, revistas... revistas que falam de que? Qual a que o senhor mais gosta?

A.C.: – É, a... a revista que eu gosto de ler. Eu gosto de ler, que eu pego umas que tenha pasto, jornais. Eu só gosto de cultura, pecuária, é só. Porque eu já sei o início daquilo. Então eu já pego mais coisas, certo? O gado de raça, como eu li ontem. Raças que tem que alguém não conhece. E eu já conhecia várias e hoje eu já conheço mais do que... ver o tipo de raça mais nova. É como a pitanguera, ninguém conhecia. O touro de raça, o PO, o PC. O PO tem mais orelha. O Holandês. O Indo-Brasil que é uma raça do mais graúdo. O Userá. É gado de peso e graúdo. Tem o (não entendi). Tem o Quativi. Não é leiteiro, mas é pesado. Tem boi que dá até 300 kg. Com 600 kg, 40 arroba.

A.L.: – E dos programas de televisão que o senhor assiste hoje, na atualidade. Quais são os programas que o senhor mais gosta de assistir e o que é que eles lhe ensina? O senhor acha útil por que o senhor aprende o quê? O que é que ele faz refletir em sua vida?

A.C.: – Prontamente o que eu acho. Que eu gosto de ver assim é agricultura. Como é que pranta? Como é que aduba a terra. Como é que enxerta, certo? Mesmo porque na televisão tem muitas... e outras coisas. As prantas que a gente não conhece. Que conhece aquilo. Pra que ela serve.

A.L.: – Então qual é o programa que o senhor mais gosta de assistir? É que fale sobre... será aquele Globo Rural?

A.C.: – É aquele que... sobre... É o Globo Rural, assim. Globo Rural, Rede Vida. Ensina muitas coisa boa. A religião, essas coisa boa assim.

A.L.: – E, quando o senhor assiste, quais são assim as reflexões que o senhor faz? O quê que tira de proveito para a sua vida?

A.C.: – Ah! Muito que eu aprendo. Muitas coisas, as vez eu não uso que eu não tenho a condição de usar aquilo, mas que... sei como é a maneira de agir.

A.L.: – O que por exemplo?

A.C.: – Ora, a própria lavoura. Como é que pranta. Qual é a lavoura que produz mais. Como é a maneira delas produzirem mais. Qual é... de primeira qualidade. Como é que usa (bate na mesa demonstrando).

A.L.: - Quais são assim... em relação a leitura e cálculo, conta. O que é que o senhor mais gosta de fazer? Se for assim... pro senhor pegar pra fazer. O senhor gosta de fazer o que? Ler ou fazer conta, calcular ou o que é?

A.C.: – Não. É fazer conta tudo. É.

A.L.: – O que é que o senhor sente mais prazer em fazer?

A.C.: – É a... a conta mesmo. É uma das mais necessárias. Tendeu? Que em todo setor cai. A matemática.

A.L.: – Depois que o senhor, assim, aprendeu a ler. O senhor costumava a... ler outros livros e revistas ou aprendeu a ler, mas nunca mais pegou nada pra ler.

A.C.: – Não nunca mais me dediquei, sempre... sempre na minha época eu não lia porque eu não tinha tempo. E mesmo uma vez tinha de... quando eu vim pra Itapeipu tinha tempo de ler. Mas não cuidava daquilo.

A.L.: – E se quisesse ler, tinha facilidade de encontrar algum livro ou revista pra ler, lá em Itapeipu?

A.C.: – É uma revista... pode ler alguma revista. Que na revista a gente colhe muitas coisa boa.

A.L.: – O senhor ler a Bíblia ou tem um livro que o senhor pega pra ler?

A.C.: – Eu num... não leio muito a Bíblia porque... só as parte de có. Porque a letra é muito miúda. E eu, quando vou ler, eu leio as duas parte. Que até impata a vista e eu não tenho óculos pra ver, porque... cansa a vista. Quando eu vou ler uma coisa, eu vou separando. Aquela revista que eu... eu já dei uma olhada. Eu leio uma parte, canso, depois eu marco o lugar e quando é outro dia eu leio a outra parte, né? Que a letra é muito miudinha, aí impata (não entendi).

A.L.: – Mas acha... difi... uma linguagem difícil de entender ou acha que...

A.C.: – Não eu acho pela pronúncia da palavra vai... vai descobrindo até... a evolução que tinha antigamente. Hoje já é outra coisa. Já mudou várias coisas, não é?

A.L.: – Da sua infância e da dessa... dessa... desse momento atual, quais são as... os fatos que o senhor mais guarda na memória? Que pro senhor foi significativo?

A.C.: – Bom, praticamente o desenvolvimento é a prática, né? Que apareceu muitas coisas moderna. Mesmo, a leitura mesmo. Que não tinha antigamente.

A.L.: – E, assim, de... de sua vida, da... de... da sua vida, da infância, da adolescência, das brincadeiras, depois que chegaram a mocidade. Qual foi? Quais foram, assim, os fatos as lembranças que... eu ainda guarda, assim, na memória. Que... que fazem o senhor recordar da... daqueles momento vividos. É de amigos. É de parte da história que aconteceu, que mudou o rumo do país? O que... o que mais lhe... lhe deixou marcado e que o senhor lembra?

A.C.: – Ah! Deixou mesmo, isso que eu tô falando. Sobre agricultura. Naquele tempo não tinha uma pessoa que... que indicasse como é a lavoura, né? Tem gente que cuidava. Que plantava lá banana a torto e a direito e tal. Não sabia (não entendi). Hoje já tem. E ta na televisão. O jornal. Ora, vem de Juazeiro. São Francisco, certo? Sai tudo, sai o peixe. Ali é o gado. É fazenda (não entendi). Tem animais, como é? E tal. A raça e tudo. A gente vai pegar, ler e ver como é. Tudo é bom.

I:- Antes tinha... o senhor contava assim com... assim com meio de comunicação, por exemplo, porque agora tem mais, né? E antes é... porque o senhor morava na roça. Tinha é... algum contato, assim.

A.C.: – Não. Algum contato eu tinha, é quando eu... quando eu encontrava com um amigo...

I:- Se recebia revista...

A.C.: – ... Que morava num lugar mais desenvolvido. E disse: Rapaz, eu fui em tal lugar. Eu peguei uma exposição e tal. Mas a exposição, ninguém falava naquela época. Feira de Santana, outro lugar, era minas Gerais. Não chegava pra mim.

A.L.: – Ma..., mas na sua... na sua... na cidade que morava, assim, costumava ouvir rádio, pra saber as notícias as... que tava acontecendo?

A.C.: – Não.

A.L.: – Não.

A.C.: – Não. Na minha infância, não. Não existia.

A.L.: – Não havia rádio?

A.C.: – Não. Vi um radinho, muito... muito tempo, quando eu vim prontamente pra Itapeipu.

A.L.: – E... e das coisas...

A.C.: – De 60 pra cá.

A.L.: – É por exemplo, do que ta acontecendo hoje, do país em relação a emprego. Em relação a economia, política. O que... o que é eu o senhor acha que precisa melhorar, o que é que o senhor acha que é preciso melhorar, o quê que o senhor ta achando que não ta bom no país da gente.

A.C.: – Bom. O que precisa melhorar é a política, porque... política é o seguinte; você olha tantas coisas que tem necessidade da política e o político não faz, certo? Ele não olha pra... pra progresso, pra fazer alguma coisa de bom pro pobre, um emprego, até na nossa cidade mesmo. Eles só querem da emprego a quem já tem. Tendeu? Não olha pra fazer um. Vamo fazer aqui um... uma fábrica de... de extrato de tomate, qualquer coisa que serve tomate adoidado, vamo aproveitar isso, dá trabalho aos pobres, ta cheio de serviço, fazer... manual, né? Que os pobres tão morrendo de fome. Vai dá a... uma cesta básica e come numa semana. E no dia-a-dia o que ta ganhando ali ta... tendeu? Vamo abrir aguada nesses meio seco aí. Vamo botar uma parte toda de trabalho manual, pra dá emprego ao povo.

A.L.: – Então pro senhor é, assim, o que ta mais... difícil é o desemprego e a falta de oportunidade para todos.

A.C.: – É, é exato, perfeitamente. Você...o povo fala da reforma, eu sou contra, por o que tão fazendo. Isso é um absurdo! Os sem terra é... tem gente dentro ali que tem fazenda. Por... você tem sua fazenda, é, você tem sua fazenda. Você é caprichosa, faz uma série de benefícios, cria todo tipo de raça . Vaca é aqui, uma boiada aqui. Tem seu trator pra seu... desenvolver sua fazenda. Abre poço, faz uma barragezinha pra ter as sua coisa que você gosta. A fazenda é organizada. Os sem terra se acampa quebra a cancela, pega trator, quer ir pra dentro dos benefícios de terra, por que não vai pro mato lá, armar uma barraca lá no mato. Diz, eu vou trabalhar pra tá lá.

A.L.: – Mas sem terra? Sem ter a terra?

A.C.: – Mas eles não querem ir pro campo. Eles sonham invadi, querem invadi o que já tá feito. Num tá vendo os sem terra como é . Que tão matando gente.

A.L.: – Sim, mas eles querem encontrar a terra fazer isso que o senhor tá dizendo.

A.C.: – Mas, ele não querem dizendo que vão invadir não querem. Eles querem entrar nas coisa beneficiada.

A.L.: – Procuram as terras que não vê...

A.C.: – Ah! Eu quero...eu mesmo se tivesse aqui. Eu queria, dentro da minha possibilidade, essa terra aqui é sua, cê vai pagando parcelado, cê vai é produzindo. Fazer sua roça, pra criar suas galinha, seu aipim, sem arado, tudo. O senhor vai pagar parcelado. È essa que é reforma, não é tomar a terra dos outros, não. Que ninguém tem terra pra lhe dá, certo? Mas tem terra aí, que o fazendeiro tem 2000 tarefa de terra, só tem 200 produtiva, a outra é do campo aí. Como eu conheço lá em Itapeipu (não entendi) fulano é rico, uma pessoa que não tem nem 200 tarefa de capim.

A.L.: – E nem bota ninguém lá pra...

A.C.: – Nem bota pra dentro. Nem arrenda nem faz nada. Pronto. Tendeu?

A.L.: – Então nesse...

A.C.: – O pobre que trabaia, mas não tem. Eu mesmo se achasse um pedaço de terra. Não, muito. Que eu vi... pra entrar pra trabaia. Eu queria trabaia. Criava uma vaca, pranta um pé...de...de... pranta uma fruta. Fazer um ranchinho lá dentro e mora lá dentro, pra trabaia. Só que adoro roça, mas não tenho condição pra comprar. O rico não arrenda. Tendeu? Nem pranta, nem ele colhe e nem a gente.

I: - Nem deixa os outro.

A.C.: – É. Tendeu?

A.L.: – Me diga uma coisa, em relação é...é que o senhor aí analisou co...como é que ta mesmo agora...

A.C.: – A situação.

A.L.: – A situação atual. E...e como de... da época que... da sua época de jovem, pra... pra hoje a... a... assim hoje na maturidade. O que é o senhor acha que houve de melhora e qual foi, assim, o fato que marcou a vida do senhor. Que o senhor lembra de aconte... de um acontecimento que foi marcante pra história do país ou do mundo. E que... assim, lhe faz lembrar de... de refletir, assim o próprio país.

A.C.: – Bom. Uma vez, entrou um governador (não entendi) que fez... ajudou muitas coisa, mas outro como esse... Porque hoje vê, antigamente, cê não ouvia falar nessa evolução, nessas coisa de briga, que queria invadi coisa dos outro. O cara tinha um ranchinho dentro de casa ali, morava dentro da propriedade dos outro, fazia uma casinha de palha. Ali ele ia trabalhando, dividia a semana, o ganho pra comprar um quilo de açúcar, mas ali passava o que tinha, um pezinho de mandioca, fazia a farinha dele, tinha

um aipim, tinha uma abóbora e ia vivendo daquilo com sua família sem aborrecer ninguém. Hoje já é muito diferente, o cara quer... Se o patrão dá um pedaço de terra, ele quer tomar. o patrão não quer dá mais terra pra ninguém bota roça porque o cara as vez não quer trabaia, se apudera tantos mês ali dentro já tem o direito.

I: – Só passou 6 meses.

A.C.: – É, é, ai já pensou de fazer mal aos outros e aí ficou muito difícil, porque o pobre não pode comprar a terra pra trabaia. Os outros não arrenda. Tendeu?

A.L.: – E sem oportunidade da terra, não tem como produzir.

A.C.: – Não tem como produzir.

A.L.: – Não é possível se nessa situação atual...

A.C.: – É. Aí fica difícil pro pobre. Antigamente não tinha, você não via esses negócio de sem terra. Não, hoje...tem muita gente envolvido que tem.

A.L.: – Envolvido no movimento dos sem terra?

A.C.: – Do movimento. Tem. Que tem terra e tem tudo e vai lá pra podê adquirir, pra vender aquele imóvel que eles recebem pra dá pra outro.

A.L.: – Então, é...é...assim como tem muita gente que precisa, o senhor acha que tem outras pessoas envolvidas que acabam é... deixando com que o movimento fique...

A.C.: – Em greve.

A.L.: – A imagem do movimento acabe sendo, também, de certa forma maculado...

A.C.: – É, que nem uma greve aquilo.

A.L.: – Por que nem todo mundo vai acreditar que o movimento sem terra é, que realmente esse trabalho. Que a maioria quer.

A.C.: – É.

A.L.: – Mas o senhor acredita que...

A.C.: – Como é a maneira como eu vi em Santa Luzia ali. Eu viajando pra Queimado, muita gente antigamente fazia aquelas casa do governo. O governo financiava. Você tem quanto filho. Não, se tem condição de quantas tarefas? Dizia: 80 tarefa. Aquele fazia a casa, dava certo. Vá trabaia cê tem dois ano de garenha pra pagar a primeira parcela. Quê dizer que daqui a dois ano cê ia produzir a mão de obra, fica aquela rocinha dele todo... (não entendi) você podia paga um arrado ou um cachorro pra fazer aquilo. Toma um arrado de boi, um burro (não entendi). e esse dele beneficiário pagava mais 80,

comprava uma alejadinha e passava por cento e tanto. Desenvolvero. Mas é que eles entrava pra trabaia e cuida mesmo, não é querer passar aquele negócio pra outro, pra pegar meu dinheiro e... e gasta fazendo mordomia, só assim trabaia. Eu observei muito isso, mas depois caiu esse projeto poque muitos pagava, outro não pagava. Um produzia outro não produzia. Aí ficou o negócio de malandragem.

A.L.: – Me diga uma coisa, no... no...na sua época de juventude é... quais eram a... as festividades, que o senhor ia. É... com... Qual era a música daquele momento? O que é que o senhor...

A.C.: – Gostava na música? Ah! Eu gostava de festa. Não perdia uma festa boa, não. Em Itapeipu. Que via aqui o... o...a banda daqui pra Itapeipu, de Riachão, Miguel Calmon. Eu não perdia uma. Me preparava pra aquela festa de São João. Tudo era de terno e gravata, se não tiver... tinha gente daqui de jacobina Artur de Iazinha, vinha outro que era rico. Não, paga algum... zero valor, mas quero entrar, não entra, aqui tem ordem. Amado ontem que botou essa ordem. Você quer um paletó? Lá em casa tem e gravata tem...

A.L.: – Ah! Só entrava com a roupa que era...

A.C.: – Era todos iguais.

A.L.: – Isso na festa de São João?

A.C.: – (não entendi) festa. Seresta essas coisa.

A.L.: – E quais eram as músicas mais tocadas na sua época? O Senhor ainda lembra?

A.C.: – Era seresta.

A.L.: – Seresta?

I: - E os cantores, assim, também ?

A.C.: – Tinha cantores também.

I: - Cantores de Forró? Daqui?

A.C.: – Era seresta.

A.L.: – Que ainda hoje canta?

A.C.: – Lá ia sanfonero. Tinha um palco, lá, tudo. Hoje canta, tem também, mas as música que a gente cantava era forró de São João. Que é essas músicas que nois cantamo aqui de brincadeira. Aquelas que já existia. Essa música velha. De seresta. Essa música nova hoje, que aparece aqui hoje, não tinha.

A.L.: – Quais eram naquela época as músicas mais tocadas e as mais famosas, assim.

A.C.: – As músicas de Nelson Gonçalves, certo? Violão, (não entendi) e vários lá. Seresta, quando começa um vai chegando outro, né?

A.L.: – E qual era o cantor daquela época além de Nelson Gonçalves. Quem mais, assim na época (não entendi).

A.C.: – Os mais conhecidos era Roberto Carlos, Nelson Gonçalves. Que era os mais conhecido.

A.L.: – E... e.

A.C.: – Jeri Adriano.

A.L.: – Ah! Jeri Adriano, também.

A.C.: É. Antônio Marcos. Tem música dele que eu sei... de cor, sei.

A.L.: – Qual é a de Antônio Marcos que o senhor mais gosta?

A.C.: – É. Hoje estou tão triste, Precisava tanto conversar com Deus. Eu acho a letra bonita. Fala dos meu problema, talvez eu confessar todos os segredo meu, saber da vida, procurei porque ninguém me respondeu, se a felicidade existe realmente ou é um sonho meu.

A.L.: – O senhor acha a letra muito...

A.C.: – Bonita.

A.L.: – Bonita. O que é que essa letra...

(fita 2)

Ana Lúcia: - Falando que... é... na... no... de uma música de Jeri Adriano. Não, Antônio Marcos...

Atáide Cosme: - É, Antônio Marcos e Jeri Adriano.

A.L.: – Né? Que gostava...

A.C.: - Que a de Jeri Adriano é Vamos viver essa noite, a noite mais linda do mundo, felicidade não existe, o que existe é momentos felizes. Quem não tem a ver... Toda felicidade. Cê tá aqui, depois, vem uma coisa lhe contrariar, naquele momento. Cê tira daquela música. Porque a música, eu acho que é a melhor coisa. Quem não gosta da música, não gosta de Jesus, porque cê tando ouvindo a música, cê tira tudo... Coisa ruim da memória, só tá ouvindo...

Ingrid: - Até cantando, né?

A.C.: - É, até cantando. Cê não tá ouvindo palavrão de alguém. Tendeu? E aí cê não tá ouvindo aquilo, e se cantar tira tudo da cabeça. Só ligado naquilo.

A.L.: - E... e me diga aí, quando o senhor falou da... desses cantores, mas o senhor se lembra nessa época dessa (não entendi) das festas, dessa época do senhor... de que tinha forró...

A.C.: - É

A.L.: - ... E teve algum... alguma banda, alguma orquestra que era famosa na época, que até hoje ou... não mais, estão fazendo sucesso?

A.C.: - Tinha... tinha. A 2 de Janeiro mesmo que era boa, que era conhecida aqui. Tinha... que ia tocar, também, outras duas era que ia tocar lá em Itapeipu. Cacique.

A.L.: - Hum! Aquele conjunto.

A.C.: - É o conjunto, que tem o outro que saiu. É... cajueiro. É... debaixo dos caracóis, essa música saiu lá, eles tocava. E depois os Cantinhoabes de Sergipe. Bispão de Feira de Santana (não entendi).

A.L.: - Mais ou menos em que década, eles faziam sucessos esses Caciques?

A.C.: - Esses aí, era na base, deixa eu ver... 58. Essa faixa dos 55 a... até 60,62 até 65 pra 90 depois foi caindo ai eles não foram mais. Não foram crescendo também. Mais os sanfonero, era Curitiba, que era muito famoso daqui. E tinha um... uma banda muito famosa de Miguel Calmon chamada Carrapicho, que tocava...

A.L.: - E de cantor...

A.C.: - Itapeipu criou uma banda.

A.L.: - Foi?

A.C.: - Foi. Foi a banda de Jacobina tocar em Itapeipu e Itapeipu ganhou. Foram de carro de boi. Vieram praqui de carro de boi. Não tinha transporte, não, naquele tempo. O carro de boi pegava... todo fazendeiro de lá tinha um carro de boi, vinha pegar mercadoria.

A.L.: - Aqui em Jacobina?

A.C.: - Em Jacobina. Trazia mamona, coisas pra vender aqui e voltava carregando mercadoria.

A.L.: - E essa banda de Jacobina, era uma banda que tocava músicas de serestas de...de...ou era uma...

A.C.: – É. Tocava músicas de micareta.

A.L.: – Ah! Micareta ?

A.C.: – É. Forró. Toda música.

A.L.: – Era formado por pessoas de lá de Itapeipu mesmo?

A.C.: – Era. Seu Argenário. E o professor chamava Brasilino. Professor Brasilino que ensinava tudo.

A.L.: – Que... que ensinou...

A.C.: – Ensinava música a gente, lá em Itapeipu. Quem quisesse aprender, aí Anadison tocava saxofone, mas vê que é tão velho, que eu não lembro de Licinho, é... Argel. Era dois irmão, Argel e Argenário Zesário.

A.L.: – Isso na década de 58?

A.C.: – É, 58 mais ou menos. Nessa época.

A.L.: – E, da, e... o senhor ouvindo as músicas de hoje. O senhor sente diferença em relação ao...a... essas músicas que o senhor tá lembrando aí?...

A.C.: – Não. As mais velha é melhor que algumas dessas de hoje. Essas músicas de hoje as melhores que tem era as que saia antiga, lá dessa época. Eu sei outras mais novas, certo? Mas é de Roberto Carlos, esses cantores que (não entendi).

I.: - O senhor chegou a escutar aquele... como é? Aquele cara que tocava, que era bem conhecido e tocava no...no arcodeon. Não sei, assim... daquela época, as pessoas sempre falam dele.

A.L.: – Na época de São João,o senhor... o senhor ouvia muito o forró de Luiz Gonzaga?

A.C.: - Ah! Ouvia. Luiz Gonzaga, eu ouvia. Luiz Gonzaga, eu gostava de baião. Luiz Gonzaga, o rei do baião .Conheço música dele (não entendi) eu gosto.

A.L.: – Naquela época, o que tocou muito dele?

A.C.: – Xeu vê... Mandacaru. E outras, e outras de Luiz Gonzaga. Quando morreu o gado dele todo ele cantou uma. A falta d'água , perdi meu gado, morreu de sede meu alazão. Tocou um cavalo que ele tinha, aí ele foi morto.

A.L.: – E retrato,né?

A.C.: –É, retrato. Ele foi vendendo, vendendo e foi embora num pau-de-arara. Tendeu? Levou um papagaio dele, um gato.

I.: - Eu tenho uma tia que toda vez que ela escuta essa música, ela chora.

A.C.: – Ah! Essa música é tradicional.

I.: - É que é a história da vida dela.

A.C.: – É... é.História de Luiz Gonzaga, o rei do baião.

A.L.: – E, ele canta, mas quem faz o poema é Patativa do Assaré. E... e...

A.C.: – É. E...e (não entendi) também era de lá. (não entendi).

A.L.: – Isso. Que toca, mas também comove.

A.C.: – É.

A.L.: – Se o senhor não vivesse aqui no nordeste, o senhor é... teria vontade de viver em que outra região? Ou o senhor não trocaria o nordeste por outra?

A.C.: – Não.O nordeste... de outra vez se eu tivesse uma condição, ficaria por aqui mesmo. Tinha uma fazenda e pronto.Eu viveria por aqui. Agora passeando também, tinha. Eu tenho vontade de ir é pro Pantanal, essa... meio de... Rio grande do Sul. São Paulo não. São Paulo não que é de fábrica. Só se fosse pro interior, aquelas fazenda bonita que tem no interior. Mas não na capital. Minas Gerais que eu tenho vontade de ir. Que é a terra produtora de gado. Uberaba... Itapetininga...

A.L.: – E aqui no nordeste embora... na época da seca, os gados nordestinos sofrem, de viver de acordo com a seca. Mas assim o senhor gosta do nordeste, acha também que o nordeste tem muita beleza.

I.: - E também, é a seca, né?

A.C.: – Tem... tem. É que o pessoal do nordeste... todo o pessoal do nordeste... se não existisse seca, como hoje já tá melhorando por causa das barragem. E o além de ser inteligente, são todos trabaiador. Ou em pecuária ou em lavoura. Eu já andei em Pernambuco, vi a fábrica que tinha de algodão, ne fazenda, maquináro. O cara (não entendi) de milho. O algodão lá saia e o caroço pro lado, já preparado pra ração. A ração de algodão. E usavam só a lã. Cada um maquináro largado ai. Poá causa da seca foi acabando. Eu fui numa fazenda e vi o maquináro, oxé, como daqui lá na fazenda de... detrais daquela... tudo largado ali. E a seca foi acabando, 2 ano, 3 ano de seca e não tinha como, não é? Não tem como viver daquilo.

I.: - Na década de 60 sei que teve uma década... uma seca...

A.C.: – Foi em 61.

I.: - Muito... muito dura, mesmo. O senhor teve algum problema aqui, com o senhor ou teve algum conhecimento?

A.C.: – É, aqui teve. Teve também aqui de... Mas aqui, sempre os terreno daqui, sempre passa dois ano de seca e não morre bicho nenhum. Hoje o pessoal tá mais se dedicando porque ninguém dava ração. Hoje cê pranta o milho e faz fio. Cava o chão, tendeu/ Pega o milho com espiga, com tudo. Se quiser pode dar pros filho. O milho já dá... (não entendi) e faz os fio. Cava aqui, um varete todo em volta, enrosca assim, pega o prato corta, coloca tudo, só não pode botar é molhado, ta enxutinho, corto, boto ele todo arrumado, ai depois cobre o prasco e não deixa entra lugar de entra água e faz aquela trincheira como uma cova de defunto, aqui. Pronto, a água vem dali, bate, encaixa ali e não molha nada. Ce tem comida arnazenada pra suas 50ou 100 cabeça de gado que cria num ano. Tiver seca de um ano, cê tem comida guardada, certo? (não entendi) não morre nada.

A.L.: – E no frio coloca- se também (não entendi) ou só milho?

A.C.: – Não, só milho.

A.L.: – Só milho?

A.C.: – É. Milho, capim elefante. Milho com pé com tudo. E o capim elefante, aquele capim que coça.

A.L.: – Quando o senhor é... vivia com sua mãe, que ainda era... ainda era menino. O senhor tem lembrança assim... se sua mãe lhe contava história assim... lhe contava, assim, alguma história, algum causo. Da região ou... ou.

A.C.: – Contava.

A.L.: – Contava, assim. E... e, que tipo de história?

A.C.: – Contava e o meu pai também contava.

A.L.: – Naquela época, contava...

A.C.: – Teve uma seca, meu pai pro sul em 32. Eu não era nascido. Andira é que era. Minha mãe ficou esse tempo todo de pé. Não tinha carro ali certo. Mas o... pai de... Julieta, uma turma de gente. Tinha... tinha chuva, nois tinha dinheiro. Não tinha renda de nada ali. Só tinha lavoura. Da lavoura tinha o que comer, ali (não entendi) uma batata. Meu pai foi pro sul e passou 6 meses. Pensou de vim embora, começou o tempo bom e votou pra casa.

A.L.: – E ele foi pra que cidade no sul ou foi pra roça?

A.C.: – Ele foi pra roça. Parece que foi aqui pra o sul da Bahia. De Itabuna de... para roça, para fazenda.

A.L.: – Na época que o senhor era menino. É... e tinha, tinha também é... aquelas brincadeiras de cantiga de roda, de folclore. Brincavam muito... desse...

A.C.: – Brincava. Um pegava um, uma cama daquele que quando terminava aquela parte, eu ia chamar o outro. Fazia a roda.

A.L.: – E as cantigas de roda, o senhor vê hoje as crianças brincando ou as brincadeiras já, hoje, estão diferentes dessas...

A.C.: – Tão diferente.

A.L.: – Brincadeiras. O senhor, hoje, que já tem netos, vê seus netos brincando de roda, de pipa, de pião, de... dessas brincadeiras.

A.C.: – De pipa, esses negócio, tinha sim. Tinha (não entendi) nois chamava de raia. Fazia com (não entendi).

A.L.: – E hoje, o senhor não vê os seus netos brincando com esse tipo de brincadeira?

A.C.: – Não, vejo. Outras brincadeiras que nós brincava também, como é... nós brincava lá mas não tinha ninguém pra comprar, era com couro de osso de mocotó. Fazia o boi. Aquele ossinho que eles tiram assim. E (não entendi) tinha um bodinho velho, um bodinho pra brincar.

A.L.: – Aqui agora não tem mais?

A.C.: – É. A coisa já modificou mais, que antigamente não tinha. A gente brincava de maracujá. Separava limão, maracujá, tudo de fruta assim pequena.

A.L.: – Pra fazer a brincadeira?

A.C.: – É a brincadeira. E cavalo de pau, os menino brincava muito também.

A.L.: – E me diga uma coisa. É... lembrando aí o que o senhor já falou dos seus pais, da época que... que foi criança, que morou lá na Água Branca, depois foi pra Itapeipu, casou já com seus 20 anos, já... já...

A.C.: – 26.

A.L.: – 26?

A.C.: – E sua mãe com 22.

A.L.: – Saiu de casa somente quando casou?...

A.C.: – Foi.

A.L.: – Ou os seus pais não...

A.C.: – Antes de eu sair, eu tinha vontade de sair. Não sai por causa dos meus pais.

A.L.: – Eles lhe proibiram?

A.C.: – Não, era porque, eu é que dava o sustento. A minha mãe trabalhava, trabalhava também, todo mundo. Minhas irmã trabalhava todo caminho, nois fazia roça pra nois, tudo bom de cara. Eu não vô...

I.: - O senhor era o filho mais velho?

A.C.: – Não. O mais velho era mulé. Era Andira, sou o segundo.

I.: - Mais alguém...

A.C.: – É o homem mais velho. Só tinha dois homem. Só é dois homem, eu e outro.

A.L.: – Qua... quais foram pro senhor as li... a lição que mais o senhor guarda até hoje de ensinamento de seus pais, que... que pro senhor foi que marcou sua vida, que...

A.C.: – Ah! Meus pais... meus pais, o seguinte, me ensinaram, a todos nós sempre não mexer com velho, nem bolir em coisa de ninguém. Se o menino chagasse com um brinquedo ou uma lata veia. Da... da vizinha, que... namorada eu tinha uma fila de casa, tudo de família, tudo parente. Casa de farinha da comunidade. Todo mundo que fazia farinha pagava mais barato.

A.L.: – Isso lá na Água Branca?

A.C.: – É. Perto lá de casa. Se nois ajudasse o povo que tarefa. Com carroça de pau assim, manual. Cantando batuque. Os mais baixo botava uns seco, outros lá. Só que não queriam papo. Aí, eu (não entendi) terra...

A.L.: – Trabalhava cantando?

A.C.: – Cantando. Eu... podia... Tinha uns seis caras aqui de manhã. Tinha Zé Galo, pai de (não entendi). Tocava todo final de semana. Ele fazia a melhor carraspada (não entendi) de galinha puxa. E ele vinha toda sexta-feira. E nois é quem ralava toda a mandioca e mexia tudo.

A.L.: – Então, sempre trabalhava pra ajudar os pais?

A.C.: – Como é?

A.L.: – Sempre trabalhava?

A.C.: – Sempre trabalhava pra ajudar os pais. Todo mundo ia (não entendi). Cada qual. Outro prantava a maiada de fumo ia pra casa a noite. A noite ia pra lá pra casa. No outro dia, fazer 3, 4 bola de fumo (não entendi). Contava história até 9 horas da noite e tal. Ia embora. Na outra semana, quando pensar que não, vamo pra casa de fulano de mãe véa. Depois chegou (não entendi), depois seu Nê. Tudo ali. Nois tinha uma roça que trabalhava no mato. Vinha 10, nois aprontava um mocotó, matava um frango, que galinha tinha aí.

A.L.: – Ah! Fazia mutirão?

A.C.: – Fazia mutirão. Pra semana vamo limpar a roça de fulano. Ninguém paga dinheiro pra ninguém.

A.L.: – E antigamente chamava mutirão mesmo ou chamava...

A.C.: – Era mutirão mesmo. Era digitoro.

A.L.: – Ah! Digitório.

A.C.: – É. Limpar o tanque. Quando secava a água da gente bebe, todo mundo ajudava. Era a pé. Era daqueles cestinhos, balainho. E... e a vez não tinha, só tem aquela funda, fazia aquela estaca de barro. Cada qual com baldinho de barro, jogava pra um, jogava pra outro, jogava fora. Ali era uma brincadeira.

A.L.: – Então... assim... é... pelo que o senhor me contou, além da solidariedade, todo mundo ajudava todo mundo.

A.C.: – Todo mundo.

A.L.: – É, quando (não entendi)...

A.C.: – É, exato.

A.L.: – ...Mas ao mesmo tempo é... assim... o que colhiam, trocavam entre si?

A.C.: – Não

A.L.: – Ou vendia uma para outra ou como era?

A.C.: – Ou vendia. Os produto vendia, mas todo mundo tinha as coisa. Quem não tinha uma vaca, o outro tinha. Nois tinha umas 5 vaca tirava, tirava 10 litro de leite. Todo mundo que não tinha vaca e outro. A maioria no rancho tinha. Quem não tinha, queria leite tirava. A banana, perdia lá os mamão e o vizinho falava to perdendo tudo. Tudo, ninguém vendia nada, não.

A.L.: – E de qualquer sorte, cuidava do vizinho (não entendi)

A.C.: – Cuidava do vizinho, leva pra fulano, é.

A.L.: – Ai, mandava. Digamos o que você não tinham, vocês iam pedir

A.C.: – Ia pedir. Mãe levava... porque o jeguinho... tinha um pessoal e ela levava pra feira pra trazer uma lata de querosene. E tanta delícia. Tanta aquela latinha, delícia. E levava cheia de fruta e leite pra dá ao povo. (não entendi) E vinha gente pra ajudar nois tafefar, pra levar beju.

A.L.: – Quando juntava pra limpar, como o senhor falou, que limpavam o tanque com aquele...

A.C.: – Balainho.

A.L.: – Com os balaios, quer dizer... é... é... tirar a sujeira e...

A.C.: – A lama.

A.L.: – É a lama

A.C.: – (não entendi)

A.L.: – E (não entendi). É... o senhor disse que... que era uma verdadeira festa (não entendi).

A.C.: – Era uma festa era. Juntava 10, 12, 15 pessoas.

A.L.: – E todo mundo trabalhava e era mesmo tempo uma brincadeira. O trabalho...

A.C.: – Brincadeira. É.

A.L.: – Não era uma coisa enfadonha, fazia que nem notava. Quais músicas eram que gostavam de cantar enquanto trabalhavam?

A.C.: – Logo, propriamente, na limpeza do tanque não cantava música, só quando era pra fazer a roçagem, que era de junto, cantava. Era bom. Um (não entendi). Era muita música e tinha gente... no batuque, tinha outro (não entendi). No pilão também, precisava de 4 para pisar o café. Você tinha que dar uma pancada, o outro tirava e você (imita o som do pilão). Mas era bonito rapaz! Agora.

A.L.: – Ah! Todo mundo (não entendi) era bonito. Eles cantavam.

A.C.: – Cantavam, soprando café e tudo.

A.L.: – Eram assim como um grupo de roda, quadrilha, era tudo?

A.C.: – Era mais ou menos como grupo de roda. Um fazia... um falava outro respondia.

A.L.: – Como trova?

A.C.: – É como trova, né?

A.L.: – Mas o senhor não lembra nenhum?

A.C.: – Não lembro mais.

A.L.: – E... e me diga uma coisa. É... e quando se juntaram fazendo o (não entendi). Todos... todos trabalhavam junto, todos os outros irmãos, todos os meninos de... todos os filhos dos outros também. Então, não tinha escola ali por perto, ninguém ia pra aula?

A.C.: – Não.

A.L.: – Ninguém estudava?

A.C.: – Ninguém estudava.

A.L.: – Seus irmãos também não estudaram, não?

A.C.: – Meus irmãos foram pra Cachoeira Grande, estudar. Neidinha, Zefinha e Joãozinho e Juaninha. Agora eu já trabalhava, eu já tomava conta de fazenda, não podia ir.

A.L.: – Então os outros irmãos seus, ele botou na escola?

A.C.: – Já foi na escola. Já tinha escola em Cachoeira Grande.

A.L.: – E Cachoeira Grande ficava a quantos quilômetros?

A.C.: – Meia légua.

A.L.: – Meia légua? De...?

A.C.: – De... de...

A.L.: – Da roça de Água Branca. Então lá já tinha escola?

A.C.: – Já tinha escola.

A.L.: – E todo... e eles aprenderam ler. E gostavam de ler, traziam histórias que contavam de noite.

A.C.: – Trazia... trazia... trazia livro. História contava lá, lia as coisas.

A.L.: – Nesse... nessa época que... que eles estudavam lá em Cachoeira Grande o senhor notava se... se assim... se um gosto especial mais, assim, pra contar histórias ou era pra declamar poesia. Iam, assim, vendo seus irmãos, quando estudavam, demonstravam um gosto e... de contar essas coisas. Contavam?

A.C.: – Contava pra outro. Contava história.

A.L.: – Da escola.

A.C.: – É. Da escola, como era as brincadeiras deles lá. Tinha catecismo, tinha reza, tudo de reza.

I.: – Agora. Quem é que ensinava, assim, tudo de reza pro senhor? Ou vocês decoravam?

A.C.: – A professora. E minha mãe rezava também. Minha mãe tempo de... de... Era tempo de Semana Santa ela rezava, a noite em casa e tinha o acompanhamento de por todo assim,. Minha mãe rezava lá e acompanhava todo mundo rezando. Sempre tinha...

I.: – Lá tinha livros, assim, de rezado, sei lá?

A.C.: – É, tinha o livro de rezas. Tinha o catecismo.

I.: – O catecismo.

A.C.: – As moças rezava...

A.L.: – Além das rezas que faziam nas casas é... na sua... na sua região quando senhor, também, era rapaz ou menino existia aquela festa dos reis?

A.C.: – Existia.

A.L.: – De ir cantar?

A.C.: – É. No dia 6 de agosto (não entendi) Todo homem ceava na casa do rei. E as mulher acompanhava.

A.L.: – E todo mundo dava o que tinha condições...

A.C.: – É. E dava um presente ali. E tinha um... um palhaço e a... Tendeu? Ai cê guardava uma coisa pra da ele, ou em dinheiro ou qualquê coisa, um frango, uma galinha um negocinho.

A.L.: – O pessoal do reisado?

A.C.: – É. Ia juntando. Tá certo? Depois eles fazia uma festa na data no seminário do rei, fazia assim...

A.L.: – E sempre

A.C.: – ... O povo era muito católico lá, todo mundo rezava, ensinava a gente a reza. Ó, lá em casa menino tinha que aprender a reza, minha mãe ensinava.

A.L.: – Por sinal, sua mãe era católica, né? E seu pai também sempre trabalhou foi de roça, então o senhor ficava é com sua mãe, não é?

A.C.: – De roça. É. Meu pai trabaioi foi 42 ano numa fazenda nessas... 42 ano. Fazia cerca (não entendi), toda cerca foi meu pai que fez. Ainda tem cerca feita por ele. (não entendi) derrubava a madeira, lascava cada gaiona desse tamanho, gaiona não, era maçaranduba. Eu mesmo que era pequeno botava assim, aquelas cunha de terra, aqui

(faz o jeito) tava seguro. A marreta era um pau que não tinha um gancho e não lascava pra bater, suspendia o maior peso pra bater naquela coisa, até rachar. Eu fui crescendo, fui trabaiano puxando, que era menino nesse tempo não trabaia. E eu fui pegando e fazendo qualquer coisa. Carregava um leite. Saia de boi.

I.: – E agora, assim, na adolescência do senhor é... o senhor estava conversando nesse instante falando das namoradas e eu fiquei com curiosidade é... o senhor escreveu muita carta de amor? (risos)

A.C.: – Não era muito de escrever não. Queria vê catar o nome. (risos)

A.L.: – E não mandava um bilhetinho?

A.C.: – É, manda um bilhetinho. De vez em quando mandava um bilhetinho.

I.: – E era o senhor que escrevia ou pedia ajuda alguém?

A.C.: – Eu mesmo escrevia. Tendeu? Mandava de vez em quando. Namorava...

A.L.: – Mas os...

A.C.: – ... porque a gente...

A.L.: – ... namoros escondidos?

A.C.: – ... morava na roça, mas tinha Cachoeira Grande que tinha um rio. A gente ia sempre de tarde. Pra tomar um banho de rio, da banho em cavalo, botar (não entendi) pra nada. E lá ficava, jogando sinuca e tal. Uma namoradinha por aqui. Toda semana, a gente ia duas vezes por semana, agora, no domingo é que ficava até mais tarde. Tinha o ceguinho e aí fazia matinê a tarde, arrecadava um dinheiro pra ele de 3 horas até...

(muda o lado da fita)

A.L.: – Então tinha um horário, né?

A.C.: – É, tinha aquele horário.

A.L.: – Sempre de 6 as 9 o horário as moças podia ficar até aquele horário.

A.C.: – É. Os pais num...

A.L.: – Mas naquela época também não tinha eletricidade, não?

A.C.: – Tinha não.

A.L.: – Era tudo no fifó, na lamparina.

A.C.: – É. Tinha aqueles tipos de fifós que (não entendi).

A.L.: – então, assim, o... o... a diversão daquela época para moças e rapazes era ir as festas e reisados?

A.C.: – Tinha festa direto. Tinha aniversário, missa, tinha casamento, tinha a festa do casamento.

A.L.: – E essas eram as diversões...

A.C.: – Batizado, esses negócio. Tinha aniversário sempre e convidavam a gente ia. Eu levava meus... minhas irmã pra festa e minhas umas amigas. Os véi só dechava se eu levasse.

A.L.: – O senhor então, é o segundo filho de uma família de quantos?

A.C.: – De 6. Dois home e...

A.L.: – Vivos. Todos irmãos vivos? Todos casados?

A.C.: – Casados. Minhas irmãs me ajudava, quando era final... quando era São João todo mundo tinha sua prata. Comprar roupa, sapato e tudo mais. Trabaiava...

A.L.: – A prata era o dinheiro?

A.C.: – É. Meus pais compravam também pra eles (não entendi).

A.L.: – Se arrumavam também pra ir pro...

A.C.: – É. Quando se casaram a cada qual ele deu uma vaca.

A.L.: – Foi?

A.C.: – A Zumira e a Zefinha comprô uma máquina e ainda tem. No dia que sua mãe comprou aquela maquina. O vei Ovídio deu o dinheiro 10 conto na época. 71.

A.L.: – Nessas festas de São João que o público ia, todo mundo com suas roupa, era costume batizar o...

A.C.: – Batizava. Um monte de fogueira, batizava.

A.L.: – ... E o senhor tem... tem afilhados assim...

A.C.: – Tenho vários afilhado.

A.L.: – ... Que na época fazia como o padre falava?

A.C.: – É. Saltava pra lá, saltava pra cá. E um botava tição saltava.

A.L.: – Pra batizar os meninos de lá.

A.C.: – É. Fazia São João mandou três vezes pro lado de lá. E de Crisma também, não vinha um padre para... Crisma. Tenho muito batizado de Crisma. Valdilei, Benério, Maminho, tem um de compadre Almo, mora em Feira de Santana, telefona.

A.L.: – E lá em Itapeipu, nessa época, que não existia um padre que morasse lá, tinha missa, assim, de quanto em quanto tempo? Demorava de ter missa, das pessoas receber um padre lá?

A.C.: – Rapaz! Missa demorava, parece que era... era em dois em dois meses. O padre Alfredo fazia, parece que era de mês em mês. Ia de burro. Depois é que foi de carro.

A.L.: – Padre Alfredo chegou a rezar missa em Itapeipu?

A.C.: – Rezava. Dali ele ia pra outro. Ele celebrava lá, dali já ia pra outro... Itaitu, que olha até (não entendi) que mande. Capim Grosso pra lá e ele ia rezar missa no lombo de burro, aqui castiga com Sertão também. Andava de burro 50 ano. Trabaio 50 ano no lombo de burro. Pra fazer a feira e farofa. No sertão, o padre faz uma obra muito boa.

I.: – Quando eu vim morar aqui foi quando ele morreu. Morar aqui em Jacobina.

A.C.: – Agora teve um de Santa Catarina que se hospedava lá em casa. Que lá em Itapeipu 5 pessoas dava hospedagem ao padre. Essa semana ele tá na tua casa, esse mês na outra também. E o padre sempre fez permuta, padre. Ele chegou numa festa de São João de tarde, pra dormir, certo? Ele chegou pra celebrar a missa de 2 horas da tarde, almoçava lá, chegou 11 hora. E tinha um estagiante, chamava padre Osmário, Santa Catarina. Um chamava Vitor. E jogava sinuca e... tinha um cara, aí chegou lá, ele tinha uma casa grande com um quintal enorme. Fruteira, tinha tudo. Goiaba, pêra, abacate, a romã, mamão, pinha, limão. Ele chegou tinha uma arêa assim... bandeira tinha... que era São João e a gente (não entendi) tinha a festa da padroeira de lá dia 25. vigário o senhor vai dá licença que tem bebida aqui. Ele disse: que bebida cê tem aí? Que a vez a gente ajunta, todo São João a gente levava a bebida e o povo que ia na casa da gente. Acendia a fogueira. Fazer a fogueira assim na frente. Muitos querendo Bacardi, Serra Grande. Aí o estagiário dele disse eu quero Bacardi. Ele disse: Tem limão. Tem. Olhou perto, eu vou tomar uma Serra Grande também mais você. Tomou duas. Ó a bebida não pode-se beber muito.

I.: – O padre? Bebeu? (risos)

A.C.: – Bebeu. Duas Serra Grande com limão. Não é pecado. Pecado é aquele que vive só. Que se entrega ao álcool. Briga com a mulher quando chega em casa bebo. Não bota comida em casa e quer que ela dê comida. Esse não pode. Agora, outro que bebe por maldade, fazer... desenrolar, fazer mal aos outros, tomar os outros com a mulher dos

outros. Mas eu sou padre, eu vou almoçar, tomei duas. Vou rezar... vou descansar o almoço, vou celebrar a missa 2 hora da tarde. O que eu sei dizer é tudo decorado. Vou falar dos texto, pronto não é pecado. Pecado é...

A.L.: – (não entendi)

A.C.: – Sim, ai me disse outra coisa.

A.L.: – Na casa das...

A.C.: – Das... Jandira...

A.L.: – Hospedado?

A.C.: – Hospedado. Esse mês na casa... de Jandira, outro mês na casa de Delson, o outro Nê, Dora e Dona Davina. Napoleão falava: Vamo dá comida ao padre. É um dia de ser o melhor Hospitaleiro (não entendi) ele respondia...

A.L.: – O senhor já hospedou também em sua casa?

A.C.: – ... Que o padre não tinha maldade nenhuma, né?

A.L.: – O padre já tinha dormido?

A.C.: – É. Lá em casa, já. Não tô lhe contando o caso? Que ele bebeu pinga lá.

A.L.: – Ah! Foi lá...

A.C.: – Ele dormiu lá em casa, depois da celebração. Ele disse olhe... porque o padre veio pra aqui. Pra sua casa. O padre quer comer aquele tipo de comida que cê come. Não basta um rico compra uma coisa porque é pra agradar o padre, que vê um... ou que seja um escrivão, ou que seja um... um político, que seja um deputado, que seja um promotor. Não. Quero comer aquela comida de cê tem costume. Cê fez espero para mim? Não vigaro. A gente cria galinha. Aqui não tem geladeira, porque não tem luz, certo? A luz é de motor e assim é rápido não dá pra ter geladeira, acaba o gás, mas...

A.L.: – Que a luz só servia a...?

A.C.: – ... Agente mata um boi aqui no (não entendi) a gente compra carne, tem carne pra fazer um bife, cria um frango. Num tem espero. É tudo lá da roça o que a gente tem, pro senhô. Vigaro. Aí ta bom! Eu quero comer aquele tipo de comida que cê come. Aquele feijãozinho com carne. Aquele que eu adoro! Não vá fazer despesa porque vem um padre pra aqui não. O padre é uma pessoa igual a você. E eu gostei quando eu cheguei na sua casa, eu vi uma coisa que eu adorei. O que foi vigaro? Que casa grande! Tudo o senhor tem aqui e quando você me recebeu... eu disse: Eu venho lhe ocupa...

Pode entrar seu vigaro que a casa é nossa. E... ele... nas outras casa que eu vou... diz entre seu vigaro que a casa é minha. Aí, eu já fico triste... (risos) eu digo que a casa é nossa. Várias pessoas, é poucas pessoas que diz isso. Pode entrar seu vigaro que essa casa é minha. Volto atrás, a casa é nossa. E realmente, não é só minha com a minha família não, o meu amigo também pode ta... lá na casa que é nossa. Tendeu? Aí veio, gostou e conversou muito comigo, contou muita história. Tendeu? Da vida, eu também contei, também, história de campo a ele, qualquer coisa da família. Procurou sobre a roça. Viu o bolo de fumo, o que é isso? O rapaz como é que faz isso? Eu disse a ele como é que fazia. Que munta e outro vira, boto outro, tal e tal. Aí ficou muito satisfeito. O que eu colhia também. A lavoura. Ele viu um pé de mangaroa, não tem aqueles mangaroa nascendo? Um pé de... de chuchu que durou 8 ano. Na roça...

A.L.: – E mangaró é chuchu, é?

A.C.: – ... Ó, não sou bem certo (não entendi). O japonês me ensinou. Eu disse: olhe, pro pé de chuchu dura, você não molhe jogando água assim. Se você joga chuveirinho, você fura uma lata de prego e bota água aqui, que ele vai criar uma batata aqui em cima. Aquela batata, que você molhando do lado a batata, estrume. Sem terra, boa terra estrume de galinha. De galinha quando ele vira terra. Que de gado coisa queima, ou de gato também quando ele fica, você armazena ele e deixa ele cura ali. Que ele adura. Quando aquela... aquele vergalhão, aquela... quando coisa aquele cipó que seca, você arranque aquele, que ela afoió todinha seco, que vai nascer um grosso e pranto o chuchu, lá em casa tinha. A mulher vendia e ficava chuchu. Agora pegava! Adurou 8 ano. O mangaró é (não entendi) nos comia o mangaró. Tinha fava que vinha da roça. Tinha um feijãozinho de corda, tinha um aipim, tinha batata, tinha abóbora. Não faltava nada.

A.L.: – Agricultura de subsistência, né?

I.: – Então era bom também, porque o senhor aprendia, assim, as pessoas ensinavam alguma coisa e já usava.

A.C.: – É, exato é. E Jane... Jane de Marialda, ta em Brasília só que tem uma chácara só de verdura. O cara que trabaia com uma coisa, disse que tudo cê pode usa. Cria galinha, ovos cê pode usa. Pode mata um frango final de semana. A mandioca tá aí. Ele fezi... ele fez uma casinha de farinha daqueles com um rouzinho fabricava farinha, carroça aqui é da comunidade, é pra nois aqui. Se alguém tivé, vizinho precisando de uma farinha pode

dá. As coisa de tudo. Tudo da roça tinha, tudo. Ali a cha... chama-se a roça da comunidade.

A.L.: – Comunidade?

A.C.: – É. E todo mundo ali é da região. Faz uma roça ali e todo mundo tem que olha. Cela, lava...

A.L.: – O senhor falou que... é... que sempre plantou fumo, né?

A.C.: – É.

A.L.: – E naquela época o fumo tava em... frota produção, é... o... dava mais dinheiro, hoje num... não dá mais não? Hoje...

A.C.: – Dava... dava mais dinheiro. Hoje não. O fumo dava bem no tempo antigo. Eu não ganhava dinheiro porque... a dispesa. Não precisava vender fumo. Que eu fazia era, comprar o fumo quando tinha dinheiro e vendia pro senhor que já mandei um recado pra ele. E disse, Ave-Maria, quer que eu vá lá. De Irecê. Tá em Irecê. Chama Irineu Livoro. Caminhei na roça dele, logo Zumira conhece. Eu tenho lembrança dele também. É um grande fazendeiro. E ele passava 8 dia lá em casa. Vinha de carroça de burro, carregava lá em casa. Comprava pra ele e vendia nas casas, pra ele tinha lucro, porque de vende onde mora...

A.L.: – Nessa época que o fumo era, né? Era mais vendido, tava em voga aqui no nordeste. A compra e venda de fumo era destaque, né? Tinha muitos fazendeiros...

A.C.: – Tinha muito.

A.L.: – ... Muito agricultor. Produzia muito.

A.C.: – Produzia.

A.L.: – Que época foi essa, que o fumo...

A.C.: – Deu... Deu dinheiro? Foi a época de 50. 50 e tanto é... época de saca de fumo deposito de fumo em Cachoeira Grande. Valério...

A.L.: – Mas ele ficou... ele ficou até que tempo depois quando começou a... a...

A.C.: – Não, até agora.

A.L.: – Até hoje?

A.C.: – É. Até hoje. De dois ano pra cá é que caiu a produção. Daqui que... que muitos lugares não lavrava, certo? Hoje tem acre, tem vários e vários lugares que lavra de fumo.

Que antigamente eles ia compra fora. Tinha Feira de Santana, Geraldo Nunes, é... Santo Estevão é... Utinga...

A.L.: – Pois é. Essa região toda ainda produz muito fumo ou...

A.C.: – Produz.

A.L.: – ... Ou não mais?

A.C.: – Produz. Os Maratá que é uma fábrica que... que cata... a... por mês vinte mil quilo. Produção, vende os pacotinho. Que eles vinha comprar aqui, mas lá já lavra muito. Tão comprando lá.

A.L.: – To... todos os agricultores da sua época eles continuam?...

A.C.: – Não.

A.L.: – ... Com o fumo ou é outra atividade?

A.C.: – Não. Lá já mudaro de outro. Outro ramo de... Bom, continuaram até pouco tempo, uns 2 ano atrás. Aí já deixaro para trás, tem luga lá...

A.L.: – Lá de 50 até agora dois...

A.C.: – Dois ano, a produção caiu. É muito pouco não dá renda suficiente. Os outro cortado de pano, tão vindo e aqui não tem mais saída. O têxtil é muito barato, não compensa o...

A.L.: – Toda a produção...

A.C.: – A produção tem muita despesa. Com mulher pra trabaia e...

A.L.: – Então por que barateou?

A.C.: – Barateou demais. Mas já ganhei muito dinheiro. Eu mesmo quando cheguei em Itapeipu fazia rota mais Nalvo. Além dele comprar, prantava...

A.L.: – De sociedade?

A.C.: – Dez tarefa. Sociedade.

A.L.: – Sociedade.

A.C.: – Mas ele botava os irmão, Roberto, eu, Isaque, Nina e Alberto e ele. E ele não pegava em uma folha. E dividia o dinheiro aí (bate na mesa). Quem trabaia na casa dos outro tinha que amanhece o dia... E ele comprava muito. Zé de Arcúlano pegava o dinheiro comprava de gado e nois não via. Depois ia vende, marcava quantos quilo? Ia vende aquela produção de compra, dava segunda. Só vendia quando fosse segunda e nois continuava. Mas depois a gente viu que não vai dá...

A.L.: – A primeira produção era melhor que a outra?

A.C.: – É. Na outra roça nois produzia, Zé de Arcúlano só queria esse. Não queria fumo de corda que era de outra região, não dava bom.

A.L.: – De outra região não. Queria o de lá.

A.C.: – Não. Por causa da terra. E ele vendia novo e ele dava o dinheiro a ele e ele ia marcando todo tipo de fumo. O de vocês tal. Dava outra mercadoria.

A.L.: – E não dividia entre vocês?

A.C.: – Não. Dividia a outra mercadoria, mas quando ia vender a outra mercadoria, era a segunda.

A.L.: – Ah!

A.C.: – E ele pegou aquele dinheiro, movimentava com o dinheiro e nois num... só tinha a parte... e não... não tinha parte do dinheiro, não recebia dinheiro pra... pra aumentar nossa... roça. Quando dividia tudo, só tinha o dinheiro da feira da semana. Ia dividir comprava pouca coisa pra nois. Dividir pra muitos. E o trabaio, eu trabaiava tomava conta do depósito não era só uma extensão de meia, roça não. Eu morava lá, mas ele...

A.L.: – Toda a lavoura?

A.C.: – Tinha que pegar tudo. Fazer tudo. Manhecia o dia de 5 a 5. Eu quando chegava... é... de Feira de Santana, Santo Estêvão, ele vinha pra embalar aquela carinha pretinha assim, daquela borboleta que tinha grandona. Eles vinha só saia de noite por causa do...do imposto pra passa de noite no posto. E nois vinha embalar 500 quilo de fumo. De noite, tava deitado, 7 hora da noite, pegando no sono. E tem que ir. Um diz: - Eu não vô. Ai eu tinha de ir. Mas eu tenho que embala. Esse era um problema. Só teve saco quando ele... só teve saco Ana Lúcia quando eu voltei pra cá. Na volta ele me deu 4.700 de lucro. Feijão, nois batemo 350 saca. O que foi da minha roça quando eu vim, cá minha parte. Queria ele... cabô. Quando eu... quando a gente fazia, ia faze conta, eu tinha 50 conto de saldo. E eu trabaiando de dia a noite cansado, carregando...

A.L.: – A lavoura nunca deu dinheiro na verdade.

A.C.: – É. (não entendi). Trabaei demais e num. Trabaiava muito, que na roça de fumo manhecia o dia de 5 as 6 e pegando peso, bola de fumo. Tinha que muda 40, 50 bola de luga, todo dia.

A.L.: – Sem falar no cheiro forte.

A.C.: – E o chero forte. Era no leite.

A.L.: – Ficava muito doente.

A.C.: – Tomava leite e... cedinho eu levantava mais cedo, quem tirava o leite primero era eu. Tirava tomava logo uma canecada com mel, logo era com café... forte.

A.L.: – Não sentia dores de cabeça não? Nem nada?

A.C.: – Não. Eu já era acostumado. Não. Ai já acostumo.

A.L.: – Mas se... examinou?

A.C.: – Os que fumava, eles se arrombava. Além de tudo fuma.

A.L.: – Tem mais alguma pergunta Ingrid?

I.: - Não. Já deu pra pegar bem muita coisa. (risos)

A.C.: – Mesmo assim a gente gostava. Era divertido. Tinha muita mulé trabaiano. Na roça trabaiaava 10 mulé e home também.

A.L.: – Mulheres e homens trabalhava também?

A.C.: – E oiando e quebrando.

A.L.: – E...e elas ganhavam por dia?

A.C.: – Por dia. Três conto por dia.

A.L.: – Três?

A.C.: – É. Mais a dispesa.

A.L.: – O outro dinheiro era de...de...

A.C.: – É. Nois tomava café e janta. E almoço.

A.L.: – Mas recebiam café e os outros...

A.C.: – É. Aquelas muie comia! Viu! ?

A.L.: – Mas que os trabalhador que contratava?

A.C.: – Era uns... Oxé! O leite é... era 10 litro de leite. As mulé tomava um cuscuz com leite, rapaz. Cada uma um pratão. E cada que ia partindo.

A.L.: – Mas elas viam a pé trabalha na roça?

A.C.: – A pé. Quando era de tarde...

A.L.: – Elas viam de Paraíso para as roças?

A.C.: – É. Mas (não entendi) tem... quando... sempre todo dia agente fadava lá com o caminhoneiro, quando era de tardinha alguém dizia leva as muié, lá.

A.L.: – Pegava carona.

A.C.: – É. Pegava carona.

A.L.: – Mas assim quantas léguas? Pra vim...

A.C.: – Meia légua.

A.L.: – Meia lé...

A.C.: – Não. Não dava meia légua, não.

A.L.: – De lá da roça, perto do Paraíso?

A.C.: – É, pra lá era... Um tantinho de povo do Paraíso. Mas mesmo assim quando elas viam levava um cesto e um saco de licuri na cabeça ainda.

A.L.: – Então, por isso que tinham tanta fome, né?

A.C.: – É.

A.L.: – Trabalham muito. Porque quebra o fumo. Vai pra roça...

A.C.: – Vai pendura de meio dia pra tarde, bota naquela gainha, moinho por moinho do saco. Foinha por foinha tira do saco. E eu na corda.

A.L.: – Como é que chama ali? É selva?

A.C.: – É Selva.

A.L.: – Vai pendurando pra depois o sol bater e secar...

A.C.: – É. Vai bater aquela gainha, um moi pra aqui...

A.L.: – Uma pra lá.

A.C.: – É.

A.L.: – Pra ir depois fazendo aquela... pilão.

A.C.: – Pilão é pequeno assim. E quando era a lavagem do feijão, arrancava o feijão, arrumava, botava no terreiro (não entendi).

A.L.: – Mas todas essas vivências suas e tudo aí que o senhor nos contou, se fosse pra voltar a fazer lavoura de fumo, tudo o senhor faria novamente...

A.C.: – Faria.

A.L.: – Ou não queria mais...

A.C.: – Faria.

A.L.: – E, ia tentar outra coisa?

A.C.: – Faria.

A.L.: – Gostava de estudar?

A.C.: – Gostava.

A.L.: – Mesmo sendo o tempo, que o senhor achava, pouco?

A.C.: – É. Gostava.

A.L.: – Até hoje ainda lhe dá... é... o senhor tem contato com as outras trabalhadeiras e...

A.C.: – Tenho. Elas tão trabalhando em Itapiramutá.

A.L.: – E conhece todas elas? Todas estão vivas?

A.C.: – As minhas colegas agora trabalham lá. E, cabou a lavoura e... Mandioca que lavrava também levava. Ganhava e fazia o biju. Trazia um pouco de biju. Farinha me dava.

A.L.: – E podia leva...

A.C.: – É. Nois podia acha... feijão. Todas recebia. Todas... ai dava o feijão pra elas leva.

I.: - Aqui tinha uma fábrica, mas era de mamona, né?

A.C.: – Mandioca, leite, carroçaria.

A.L.: – Aqui, era mamona.

I.: - Era mamona...

A.C.: – Mamona. Só que nem todo mundo usava mamona. E a casa de farinha é boa, porque todo mundo... come a menina, menino, até os pais...

A.L.: – A gravação. (não entendi).OK.

A.C.: – (não entendi) as outras tão trabaiano pros outro em Itapiramutá, panhando café, na safra vão todo mundo pra lá.

A.L.: – Ah! Mudou como acabou o fumo.

A.C.: – a maioria deles. É vão pra lá. Aquele (não entendi).

A.L.: – Sai daqui da...da...

A.C.: – Pra vim pra aqui, lá pra...

A.L.: – Pra Paraíso?

A.C.: – É. Umas 10 mulhe pra lá.

A.L.: – Itapiramutá.

A.C.: – É. Já tem gente morando lá.

A.L.: – Daquela época?

A.C.: – É, daquela época.

A.L.: – Mas todas são vivas até hoje?

A.C.: – Todas são vivas. Umas já se aposentaram, porque são mais velha. Já tem delas que mora aqui também e pronto.

A.L.: – Então agente agradece a entrevista vamos convida-lo certamente em outra oportunidade pra gente...

A.C.: – Fazia de tudo. Mas tem uma coisa que agente gosta mais. É mais fácil agente fazê. É mais adivirtido.

A.L.: – O trabalho, né?

A.C.: – É. Quando eu vou visitar meu irmão, ele conta história e tal. Madeireira e tal. Ele é que estudava.

A.L.: – Que seu irmão trabalhava na roça.

A.C.: – (não entendi) o passarinho cantando.

A.L.: – E seu irmão continua trabalhando na lavoura?

A.C.: – Continua. É.

A.L.: – Mas não planta pra comer, né?

A.C.: – Não. Planta bem pouco agora. Só pra dá um pouquinho. Mas pranta, feijão e milho, mandioca. Criou uma vaquinha, ali tira um leitinho, tem a feirinha dele, que ele vende por semana (não entendi) ai vende na feira...

I.: - (não entendi)

A.L.: – (não entendi)

A.C.: – E a mulher trabalha na prefeitura fazendo merenda, no Paraíso.

A.L.: – No Paraíso?

A.C.: – É, e as menina estuda. E os filho tão tudo pra São Paulo. Só tem um co ele Todo mundo foi embora.

A.L.: – Tem mais alguma pergunta?

I.: - Não. Eu só perguntei se todos são iguais na vida, assim, do meio da roça, essas coisas.

A.C.: – Todos não.

I.: - Se tem algum na cidade?

A.C.: – Meus irmão tem. Dois em São Paulo. Duas em São Paulo. E o resto em São Paulo, já tão aposentado.

I.: - É que o senhor disse que eles tiveram acesso a estudo, né?

A.C.: – É, exato.

I.: - Aí, eu queria saber se eles tava lá mesmo, vivendo?

A.C.: – É. Foram pra São Paulo, se casou... a caçula se casou com um já casado. Só produziu um filho, uma filha e ele morreu, mas deixou a mesada dela. Ela se aposentou também numa firma onde trabaiou e vei mora a filha dela. A outra é aposentada, mora mais a filha, também é mais velha. E aqui mora outro, só tem uma fia também. É aposentada ela e o marido...

A.L.: – Morava em São Paulo veio embora.

A.C.: – Morava em São Paulo também. Morava há 17 ano lá...

Entrevista com Dona Edite no dia 08/07/2004 (Realizada no Centro de convivência do Idoso)



Ingrid: - ... memórias individuais e coletivas. Entrevista com Edite Sousa dos Santos. Então, aqui a gente já vai começar. É... queria primeiro, explicar a senhora... A senhora sabe como é que, é, né? É, assim, é um trabalho de pesquisa, no qual a gente tá colhendo, assim, as histórias de leitura. Aí, a senhora conta, o que, que a senhora quiser contar assim, a respeito do que a senhora estudou, se a senhora estudou. Ai é um trabalho da professora Ana Lúcia com... querendo saber, tudo isso sobre a leitura, alguma coisa da sua vida também, que é uma conversa, né?

Edite: - Eu entendo.

I.: - Aí agora, primeiro, para começar, queria perguntar a senhora, saber, o que é o significado da leitura na sua vida?

E.: - Bom, pra mim é muito importante, né? Apesar de eu ter estudado muito pouco, porque eu só fiz até o... a 5ª... o... a 5ª série, né? E na época eu morava também lá na roça, então eu... eu vi tudo, não foi muito, assim... não teve assim, muita... muito profundidade, né? Como um estudo assim, um pouco fraco. Mas, pra mim foi muito proveitoso esse estudo. Esse pouco mesmo, que eu aprendi pra mim foi muito proveitoso

esse estudo. Esse pouco mesmo, que eu aprendi pra mim tem sido ótimo, né? Porque, graças a Deus, eu, aprendi fazer uma carta, aprendi lê outra, né? Apre... Graças a Deus, sei mais ou menos, assim, um pouquinho de Português. Não sei muito, mas sei pouquinho e pra mim foi muito bom. Foi muito proveitoso.

I.: - E a senhora morava na roça?

E.: - Morava na roça.

I.: - Aí, a senhora veio pra Jacobina quando?

E.: - Logo quando eu vim pra Jacobina eu já tinha... 18 anos, foi quando eu me casei. Aliás, eu já tinha mais de 18 ano, porque eu fui pra... eu fui pra São Paulo com 18 ano. Eu não vim pr'aqui pra Jacobina, fui pra São Paulo com 18 anos. Então, lá, em São Paulo, eu me casei, aí voltei pr'aqui, quando voltei pr'aqui já tinha 21 anos. Quando vim pra Jacobina.

I.: - E a senhora veio morar aqui em Jacobina por que?

E.: - É porque, eu... fiquei desempregada em São Paulo, meu marido também trabalhava lá, na época, ficou desempregado também, aí viemos embora.

I.: - Mas a senhora tinha familiares aqui, em Jacobina?

E.: - Tinha. Eu não. Ele tinha, minha... minha família é de Miguel Calmon.

I.: - Ah, sim. Aí ele vinha, aí então, por isso que a senhora veio pra cá.

E.: - É.

I.: - Então a senhora morava na roça, mas era na roça lá perto de Miguel Calmon?

E.: - Era, uma fazenda chamada Campestre, perto de Miguel Calmon. Aí ele morava, a família dele era daqui. (não entendi)

I.: - Então é... quer dizer que a senhora foi alfabetizada, a senhora num faz parte do grupo de estudo aqui? Daqui do Centro de Convivência?

E.: - Não.

I.: - É... A senhora sabe assim... lembra de alguma história, que naquela época, se a senhora estudava, que a professora costumava utilizar? Assim, dentro da sala... assim, tipo de mu... músicas, poemas, essas coisas.

E.: - Usava muito, mas eu não me recordo, que a minha professora, a minha primeira professora, ela era de Miguel Calmon também. Ela chamava Cesarina e ela qua...

brincava muito, assim, com a gente. A... a... naquela época, a gente recitava muito, fazia dramatização. Ai, mas eu não me recordo, assim, direito sabe? Porque tem muitos anos

I.: - Ah, a senhora, então, não lembra de nem um... nem uma... nem um poema, nem um... das declamações que fazia?

E.: - Não, eu até que me recordava... me lembrava de uns, né? Mas agora no momento, eu num... não tô lembrando não.

I.: - Ah, esqueceu. (risos)

E.: - Esqueci, é (risos) É porque é assim, muita poesia, não é? Que a gente aprendia.

I.: - Hunrum. E assim, que tipo de livro é, que a senhora costuma lê?

E.: - O meu livro predi... predileto, que sempre leio é a Bíblia.

I.: - A Bíblia, por que é que a senhora lê mais a Bíblia?

E.: - É porque eu sou católica e eu gosto muito de lê a Bíblia.

I.: - Engraçado, que eu tava pensando que a senhora era evangélica.

E.: - Não. (risos)

I.: - Aí eu disse, será... que eu fiquei pensando, será que tem algum, evangélico nessa pesquisa? Aí, eu disse, parece que é Dona Edite. (risos)

E.: - Não, eu sou católica carismática.

I.: - Ah, sim. É aí que a senhora faz parte lá do grupo.

E.: - Então nós carismáticos... É, a gente carismático, a gente senta e fica lendo a Bíblia. E eu gosto muito de ler, principalmente na hora que eu vou deitar.

I.: - Então, a senhora lê, todo... todo dia na hora que vai deitar?

E.: - Todos os dias, durante o dia, quando eu tô em casa, às vez eu leio também, mas o... é, eu leio mais a noite, que a vez, quando vai... Tem os neto que mora comigo, né? Dorme comigo. Eles não dormi, eu fico sozinha e aproveito, e eu já vou lendo e já vou... assim, meditando alguma coisa, né?

I.: - Ah, é... não sei se foi Simone. Parece que foi Simone que me disse, que a senhora tem uma filha que... Que um dia a gente, queria marca entrevista e não dava, porque a senhora tinha que ficava com seus netos.

E.: - É, é isso, mesmo.

I.: - É que eles mora com a senhora?

E.: - Ela mora... ela não mora mesmo, dentro de casa, mas ela trava... mora vizinho, perto sabe? E ela trabalha no hospital, então, coincidia que no dia de quinta-feira, é o dia que ela trabalhava o dia todo. Aí, a menina contaram que era... que ela tava de fêria e não tinha com quem ficar, que o pai também trabalha. Agora, esse dia, não, que ela (não entendi)

I.: - Ah, e fora a... fora a Bíblia, que livro assim, é que a senhora costuma lê? Fora a Bíblia. Alguma revista?

E.: - Não eu já sei. Eu leio assim revista da Canção Nova. E...

I.: - Como é que a senhora consegue revista da Canção Nova? Não sei.

E.: - É, quando a gente é... é... fica sócio.

I.: - Ah, sim, fica sócio. Fica sócio pra poder receber?

E.: - Pra poder receber, né? Da aquela contribuição. Mesmo, uma contribuiçãozinha pouca mais, vem todos os meses, recebo revista.

I.: - E nessas revistas, é... que coisa que costuma aparecer. Essa revista é sobre o que, que eles falam, nas revistas?

E.: - Falam mais sobre Deus mesmo, né? Sobre o Evangelho, falam contam... é... Como é que se diz meu Deus? Eles contam testemunhos de pessoas, né? Que dão testemunho, que a vida era, alcoólico, outros era drogado e através da Canção Nova eles, se transformaram, né? Esse tipo de coisa assim.

I.: - E qual a parte da revista que a senhora, mais gosta, assim. É dessas mesmo?

E.: - Testemunho. Eu gosto muito dos testemunhos, que a gente aprende muito, né? A gente lendo os testemunho, a gente aprende muito. A gente que tem família, às vezes passa até aquilo pra um neto, né? Pra um filho. Fala pra eles que aconteceu, isso assim, assim. O que é pra... A transformação, né, das pessoas.

I.: - É que a senhora vê, que ali na revista são fatos reais, a senhora faz ligação?

E.: - São fatos reais é, com certeza.

I.: - Faz alguma ligação com a vida da senhora.

E.: - É, com a vida gente, com filho da gente, com os neto da gente.

I.: - Mas aí, explica pra eles, olha é assim. (risos)

E.: - (risos) É. Olhe fulano era assim, assim e melhorou através da Canção Nova, através de... Se é de religião, cura. Mas que a pessoa tenha uma religião, que geralmente

os jovens de hoje não tem religião. As vezes vão na igreja, quando acontece, mas não tem assim, uma religião.

I.: - A senhora não... Ei, vamo na igreja? A senhora não chama, não?

E.: - Chamo. Chamo muito, mas é... é difícil pra se levar.

I.: - Qual a idade de seus netos?

E.: - Uma eu tenho de... dese... A primeira, eu tenho de dezoito, uma de dezoito. Tenho um com 11, que mora praticamente comigo, que esse eu tento levar, ele vai, quando vai, só vai o dia de... game, que tem brincadeira, assim na igreja, aí ele vai pra brincar. (risos) É, e tem uma mocinha com 15.

I.: - Então a maioria é adolescente, né?

E.: - É. Só tem a menorzinha, tem 7 ano.

I.: - Ah, sim.

E.: - Essa que eu olho, quando a mãe, vai trabalhar.

I.: - E um fato, assim, que tenha marcado a vida da senhora, que a senhora se lembre? Assim, uma coisa que a senhora acabe lembrando e ache muito... ou que sente saudade ou que acha que foi muito triste. A senhora tem alguma coisa, que a senhora lembra, assim?

E.: - Não. Que eu... que eu às vezes, eu me recordo, que eu... fico, um pouco, triste, é na minha época, na minha adolescência, que eu perdi meu pai com 7 anos.

I.: - Com 7? Nossa!

E.: - Então, num... Passou muito tempo, a minha mãe se casou de novo, né? Aí, eu tinha um padrasto, e o padrasto ciomava muito de mim, e sabe, a gente quando é ado... adolescente, a gente que passear, a gente quer dançar, a gente quer namorar, né? E ele ficava sempre no meu calo. (risos) Sempre assim, nos meus calos. Atrás de mim, parecia uma sombra. Então era... eu não tinha liberdade pra ir numa festa. Pra mim ir numa festa tinha que ir escondido. (risos) Assim, pra namorar, às vez, era eu na frente, ele atrás de mim, me seguindo. Então, isso, assim, me marcava muito né? Me marcava muito e eu tenho... não tenho saudade dessa época, não. Tenho, assim, até... até trauma. Chego ter... até hoje, fiquei com trauma, assim. Mas, e... o trauma, o... e assim, o... a... a minha vida, a maior parte da minha vida foi assim, que trabalhar na roça, sabe como é, né? Trabalhava na roça, que não tinha, quase liberdade. Mas, graças a Deus que eu fui pra

São Paulo com meu irmão. Meu irmão casou, veio casar aqui, ele morava lá, veio casar aqui em Miguel Calmon. Eu fui com ele, aí lá graças a Deus comecei a trabalhar e aí a minha vida foi outra. Aí, já tinha mais, assim liberdade, já saia, já... Foi quando eu me casei também, voltei pra aqui aí meu marido, não era muito de pegar no meu pé. Aí graças a Deus.

I.: - Então deu sorte no casamento. (Risos)

E.: - É (risos). Não dei muito... muita sorte assim com ele, que apesar de tudo, ele bebia muito, sabe? Ele bebia muito, então quando ele bebia umas e outras, ele ficava, assim, meio agressivo. Mas diante disso, também, comecei a trabalhar. Eu trabalhei, ali no colégio Deocleciano vinte... vinte anos, mais de vinte anos. Então é... assim que comecei a trabalhar, aí pra mim melhorou a minha vida.

I.: - A senhora trabalhava de que no Deocleciano?

E.: - Eu trabalhava... trabalhava assim com cadernetas. Pra... Entregando cadernetas ao professor, separando as cadernetas, assim.

I.: - Ah, na secretaria?

E.: - Na secretaria.

I.: - Ah, que também a senhora estudou e pensei que a senhora era professora.

E.: - Não, não.

I.: - Trabalhava na secretaria.

E.: - E, foi lá mesmo, trabalhando lá, que eu desenvolvi, mais, meus estudos. Sabe que a gente vai trabalhando vai aprendendo, não é?

I.: - Ah, no contato com as pessoas, assim.

E.: - Com as pessoas, né?

I.: - Aparecia gente que estudava, aparecia gente que não estudava.

E.: - Pois é, e se a... também, a gente ali, trabalha... mesmo no trabalho, a gente trabalhando com aquelas... com aqueles diários. E tendo que fazer às vezes... O meu marido trabalhava tam... lá também. Às vezes eu ia ajudar ele fazer, assim, uma transferência, né? ele ia me... me orientando, eu fui pegando, assim, muitas coisa, eu aprendi lá, através do trabalho.

Ana Lúcia: - Fazendo as transferência do COMUJA, né?

E.: - É. Do Deocleciano... Deocleciano.

A.: - Foram muitos anos, não foi, trabalhando lá?

E.: - Vinte e poucos anos.

A.: - Foi?

E.: - Foi.

A.: - Então foi (não entendi) anos.

E.: - E aí é que vai aprendendo, né?

A.: - É.

E.: - A gente vai aprendendo a...

A.: - A gente vai fazendo o possível (não entendi)

E.: - Vai aprendendo é. E a gente vai... Quando a gente tem ao trabalho, a gente vai se dedicando, cada vez mais, né?

A.: - E quando foi que você descobriu o Centro de Convivência em sua vida?

E.: - Tem uns 3 anos.

A.: - É?

E.: - É. Uns 3? Acho que já tem, é já tenho 3 anos. Foi logo no início, quando eu entrei aqui tinha pouca gente. Acho que eu (não entendi) Pó... podia ter umas 8, 10 pessoas aqui. Foi logo no início.

A.: - O que é que você mais gosta de fazer aqui? Quando vem aqui?

E.: - Eu gosto de bordar. (risos)

A.: - É?

E.: - É. Eu gosto de borda, além de bater papo (risos). Que é gostoso. Mas eu gosto, assim, de fazer um bordado. Vagonite.

A.: - É.

I.: - Então, é por isso que prefere bordar aqui.

E.: - É, eu gosto de fazer Vagonite, que eu aprendi, justamente, aprendi aqui, também. Vagonite, Ponto de Cruz, aprendi aqui (não entendi).

A.: - Mas, também, participa lá das aulas da professora ou não?

E.: - Não, não. Lá somente as pessoas que é analfabeto, mesmo, né? Que não...

A.: - Que vão começar, que o sonho, já é lê? Chega em casa consegue ler uma história.

E.: - Pois é, mas eu graças a Deus não precisei isso não. (risos)

A.: - Você já... já completou a caminhada, né? Costuma assistir tv?

E.: - Costumo.

A.: - Quais são os programas que você mais gosta?

E.: - Meus programas já tava falando aqui. Meus programa... Eu assisto... Bom, quando os filho tá em casa, aí, porque, eu não tenho outro jeito. Aí, eu tenho que assistir uma novela com eles, né? Mas eu não gosto muito, não. Filme também, eu não gosto, porque eu não entendo. Então eu assisto sempre a Canção Nova. É o canal, né?

A.: - A Canção Nova é... é na Rede Vida ou não?

E.: - Não. Tem a Rede Vida e tem a Canção Nova.

A.: - E tem, mais, essa.

E.: - É. Que é do...

A.: - Do Pastor?

E.: - Carismáticos.

A.: - Ah, carismáticos. Você é católica?

E.: - Sou.

A.: - E costuma lê a Bíblia assim em casa?

E.: - Costumo, costume. Acabei de fala pra ela. Gosto muito de lê a Bíblia, é o meu livro predileto.

A.: - Ah, pra você (não entendi). E além da Bíblia, que outros livros, assim, você desde mocinhas, lia, gostava?

E.: - Bom, antes deu conhecer assim a... Porque, antes deu conhecer o grupo carismático, que era... Toda vida fui católica, mas não lia muito a Bíblia, né? Então, eu gostava de ler, muito, assim, essas revistas. Era Veja, era aquela... Uma outra meu Deus, tem a Veja tem...

A.: - Istoé?

E.: - Não.

I.: - A Caras? (risos)

E.: - Aquela... aquela que eu lia mais era a Veja mesmo, né? E além da Veja... da Veja tinha uma outra meu Deus do céu, que eu gostava muito de lê.

A.: - Cláudia?

E.: - Não.

A.: - Capricho?

E.: - Capricho. Era gostava muito de lê. (risos) Nas historinha, assim, engraçadinha, né? Também gostava de ler.

A.: - Servia também pra... pra... uma leitura, mais prazerosa.

E.: - É.

A.: - Que é um... um (não entendi) mais diferente (não entendi)

E.: - É, com certeza, é.

A.: - E aí você pega uma história numa revista Capricho, e você vai ler, pra reler (não entendi)

E.: - É. É gostava muito de lê a Capricho.

A.: - E... e na... na escola, assim, quais... quais eram os livros que você, mais gostava? Sua professora costumava incentivar vocês a lerem, a declamar poesia, ou isso tudo não fez parte da sua história?

E.: - Não, fez. Porque como eu falei pra ela, eu aprendi a ler na roça, que eu me criei na roça até a minha idade de dezoito anos, eu morava na roça. Então a gente... A professora da gente, ela era lá de Miguel Calmon e ela gostava muito de, assim, de dramatização, de... a gente fazia drama, essas coisa, né? E, a gen... Eu aprendi muito, mas no momento, até tava falando pra ela, não me recordo, nem uma assim que eu...

A.: - Nem um livro que tenha marcado sua vida, um romance, não?

E.: - Não. O livro que marcou minha vida foi matemática, que eu nunca gostei. (risos)

A.: - Mas uma história um livro, não? Não ficou marcado, nem romance, nada? Nem uma poesia, assim, que declamasse, que você se lembra, ai, de alguma coisa assim?

E.: - Tinha poesia... tinha aquelas poesia bobinha, assim, de criança, né? Como aquela que dizia... Ai meus Deus...

A.: - Das mães? Quando chegava perto do dia das mães é que tinha, né?

E.: - No dia das mães, é?

A.: - Que elas também ensinavam.

E.: - É... Às vezes me recordo. Agora. Às vezes até eu lembro, alembro assim, né? Quando eu tô em casa. E às vez até eu lembro de alguma poesia que... que a gente gostava muito de recitar, mas agora eu num.

A.: - Não tá recordando.

E.: - Não me recordo, não. (risos)

A.: - O... o... Me diga uma coisa. A escola que você estudava tinha biblioteca? Vocês costumava ir na biblioteca pra pegar livro pra levar pra casa pra ler?

E.: - Não, não tinha. Não tinha nada, que escola de roça, na... aquele muito tempo, né? Muitos anos atrás, não tinha livro.

A.: - Então assim, todos os livro, tudo que via, era... trazido pela própria professora, né?

E.: - Professora ou então a gente comprava.

A.: - Ou vocês compravam. Mas ela costumava incentivar você a ler? Gostava de ler com vocês em sala?

E.: - Incentivava, incentivava. Principalmente essa minha primeira professora. Ela gostava... ela incentivava muita gente a ler. Ela era como professora, meio rigorosa sabe? Ensinava muito.

I.: - A escola era na roça ou...

E.: - Era na roça.

A.: - Então to... todos que moravam perto, vem, né?

E.: - Vinha, é. Tinha o prédio vinha. Lá, hoje, eu acho que ainda tem.

A.: - Onde é?

E.: - Campestre.

A.: - Onde fica mais ou menos, perto de onde?

E.: - Fica perto... Tem Miguel Calmon...

A.: - Depois de Miguel Calmon?

E.: - É depois de Miguel Calmon.

A.: - Então é município de Miguel Calmon?

E.: - É município de Miguel Calmon.

A.: - Certo. Mas até hoje tem, né? A escola.

E.: - Até hoje tem. Ainda... Tem muitos anos, que eu não ia lá. Agora a minha filha veio do Rio a uns seis meses atrás, aí nós fomos lá. Até tiramos... Nem conheci, mais, né? Muito diferente, mudou muita coisa.

A.: - Tá bem maior ou já tá com muito mais habitante?

E.: - É, tá. Tá, assim, tá um pouco maior, né? Que na... na minha época não tinha água encanada, não tinha energia, uma televisão. Não tinha nada. Hoje o povo tá tudo civilizado. (risos) Tem televisão, tem água encanada, tem luz, tem tudo, né?

A.: - Lá no município já tem tudo isso?

E.: - Já tem tudo isso.

A.: - Tem serviço de telefonia?

E.: - Tem, tem. Tem, que andando por lá, eu vi os postos telefônicos de orelhões, por lá assim.

A.: - É... é... assim, na sua vida profissional des... desde que você foi trabalha no Deocleciano, você sentiu que a leitura tinha, uma importância fundamental na sua vida? Que pra fazer seu serviço dependia de você, ler cada vez mais?

E.: - Com certeza, com certeza.

A.: - Então a leitura sempre foi importante pra você.

E.: - Foi, sempre foi importante. A gen... a... Eu dou graças a Deus, esse pouco que eu sei, mas gostaria de saber muito mais... saber muito mais ainda.

A.: - Desses programas que você falou, cê se... Assite televisão, mas o que mais gosta, é Canção Nova, né?

E.: - É.

A.: - E... de... além de Canção Nova, você assisti, assim, jornal ou...

E.: - Jornal, também, eu gosto muito é.

A.: - Desses que você assiste, assim, quais as lições ou os conhecimentos que você tira? Que é que você aprende com esses programas que você assiste? Que faz na sua vida pessoal ou profissional?

E.: - Bom, da... da Canção Nova, tô falando que é um problema... um programa, assim, de... de igreja, né? Eu a... a gente aprende muito, né? A gente aprende muito, assim, a valorizar os nossos irmãos, né? A valorizar o nosso próximo. A gente aprende muito com... com esses programas e no jornal também, a gente às vez aprende alguma coisa, mas tem coisas que às vez deixa a gente até mais triste, né? Teve um dia, pra você vê, os jornal hoje em dia num... num ensina, ele... bom ensina de uma... de uma maneira ele ensina, porque a pessoa que tem a cabeça feita, às vezes... com... assistindo o jornal, você aprende, assim, a não ser agressivo, né? Porque vê, que a agressividade não leva a nada, né? você aprende a chama a seu filho, seu neto a atenção e explicar a ele o... qual é o motivo, porque tá acontecendo isso e isso que você vê no jornal, né? Tá passando,

assim, essa... o tipo de coisa, que prejudica os jovens. Então, tudo isso, acho que é aprendizagem pra gente, né?

A.: - Então o jornal, nesse sentido, faz... trás essas reflexões? Né?

E.: - Com certeza. Eu acho.

A.: - Me diga uma coisa, é... como é os seus netos? Você costuma lê com eles, contar histórias, cantar, lembrar algumas canções?

E.: - Com os pequeno sim, mas com os grande não. (risos) Os pequenos ainda tá assim é... Não, dá mais atenção a gente, que eles mesmo já vão ficando mocinha, rapazinho, já não querem mais, não é? Eu... Às vezes, até eles ficam lá em casa, tem vez que a gente até lê, a... é... quando eles começam a vê, tem uma história engraçada que eles querem, a vez a gente lê. Principalmente a... a... uma neta de 15 anos que eu tenho, não é? Ela as vez até copia, assim, alguma coisa pra mim, quando eu quero, né? Uma poesia que eu acho bonita, às vez que eu acho bonita, fala sobre a igreja e tudo.

A.: - Sei.

E.: - Às vez até copia pra mim. E tem o... o meu neto também, ainda... um... um... Tem um ano atrás ele copiou também umas... Era tipo uma poesia, assim, não sei. \muito bonita, que até eu trouxa pr'aquí. As menina gostavam, que me pediram copia pra... pra quando todo mundo ai. (risos)

A.: - Falava de que Edite?

E.: - Falava sobre amor, sobre é... Falava, assim, uma porção de coisa. Eu não me recordo, mas principalmente sobre o amor, né? Sobre a... a vida pessoal da gente. Essas coisas.

A.: - Era como uma mensagem, assim, né?

E.: - É.

A.: - É... você na época, é... desde criança até, né? O Tanto que você estudou, foi um tempo longo? Quando chegou depois que se saiu da roça, foi que estudou na cidade ou não estudou mais?

E.: - Não, eu não estudei mais.

A.: - Não estudou mais. Estudou até que série?

E.: - Até a 5^a.

A.: - Até a 5^a? Ai, que pena, que continuo, não?

E.: - Não. Até a 5^a, mas naquela época, a 5^a na... na roça era, assim, num... não era muito... Que, ai ficava, assim, repetia, né? Estudava 1^a, 2^a, 3^a, 4^a, 5^a. Na 5^a parava ali, era... Fazia repetir.

A.: - Quando não tinha mais ficava repetindo, né?

E.: - Não tinha mais... não tinha, é. Ai tinha que repetir. Ou abandonava o estudo ou tinha que repetir tudo de novo.

A.: - Certo.

E.: - Então...

A.: - Nesse período da... da... dentro da escola, né? Em sua convivência com os livros, com os colegas, com os professores, que é que você lembra com mais saudade da escola? Por exemplo, você viveu na escola (não entendi). Você lembrando, assim, o que mais gostava na escola?

E.: - Eu gostava das festinhas que a gente fazia (risos). Tinha umas festinhas que era muito gostosas. Tinha, assim, da... da amizade... do conhecimento que nós tomamos, também com... com as professoras, que as professoras não era de lá, né? A minha professora, a primeira, a que eu falei era de Miguel Calmon. A segunda, já foi de Bonfim. E ai a gente, tomava, assim, amizade. Minhas professoras. E eu gostava, gostava do... do jeito delas, como elas tratava a gente também. Principalmente a de bonfim, era uma pessoa muito educada, muito paciente e inclusive, eu passei uma porção de tempo, ela morava sozinha, ela era uma moça solteira e ai eu ia. Ela não tinha com quem dormir, eu ia dormir com ela. Passava, assim, a maior parte do meu tempo lá com ela. Ai eu, tenho saudades desse tempo. (risos)

A.: - E me diga uma coisa, assim, nas salas de aulas que você estudou, lá na escola, tinha mais, meninos ou meninas?

E.: - Eu acho que era dividido.

A.: - Era?

E.: - Era.

A.: - Tinha mais ou menos quantos?

E.: - Tinham... Não me lembro, não.

A.: - Mas...

E.: - Parece que tinha uns 30. Uns 25 a 30 alunos.

A.: - E na hora do recrio, quais eram as brincadeiras que vocês mais gostavam? E brincavam também (não entendi).

E.: - A gente brincava muito era de roda. (risos)

A.: - Cantigas de roda.

E.: - Roda. Atirei o pau no gato. (risos)

A.: - Sei.

E.: - Na época era essas brincadeiras.

A.: - Essas. Quais as cantigas de roda, que você cantava, que ainda lembra hoje? Além de atirei o pau no gato. Que outras é que você se lembra?

E.: - Can... Umas músicas que dizia verso, né? É muito verso. Era... Vê se eu lembro de uma meu Deus. (risos) As vez, tem vez que a... gente vai aqui fazer passeio, as vez a gente canta muito aquelas música... aquelas rodas antigas sabe?

A.: - Ah!

E.: - E... não tô lembrada agora não. Tinha que fala eu, eu morava na areia, sereia. Me mudei para o sertão, sereia. Me mudei para o sertão, sereia. Aprendi a namorar, sereia. Com aperto de mão, oh sereia. A gente cantava muito essa.

A.: - Era fazendo verso?

E.: - Ai vai dizendo o verso, é.(risos)

A.: - E... e além da... além, assim, das cantigas de roda, tinha uma outra brincadeira que vocês mais gostavam de fazer?

E.: - E, a gente...

A.: - Ou geralmente não, só brincavam mais de roda?

E.: - Brincava mais de roda, mas tinha outras brincadeiras. A gente brincava mais de esconde- esconde, de anel, também, a gente brincava direto.

A.: - Ah, anel.

E.: - Aquele anel, era o anelzinho, brincava muito também.

A.: - Você... a... assim, lembrando desse tempo, lembrando agora dos seus netos, da escola dessa época, com sua escola. Você percebe se os seus netos brincavam dessas brincadeiras, ou se elas hoje desapareceram. Eles quase não falam que brincam na escola?

E.: - Não, as brincadeiras deles, hoje, são completamente diferente da gente, né? Hoje em dia, quando eles vão, assim, pra escola, já tão na idade de seus 12, 14 ano, já vão pensando em namorar. Já vão com outros tipos de brincadeiras completamente. É... Nunca como a... a gente... Aquela brincadeira, assim, sem malícia, né? Brincadeira sadia. Hoje não, hoje aquela brincadeira... Eles já querem namorar, já querem se agarrar. É bem diferente.

A.: - Assim, pelos próprios netos seus, você num... num percebe, eles chegarem contando que brincaram de roda?

E.: - Não, não.

A.: - Não?

E.: - Não.

A.: - As brincadeiras que eles... que eles contam não são essas?

E.: - Não, não. De maneira nem uma.

A.: - Na escola, o que brinca, o que faz? (não entendi)

E.: - A não ser, a pequenininha que... de 7 anos, que as vez, né? Já brinca assim, já tem mais, essas brincadeira, assim, parecida, não é?

A.: - Sei.

E.: - Mas quando eles vão dando de 10, 11 anos em diante, já não brincam, mais não.

A.: - (Não entendi).

E.: - Com certeza e muito.

A.: - Quando você saiu da roça pra vim pra Jacobina pra mora aqui, você veio (não entendi). Saiu de lá (não entendi) já veio morar em Jacobina?

E.: - Não. Quando eu saí de lá, fui pra São Paulo.

A.: - Ah! Primeiro você foi pra São Paulo?

E.: - Fui pra São Paulo. Eu saí com 18 de... de... da roça. Fui pra São Paulo, passei 3 anos em São Paulo. De lá foi que eu vim pra Jacobina, ai vim pr'aqui.

A.: - Certo. Lá em São Paulo, trabalhou, assim, qual foi a sua experiência de trabalho em São Paulo?

E.: - Pra mim foi boa, né? Eu trabalhava numa fabrica de tecelagem. Era um pouco cansativo, né? Que a gente tinha que levantar muito cedo. Naquela época, os transporte

era muito... era muita gente, né? A gente pegava aqueles ônibus lotados ou então trem lotados. E... Mas eu gostava de trabalhar.

A.: - Então você trabalhava nessa parte de tecelagem?

E.: - Tecelagem, é.

A.: - E co... e, assim de... dessa experiência, você percebeu assim, a importância de lê, de saber, de se comunicar? Percebeu o quanto a leitura tava presente em tudo, mesmo, no seu trabalho?

E.: - Em tudo, em tudo, é. Percebi sim.

A.: - Inclusive na cidade grande. Você sair de uma roça, vir pra São Paulo. Quais foram as principais diferenças que você notou de um lugar pra outro? Que dificuldades você sentiu mais, vindo do interior?

E.: - Bom, a gente sente a... Primeiro o conhecimento, né? Porque, que a gente chega num lugar desconhecido, sem conhecer ninguém. E a gente já acha dificuldade, mas depois com o tempo a gente vai trabalhando, vai pegando amizade, pegando conhecimento, então com pouco tempo a gente quase que não sente, assim, dificuldade, sabe? Eu mesmo... Bom, em primeiro lugar, quando eu fui pra lá, já tinha uma prima minha que trabalhava lá, nessa fábrica.

A.: - Sim.

E.: - Inclusive, foi ela que arrumou pra mim. Então atra... através dela, comecei a trabalhar e aí fomo... nós fomos fazendo amigo, amizade. E graças a Deus, sai da fábrica, que a fábrica faliu. Se não eu acho que estaria lá até hoje. (risos) Ficou-se o caro.

A.: - Ah! E aí depois foi que veio realmente pra Jacobina.

E.: - Depois daí, eu me casei lá no mês de outubro e vim pra Jacobina.

A.: - Quantos filhos tem?

E.: - Tenho 6.

A.: - Seis? Todos casados hoje?

E.: - É, é. Todos casados.

A.: - Todos casados. E netos já tem quantos?

E.: - Netos, tenho 7 e véspera de 8.

A.: - É mesmo? Já vem mais um, agora? (risos) Já sabe o que é, se é menino ou menina?

E.: - Não.

A.: - Não?

E.: - São 3 meses só, ainda num... ainda não deu pra vê, não.

A.: - Ah, ainda não fez a ultra-som, não deu, não é? Também é gente já, a família se... crescendo a cada dia, não é?

E.: - Com certeza. Tenho um filho que estudou, que graças a Deus, é, se formou em Letras.

A.: - Foi?

E.: - Hoje ele a... ele a... Trabalha em Salvador. E ai, tem escritório em Salvador, tem escritório em Ilhéus.

A.: - Que Ótimo!

E.: - Ele se formou em Ilhéus. E graças a Deus tão todos... tão todos formados. Tem uma que vai forma em Técnica de Enfermagem agora. Aliás, ela já... já se forma agora mês quem vem, né? Tem uma outra também que é formada em Auxiliar de... de Enfermagem. Trabalha no Hospital. E...

A.: - Aqui em Jacobina?

E.: - Aqui em Jacobina, né? Aliás... a... quase que num só dá... todas pra enfermeira (risos). Que tem essas que já trabalha, né? É, tem essas que trabalha e tem 2 que tão estudando técnico, mas já se forma esse mês e outro forma o não que vem, se Deus quiser.

A.: - Ok. E me diga uma coisa, é... Quais são as mudanças que você percebe, assim, da... da roça para a cidade, que você chegou, em Jacobina, de onde você morou pra cidade de Jacobina. Onde você preferia morar? O que, que você acha de bom né um ou no outro?

E.: - Na roça, agente acha bom o sossego, né? Na época que eu morei, agora não sei se continua. Muito sossegado, muito tranquilo. Pra a gente sai assim, sem medo, né? E no... na... já na... aqui na cidade é diferente, né? A gente anda, principalmente na época de hoje, a gente já anda assim com me... Tem medo de sair de casa a noite, tem medo de ser agredido na rua. Então essa é uma diferença enorme, né? Pra... pra época de hoje, que na época que eu vim morar aqui também, não era assim. Jacobina era uma cidade calma, uma cidade que não era agressiva. As vez a gente sai, assim, num... num voltou... voltava tarde da noite, não tinha medo. Hoje em dia a gente tem medo, né? Sair até de dia, agente tem medo.

(mudança no lado da fita)

E.: - Eu prefiro a cidade.

A.: - É? Por que, me diga?

E.: - Eu sei lá, parece que a gente...

A.: - Quais são as outras vantagens à cidade (não entendi).

E.: - A gente sempre, assim, desenvolve mais, né? Na cidade... na roça, a gente fica assim, aquela coisa acanhada, aquela coisa, né?

A.: - Mesma coisa (não entendi).

E.: - É, na cidade não, agente se sente, assim, mais desenvolvida. Meu desenvolvimento é outro.

A.: - Certo. Assim, quais são as maiores vantagens de morar na cidade e não morar na roça por exemplo?

E.: - Meu Deus e agora. (risos)

A.: - Quais são as maiores vantagens, por exemplo, se agente tiver na roça, é... A gente não vai ter o conforto, de algumas coisas que tem na cidade. A gente não vai conseguir, uma série de coisas que a gente quer comprar, em relação a própria saúde.

E.: - Por isso, é, a dificuldade, principalmente, né? Pra você vim, as vez você adoce, quer (não entendi) . Porque lá na época, mesmo não tinha carro. Hoje em dia não, já vai carro lá, né? Mas não tinha carro, ali então, pra gente... Adoecia um você vindo comprar um remédio, você tinha que vim, caminha... Era não sei quantos quilômetros andando, né, a pé, pra vim comprar um remédio. E na cidade não, você acha tudo ali, pertinho. Hoje em dia até se você num... num pode você já liga pra uma farmácia, ele já vai lhe entrega o remédio em casa.

A.: - É?

E.: - Então, já tem essa diferença.

A.: - Já tem outras vantagens em relação, que a roça não nos dá, né?

E.: - Com certeza.

A.: - Então, em relação, assim as mudanças que a cidade trás, tanto boas quanto...

E.: - É.

A.: - Más, como você falou, em relação a termos sossego. (não entendi)

E.: - Mas já... já tem outras vantagens.

A.: - Mas te outras, né?

E.: - Outras vantagens.

A.: - O próprio progresso e tudo que ela oferece pra gente, né?

E.: - É, pois é, até mesmo um emprego, né? Que é mais, aonde tem mais facilidade de arrumar, é aqui na cidade. Que na roça, você vive da roça ou então, você tem que cruzar os braços, né? (não entendi) Como eu vivi a vida toda, foi trabalhando, era... trabalhando de roça mesmo e não, depois que eu vim pra cidade, eu graças a Deus Arrumei meu emprego, né? Trabalhei, hoje em dia aposentei. Se eu não tivesse na cidade, talvez não tivesse me aposentado, né? Então pra mim já é uma... já foi uma grande vantagem.

A.: - Tem muito tempo de aposentada, não, né?

E.: - Tem 8 anos.

A.: - Oito? Se aposentou, o último emprego foi no Deocleciano?

E.: - Foi. Aqui em Jacobina mesmo, foi o primeiro e único. (risos)

A.: - Foi? Ah, quando veio já entrou no Deocleciano (não entendi), né? Quais são os fatos, assim de sua vida Edite que você lembra, assim com saudade? Que você se recorda. Ah, eu lembro... Ah, naquela época (não entendi). Gostava de ir assim a festas, ao baile naquela época.

E.: - Gostava. (risos) Apesar da... das... Que eu tava comentando com ela, que eu perdi meu pai, eu tinha 7 anos, então mãe... minha mãe se casou com outro e ele... e eu... Meu padrasto ciomava muito de mim. Ai, pra ir nas festas eu tinha que ir escondido (risos). Então pra namorar tinha que ser escondido ou então ele me seguindo, então, é... eu não tive assim muita liberdade, sabe? Mas eu tenho saudade, assim das festinhas, mesmo assim, as festinhas que eu ia escondido, eu tenho saudade. Que era umas festinha gostosa, umas festinha, muito boa. (risos)

A.: - E as festas era assim em clubes? Ou era na casa de festas?

E.: - Tinha uma casa lá. Que era uma casa de festa, sabe? Chamava Casa Velha, mas era uma casa de festa. Era, inclusive, a dona da casa é uma madrinha minha. Então os filhos...

I.: - Em Miguel Calmon?

E.: - Campestre, mesmo.

A.: - Campestre, mesmo.

I.: - Ah, Campestre.

E.: - Então ela... Os filhos dela, mesmo tocava violão cantavam. A gente ia pra festa, a gente se divertia a noite inteira, se divertia lá naquela festa.

A.: - Quais músicas naquela época Edite, eram... eram as músicas de sucesso?

E.: - Ixi, meu Deus! Oi... (risos)

A.: - Lembra o trequinho de alguma ainda?

E.: - Lembro. Mesmo, tinha muito era... era... naquele tempo era Baião, néra? Um negócio de um Baião. Era forró mesmo. Já tinha também, né?

A.: - Forró, forró pé de serra.

E.: - Forró de São João já tinha.

A.: - Luiz Gonzaga, então, naquela época era muito tocado, né?

E.: - É, era. É tinha muito. Era muitas músicas.

A.: - E você gostava de dançar forró?

E.: - Gostava. Gostava e até hoje gosto.(risos)

A.: - Até hoje gosta, né, Edite? De um forrozinho. Dançou nesse último forró aqui do abrigo... do centro?

E.: - O forró daqui é ótimo, foi ótimo.

A.: - Foi bom?

E.: - Foi.

A.: - Teve quadrilha, forró?

E.: - Quadrilha, foi ótima. A parte tem... Faz 3 anos que eu tô aqui, todos 3 não participo das quadrilhas.

A.: - Hum. Pois é, muito bom isso (não entendi). Então assim, na... na... no... na época que você veio pra essas festas, que se divertia, tinha essa dificuldade, que era exatamente a não liberdade no mundo que tem hoje...

E.: - É. Eu me lembro que eu tinha ma... Tinha uma prima, que morava perto de mim, aí eu tinha... Eu dizia que ia dormi na casa da minha prima, pra de lá eu pode ir pra festa (risos).

I.: - Mas que danada! (risos)

A.: - Sempre todo mundo, achou um jeitinho, todo a vida, né?(risos)

E.: - Com certeza. (risos)

A.: - De driblar, aquela autoridade maior de quem tá vigiando, né?

E.: - É, pois é.

A.: - Das... das suas colegas da sua época todas também hoje já estão casadas ou nunca mais viu ninguém?

E.: - Não, tem...

A.: - A amizade continua?

E.: - Acho que to... Todas tão casadas, tem uma, essa mesma que eu ia com ela pra festa escondido, essa já, é falecida, né? Que era minha prima e amiga, também. Muito amiga. E as outras são casadas. Umas foram embora. Umas ainda moram lá, outras foram embora. A maioria foram embora. Umas pra São Paulo, outras pra cidade vizinha mesmo, outras mora mesmo em Miguel Calmon, né? Lá mesmo em Campestre tem muito pouco, né?

A.: - Tão grande que é a sua história, né?

E.: - É.

A.: - Mais alguma coisa? (não entendi) Eu cheguei, peguei vocês já conversando.

I.: - Não. Num...

A.: - Tinha mais uma coisa.

I.: - Não, eu disse só o que a gente tinha conversando, é... você também, é... até aumentou alguma coisa que eu não cheguei a perguntar, mas minha parte, não.

A.: - Então Edite me diga assim só pra gente finalizar. É... assim desse... fazendo um balanço assim da sua vida, de... ana... que a senhora analisou, você me disse que foi embora com 18 anos pra São Paulo e além de São Paulo assim, você já passeou em outras cidades, visitou? Conheceu outros lugares? O que mais gostou do que viu? Conheceu...

E.: - Eu agora depois de velha (risos) é que eu passei, Graças a Deus, tenho todos os anos... todo ano eu passeio. Vou pra o Rio, vou pra Belo Horizonte, vou pra Ilhéus...

A.: - Ah, que beleza!

E.: - Vou pra Itabuna, vou pra Salvador. Quando é final de ano eu já faço...

A.: - Esse roteiro todo.

E.: - Esse roteiro todo. É porque eu tenho filho em todos os lugares.

A.: - Ah, e vai ficando um pouco em cada lugar?

E.: - É, tenho filho em Ilhéus, tenho filho em... no Rio, tenho filho em Belo Horizonte. Então, minha filha mais velha, ela mora no Rio. Tenho um filho, que esse filho é adotivo. É... Por sinal, uma pessoa excelente. Excelente, o povo fala que não dá sorte com filho adotivo. Graças a Deus esse eu dei. É um filho de ouro pra mim. Esse mora em Belo Horizonte. Então eu vou pra Belo Horizonte, de lá vou pra o Rio. Vou pra Salvador, de lá vou pra Belo Horizonte. De Belo Horizonte vou pra o Rio.

A.: - Que ótimo, né?

E.: - E aí, tem vez quando eu volto, quando meu filho não tá em Salvador, tá em Ilhéus, aí eu volto por Ilhéus. E aí vou.(risos)

A.: - E conhecendo, tanta... tanta coisa bonita, né?

E.: - Muita coisa bonita principalmente no Rio, né? Ali tem muita coisa bonita.

A.: - Dessas cidades todas a que você achou mais bonita, qual foi?

E.: - É o Rio.

A.: - É?

E.: - Não, Belo Horizonte é muito bonito.

A.: - Sim.

E.: - É muito bonito, agora o Rio...

A.: - Mas o Rio ainda é mais.

E.: - O Rio tem muito mais o que se vê. (risos)

A.: - (risos) a propaganda diz Rio bonito de se vê e é verdade, né?

E.: - É. E sempre que eu vou lá, graças a Deus, passeio muito. A minha filha fica... é... Já tem muitos anos que ela mora lá, já conhece tudo. Meu genro mo... é... pe filho de lá, também, do Rio. Então a gente passeia muito, eles andam muito comigo, né?

A.: - Aonde?

E.: - É no... é lá... é no Cristo, é no Pão de Açúcar, é to... Graças a Deus, ali no Rio, acho que já conheço quase tudo. (risos)

A.: - Que ótimo!

E.: - Que cada vez que a gente vai, eu vou pra lá fico. Sempre que eu vou, passo um mês, dois meses lá, né?

A.: - Sim. Então dá tempo pra...

E.: - E aí, agente passeia muito.

A.: - É. Tem muita coisa bonita pra você, né? Muito bem. Então dessas cidades todas, que você conheceu, assim, é a... lá... A que achou, assim, mais hospitaleira, mas tranqüila? De acolher, de conhecer pessoas. Qual foi dessas?

E.: - Belo Horizonte, também, é uma... é uma cidade muito acolhedora. Eu gosto muito de Belo Horizonte, também. Eu acho... acho que Belo Horizonte e o Rio são igual, né? Que pra mim, eu sei lá, tudo... Acho que é porque todo lugar que eu vou, eu gosto de viver. Então, eu acho que as duas são iguais. Belo Horizonte e Rio.

A.: - Nesse sentido de acolher, né?

E.: - É.

A.: - Muito obrigada então pela entrevista, né? Por sua história de vida, de leitura. Nos fez, aqui, aprender conversando com você, ouvindo o... as experiências, né? De trabalhou, de vida que a gente, sempre, aprende com o outro.

E.: - Com certeza.

A.: - É muito bom uma conversa dessa, que a gente ouve, que a gente cresce, que a gente enriquece, mesmo, ouvindo o outro.

E.: - Pra mim foi melhor ainda. (risos) Pra mim foi melhor ainda, que cada vez que a gente tá conversando, assim, com pessoas parece que... parece que a gente vai se desenvolvendo, mais.

A.: - Hanram. Ótimo, é a gente sempre tem o que dizer, não é isso? E sempre aprendemos.

E.: - É. Isso mesmo. É, com certeza.

A.: - A gente lhe agradece pela atenção, pelo carinho, viu?

E.: - Eu que agradeço.

A.: - Quando tiver todo pronto o capítulo com o texto, nós desta que a gente vai voltar aqui.

E.: - Certo.

A.: - Pra mostra a vocês, né? Ficou... como é que ficou o trabalho final.

E.: - Ótimo.

A.: - Tá certo?

E.: - Ótimo. (risos) Tá bom, então muito obrigada a vocês também.

A.: - (Não entendi) Fiquei curiosa também de vê, né? Como é que ficou, o resultado...

**Entrevista no dia 21/05/2003 com Jacira Rosa Santiago dos Santos - 66 anos
(Realizada do Centro de Convivência do Idoso)**



Ingrid: - Me fale um pouco sobre como era no tempo que a senhora estudou...se a senhora foi à escola ou não...

Jacira: - era um estudo tão atrasado...perai...ai eu tava estudando em São Paulo...

I:- Em São Paulo?

J: - É que eu fiquei lá 32... 32anos é,mas depois eu adoeci ai eu sai da escola,um problema me deu lá de derrame,né? Ai eu parei e sai da escola,como eu não podia andar...

I: - Mas, assim, lá quando a senhora foi estudar, a senhora tinha 32 anos?

J: -Eu fiquei lá em São Paulo 32 anos trabalhando...trabaiano lá em São Paulo.

I: - Ah...sim.A senhora trabalhava de que ?

J: - Lá eu trabalhava em fábrica, pri...primeiro eu trabalhei nuam casa da família há 13 anos,uns italiano.Depois quando eu saio que eles num puderam me pagar foi quando chegou a lei para registrar as empregada né?Ai eles me pagaram aqueles tempos que eu fiquei,não pagou o certo ,mas também eu não sai com as mão abanano,né?Dizer trabalhou e num ganhou nada...

Professora de ginástica (ao longe): - Tá com medo do sol é?

J: - Ai depois quando eu sai da casa de família, ai eu trabalhei ne outra casa, ai minha irmã foi trabalhaia numa fábrica, ai disse assim...

Professora de ginástica (ao longe): - Jacira viu uma tomada por aqui? Ó...

J: - Qual?

(Apos parar a gravação,continuei)

J:- Em casa de família só foi em duas casa, ai o resto eu tava trabalhando na fábrica, ai foi quando me deu o problema lá de derrame, né?Ai eles me aposentaram por invalides, o ruim é que eu fiquei encostada seis meis, com 7meis eles me dispensaram porque disse que eu não podia trabalhar mais.

I: - Então é por isso que a senhora sabe fazer essas coisas gostosas, né? Aqui. È...e...assim, a senhora quando...quando estudou,é...como é que foi a ida a escola da senhora, foi muito incerta,passou quanto tempo?

J: - Oia, lá em São Paulo eu um ano e meio, né?Estudava a noite que já tava já com dor né? Eu tava bem adiantada mesmo, mas o que eu aprendi, não sei se foi por causa do problema, né?Muitas coisas eu esqueci...e esqueci mesmo e esses dias que eu tou...oia esse dia que você me manda eu fazer isso fazer aquilo,eu vou e vou e faço,por isso que eu fico só ali,ó...Pra mim não esquecer o que eu tenho que fazer ,ai pronto...-Não tem não pró-ai...mais eu...vou te falar depois que eu tive...é um problema que dá na gente que agente esquece das coisas...é sério problema de hérnia,problema de derrame acabou que mexe muito com o cérebro da gente.

I: - O pior é até ligo, que eu também, eu tava...Assim eu vivo estudando, né?Lá na faculdade, às vezes eu mesmo esqueço...ai eu...

J: - Apois é...e eu que a semana passada eu fiz 66 anos...

I: - Quanto?...

J: - 66.

I: - 76...nossa,meus parabéns...

J: - Brigada... 66.

I: - Fizeram festa aqui...

J: - Não, nós viajamos...

I: - Foi?...

J: - Fomos lá pro sítio de Aline.Daquela mulher do Luciano Alencar...

I: - Ah...legal!

J: - Passamos no sítio dela, passamos... e foi dois ônibus...passamos o dia todo, a turma toda,todo mundo pra lá .Teve feijoada,e depois teve o café da manhã, três horas teve a merenda... muito gostoso lá. Chegamos aqui era oito horas da noite.

I: - E assim...sobre... os livros que a senhora leu ,a senhora chegou a ler alguma coisa, alguma coisa,algum livro,algumas dessas coisas?

J: - Não porque naquele tempo não tinha isso não...ai!Era um estudo atrasado...

I: - Revistas também...é a quadrilha...

J: - Aquele tempo era muito atrasado.

I: - Ah!Então faz muito tempo?

J: - Claro que faz...e agora minha fia pra mim ler .A semana passada eu fui no médico,no oculista que dona Valdice mandou eu ir e não...o médico disse que é por causa da diabete,que tenho ddddscendência deu ,perde até minha visão,pras mim ter o máximo de cuidado com a diabete.

I: - Minha avó por causa da diabete, ela perdeu...

J: - Essa vista aqui eu to enxergando pouco...

I: - Minha bisavó ela perdeu a visão por causa da diabete, a filha dela, minha avó começou a perde, mas ai ela fez...não sei uma operação que faz em cegos...Oh! beleza,brigada.

J: - Ai, eu cheguei, fui à semana passada que dona Valdice mandou eu ir e o oculista disse que é...que por causa da diabete. Que ele não passou nem colírio nem passou o óculos e ai eu fico ruim.Hoje eu já chorei,porque eu to com a minha vista curta.

I: - Huum...agora,pra poder fazer eessas receitas,a senhora tem receita?

J: - Do que ele passou pra mim?

I: - Não receita assim...

J: - Ah...

I: - Que a senhora não é a cozinheira daqui?

J: - Não, e eu fa...mas eu faço assim pela minha cabeça...

I: - Ah... a senhora já tem de cabeça?

J: - É...

I: - Não porque eu não sei cozinhar muito bem, sabe?...

J: - Ah...

I: - Minha mãe é que cozinha...mas ai quando manda eu pegar e fazer,eu corro lá e eu vejo bota isso,eu boto.Bota aquilo... às vezes só falto botar casca de ovos...

J: - Receita, eu tenho do açúcar união que eu trouxe de São Paulo.

I: - Açúcar União?

J: - É que tem lá...a fábrica do Açúcar União,a firma.Ai agente juntava 12 receita do açúcar que aqui não tem como esse açúcar que o pessoal chama de açúcar refinado,né?...

I: - Ah... eu sei de qual é...

J: - ...eu tinha aquele livro,tanto dos salgado como do doce.Ai na minha mudança que eu mudei de uma casa pra outra até que passaram a mão no meus livros...

I: - Os livros da senhora...

J: - Meus livros de receita...que era...tinha um que sal...só salgado,o outro era de doce...só era coisa doce.

I: - Não eu tenho eu...eu tenho esse livro também,foi a gente juntou, aliás minha mãe,que eu juntei ,eu e meu irmão,agente juntou ai foi lá e trocou.Ai botava mis 5 reais uma coisa assim.

J: - Não eu não paguei nada tinha dois livros.

I: - **Aqui, agente...**

J: - Lá em São Paulo eu trouxe meus dois livros, olhe como eu fiquei... eu...no dia que eu procurei meus livros...que eu chorei tanto por causa dos meus livros...

I: - Eu gosto tanto de arroz doce...não me ofereça não,que eu digo sim.

Uma senhora: - Jucira, tu num vai não, é?

J: - Vou...

A mesma senhora: - Então vai.

J: - É que ela está me entrevistando...

A senhora: - É que a fila tá ali e você?... vai lá...

I: - É assim alguns fatos que marcaram a vida da senhora, a senhora...tem alguma lembrança,alguma coisa assim,como as que já fez?

J: - Não que mesmo, no meu tempo tinha só tristeza, só trabalhar, roça...

I: - Não, mais assim, não é também...

J: - Não...e me casei com 18 anos.

I: - 18

J: - 18 anos eu me casei, e e vive com meu marido só três anos e seis meses...ele lê dava com...

I: - A senhora tem filhos...

J: - Não tenho pai, não tenho mãe, não tenho marido.Até mesmo o marido já morreu.

I: - E a senhora não casou de novo?

J: - Ah?

I: - Não casou novamente, não?

J: - Não...fiquei foi sozinha.Eu ...olhe...que eu me casei com 18.Mas com três anos e seis meses ele me largou eu tinha?...

I: - Depois de três anos, 18 mais três, 21.

J: -E então, perdi a graça.

I: - Tinha a minha idade.

J: - Pois é minha fia, tu tem 20 anos?

I: - Eu tenho 21.

J: - Pois é e... é tão triste da gente casar e o marido larga agente,agente fica numa tristeza,numa depressão que aquilo num sai da gente.Porque se agente casa com aquele rapaz,é porque agente gosta dele né?E ai eu casei e ele me largou por causa de outra mulher,me enganou... mas Deus foi tão bom...que eu disse você vai largando a filha dum home com uma muler e num vai largando uma vagabunda não .E você não vai ver eu aqui na Bahia bater a mão no bolso,me vinguei,pra mim comer um pedaço de pão vou dar meu couro,sofrer longe.Ai foi quando o irmão do papai teve aqui que era sargento ai me levou para São Paulo,ai eu fiquei trabalhando né,ai foi quando eu adoeci...fiz minha casinha...

I: - Aqui ou lá?

J: - Lá...Aqui, fiz minha casinha aqui...Com o dinheiro que eu recebi da firma num comprei uma calcinha, interei pra fazer minha casa.Mas tamem já dei, eu não tenho casa, já doe, não tem gente que adoa assim, vida é minha e morte é de fulano, né?Não... a moça do fórum disse :Mas dona Jacira a senhora está certa?Eu digo estou,eu estou porque agente tem que dá uma coisa é em vida não é morte,não.Então eu pegei e dei a

minha casa,só que ele mora em São Paulo e eu estou aqui.Até a casa tá alugada, ai eu digo o Bium a tua casa está alugada,minha madrinha,que ele é sobrinho e é afilhado.

I: - É que também a senhora não tem filhos, né, ai...

J: - Ai ele disse oi, eu não tenho casa ai.Eu digo, quando você chegar aqui eu vou pagar aluguel e a casa é sua, que eu le dei, ai enquanto ele não tá aqui, eu tô mo...fazendo o dinheiro da casa o aluguel,pago minhas contas,né?Que eu gasto muito de remédio...

I: - Hoje eu paguei o que? Só um de gripe, que eu tô com uma tosse triste.Eu gastei que só e com esse negócio de gripe...

(gravação interrompida)

I: -Agora, o que é que a senhora gosta, assim...no movimento daqui,o que é que a senhora mais gosta,de fazer?Assim, por exemplo, a quadrilha?

J: - É...uma vez já,já...né? Dancei a quadrilha, eu fui à noiva...adorei...fiz uma peça em Salvador,né?A peça do Seu Titico...

I: - Todos daqui?

J: - Daqui...fomos fazer...fizemos aqui...fomo lá pro Centro Cultural,depois que passou uns tempos,nós fomo pra Salvador fazer lá no CESE...

I: - Hummm...Legal!

J: - Com pouco faiz, foi ne oito com dona (não entende), com dona Valdice levou lá no CESE pra nois fazer essa peça...muito gostoso,eu no papel sou Tereza, a cozinheira...a empre...eu sou empregada de dona Tereza,quem é Tereza?Deixa eu ver se vejo ela ali, que ela chama Maria, ai a as outras é Filó, outra é medica, né?Outra é Seu Titico.

I: - Ai cada uma bota um nome diferente...

J: - É...Eu sou Tereza empregada de dona Filó.

I: - Legal, a senhora tem muito, muito...mas também são todas mulheres na quadrilha,não è?

J: - É, rapaz, olha só as mulhe dança e os home não.

I: - Tudo com vergonha...

J: - Só vem só comer...

I: - Assim, quais são as...as músicas que a senhora mais gosta,é tipo essa assim.

J: - Ah...eu gosto é de forró,música antiga que essas músicas jovens agente não sabe dançar não.Então são mais uma como...a de forró , música antiga... eu danço é ai na quadrilha.

I: - E a senhora não vai ensaiar, não?

J: - Não que você, veio, não tem nada não, amanhã eu procuro meu par.

I: - Que zoada é essa?É escolher roupa?

J: - É o vestido, ói lá, ó.

I: - Bora lá, escolher o da senhora...

J: - Perai, viu?

Entrevista com D. Maura dia 01/04/2004 (Realizada no Centro de convivência dos Idosos)



A.: - Entrevista com Maura, na pesquisa História de Leitura na 3ª Idade: memórias individuais e coletivas, no Centro de Convivência do Idoso em 1º de abril de 2004. Quantos anos cê tem Maura?

M.: - Setenta e... 71 que eu vou fazer logo mais.

A.: - É? 71 pra anotar. Você começou a frequentar aqui a Casa de Convivência do Idoso desde quando?

M.: - Desde 5 ano já.

A.: - Já?

M.: - Tem bem 5 ano já.

A.: - É?

M.: -É.

A.: - Desde que fundou, logo, logo, você passou...

M.: - Foi, logo, logo entrei, né?

A.: - Passou a frequentar. E... e o que mais gosta de fazer aqui?

M.: - Um bordadinho quando marca. Ponto Cruz, né? Esse é bom demais. Quando eu tô sem fazer, fico impaciente, né? Fica parada assim, é ruim. Bordado pelo menos passa o tempo, né?

A.: - O tempo vai passando.

M.: - Apesar da zuada da... das menina, que é uma zuada danada. (risos)

A.: - Mas além de fazer o seu bordadinho aqui, qual outra atividade você gosta que você gosta de fazer aqui, quando vem passar a tarde?

M.: - Ginástica.

A.: - Ginástica, que ótimo. E... e o curso que você tá fazendo, tá gostando do curso de literatura?

M.: - Tô gostando de tudo. (não entendi)

A.: - Popular, tá gostando?

M.: - É, tô gostando sim.

A.: - Que... que, que tem aprendido?

M.: - (não entendi) que nós não sabia, né? (não entendi) falando sobre uma criança (não entendi).

A.: - Cantiga de roda.

M.: - É.

A.: - Cabra.

M.: - É. (não entendi)

A.: - Canta, relembra, né? Das cantigas e tudo.

M.: - É.

A.: - Oh, Maura. Me diga aí, pra você, qual é o significado da leitura, assim, na sua vida?

M.: - Da leitura?

A.: - Sim. Você veio... você... é... veio aprender a ler aqui, escrever um pouco aqui ou você quando chegou aqui já lia, já escrevia?

M.: - Não (não entendi) sabia um pouquinho, né? De leitura.

A.: - De le... leitura e es... escrita você já tinha estudado antes?

M.: - É.

A.: - Você foi pra escola com quantos anos?

M.: - É, uns 10 ano e meio assim.

A.: - Foi e estudou assim, muito tempo ou não? Saio logo da escola que...

M.: - Pouco tempo, né? Tá na escola depois o calor, aí. Não foi muito tempo, escolinha sem futuro, né? Lá nos mato, na roça.

A.: - Ah, você estudou na escola rural?

M.: - Não. Sim acho que foi, né?

A.: - Na roça?

M.: - Mas nesse tempo, não tinha sala, não. As professora ia, assim, né? Informal (não entendi)

A.: - Sim. Mas você pri... primeiro morava na roça?

M.: - Em Ourolândia, não é?

A.: - Ah, em Ourolândia que é município.

M.: - Ai depois morei no Mucambú, morei em São Bento. (não entendi)

A.: - Todos perto, né? Município.

M.: - É, é. De Ourolândia.

A.: - Na redondeza. Então sempre que... que foi a escola, já foi mesmo lá... Assim passou muito tempo na escola ou foi depois de 10 anos, assim, que começou a lê... Foi pra escola aos 10 anos e passou, assim, quanto tempo estudando pra depois parar de estudar?

M.: - Eu não me lembro, não, porque também eu fui embora lá pra Sergipe, né? É, quer dizer, não é Sergipe mesmo, é Bahia, né? Agora (não entendi) é Jequié, né?

A.: - Sei.

M.: - Agora a gente chama Sergipe.

A.: - Hã. E já é na divisa?

M.: - Sou filha de lá, né?

A.: - Filha de lá?

M.: - É. Filha de lá (não entendi)

A.: - De qual cidade?

M.: - É Coronel João Sales.

A.: - Coronel?

M.: - Coronel João Sales.

A.: - Ah, coronel João Sales. E... e aí você parou de estudar, já moça ou não?

M.: - Foi.

A.: - Foi?

M.: - Foi, mocinha.

A.: - Então você estudou, assim, mais ou menos com 5 anos ou mais de 5 anos?

M.: - Não, mais de 5 anos.

A.: - Ficou na escola mais de 5 anos?

M.: - É, é. Mais de 5 anos.

A.: - E tem assim irmãos ou só é você?

M.: - Nós era mais 4. (não entendi)

A.: - Nove irmãos?

M.: - (não entendi) só tenho duas irmãs hoje. Duas mais não, duas comigo, né? E um irmão.

A.: - Os outros morreram?

M.: - Foi.

A.: - E de lá, de... dessa cidade...

M.: - (não entendi)

A.: - É. (não entendi) não sei como é?

M.: - Ou (não entendi)

A.: - Coronel...

M.: - João Sales.

A.: - João Sales, né? E aí, você morou lá muito tempo, depois foi que veio pra cá, pra... pra Bahia?

M.: - Foi lá, no tempo que eu morava lá em (não entendi) criança. Depois eu vim pr'aqui pra... pra Ourolândia, voltei pra lá (não entendi) morei em Itabaiana (não entendi)

A.: - Certo.

M.: - Morei em Itabaiana, também.

A.: - Ah, morou em Itabaiana?

M.: - Foi.

A.: - Quando casou?

M.: - (não entendi) lá em Coronel João Sales, casei em Coronel João Sales.

A.: - Sim.

M.: - Aí depois morei em Itabaiana, né? (não entendi)

A.: - Me diga, então, ne... nesse período que você estudou depois que saiu da escola, você sentiu falta, assim de leitura, de ler, de história, de saber das coisas ou... ou a leitura não lhe faz falta?

M.: - Não senti porque a gente ficava trabalhando na roça, né? O tempo passava, a gente trabalhando, trabalhando. Trabalhava na roça, né?

A.: - Ah, trabalha em roça. Em agricultura. E... e geralmente era roça de que? Milho, feijão...

M.: - É, milho, feijão, mamona, folha, tudo que você falou, né?

A.: - Toda essa parte você trabalhou. Plantava o fumo também ou não?

M.: - Como?

A.: - Fumo também plantava na roça?

M.: - Plantava.

A.: - Era?

M.: - plantava. Desde eu mocinha, que eu já trabalhava na roça. Eu plantava uma roça pra mim.

A.: - Era Maura?

M.: - É, capinava. Agora não tenho coragem mais não.

A.: - De feijão, de milho?

M.: - É. Quando via aqueles feijão, aqueles milho, vendia e comprava roupa, calçado.

A.: - Ah, Maura!

M.: - Gostava de andar arrumado, né? (risos)

A.: - É, claro, é. (risos) Se arrumava pr'as coisas que você queria, não é?

M.: - É.

A.: - Com seu dinheiro.

M.: - Que o pai da gente não dava roupa, né? Só dava o assustento, mas roupa (não entendi) a gente tinha que trabalha pra conseguir.

A.: - E quando você estudava Maura, você se lembra, assim, se as professoras é... incentivam o hábito da leitura, botavam vocês pra lê, muitos livros revistas todos os dias ou não?

M.: - Não.

A.: - Na escola...

M.: - Na alfabetização lia a cartilha, né? Botava pra lê... lê a tabuada também (não entendi). Lê o ABC, né? (não entendi)

A.: - E, assim, poesias. Declamar poesias lê. E num... num... não era muito que a professora fazia, não?

M.: - Não fazia muito não.

A.: - Não? Dificilmente vocês liam poesias?

M.: - É.

A.: - Você se lembra, ainda, de como aprendeu a ler? Como a professora explicava com o alfabeto, com a cartilha? Quais eram as lições, se recorda de alguma ou não lembra mais de nenhuma?

M.: - Eu acho que não lembro mais de nenhuma.

A.: - De que falava (não entendi), as histórias, as... as... as... na cartilha.

M.: - As histórias que tinha na cartilha, né?

A.: - Sim. Não lembra de nenhuma? Recorda mais nenhuma?

M.: - Não.

A.: - Se quando, por exemplo, quando ia falar de família, é... de como... como é que contava a história, na cartilha, de quem fala? Mas lembra de como a professora lhe ensinava a ler?

M.: - É A, B, C, né? Que (...) era soletrando.

A.: - Juntando?

M.: - É.

A.: - Assim, C-A-Ca.

M.: - É.

A.: - Era assim?

M.: - (...).

A.: - Então, nesse período da escola, a ge... você tinha, assim, mais colegas meninos ou meninas? Era muita gente ou estudavam pouco?

M.: - Menina, muita gente, muita mesmo. E era longe, a gente caminhava bem uma légua.

A.: - Pra ir pra escola?

M.: - É. Pegava a bolsinha (...)

A.: - Sei.

M.: - (...).

A.: - Sim. Porque de onde vocês vinham pra onde estava localizada a escola era longe.

M.: - Era.

A.: - E vinham todos a pé Maura?

M.: - Todos a pé.

A.: - Todo mundo junto, quem morava por perto?

M.: - É. Vinha junto quem morava por perto (...).

A.: - E tinha número grande de alunos?

M.: - É.

A.: - Mais ou menos quanto?

M.: - Tanto de lá mesmo estudava como de casa (...).

A.: - A sua sala tinha mais de 30? Ou era menos?

M.: - Menos.

A.: - Uns vinte alunos?

M.: - É.

A.: - (...) E no recreio, me... vê se você se recorda, assim, de alguma brincadeira, de alguma música, de alguma cantiga de roda que vocês brincavam na época, quais eram as cantigas de roda que vocês mais cantavam, assim, na hora do recreio, quando dava o recreio?

M.: - Na escola não cantava roda não.

A.: - Não? E brincavam de que na hora do recreio Maura?

M.: - Brincava... sei lá, ficava conversando o tempo todo (...).

A.: - Não. E brincadeira, qual era as brincadeiras que mais gostava de brincar?

M.: - Quando tava na escola?

A.: - Sim. Na época de escola, de criança.

M.: - (...).

A.: - Num gostava na época de brincar com menino, brincava de gude, naquela época. De pião.

M.: - Não.

A.: - Não tinha nada disso nessa época?

M.: - (...).

A.: - Nem jogava pião, nem aquela jogo de cênica, era desses que fazia, não?

M.: - Não.

A.: - Vocês não brincavam de casinha, de... de bonecas, de nada disso, de E-U no recreio da escola?

M.: - Não.

A.: - Não?

M.: - Brincava de outras... outras brincadeiras, né?

A.: - Em outros lugares, né? Na hora do recreio da escola não?

M.: - Da escola não.

A.: - Só ficavam conversando?

M.: - Mas era pouquinho tempo também (...).

A.: - Vocês lanchavam, faziam lanche coletivo, todo mundo de baixo da árvore.

M.: - Era. É e chegava a hora de ir pra casa, quando via, não dava tempo de brincar.

A.: - E o que mais fazia na escola? Que tipo de atividade era que mais a professora passava?

M.: - Na escola?

A.: - Hum. Era pra lê pra tabuada?

M.: - (...) ninguém desenhava, não fazia desenho, não desenhava nada.

A.: - Não Maura?

M.: - Não. (...)

A.: - Fazia copia, fazia ditado, como era? Fazia... é... botava pra estuda tabuada, como foi que ela fazia?

M.: - É, fazia tabuada.

A.: - E assim, inventava histórias, criava?

M.: - Criava.

A.: - A pró assim uma figura, uma tema pra vocês criara uma história ou não.

M.: - Não.

A.: - Não? Nunca inventava histórias.

M.: - Não, só mesmo pra lê (...)

Ingrid: - é porque era mais... a escola era, assim, de baixo de uma árvore?

M.: - Era numa casa, né, era numa casa.

I.: - Ai só que. Era numa casa.

M.: - Era numa casinha de barro (...).

I.: - Ah, sim.

M.: - Por causa do salão, assim, sabe?

I.: - Não tinha então, um lugar que tinha muito espaço.

M.: - É, um tempo muito atrasado.

A.: - (...) e assim, livros... vocês, depois, mesmo saindo da escola teve interesse e curiosidade de lê algum livro ou revista, ou não?

M.: - (...) Também esqueço.

A.: - É mesmo Maura (...)?

M.: - Só mesmo o mercado, anotar uma coisa assim que tá faltando, que foi que eu vim buscar?

A.: - Que foi que eu vim?

M.: - Não tire a caderneta que eu não tenho mais nada na cabeça não. (risos) Quando eu lembro de procurar alguma coisa, assim, pra...assim, vez enquanto eu lembro, mas aí lembrar que eu tenho que passar.

A.: - Pra contar a história toda, esquece?

M.: - É. Conta a história toda, esqueço.

A.: - Quando vai perguntando, vai lembrando aos poucos?

M.: - Alguma coisa, né?

A.: - Quando tá... quando faz a pergunta, né?

M.: - Ali quando a men... eu brincava Ana escola, né? Todo mundo inventava as brincadeira de roda, aí que eu me lembrava, Ah! É um verso. Ai, no finalzinho do que tava falando aí, eu ia lembrando, mas assim na hora, não assim.

A.: - E fora da escola as... as brincadeiras, cantigas que mais cantavam, no tempo, não lembra de nenhuma, não?

M.: - Cantava. Cantava limoeiro, né?

A.: - Ah, meu limão, meu limoeiro.

M.: - É. Meu pé de Jacarandá. (...) É um verso.

A.: - É?

M.: - (...) carregado de amor. (risos)

A.: - É?

M.: - Esses verso assim a gente sabe, né?

A.: - Hum.

M.: - Mas o resto.

A.: - Esquece. E você assim, já casou, com quantos anos? Casou novinha?

M.: - Casei com 21 ano. Não tava nova, não.

A.: - Ah, não tava novinha, pra época, que as moças casavam sempre muito cedo, naquela época, né Maura?

M.: - É.

A.: - E quantos filhos você chegou ater Maura?

M.: - Eu tive uns... duas mulheres, dois homem só. Acho. Dois deles morreu só (...).

A.: - Foi? Morreu pequeno?

M.: - Morreu com três meses e 5 dias. Eu tive quatro. Eu tive uns parto muito duro. Eu tive um... primeira, que deu muito trabalho, foi 5 dia, 5 parteiras, não tinha médico, (...), quem ia pra Aracajú era... não era pobre, né? Demorou 5 dia, com 5 parteira dentro de casa, né?

A.: - Sentindo dor, mas nada de...

M.: - Dor, dor mesmo de morrer. Teve uma mulher que botou a mão na minha cabeça, fez uma oração ai...

A.: - Rapidinho teve?

M.: - Tive a menina.

A.: - Foi mesmo Maura?

M.: - Ai, sei que foi Nossa senhora que desceu do céu, chegou e botou a mão aqui. Que a primeira é que foi de dor sabe?

A.: - Sei.

M.: - A primeira, né? A segunda já foi um parto (...) agora o quanto já foi ruim (...).

A.: - Ah, foi forte.

M.: - Ele nasceu... ele foi... foi a ferro que ele tirou.

A.: - Hanram.

M.: - Nesse tempo fazia nem o parto Cesário.

A.: - Não fazia não?

M.: - É.

A.: - Tirava a Fórceps.

M.: - Tirava a ferro.

A.: - Porque você já tinha dado início ao processo de... de parto, entendeu? E quando entra já no processo de parto, já não dá mais tempo fazer cesário . Então tem que... que ter... o que serve pra fazer cesário, pra fazer antes da... de... de começar o processo de... de... de dilatação.

M.: - Acho que nesse tempo não fazia, tem uma pessoa que (...) ai viram que eu ia morrer mesmo, ai foi buscar o médico, ai o médico brigou tanto, porque a hora de vim de Ourolândia praqui buscar um médico, magina.

A.: - É claro Maura! É.

M.: - Doutor chegou lá, brigou tanto.

A.: - Já trazendo você.

M.: - É, ele brigou (...) foi tão bom pra mim.

A.: - Pra leva.

M.: - Ai quando tenho o menino... o menino nasceu morto, morto, um pedaço preto no lugar, né? (...) ai quem diz que eu dormi mais (...) ai fico eu fazendo a cesariana, né, e todo mundo foi dormi e eu chorando, de madrugada só fiz chora. Passava tempo, tempo (...).

A.: - (...) Me diga uma coisa Maura, na escola onde você estudava, você disse que era como um salão, né? Então, também não tinha biblioteca na escola (barulho de caminhão).

M.: - Não tinha não.

A.: - Então para vocês ler história para discutir ou professora levava ou vocês não tinha livros pra ler.

M.: - É.

A.: - E me diga uma coisa, assim de sua vida quais são os... as lembranças que você tem assim, de um período que você tem, assim, mais saudade, que você recorda, que numa época boa que você viveu?

M.: - O tempo que eu era moça, né, que fazia os passeio, as festa em casa (risos) era bom demais.

A.: - E o... costumava passear em qual...

M.: - Nós trabalhava na roça pra andar arrumado, tudo direitinho, né ? Só comprava roupa boa!

A.: - Pra andar tudo arrumado?

M.: - Tudo arrumadinho, nos passeio fazia sucesso. (risos)

A.: - Fazia sucesso (risos). E me diga uma coisa, quais... quais eram as musicas que você mais gostavam de dançar nas festas, era mais forró, ou era mais seresta?

M.: - Nesse tempo não tinha forró nem tinha seresta.

A.: - Não?

M.: - Não, não.

A.: - As orquestras tocavam o que?

M.: - Não lembro mais o que eles tocavam, sei que era sanfona, né?

A.: - Mais era sanfona?

M.: - É.

A.: - Então, a san... o forró pé serra.

M.: - É, a sanfona. Vai ver que era forró mesmo, né?

A.: - É, que na sanfona tocava o forró pé de serra, né? Todo mundo diz que hoje não tem mais o forró legítimo que...

M.: - Tocava essa música de... de...

A.: - Então, Luiz Gonzaga. (...)

M.: - É esse ai mesmo.

A.: - É.

M.: - De quem é velho, né?

A.: - E... isso, então você já ... já, assim, na sua época, você já... já na sua geração, você já ouvia e já dançou as músicas de Luiz Gonzaga, o Rei do baião, né?

M.: - Ah, é dançava.

A.: - E quais que você ainda lembra um pouquinho, os pedacinhos? Se recorda.

M.: - Asa Branca, né? (...)

A.: - E aquela que fala da seca. De...

M.: - Não lembro não.

A.: - Triste partida, não lembra dela? Que sofre por causa da seca do sertão, que vai embora, o... que todo mundo vai embora, que deixa o amor dele, Rosinha.

M.: - Não sei responder. Não sei não.

A.: - Setembro passou, outubro e novembro...

M.: - É, é essa. (risos)

A.: - Já tamo em dezembro, meu Deus o que é de nois.

M.: - É. Tem fé em Deus.

A.: - Que não chove, né? E televisão você gosta de assistir Maura?

M.: - Gostava muito de televisão, mas depois que eu participei da... do grupo carismático sabe? Aprendi muita coisa (...) Só gosto mesmo de coisa da igreja, tipo a Canção Nova, a Rede Vida, missa e louvor. Só isso.

A.: - Jornal, não?

M.: - Jornal, é jornal. Nem jornal assisto mais, que eu não assisto muito, só essa novela que terminou... que começou esses dias, aquela dos menino, já gosto de assistir ela.

A.: - Gosta?

M.: - É.

A.: - Chocolate com Pimenta?

M.: - É, Chocolate com Pimenta. Não, Chocolate com Pimenta não.

A.: - A qual?

M.: - Depois de Chocolate com Pimenta, a outra.

I.: - Da Cor do Pecado.

M.: - A daquele menino, aquela parte (...).

A.: - Ah, do menino, sim.

M.: - É. (...).

A.: - Aquela criança, né?

M.: - É aquela criança, é. Leva o (...).

I.: - Ah, a senhora que sai.

M.: - É, assim, se tô dentro de casa, eu vô e assisto na (...) mas durante o tempo da novela tu acredita que eu ia pra igreja, não esperava terminar a missa, ai eu saia (...) por causa da novela, mas agora eu nem (...)

A.: - Já não sente falta, né?

M.: - Sinto não, só coisa da igreja mesmo. Essas novela imoral, tá cheia de imoralidade, né?

A.: - Tem muitas que você, não...

M.: - É.

A.: - Não tira lição de vida, né?

M.: - Essa mesmo ai, que a gente (...)

A.: - Sim.

M.: - (...)

A.: - Que... que é Lima Duarte que é o autor.

M.: - É. (...) novela (...)

A.: - Eu não assisto, mas de vez em quando, eu vou assistir, mas eu sei que o ator é Lima Duarte.

M.: - É. Meu Deus (...)

A.: - Você disse assim que as novelas passam muita imoralidade.

M.: - Sim, lá tem um tal de um curador, um tal de painho, que o novela enrola rola (...) o tal de painho, né? O curador.

A.: - Sim.

M.: - Da novela, ah, mas é nojento! Eu gosto do menino.

A.: - Ô Maura de... desses programas que você falou ai, que... que assisti, qual que você tira mais... mais lição para a sua vida? O que, que eles lhe ensinam?

M.: - Me ensinam?

A.: - Sim, que ensinamento você tira desses programas que tão... que você assiste, que você falou ai? Da... da canção, da tv vida, das missas que as vezes, você também assiste a um jornal e um pouquinho de novela.

M.: - Isso, de novela.

A.: - Desse todos que nós falamos ai, quais os que você acha, assim, melhor, mas proveitoso, que lhe ensina coisas?

M.: - Igreja. (...).

A.: - O que, que... o que é que mostra nesse programa?

M.: - Mostra?

A.: - Hum.

M.: - Mostra que a gente tem que se apegar muito com Deus, chama muito pelo nome de Deus pra ele nos ajudar, né? Pra nos livrar do mal e (...).

A.: - Então você prefere, programas, né, religiosos?

M.: - É, religiosos.

A.: - Que vai... pra você, vai lhe ajudar, você, a respeito de sua vida.

M.: - É, transformar.(...) Eu não sabia nem ler uma bíblia, né? Nem lia. Quando eu morava em São Paulo, eu dizia homem, (...) Pra que mãe quer a bíblia, mãe não sabe lê, mas eu aprendo, ai na carismática a gente levava a bíblia e ia dizendo o evangelho, ai eu fui aprendendo, eu não sei falar do evangelho, mas eu vendo eu falo.

A.: - E você, a leitura que você mais faz então, agora, já, é a bíblia. Não é?

M.: - É.

A.: - Não é revistas, voltou-se pra... uma das coisas que você, mais lê agora, atualmente é a bíblia.

M.: - As coisas que eu tô enfrentando na minha vida (...).

A.: - Vai lê?

M.: - Os salmos. O salmo 90.

A.: - O que é que diz o salmo 90? Fala o que o salmo 90?

M.: - O salmo 90?

A.: - Sim.

M.: - Que é... é....

A.: - O senhor é meu pastor?

M.: - Não.

I.: - Esse é o 23.

A.: - (...)

M.: - (...)O exorcismo (...) Sabia todinho de có, (...) tu que habitas (...).

A.: - Por que você gosta de ler esse Maura?

M.: - Porque é o único que mandavam a gente lê uma mensagem em casa, assim.

A.: - E você entende que ele tá... tá dizendo o que pra gente?

M.: - Tá dizendo, assim, não, tem jeito, né? (risos)

A.: - O exorcismo quer dizer que... que morre uma pessoa, quando ela(...).

M.: - Quando ela passava...

A.: - Hum.

M.: - Tu es o meu refúgio (...).

A.: - Porque o resultado (...).

M.: - (...) era todo (barulho de moto).

A.: - Você gosta exatamente por isso, que você entende que ele esta mostrando, uma forma de progressão, de nossas vidas (...).

M.: - Tem aquele salmo, confiando em Deus né? Pedindo a ele assim, sabe?

A.: - Além da bíblia...

M.: - Tem o... o... tem outra parte também, que (...) mas agora não dá não.

A.: - Esqueceu?

M.: - Tá vendo? Agora, ainda agora, criado o passado, né?

A.: - Mas as vezes, lembra mais o passado do que o de agora sabia? Porque você viveu, tá guardado. Esqueceu guardou, quando eu... você se mete a falar, você relembra tudo mais fácil de que um... um fato recente.

M.: - É, ainda, tem coisa, que eu lembro, assim (...).

A.: - Por exemplo, quando você é... era criança... você vivia na cidade ou na roça?

M.: - Na roça.

A.: - E... e quando você viveu na roça até quando? Até mocinha?

M.: - Até mocinha.

A.: - E quando depois, veio morar na cidade, já tava casada?

M.: - Já.

A.: - Já? Qual a diferença, que você acha... acha da roça pra cidade? O que é que você mais gostava? Você mais gostava de morar na roça ou na cidade? O que?

M.: - Eu gostava mais da roça porque a gente tem muito as (...) ia dormi no quarto, assim, a janela assim(...).

A.: - Então a parte da roça que você mais gosta é essa?

M.: - Aqui a gente tem mais conforto, né?

A.: - Hum.

M.: - (...).

A.: - Qual... qual é o conforto que você acha que aqui tem mais melhor que na roça, pra gente viver ser mais saudável? Que não tinha lá antes?

M.: - O conforto aqui é melhor porque você não precisa ter que ficar só num canto, né? Até planta. Tudo pronto, né? Tudo pronto. Até a comida se quiser comprar pronta, a gente compra. E lá você tinha que ir pro pilão, pisar o tanto da (...) pisava, arroz tinha que pisar também.

A.: - Pra descascar.

M.: - Sei lá, pra moer. O milho tinha que moer pra fazer cuscuz. Tinha, não sei se vocês conhece, fubá, que é só pisar.

A.: - Fubá.

M.: - Eu faço assim, né?

A.: - Fubá de milho?

M.: - Fubá de milho, já moeu? A forma de pisar aquele milho era muito sofrido, né?

A.: - Ah, pra fazer a...

M.: - Ai vai fazendo o fubá.

A.: - A fubá, pra depois fazer o cuscuz.

M.: - É. Milho tinha os bando no mato, no sol, né? Aquilo ali...

A.: - Mutirão?

M.: - Isso, mutirão.

A.: - Pra fazer a... o milho de pipoca moído e torrado? Fazia aquela... aquela... como era o nome? Que o povo gostava de comer com manteiga, mas tinha um nominhozinho.

M.: - Eu gostava muito dá... é paçoca de amendoim, é?

A.: - Paçoca.

M.: - Paçoca de amendoim (...) Hoje você tem saudade de comer uma paçoca e não pode comer, que não tem onde comprar. (risos)

A.: - Coisas que já não acha, mas agora.

M.: - Não é? As vezes dá uma saudade de comer uma paçoca e não pode (...).

A.: - Então em relação a... a cidade, o que você mais sente falta da roça e mesmo no sentido desse momento de... de mais paz de espírito.

M.: - Mais paz.

A.: - Mais tranquilidade, que a cidade é agitada, né?

M.: - Que aqui a gente sofre mais.

A.: - Com o barulho.

M.: - Só tem paz quando a gente tá na igreja, não é? Na missa. Você é Católica?

A.: - Sou Espírita.

M.: - É? A gente só tem paz quando a gente tá na igreja. Lá, ouvindo a palavra de Deus.

A.: - Você costuma ir na igreja quantas vezes assim, Maura?

M.: - Hoje mesmo era uma dia pra mim ir, mas eu tenho (...) mesmo sem tá tendo missa, tem a oração, né? Ai eu esqueci, mas eu vou uma vez na missa, é muito cansativo.

A.: - Qual é a igreja que você frequenta?

M.: - Essa da Matriz, da Missão e da Conceição.

A.: - Então o grupo das carismáticas vai...

M.: - De louvor... tem louvor na carismática na terça-feira na Missão... Na Conceição.

A.: - Sim.

M.: - Pela tarde e quinta-feira, hoje, tem na Missão.

A.: - Hum. Quer dizer que nas três funcionam os grupos?

M.: - É, vá lá uma horinha, né? Você mora longe é?

A.: - Moro.

M.: - Lá é tão bom. (risos) Tão gostoso!

A.: - É. Nunca... nunca fui não, mas vocês... cantam, também, Mura, as músicas de fé?

M.: - Canta. A gente canta.

A.: - Você lembra de algum cantinho ou não?

M.: - Ah, ainda agora tava a canção nova ali. Espírito enche a minha vida, enche-me com o teu viver, pra viver eternamente, sempre contigo. E outra é, as minhas mãos eu quero levantar, (risos) ai eu vou te adorar, meu coração eu quero (...) espírito, no dia que eu te encontrei (...).

A.: - Maura, me diga uma coisa, de... você me disse que trabalhava na roça, moendo, né? Feijão, no milho, na mandioca, fatura, agricultura, sempre teve uma vida, né, de muito trabalho, que na roça é muito trabalho. E ai, depois você casou, veio embora, né, dá roça e tudo. Teve seus filhos e você sempre trabalhou, só dentro de casa criando os seus filhos ou você chegou a trabalhar fora Maura?

M.: - Tinha até a primeira filha, que eu trabalhava até de enxada. Também, né, na segunda. No quarto foi que eu deixei de trabalhar porque quase eu morri, né? Os outros parto todo eu trabalhava muito na roça, com a barriga muito cheia, pegando mamona com uma só amarrada, assim (...) aquele pesão assim, da barriga bem grande. Catava feijão se abaixava aqui, não sei pra que, vinha à barriga. Mulher, sofri muito, viu? Ai foi devido aqueles partos, que eu fíncava assim, sangrava muito, ai meu marido ficou com medo (...).

(mudança no lado da fita)

A.: - Sim.

M.: - Que os três parto (...).

A.: - E trabalhou na roça antes, mas depois disso não trabalhou mais pra ninguém.

M.: - Pra ninguém.

A.: - E... e é aposentada?

M.: - Sou aposentada.

A.: - É aposentada. E não chegou, assim na sua vida, você não tem experiência de ter tido um emprego, fora de... do lar, numa loja.

M.: - Não.

A.: - Ou costureira, não teve não? Não teve isso não, né? Pra ganhar salário, ter uma profissão assim pra não ser doméstica, não?

M.: - Só na minha casa mesmo.

A.: - Certo. Foi lavradora, não é? Depois foi que cuidou dos seus filhos e ficou trabalhando como doméstica, não é isso? E Maura nesse... nessa... nessa vida inteira que... sua, de... de criar filhos, de casar, de ir pra igreja, né, de depois entrar na carismática, quais foram... você assim, analisando hoje, você, assim, sentiu necessidade ou falta da leitura na sua vida como profissional? A leitura fez falta?

M.: - Falta?

A.: - Sim pra você aprender mais ou você... você acha que você teria vontade de continuar estudado? Ou não?

M.: - Não tinha não. Acredita que eu não tinha vontade? Queria só cuidar dos filhos né? Não voltei a cuidar do estudo, porque dava pra eu ter estudado, né? Foi que eu cheguei aqui também, tem um bocadinho de ano que eu moro aqui.

A.: - E aqui na casa de convivência você também, não... não faz parte da sala de aula ali? Não estuda não, nunca quis?

M.: - Não, que eu já sei de... já sei escrever meu nome, pronto.

A.: - Não quis mais?

M.: - Não quis mais.

A.: - Mas você não sente vontade de aprender mais pra ler melhor a bíblia não?

M.: - Não a bíblia até que eu já leio bem. Eu só não leio, assim, pra eu chegar assim ir lá no altar e lê uma leitura, assim, né?

A.: - E além da bíblia.

M.: - Fico com medo de errar, mas tudo é medo, que as vez também vai, ai não erra, né?

A.: - Pois é. Num... num... num... o que vai nos mostrar isso é se fizer.

M.: - É.

A.: - É a prática, né?

M.: - Não sei muito é escrever, acabei (...) eu esqueci, era pra mim escrever um nome assim, mas (...).

A.: - Qual vai ser as letras, né?

M.: - É. (...)

A.: - Naquele dia mesmo na aula que a professora pediu pra fazer o cordel, você fez o cordel direitinho com os versinhos do cordel? Você sente a dificuldade mais na onde? Você sabe qual é o verso que bo... dizer?

M.: - Ah, não fiz aqueles verso não.

A.: - Fez não?

M.: - Não.

A.: - Mas na hora de escrever você sente dificuldade?

M.: - A gente escreve só uns três texto lá.

A.: - Ah, agora vai ser texto.

M.: - Ser texto só.

A.: - Além da bíblia que outro tipo de leitura você faz?

M.: - Eu gosto (...).

A.: - Você falou também que o que mais gostava na época de solteira, que era moça, era ir pras festas passear. Quais foram os lugares que você passou que você mais gostou? De conhece, de ir.

M.: - Os lugares era por aqui mesmo (...) nas novena, assim, nas novenas (...) muito canto, Mairí . Tem aquelas novena que (...) tocava a caixa, zabumba, sabe? Batia cada zabumba que era (...) meu pai também tocava e ele vai tocar na casa... naquelas festa...

A.: - Sei.

M.: - Com o pessoal, né? (...) Foi a senhora Madalena (...).

A.: - É, a partir da novena é que fazia o festejo?

M.: - O festejo.

A.: - Não é?

M.: - Festejo, né?

A.: - Dançavam ali como um samba de roda ou não?

M.: - Não era (...) festa mesmo religiosa, né? (...) Dona Madalena (...) muito lindo, sabe?

A.: - Ai quer dizer que ela... elas mandavam, passavam dançando...

M.: - É.

A.: - De carro?

M.: - (...) não vinham andando, né? Elas vinham andando assim e os... Ai, vinha os que tocava, batia. Eles iam passando assim, de costas assim (...).

A.: - Como se Fosse um... um cortejo?

M.: - (...).

A.: - Como geralmente, nessas festas de igreja era comemoração a algum santo?

M.: - Era (...). Ia cantar meu Santo Antônio casamenteiro (...).

A.: - E ai todo mundo acompanhava?

M.: - Oxê, acompanhava tudo dançando. (risos) É dançando.

A.: - Isso... isso nas novenas? Me diga uma coisa, é que você... é que esses passos ai que você... você disse que era tudo, assim, por perto. Cidades perto. Você já chegou a ir em Salvador? Conhece Salvador, não?

M.: - Eu já fui em Salvador duas vezes.

A.: - E gostou?

M.: - Gostei.

A.: - E cinema já foi?

M.: - Fui com Dasdores, uma amiga minha.

A.: - Foi com Dasdores?

M.: - Foi. Aniversario de um filho dela. Ai foi muito bom, a gente conheceu a ilha, mas nesse dia foi tão bom porque tava chovendo, né? Era casa de praia (...) ai eles tava arrumando (...).

A.: - Lá na casa de praia?

M.: - Não. O aniversário foi cá na cidade mesmo.

A.: - Foi. Na cidade, depois é que vocês foram pra ilha.

M.: - Foi, foi. E outra vez eu fui, uma menina convidou a gente, lá de Salvador. Aí meu filho trabalhava na São Luís, me levou, né? Eu fui lá fiquei na casa dela. Aí ela tem duas crianças pequenas, ele foi tão boa comigo, ela foi... Salvador saímos de manhã (...) o dia todinho em Salvador passeando assim, fomos na igreja lá (...) com os meninos pequeno, né? A gente voltou já era de noite, pra para um táxi (...).

A.: - E quem era ela?

M.: - (...).

A.: - Ah, amiga sua, né?

M.: - Amiga é.

A.: - Ai você... você passou um dia observando, né, as igrejas?

M.: - Foi, o dia passeando na... passeando na cidade.

A.: - Achou bonita Maura?

M.: - Fomo pra praia, nós fomo pra praia.

A.: - Foi Maura?

M.: - Foi.

A.: - E achou da praia?

M.: - Achei muito linda a praia.

A.: - Tomou banho de mar?

M.: - Eu não tomei banho não.

A.: - Não? Por que?

M.: - Porque eu (...).

A.: - Teve medo?

M.: - (...) maravilhoso. Eu já fui no Rio também.

A.: - No Rio de Janeiro?

M.: - Fui em 2000, no Rio de Janeiro (...)

A.: - Passeou muito?

M.: - Passeei, fui no Cristo.

A.: - Ah, Maura que ótimo!

M.: - Só não fui no comércio porque tava ruim demais, né? (...) ai, (...) foi dá um passeio na... na... travessemo ali mesmo em Niterói, né? De barco.

A.: - A ponte Rio-Niterói? Então você já conheceu o Rio de Janeiro, São Paulo?

M.: - São Paulo?

A.: - São Paulo não?

M.: - Não.

A.: - Mas o...

M.: - Minha filha já morou em São Paulo, minha irmã e eu nunca fui em São Paulo.

A.: - Foi?

M.: - Foi.

A.: - Podia ter aproveitado, ter passado lá.

M.: - É. Pois morava lá. Tinha mais de vinte anos já.

A.: - Foi em Salvador e Rio. E gostou mais de qual? Salvador ou Rio de Janeiro e porque?

M.: - Do Rio. (risos)

A.: - Porque do Rio mais?

M.: - Porque a gente gosta de ir pra praia, né?

A.: - Achou mais bonito?

M.: - Ah, também. A praia é muito bonita.

A.: - Qual foi assim a parte do Rio que você achou mais bela de olhar, ficou admirada?

M.: - O Cristo, não é? Todo lugar que você anda do Rio o Cristo tá lhe acompanhando. Você olha, não é interessante mesmo? Eu (...) vê o Cristo. Imagine.

A.: - Quer dizer, todo ponto que você olha, né?

M.: - É.

A.: - Você vê de diferentes pontos de vista. Interessante isso. E você sentia o que com todo lugar que a... estava, em vários , diferentes locais, olhar, via o Cristo? O que é que você sentia? Qual era a sensação?

M.: - Eu sinto aquela alegria, né? Percendo que tá vendo o Cristo verda... verdadeiro mesmo, que é o nosso libertador, né? Aí fica sentindo assim, não tem nada (...), né? Fui lá no pé do Cristo (...).

A.: - Foi com quem? Uma amiga?

M.: - Eu fui com a minha filha (...).

A.: - Passou quanto tempo lá no Rio?

M.: - Eu passei mais de 2 meses.

A.: - Foi?

M.: - Foi.

A.: - Então passeou bastante.

M.: - Larguei a casa aí. Eu digo, ô vou ter que sair de casa ai, (...) quando cheguei tinha a pior bagunça.

A.: - Os filhos?

M.: - (...) sai de casa (...).

I.: - A senhora mora com quantos filhos?

M.: - Esse filho, né?

I.: - Quantos filhos a senhora mora?

M.: - O esposo mora na roça. Eu moro? Quantos filhos? Só dois. Uma moça e um rapaz.

I.: - Ah.

M.: - Um casal . Eu tenho uma netinha. Eu só tenho um neto só.

A.: - Tem neto é?

M.: - É.

A.: - Quantos anos tem sua neta?

M.: - Minha neta tem nove anos.

A.: - Nove?

M.: - Tu conhece João? João, ele trabalha em Tereza da (...) da loja lá. (...) que morreu?

A.: - Eu não lembro não Maura. Aqui em Jacobina?

M.: - Aqui. (...)

A.: - João contador é seu filho?

M.: - É. Meu filho se formou pra contador. Ele trabalhava ne Aguinaldo, né?

A.: - Ah, trabalhava com Aguinaldo.

M.: - Com Aguinaldo é. Até hoje, estagiou lá com Aguinaldo.

A.: - Aguinaldo já (...)

M.: - É. Eu não sei de nada (...) Normeide, a mãe de Dinha. (...) Aqui indo pro colégio, tá a casa lá, a loja lá (...).

I.: - (risos).

M.: - Ela namora até com Marco Marcelino (...)

A.: - Ah, já sei que é Tereza. Exato, é a namorada de Marcos, é.

M.: - (...) A patroa do meu filho

A.: - Sim. Ela é patroa do seu filho. Já a vi com Marco mesmo.

M.: - Acho que tu conhece. Júnior, que é um baixinho, que se separou de (...)

A.: - É capaz, viu Maura. Pelo nome, assim, eu não tô ligando a pessoa ao nome.

M.: - (...) errado, nada. Aí tem minha netinha que eu amo. Ave Maria!

A.: - Como é o nome dela Maura?

M.: - Caline.

A.: - Caline?

M.: - Só tenho essa neta.

A.: - Só tem essa neta Maura? E os outros filhos?

M.: - Não casaram ainda.

A.: - Não casaram, então não tem filhos?

M.: - Só o mais novo casou.

A.: - E como é a sua convivência com Caline?

M.: - Ave Maria.

A.: - Ouve história, que ela lhe conta história? Lhe chama pra dançar e cantar? Como é com ela?

M.: - Oh, eu não conto história pra ela que eu esqueço, né? Que ela adora escutar historinha (...).

A.: - Mas ela que tá na escola, é sabidinha e lembra as história pra lhe contar ou não?

M.: - Não conta não.

A.: - Não?

M.: - Também é difícil ir lá em casa, mulher. Na escola estudando, né? Ela, hoje, ela vai vim que ela quer ir pro Amando, né? Mas lá, ela pega o coisa e diz oh minha vó te amo. Eu amo tu vovó.

A.: - Oh!

M.: - Eu criei ela, desde (...) tem que a gente criar, ai ela chega (...) todo dia fica ligando, já tem 4 ano que a mãe não vai lá. Aí vai subindo a laderinha, que ele mora subindo pro hotel, né? Aí ia caminhando. Emagreci tanto, eu era gordona (...) que ele trabalhando, eu não confiava deixar a menina com a empregada, né, mulher?

A.: - Sei.

M.: - Só se for uma (...) aí comecei a criar a menina.

A.: - E você como boa vó, já tinha experiência tem 4 filhos.

M.: - É.

A.: - Foi ajudar a cuidar, né?

M.: - (...) ia chorar, agora não que a mãe tá trabalhando em Salvador.

A.: - Então já tá grandinha.

M.: - (...)

A.: - Pois é, uma neta linda, né Maura?

M.: - É.

I.: - E quantos anos ela tem?

M.: - Não vai ter mais não que ele... ele ligou. Como é que diz?

A.: - Ele fez vasectomia?

M.: - É.

A.: - Não, eu tô perguntando quantos anos a menina tem?

M.: - A menina?

I.: - É.

M.: - Hã. Já é grande.

A.: - Já é quase adolescente. É pré-adolescente. E aí a... a convivência é outra, né?

M.: - É. (...)

A.: - Com a sua neta. E aprende muito vó e netos juntos conversando. Muito interessante. Dá idéia que você pode perguntar a história dela que você vai ver quantas

histórias interessantes. Os livros que ela leu, as coisas que ela sabe, como você vai aprender com ela. Se vai...

M.: - É. Ela vai arrumar muita coisa mesmo, é.

A.: - Entendeu? Que aí você vai lembrando, aí...

M.: - Agora quando ela vai lá pra casa, ela fica aí mais a outra... avó, né?

A.: - Quando chega?

M.: - Vamo vó pro teu quarto? A minha casa, visita mais o meu quarto. Vamo pro teu quarto, ela fala. Aí deita lá, assiste as coisa que ela gosta. Aí assiste novela, ela gosta de novela, ela gosta daqueles programa de...

A.: - Malhação?

M.: - Programa assim (...)

I.: - É o Huck?

M.: - Acho que é. Esses programas que passa aí as músicas. Eu não gosto, mas pra ficar com ela, né?

A.: - Deve ser chato.

M.: - É. Aí ela me conta história de (...). Ela mesma, sozinha, vai estudar.

A.: - É?

M.: - Ela mesma só...

A.: - Bota ela pra estudar?

M.: - É.

A.: - Mas e música. Sabe as músicas todas de sucesso pra cantar ou pra dançar?

M.: - Ela?

A.: - Sim.

M.: - Não. Ela não faz a... nunca (...).

A.: - Você não era dançadeira não, Maura?

M.: - Não.

A.: - Não?

M.: - Nunca dançava (...) era mais pra dançar, né?

A.: - E você sempre teve vontade de continuar estudando ou depois que se casou? E hoje também não lembra muito de querer voltar estudar ou ler mais ou você nem lembra?

M.: - Não lembro não. A vez (...).

A.: - Qual época?

M.: - Nessa época (...) dava vontade da gente fazer (...) e ainda a cabeça esquentava o juízo. Pra mim copiar aquelas frases que tinha que fazer assim, fã... fã... escrevia o certo e o errado. O mesmo que viu o errado, aí tinha que botar o certo pela cabeça da gente, né?

A.: - Sei.

M.: - Aí me esquentava tanto a cabeça que eu fico passando mal e as menina também faz muita zuada, elas querem cantar na hora da gente estudar mesmo. Pra gente esse negócio de estudar tem que ser só...

A.: - De ler, explicar se você (...).

M.: - Eu num vou esquentar minha cabeça, elas fazem tanta zuada que a gente.

A.: - Porque na hora.

M.: - (...) você vai ver que é mal-feito, aquele palavra (...) ela escrevia era assim, a errada. Ela escrevia no papel uma errada e uma certa.

A.: - Pra olhar como é.

M.: - É, olha como é que fala, né?

A.: - Sei. Como é que faz como é que escreve.

M.: - É.

A.: - Mas tá aprendendo muita coisa interessante, né? Faz o curso?

M.: - Hã?

A.: - No curso que você tá fazendo tá gostando?

M.: - Gostei.

A.: - Você tá aprendendo com a Suely?

M.: - Com a Suely? Tá gostei. Gostei muito (...).

A.: - O funcionamento é essencial. Você sabia Maura, que quanto mais você lê, quanto mais você escrever, mas sua mente vai praticar e mudar mais.

M.: - É. Eu acho que ali, ela fazia aquilo pra forçar mais a gente, né?

A.: - A mente é pra exercitar. Exato.

M.: - É.

A.: - A memória é assim. Tudo na vida que a gente usa pouco vai atrofiando. Sabe?

M.: - É.

A.: - Então quanto mais você exercitar, usar a mente, cantar, lembrar, escrever, mais você vai tá relembrando tudo e aprendendo com mais facilidade. Porque a memória ela vai sempre ampliando. Não vai voltar mais ao que eu estava. Tem um... um... uma partezinha de um autor, que ele diz que o cérebro que se amplia jamais volta ao normal.

M.: - É, né?

A.: - Então logo tem que estudar, por isso, porque cada vez que aprende, você vai juntando mais coisa, vai exercitando, a memória vai também, né, sendo cada vez afiada e aumenta o seu conhecimento.

M.: - É. Mas eu acho que isso não é nem pra tá... a memória da gente é (...) acho que eles querem que a gente pague né? Muita coisa que a gente passa, quando tá velho com a família da gente. Que a gente... que ele vai acabando com a vida da gente (...). Eu tenho um filho que deu muito trabalhando, ele bebe muita cachaça! Com mulher e (...) porque eu... a gente só quer o melhor pros filho da gente, né?

A.: - Claro, minha filha.

M.: - A gente dá conselho, mas eles não quer (...) perdi a (...).

A.: - Pra aula?

M.: - Foi. Foi que eu vim pra aula, depois eu não vim, porque ele passou 10 dias bebendo sem parar, é cachaça.

A.: - E fica bêbado mesmo?

M.: - Quando ele tá... ruim, ruim, ele cai, né? Mas minha fia tem vez que ele passa 3, 4 dia...

A.: - E ele sofreu?

M.: - Bêbado lá na porta. (...) Acho que dormir por lá tem mais vantagem, né?

A.: - E a preocupação?

M.: - Fico pensando, será que tá dormindo?

A.: - É.

M.: - Será que tá caído na rua?

A.: - Sei. Será que teve alguma coisa?

M.: - Quando a gente vê uma caído na rua a gente pensa no da gente também, né?

A.: - Pois é.

M.: - (...).

A.: - Ele não é casado?

M.: - É não. Ai ele vem pra cá, uma dor (...) quando ele tá bebendo mais alegre fica, mas quando ele tá são ele não dá uma palavra, chega (...) nem um (...) ai ele vai, na mesma horinha que vai lá (...) coloca os aparelhos nos ouvido, fica lá que nem... diz os médico que não é dormindo não, é desmaiado, que bêbedo não dorme, desmaia. Parecendo um morto, sabe? (...)

A.: - O Mura, e você já convidou ele pra ir pro alço... o AA?

M.: - Oh, minha fia, já. Já levei lá.

A.: - Mudar, trabalhar.

M.: - É difícil levar a pessoa (...).

A.: - (...) porque se ele quiser.

M.: - É difícil.

A.: - Ele já tá sem ajuda.

M.: - É difícil, é difícil, é difícil.

A.: - Todo mundo que bebe diz isso.

M.: - Eu disse a ele, Antônio...

A.: - É porque tem que entender que a bebida é uma doença.

M.: - É uma doença.

A.: - Tem que cuida, tratar, porque é um vício, causa dependência. Então a pessoa, em primeiro lugar tem que admitir que é doente, pra depois querer ajudar e no AA ele iria...

M.: - Ele já tá (...).

A.: - E trabalha Maura?

M.: - Trabalha (...) ele passou 10 dia bebendo chegou em casa domingo onze horas (...).

A.: - E quando tá assim, não fala em parar de beber, não?

M.: - Ah, sim. Ai eu encontrei ele assim, Tonho, eu vou chamar (...).

A.: - Sei.

M.: - Ai eu digo, eu vou chamar ele pra nós te internar. Que? Vou te internar, não agüento mais essa vida não. Fica lá me avista assim, mas...

A.: - Tem que ter condição de recuperar, de...

M.: - Só se for amarrado. Não vai não. (...).

A.: - É, porque o AA é muito bom.

M.: - É mesmo.

A.: - O grupo (...) ajudava é muito ele.

M.: - Um (...) Raimundo ele é... ele deixou de beber, mas ele morreu.

A.: - Muita gente...

M.: - Muito fraco, né? Deixou. Depois ele nunca... não posso fazer nada, chegar e amarrar de corda, chega lá ficar internado, deixar ele, ele foge, né?(...) ou então, eu fui lá Doutor Adelson fazer uma consulta (...) quando ele vinha (...). Ai ele bebia cedo o remédio pra beber, deixou. Mas era pra deixar de usar, né? E outro pra dormir, oxê, não quer não. Mas vai querer (...) vai querer morrer mesmo.

A.: - Pode adoecer, ter problemas maiores.

M.: - É, que (...) só falta morrer (...).

A.: - O fígado já sentindo alguma coisa, né?

M.: - Ah, é. Até com álcool, cai (...).

A.: - Quem bebe cachaça...

M.: - E cerveja também, né?

A.: - É bom continuar tentando, né, que é o papel de toda mãe (...) E sempre que tiver a oportunidade tornar convidar, dizer vamos pro apoio, você não acha que , né? Sempre que esquece quer dizer tá fazendo a nossa parte pra vê se um dia toca.

M.: - É. Uma pessoa de fora, sabe? Que viesse (...).

A.: - Mas ele não se preocupa? Não acha que é você só (...).

M.: - (...) todo dia. Tá me matando, tá me matando.

A.: - Eu sei.

M.: - Só que (...).

A.: - É (...) Mas é importante, que você...

M.: - Tem tanta gente que consegue, vai até pra igreja, né? Se diverte.

A.: - Que procura alternativa, um tratamento.

M.: - Eu conheço um rapaz aqui, se converteu, deixou de beber, sai com a vizinha, vai pra igreja (...).

A.: - Pois é Maura vamos ficar assim, vamos acreditar que ele também chegue num momento desse (...). Só que claro que na doença precisa de ajuda, de profissional no

assunto. Que é que mais você gostaria de dizer de sua vida, de suas leituras, das suas leituras, da sua igreja? Gostaria de dizer alguma coisa assim.

M.: - (...).

A.: - Mas você não é viúva não, né?

M.: - Sou separada.

A.: - Separada? Você vive com seus filhos. Ele e mais outro?

M.: - É uma filha.

A.: - Ah, e mora com você.

M.: - [...].

A.: - Agradecemos então a entrevista, né? Contou a sua história , que muito nos enriqueceu.

M.: - Que história tá vendo aí? (risos)

A.: - Não, ao contrário, agente muito aprende com as histórias do outro, né? Com todas as histórias, vivências.

M.: - Mas as história não deu pra lembrar e contar pra vocês, né?

A.: - Mas você lembrou de outras, de coisas que você vivenciou e experienciou o que mais, marcou.

M.: - (...).

A.: - Pois é, as próprias preocupações podem ter feito você esquecer de algumas outras coisas, né?

M.: - É.

A.: - Agradecemos e vamos, depois que fazer o capítulo é um capítulo, não é? Voltar com as fotos, vamos trazer aqui pra você vê.

M.: - Ah, é? A besterada toda que eu disse aqui? (risos)

A.: - Não. Não tem besterada... não tem besterada.

M.: - Ave Maria!

A.: - Tem coisas interessantes, né? Reflexões boas pra gente pensar nas histórias de vida, nas nossas memórias que tudo isso marcou a nossa vida, né?

M.: - É. Um dia você vai chegar lá e saber como é bom a velhice. (risos).

A.: - Entender o quanto precisamos viver pra entender...

M.: - Ah, me sinto tão bem aqui. Aqui é eu tenho alegria.

A.: - Pois é, aqui no Centro de Convivência. E a convivência com tantas outras pessoas, tanta amizade, né?

M.: - É.

A.: - Então tá bom.

M.: - Ave Maria, eu gosto mesmo é daqui. Eu tenho minha neta, minha vida é vim pra casa do idoso e aqui.

A.: - Mas você tem muito o que viver ainda. Idoso é aquele que sabe, que continua tendo sonhos, e que pode realizar.

M.: - Mas o que eu venho fazendo, eu não vou durar pra sempre não, mulher.

A.: - Mas você não sabe, quem sabe de tudo?

M.: - É Deus, né?

A.: - A gente nunca vai saber, qual é o momento da gente sair desse planeta pra outro, né? Temos que ter essa esperança.

M.: - (...) entrando, né? Terminamos?

A.: - Terminamos. Brigada.

Entrevista com D.Glória – 22/04/2004 (realizada na casa da mesma)



Ingrid:- Entrevista com Dona Glória.

Ana Lúcia:- Primeiro a gente vai querer saber, seu nome, sua idade, sua profissão.

Glória : - Olhe, veja bem. Antes de gravar, é que eu sou aposentada, no magistério, né? Mas, eu, assim, eu fiz vários cursos e assumi quase todos, quase todos, então, aposentei todos e continuo na atividade de cabeleireira e confeitadeira.

A.: - Sim. Hum... Muito bem.

G.: - Quer dizer... as outras eu já quero dizer...

A.: - Quer dizer que ficou quantos anos em sala de aula?

G.: - Vinte-cinco anos.

A.: - Vinte-cinco anos. E sempre trabalhava com primário?

G.: - Sempre.

A.: - Sempre. Primeira a quarta?

G.: - Primeira a quarta série.

A.: - Que série trabalhou mais?

G.: - Terceira série.

A.: - Terceira série. E... e, assim, tinha...

G.: - Que veio o curso de aceleração, porque eu ensinava a noite.

A.: - Sim. Ensinava a noite.

G.: - É. Educação integrada.

A.: - Certo.

G.: - Ensinava desempregados.

A.: - E ne... nesses Vinte-cinco anos de sala de aula...

G.: - Já tá gravando?

A.: - Já.

G.: - Nossa!

A.: - E... eu quero que você me diga, seu nome completo, sua idade.

G.: - Maria da Glória Santos Moura. Tenho 65 anos.

A.: - Ok. Então dona Maria da Glória...

G.: - Em setembro eu vou fazer 66.

(risos)

I.: - E eu que disse, que era mais ou menos 70.

G.: - To chegando pros 70. É, exato.

I.: - Porque quando eu te perguntei, já tem 60?

Conhecida de Glória : - Tchau!

G.: - Tchau, tchau!

A.: - Então a gente gostaria de saber...

G.: - Certo.

A.: - De você, qual é o significado, pra você, da leitura em sua vida?

G.: - Bem, a leitura, não só para a minha vida, mas pra todos nós, é de grande importância, porque através da leitura a gente se informa, melhor, de umas coisas que vem acontecendo, né?

A.: - ãh. (conversa de terceiros na fita)

G.: - Então a... a leitura, eu considero assim... é... eu considero uma... uma maneira de viver, é... em comunhão com tudo que acontece em mim. Exato. É através dos livros, né? Tem até um... é... um método mais... mais fácil. A gente está, né? Um meio de adquirir um livro.

A.: - Inteirado, né?

G.: - Exato.

A.: - E... e me diga uma coisa, é... ainda se lembra embora tenha muitos anos, mas ainda se lembra de como aprendeu a ler, com sua primeira professora...?

G.: - Ah, nossa!

A.: - Como foi o processo?

G.: - Lembro. Lembro inclusive, a gente... é a ... dos 6 anos de idade até a essa data, né? É uma faixa etária que a gente pensa que esquece de alguma coisa, mas lembra totalmente. Eu lembro da minha primeira professora, na minha primeira...é...a...é o nome dela, é Ivone Galvão Dias Coelho, em Senhor do Bonfim.

A.: - Foi? E quando foi pra escola você já conhecia o alfabeto?

G.: - Não.

A.: - Não?

G.: - Não, eu fui pro ABC.

A.: - Foi? Sim...

G.: - AB... era, o ABC. Depois veio a cartilha. Aquele método antigo. Exato, só que ela era, assim, uma boa professora, mui... de conhecimento extraordinário, e que naquele época já tinha um método mais moderno.

A.: - Pra alfabetizar?

G.: - Pra alfabetizar, é. Porque tinha aquele de... cortava, assim, o papel e colocava entre letrinha e outra e ia dizendo que letra é.

A.: - Vazado e ia dizendo a letra.

G.: - É, exato. Mas ela já não usou...

A.: - A senhora já não usou quando se alfabetizou ou não?

G.: - Não. Não, porque lá na... na cidade de senhor do Bonfim, é... era esse método.

A.: - Sim.

G.: - Mas meus pais acharam por bem, colocar numa escola melhor. (som vindo de uma escola próxima)

A.: - Mais avançada.

G.: - Mais avançada, que eu não cheguei...

A.: - Precisou usar esse método.

G.: - Exato.

A.: - Como é que ela fazia pra ensinar o alfabeto? A... a lhe ensinar a ler, a escrever?

G.: - Bem. É... Como todo professor hoje, outros métodos, não é? Tem o Paulo Coelho, não é?

A.: - Paulo Freire.

G.: - Paulo Freire, exato. E, naquela época, eu não lembro. Não tinha como lembrar também, por ter 6 anos de idade, né?

A.: - Ah, é naquele tempo era novinha pra...

G.: - Porque a família achava, assim, que ia muito cedo pra escola. Já pra meus pais não. É... só ia de 8, 10 anos em diante, mas eu fui assim...

A.: - Mas se lembra assim algumas das atividades que fazia na classe? Se cobria o alfabeto...

G.: - Cobria. Ela fazia... Ela tinha uma letra... por sinal eu fiquei... eu copieei a letra dela.

A.: - Sim.

G.: - Fiquei... de tanto cobrir, ela fazia de lápis, tinha uma série de caderninhos e era...ela fazia bem de leve e agente cobria com um grafite mais forte.

A.: - Certo.

G.: - Era assim.

A.: - E pra aprender a ler...

G.: - E na... na matemática, tinha era... na época aprendia cantando.

A.: - Ah, sim!

G.: - Cantando! Só que a minha professora não ensinou cantando.

A.: - Sim.

G.: - Apesar de que, eu tinha coleguinhas que aprendiam cantando e eu quis, também, aprender cantando. Era um, Um e um? Dois; Dois em dois? Quanto; Dois em três? Cinco. (risos)

A.: - Ah! Cantava pra aprender a tabuada.

G.: - Era, cantava. Era. Era cantando.

A.: - Sei.

G.: - Só que a minha professora não ensinou esse método.

A.: - Sim.

G.: - Ela era mais moderna.

A.: - Certo.

G.: - Entende?

A.: - E então, assim. Cobria, fazia cópias, né? Sempre assim mesmo.

G.: - Cópias. Nossa! E não podia...

A.: - E não fazia uma leitura?

G.: - To... todos os dias, da... tinha que dá a leitura.

A.: - Mandava ler alto, também, pra sala? Mandava...

G.: - Não. Não mandava ler alto. É...chamava o aluno pra perto dela.

A.: - Pra perto dela.

G.: - Na carteira dela e lia E ela tinha o mesmo livro e ela ia acompanhado.

A.: - Sei.

G.: - Quando errava uma palavra, ela mandava copiar vinte vezes até 50 vezes, só copiava a palavra que errava.

A.: - Na hora da leitura?

G.: - Na hora da leitura.

A.: - E me diga uma coisa, e... e quando... quando você ia ler, lá, que ela ia lhe tomar a lição, você se lembra se no início, você é... lia juntando ou se já lia, assim, tudo? Ou lia juntando?

G.: - Juntando.

A.: - Assim, à parte.

G.: - Era juntando. Era método silabico mesmo. Era juntando a... a... as vogais, juntando as... as consoantes. Tinha que soletrar alto.

A.: - Sim. Era?

G.: - Era, soletrava alto. Porque toda a sala ouvia.

A.: - Então se botasse pra ler “roteiro para entrevista”, teria que soletrar?

G.: - Rê, o, ro. Era... não era rê, o.

A.: - Ah, sei.

G.: - Era Rê, o, ro.

A.: - Certo. Me diga como...

G.: - E hoje, é Rê, o, ro, né isso?

A.: - É. Como seria ela completa.

G.: - Era Rê, o, ro. Tê, e, i, tei. Ré, o, ro; Rê, o, ro; Tê, e, i, tei; Ré, o, ro.

A.: - Falava alto pra...

G.: - É. Não dizia rê, o, ro. E a ré, o, ro. (risos)

A.: - Sei. Ré, o, ro.

G.: - Era. E era alto, soletrava alto.

A.: - Era ouvir e saber a palavra corretamente.

G.: - Ouvir e os colegas acompanhavam.

A.: - Ah, sim. Depois juntava e dizia roteiro?

G.: - Roteiro, exato, tinha que ser assim.

A.: - E me diga uma coisa, é... você tem lembrança, se sua professora estimulava, mesmo a partir dela, outras. Porque você tá lembrando da sua primeira professora...

G.: - A primeira, é, exato.

A.: - O momento que você entrou na sala, né?

G.: - Isso.

A.: - E daí em diante, você, tem lembrança se as professoras, que por sua vida passaram, elas eram professoras que estimulavam o hábito da leitura? Elas faziam, com vocês, recitais de poesias?

G.: - Muito.

A.: - Vocês declamavam? (não entendi).

G.: - Muito. Eu cheguei a decorar a... a... aquela poesia Meus oito anos.

A.: - Ah! Que saudades que tenho da aurora da minha vida.

G.: - Só... só primeira estrofe. Não deu pra decorar o resto da...

A.: - De Cassimiro de Abreu?

G.: - Cassimiro de Abreu. Meus oito anos.

A.: - Também me fizeram aprendê-la.

G.: - Isso, é com certeza. E eu...

A.: - E eu, a professora me ensinou até cantar. Oh, que saudade...

G.: - Que eu tenho da...

A.: - Aurora.

G.: - Aurora da minha vida, não é? Da minha infância querida, que os anos não trazem mais (risos). É realmente. E tem muita cantiga de roda, que inclusive, é... nós aprendemos... é... a música, assim, não é? Era só poesia.

A.: - Sim.

G.: - Aí, é... Precisava declamar, né?

A.: - Sei.

G.: - Aí, tinha. Era como num teatro. Tinha que ter gestos, o céu, aí fazia com os braços...

A.: - O mar.

G.: - O mar, era. Ia dramatizando.

A.: - Sei, então as professoras sempre estimularam o aluno a ler. Além de poesia, mandavam ler histórias?

G.: - E mandava ler em casa. Em casa. É. E ela fornecia livros pra gente ler, de história.

A.: - Me conte que...

G.: - De história, é, ela fornecia...

A.: - Que livros você mais...

G.: - Porque, nós não tínhamos, assim acesso a... a biblioteca, não... não existia, também num...

A.: - Biblioteca na época.

G.: - É. Não, não existia. Então ela... ela tinha uma infinidade... ela tinha uma biblioteca lá na escola, que era na casa dela, né? Fica hoje pertinho da prefeitura. Ainda tem o prédio lá, ainda tem, eu sempre passo, vejo. Então, ela tinha uma biblioteca particular, que, então, ela passava pra gente.

A.: - Certo.

G.: - Livrinhos de história, mas é histórias de... bem...

A.: - Assim, lembra de alguma ainda, que tipo de história, eram histórias clássicas? João e Maria, os sete anões...

G.: - Hum... Sete anões, exato. Os sete anões, João e Maria, é...

A.: - O pequeno polegar?

G.: - Não.

A.: - Não?

G.: - Não. O pequeno polegar não.

A.: - Não lembra de mais nada?

G.: - Não, não me lembro, não. Aí, já foram outros anos.

A.: - Sim.

G.: - Porque com 6 anos, o primeiro ano em escola.

A.: - Era o seu primeiro ano de escola, lá.

G.: - Não dá pra falar. Fale.

A.: - É, você me disse.

G.: - Ela contava as histórias.

A.: - Contava bastante histórias pra que vocês...

G.: - Por sinal, que tinha, que a gente levasse, pros pais lêem.

A.: - (não entendi) ótimo.

G.: - A maioria dos pais não sabia ler. Meus pais sabiam.

A.: - Sim.

G.: - Graças a Deus, eles sabiam ler. Eles fizeram o primário, mas é... tinham colegas que os pais não sabiam ler. Não sabiam e num... nem queriam levar os meninos.

A.: - Que... que década, mais ou menos, foi essa aqui? Que começou, você começou na escola. Que a professora já tinha uma biblioteca...

G.: - Ela tinha.

A.: - Mandava ler, já distribuía, né?

G.: - Você quer saber assim...

A.: - Mais ou menos...

G.: - O ano?

A.: - É, o ano.

G.: - Bem, eu tinha 6 anos de idade, na época. Então, não... deve ter 50. 50 ano, né?

A.: - É.

G.: - Eu vou fazer 66. Já vou fazer 66 em setembro, então na década de... Há 50 anos atrás.

A.: - É.

G.: - É, 50 anos atrás. Ela (não entendi), só esta professora lá em senhor do Bonfim. As outras, eram outro método de ensino. Era outro método de ensino.

A.: - Certo.

G.: - Muito complicado!

A.: - E desses livros... depois que passou, tal, a primeira, segunda, terceira série.

G.: - Hum?

A.: - E você continuou lendo? Sempre gostou de ler? Ou gostou mais de escrever?

G.: - Gos... Não, eu gostava mais de escrever, porque nessa época eu já estava no colégio. Eu já estava na Sacramentina, lá em Senhor do Bonfim. Exato. Que fiquei um tempo na Sacramentina em Salvador e fui transferida pra Sacramentina aqui, que meu pai era policial e veio pra senhor do Bonfim como policial.

A.: - Sim

G.: - Então, eu já... Depois dessa escola, eu já fui, eu fiquei até a quarta série e aí, eu já fui fazer a... Era quinto ano, né? Quinto ano, depois do quinto ano, admissão. Que aí eu entrei pra Sacramentina.

A.: Certo. E me diga, nesse período, já, de colégio, quais foram os livros que você leu. Que, assim, que mais marcou sua vida?

G.: - Ah, eu... Eu li...

A.: - Teve algum que lhe marcou, que lhe ensinou?

G.: - Eu não li muito não, mas não me lembro.

A.: - Não? Não teve nem um que lembre, assim, o livro que me...

G.: - Não. Não me lembro. Que marcou, assim, a...

A.: - Sim. Que me ensinou muito, que me fez...

G.: - Essa época...

A.: - Não tem um que lhe deixou essa...

G.: - Não. Por que Ingrid? Não lembro, assim, se eu fiz uma leitura, que me chamou muito a atenção.

A.: - Algum romance.

G.: - Algum romance?

A.: - Sim.

G.: - Não, só Romeu e Julieta porque era da época, né? Todo mundo queria ler lá na... lá no colégio. Inclusive a gente lia escondido das freiras.

A.: - Ah! Não deixava não.

G.: - É porque eu ficava semi-interna.

A.: - Sim.

G.: - Passava o dia no colégio, mas fazia refeições e dormia em casa. Tudo no interior.

A.: - Mas então as próprias freiras, não tinha o estímulo de... de co...colocar vocês para ler.

G.: - Vidas dos Santos.

A.: - Ah!

G.: - Vida, era. Era livros religiosos.

A.: - Ne um livro voltado para a igreja?

G.: - Isso. Era livros religiosos.

A.: - Romances, não?

G.: - Marcelino pão e vinho. É...

A.: - Ah!

G.: - É... é... Tinha Marcelino pão e vinho...

A.: - Mas é linda a história de Marcelino pão e vinho!

G.: - É. Tinha... teve outro, outro livro também... José de Anchieta, (não entendi)...

(barulho de telefone tocando), José de Anchieta eu li também...

A.: - Também. Então, um pouco exatamente também pela própria filosofia do colégio?

G.: - Do colégio. É.

A.: - Botava vocês pra ler livros religiosos.

G.: - Exato.

A.: - Porque livros tidos como histórias de amor e romances.

G.: - Não. Não podia.

A.: - Eram proibidos?

G.: - Eram proibidos. Na época eram proibidos.

A.: - Então vocês liam escondido?

G.: - Lia escondido. Romeu e Julieta, eu li escondido e fui passando para as colegas.(risos)

A.: - Claro.(risos)

G.: - Quem não queria ver um amor daquele, né?

A.: - É, exato. E cria expectativa, curiosidade, não é?

G.: - Exato, exato.É, que o colégio... lá, a Sacramentina era um colégio, assim, muito rígido, muito... sabe? E quando se colocava uma farda, não podia andar com o sexo oposto. De... de farda não. Era proibido.

A.: - Mas lá já tinha... Só estudava menina?

G.: - Não. Só meninas.

A.: - Só meninas?

G.: - É. De lá eu vim para o Deocleciano.

A.: - Sim, pra Jacobina.

G.: - Achei estranho demais!

A.: - É...é o ritmo que mudou.

G.: - Exato, exato.

A.: - E... e me diga, nessa trajetória de sua vida de estudante,né, nesse tempo que durou, quais eram, você ainda se lembra, as brincadeiras do recreio que mais gostavam, as cantigas de roda, que mais , na época, vocês brincavam. Quais eram?

G.: - É... a gente... É realmente brincávamos de... de roda, né? Assim na porta. Assim, juntava a... as adolescentes e fazia aqueles versos de amor, né?

A.: - As quadrinhas.

G.: - É, as quadrinhas. E brincava de... de... na época cha... Hoje é amarelinha, né?

A.: - É.

G.: - Mas na época, era brincar de macaco.

A.: - Sim.

G.: - Não é? Hoje já.

A.: - As Brincadeiras ma... na época, muitas delas...

G.: - É. Mudou o nome. E, em regras também mudaram as brincadeiras, né?

A.: - Sim, os nomes.

G.: - A gente brincava, mais ou menos isso.

A.: - Mu... assim, hoje a gente conhece a mesma brincadeira, com outro nome. Como também, muda de região pra região.

G.: - De região pra região, exato.

A.: - Sem a... É a mesma brincadeira, né?

G.: - É. Eu passei uma parte...

A.: - Vai... vai variando isso.

G.: - É. Os seis anos... é... eu... eu fiquei em Salvador.

A.: - Morou em Salvador?

G.: - Morei é. Morei em Salvador, exato. Depois eu vim pra... Voltei pra Senhor do Bonfim. De Senhor do Bonfim, Jacobina.

A.: - E das cantigas de roda que brincava, se lembra de alguma ainda, daquela época?

G.: - De roda... é... Sim, tinha a... o tipo de brincadeira também, do anelzinho, né?

A.: - Sim.

G.: - Boca de forno! Né? Tinha boca de forno.

A.: - Ah! Assim brinquei muito.

G.: - Fita! De que cor a fita? Não é?

A.: - Ah! É. O anjo mal, o anjo bom.

G.: - O anjo mal, o anjo bom.

A.: - Bate toc-toc.

G.: - Exato. E... NUTH... tinha a... a cantiga, era Atirei o pau no gato. É... Não lembro muito.

A.: - Sereia? Naquela época você...

G.: - Sereia também.

A.: - Eu morava na areia...

G.: - Na areia, Sereia.

A.: - Isso.

G.: - Isso é. É isso mesmo, é. Ai a gente aproveitava e fazia aqueles versos de amor assim, mas tava era... pra que alguém ouvisse, né?

A.: - Claro.

G.: - Embora tivesse só o grupinho. Num... num brincava menino com menina.

A.: - Com menina.

G.: - Não. Totalmente separado.

A.: - Mas vocês já tinham intencionalidade a fazer o verso?

G.: - Mas ficava... mas já ficava por perto também, porque ai ouvia.

A.: - Ahã, pra eles ouvirem, claro, né?

G.: - Exato. A gente também fazia essas coisinhas assim.

A.: - Claro, como todas mocinhas, né?(risos)

G.: - É, exato. Toda adolescente inventa. Cria, né?

A.: - Acha alternativas. Mesmo...

G.: - Com certeza.

A.: - Acha alternativas mesmo dentro de um universo que, aparentemente é muito vigiado. Muito...né?

G.: - Vigiado, com certeza, muito mesmo.

A.: - Muito (não entendi), né? Mas a criatividade da adolescente é...

G.: - É.

A.: - Da conta disso. Os meninos ouviam, certamente eles ali já...

G.: - Ah! Entendiam o que estava dizendo.(risos)

A.: -(risos) Sabia que era um... uma paquera...rinha, né?

G.: - Com certeza, era.

A.: - Me diga uma coisa, e na escola, que mais gostava de fazer? Quais eram as disciplinas que mais gostava?

G.: - Bem. Eu gostava... é... Eu gosta de Português, né? Gostava da Língua Portuguesa. E... Quando eu cheguei aqui, que fui para o ginásio, eu gostava muito de inglês e francês. Cheguei até a fazer cursinho de inglês e francês.

A.: - Você veio pra aqui, em Jacobina, já no Deocleciano.

G.: - Pra Jacobina, é. E ultimamente, o ano passado, eu... Meu sonho era espanhol. E fiz umas aulas de espanhol... de espanhol, mas o professor mudou as aulas pra sábado e sábado eu tenho o movimento daí.

A.: - Sim.

G.: - Ai, não concluí. Ai ficou. E tô fazendo violão. (risos)

A.: - Ah! Que maravilha! Então já vi, que é dinâmica mesmo.

G.: - É. Suspendi um pouquinho, mas...

A.: - sempre tá atuando.

G.: - Isso. Fiz informática.

A.: - Sim.

G.: - Fiz. Tinha que conhecer o computador, né?

A.: - É claro. É, exato.

G.: - Chega nessa idade.

A.: - Então, e você se formou em magistério?

G.: - Magistério.

A.: - É... Em que ano?

G.: - Cin... É... Sessenta e cinco.

A.: - Sessenta e cinco, é. E, aqui no Deocleciano?

G.: - Deocleciano.

A.: - E do Deocleciano?

G.: - An... antes eu passei três anos no Rio, e fiz um curso de cabeleireiro.

A.: - Sei.

G.: - Maquiagem, depilação e limpeza de pele.

A.: - Lá no Rio?

G.: - Lá no Rio. Passei três anos lá.

A.: - Que ótimo!

G.: - O curso de cosmetologia é tipo uma faculdade. Que hoje só tem nos Estados Unidos. Aqui...

A.: - É?

G.: - É, porque aqui dão o cursinho. Agora mesmo tão dando o cursinho, não é? Eu ensinei vinte-cinco... vinte-dois anos pelo SENAC de Salvador. Aqui, em Jacobina.

A.: - Aqui?

G.: - É. Os cursos eram ministrados, é... na 2 de Janeiro, no Leader. Assim, todo mundo arumadinho.

A.: - E corte?

G.: - E corte, escova. É toda quinta.

A.: - Escova, manicure, tudo?

G.: - Manicure e tudo.

A.: - E a tarde dá?

G.: - Toda quinta.

A.: - Quer dizer que sempre trabalhou. Dando curso e... Até hoje.

G.: - Sempre. E continuo trabalhando.

A.: - Até hoje?

G.: - É. Continuo trabalhando até hoje.

A.: - Dando curso. E curso de confeitaria também. Eu confeito bolo.

A.: - Ave Maria, é prendada demais!

G.: - Decoro clube.

A.: - É mesmo?

G.: - É, aí, fiz o curso de enfermagem.

A.: - Sabe tanta coisa!

G.: - É, pintura. Pintei muito. Pintei quadro pra exposição.

A.: - Hum.

G.: - É. Saiu uma nota no jornal, eu fiquei surpresa, porque o... o maestro teve lá na nossa loja fazendo... é... tirando uma xerox, né? Ai me interessou que eu o nome do instrumento, Requinta, ai eu disse, olha aqui em Jacobina, eu fi... Entrei num curso de música e tava tocando Requinta com o professor Armindo. Ele colheu alguma coisa e no dia... no dia dq que? Da mulher, é dia 28 é isso?

A.: - Dia 8 De Março.

G.: - Sim. Foi publicado no jornal, que foi a primeira mulher... é... jacobinense, não sou jacobinense, sou Calmonense.

A.: - Ah! Calmonense.

G.: - Então, a tocar um instrumento musical. A primeira mulher, porque foram e... fui eu e quatro colegas.

A.: - Hum. Na 2 de Janeiro?

G.: - Na 2 de Janeiro. Só que os pais num... num deixaram porque era a noite.

A.: - Sim.

G.: - Eu deixei, porque também não deixava.

A.: - Ah!

G.: - É verdade.

A.: - Pronto, o seu amor não quis.

G.: - Mas eu gostava! Gostava de requinta. Era um instrumento maravilhoso.

A.: - Pois é. Como é?

G.: - Ele é curtinho. Ele parece um trompete.

A.: - Sim.

G.: - É curtinho, mas emite um som maravilhoso. Eu me apaixonei.

A.: - Mas ele toca na boca?

G.: - É, na boca. Exato.

A.: - Ah! Certo. Você...

G.: - Porque eu só tinha, nessa época. Citará.

A.: - Sim.

G.: - É que eu tive umas aulas de... de Acordeom, mas, lá em Senhor do Bonfim, ficou muito pouca.

A.: - Mas sempre quis fazer de tudo hem?

G.: - Tudo. Fiz enfermagem também.

A.: - Foi?

G.: - Fiz. Não exerço a função.

A.: - Mas fez o curso.

G.: - Mas a enfermeira aqui no curso sou... do... do... daqui... de... de... da...

A.: - Do bairro.

G.: - Do bairro sou eu.

A.: - Sempre que alguém precisa corre.

G.: - É. Fazer um injeção, so... É. Uma pressão alta, eu tenho o canciomêtro.

A.: - Certo.

G.: - E ajudo as pessoas, né?

A.: - Ótimo. É maravilhoso, é.

G.: - Não assumo, né? Assim a... a profissão, mas outros primeiros socorros, né? Pequena ajuda.

A.: - Claro.

G.: - Na medida do possível.

A.: - É. Já que tem essa...

G.: - É, exato.

A.: - Possibilidade de ter esse conhecimento, nada melhor do que servir ao outro.

G.: - Com certeza.

A.: - Me diga uma coisa, nessa trajetória ai, que eu já vi que realmente sempre foi muito dinâmico, né? Uma mulher, inclusive, que se diferenciou, dentro da sua época, não?

G.: - É, realmente é. Exato. Eu...

A.: - Porque nós mulheres na sua época...

G.: - Por assim, todo curso que aparecia, vou fazer. Todo be... vou fazer.

A.: - O marido nunca importou?

G.: - Importava sim. Importava, muito! Mas eu fui em frente. E com jeitinho a gente ia conseguindo, né?

A.: - Claro.

G.: - É só... é só esse mês. É... (faz gestos com a cabeça)

A.: - (risos) Como todo (não entendi).

G.: - Eu fiz História da Arte. Fiz História da Arte, fiz Cultura do Nordeste com a professora Glái, lá em Salvador. Fiz o magistério, né? Que aí, quando eu fiz concurso eu passei nos primeiros lugares e também não saía da sede, eu era contratada. E aí fiquei na sede. Porque passei nos primeiros lugares.

A.: - Mas...

G.: - Nos 10 primeiros.

A.: - Me diga uma coisa, quantos filhos tem?

G.: - Cinco filhos.

A.: - Cinco?

G.: - E criei mais um.

A.: - Foi?

G.: - Achei que tava pouco.(risos)

A.: - É, seis filhos ao todo. Todos casados? Já tem netos?

G.: - Já. Já tenho. É isso, já Tenho 12 netos.

A.: - Mas é viúva?

G.: - Sou viúva.

A.: - A quanto tempo?

G.: - Já tem uns 14 anos.

A.: - Ah, e não quis então...

G.: - Não.

A.: - Um novo amor.

G.: - Não.

A.: - Um novo alguém na sua vida.

G.: - Não, não. Não quis. Achei... Foi uma liberdade, não é? (risos) Fiquei. E hoje eu uso minha liberdade pra tudo, né?

A.: - Foi uma liberdade. (risos) Pra... sei

G.: - Dentro das normas, né?

A.: - Claro, mas aí achou que se...

G.: - Exato, não.

A.: - Mesmo que contrair um novo matrimônio...

G.: - Exato.

A.: -Iria tornar voltar a (não entendi)

G.:- Com muitos filhos, não é? Eu ficava assim, acha... Achei, não é? Achei muitos, mas não. Eu limitei...

A.: - Não quis?

G.: - Não, não. Eu a... eu achei assim, eu... eu... Deus me deu uma liberdade, então, eu vou aproveitar minha liberdade.

A.: - Então...

G.: - Aproveitar minha liberdade

A.: - E chegaram a viver quantos anos?

G.: - É... 15 anos.

A.: -E aí depois disso foi que realmente começou a cuidar de outras coisas que sempre gostou de fazer...

G.: - Não.

A.: -Mas (não entendi).

G.: - Mas no período...

A.: -Fale.

G.:- Antes, antes. Sempre antes

A.: -A senhora deu prosseguimento, na verdade.

G.:- Exato. Dei porque ele era, assim, muito ciumento.

A.: -Sim.

G.:- Não deixava muita coisa, né? Assim... é... Ciumava muito, me prendia muito.

A.: - Sei.

G.:- Então, depois é... é... que ele faleceu, em me senti, assim, livre.

A.: - Livre pra voar, não é?

G.:- Nas áreas que...

A.: -Que gosta. Pra fazer suas o... opções...

G.:- Exato.

A.: -Suas escolhas...

G.:- Exato, exato.

A.: -Sem ninguém...

G.:- É.

A.: - Pra dizer que não.

G.:- Porque foi um bom esposo e tudo, mas depois o alcoolismo desmanchou tudo.

A.: -Ah!

G.:- Mas eu viajo muito, muito! Conheço muito.

A.: -Ah, foi? Teve o prazer de viajar bastante?

G.:- Sim, tive.

A.: - E de... desses lugares que viajou, quais foram as cidades que achou mais bonita, que melhor (não entendi)...

G.:- Bem, Rio de Janeiro.

A.: - Rio?

G.:- Gostei muito de São Paulo. Cidade muito bonita! Apesar de ser muito habitada, mas gostei. E amei Belo Horizonte.

A.: - Foi quando?

G.:- Passei dois meses só passeando.

A.: - Em Belo Horizonte?

G.: - E se fosse pra escolher, entre essas todas que passeou, escolheria qual pra morar?

A.: - Nossa! Sei lá, a gente visa muito a violência como está, não é? Mas tem os pontos, também, que não existe violência, né? Mas é... eu acho que moraria do Rio de Janeiro.

G.:- (risos) Sempre esse aí.

A.: - Rio, é a propaganda que diz. Rio bonito de se ver, não é?

G.:- De se ver.

A.: - Que de fato é bonito.

G.:- É, realmente é.

A.: - Muito bonito.

G.:- Exato.

A.: - É... é... Acho o Rio bonito... mas a sobrevivência lá é realmente difícil pela violência que tanto nos preocupa.

G.: Aí, gostei muito de Belo Horizonte! Muito!

A.: - É Belo Horizonte, cidade tranquila. Acho que é mais, né?

G.:- Conheci várias cidades de perto. Próximo a Belo Horizonte. Conheci o extremo sul. Tem caravelas, é... lindas praias. É... conheci... é... Teixeira de Freitas que é o sul da Bahia, né? E... (não entendi) de Eunápolis...

A.: - Me diga aí...

G.: - Fortaleza.

A.: - Fortaleza também?

G.:- Também.

A.: - Olha que maravilha!

G.:- Todas as praias, tenho tudo registrado

A.: - Sempre ia sozinha ou em excursões?

G.:- Excursões.

A.: - Certo

G.:- Com certeza. É...

A.: - Mas até...

G.: - Terezinha também

A.: - Até hoje viaja em excursões?

G.: - Viajo. Nossa, e como viajo! (risos)

A.: - Ótimo.

G.: - Viajo bastante.

A.: - E agora pretende ir pra onde, em mais um passeio?

G.: - Não sei, não sei.

A.: - Viajar para o Amazonas?

G.: - Não, não tenho vontade não. Eu... eu tive pertinho do Maranhão, eu tive no Piauí, e tinha até uma... assim, um passeio com minha família, pra gente ir, mas eu tinha... tinha... um casamento, que eu ia confeitar o bolo, fazer a festa de casamento e um 15 anos também, que tinha festa para mim fazer e não deu pra mim ir pro Maranhão, mas, também, tem tempo. (risos) Conheci muita coisa

A.: - (não entendi) Alegre , pra Canela, pro mar. Rio Grande do Sul já foi?

G.: -Não, nunca

A.: - Qual é o seu sonho?

G.: - Meu sonho é... é conhecer Beto Carreiro, só.

A.: - Ah! Não foi em Belo Horizonte?

G.: - Porque eu conheci... é... é...é a... conheci em Fortaleza, né? Tinha um parque aquático muito bonito. Tenho várias fotos, mas meu sonho é Beto Carreiro. (risos)

A.: - Pronto, então, o próximo passo...

G.: - É, inclusive, eu fiz uma aventura que quase me prejudicou, eu fui na montanha-russa, né?

A.: - Foi?

G.: - Andei na mon... na espaço-nave, no minhocão e depois montanha-russa. Quase morro! Pressão subiu, fui pro médico.

A.: - Foi? A pressão subiu.

G.: - Mas fui, eu queria ir. São as minhas...

A.: - Queria experimentar, não é?

G.: - São as minhas aventuras.

A.: - Sei

G.: - Passei mal, mas eu.

A.: - Por que você tem pressão alta?

G.: - É. Tenho, tenho. Lá em Abrolho, é... Eu que... eu queria conhecer o fundo do mar

A.: - (risos)

G.: - Queria, é.

A.: - Glórinha você é desafiante, heim?

G.: - Meus 60 anos, eu tava querendo conhecer. Só que... nós chegamos tinha aquela roupa de escarfando, aquele oxigênio pesando muito, mas quá... nós viajamos cinco horas de escúnio pra podê chegar no local

A.: - Certo

G.: - É onde. Sílvio Santos manda o pessoal, passar lua-de-mel, é. Mas quando eu olhava... o mar ali, eu ter que me jogar ali sem saber nadar. Um instrutor e tudo, duas colegas foram, as outras não foram, né? E... eu desisti, mas eu fiquei... Eu arrependi.

A.: - Foi.

G.: - Porque tinha o guia, tinha tudo, não tinha problema.

A.: - É, claro.

G.: - Passamos pelo médico

A.: - Tinha toda uma equipe para assessorar.

G.: - É. Mas só eu fiquei apaixonada.

A.: - Por não ter feito?

G.: - Por não ter feito, ma as outras aventuras, eu fiz todas. (risos)

A.: - Teve coragem e foi até o fim?

G.: - Com certeza (risos)

A.: - Atualmente Glórinha, quais são os tipos de leitura que você tem lido?

G.: - Não posso. Eu tô tão atarefada! Que eu não tô lendo. Estou lendo. Não dá. Olhe, de manhã eu...

A.: - Nem leituras religiosa, na missa, Bíblia?

G.: - Não. Às vezes eu assisto a um filme. Hoje é mais prático, não é? A gente... pego lá na locadora, não é? Que aí... tem a vida de Madre Tereza de Calcutá, é... a... aquela versão antiga de Bem-Hur. Um filme histórico.

A.: - Certo

G.: - É... teve aque... tinha aquele filme... As pegadas...

A.: - Do Nazareno?

G.: - As pegadas do Nazareno. Um filme muito bom também. E tô me limitando assim

A.: - Você é Católica?

G.: - Apostólica Romana praticante.

A.: - E praticante. Que bom!

G.: - Não perco uma missão ao domingo.

A.: - Então ultimamente você... quando você leva uma coisa, é mais voltada, assim, pra... pro lado da igreja, não é?

G.: -Exato, exato.

A.: - Devido as suas próprias tarefas. Não tem pegado revista pra ler? Nem... nem...

G.: - Não, não.

A.: - Outros livros ou música?

G.: - Não. Não gosto de ler revista.

A.: - Não?

G.:- Não. Às vezes assim... às vezes eu uma Caras, é porque pra gente ler a gente tem que ter uma assinatura, não é? Pra tá acompanhando, pra tá sempre, não é? É... Em dia com as notícias, ai eu me limito, não faço... não tenho assinatura.

A.: - Veja, Isto é, não...

G.: - Istoé de vez em quando. Se tiver assunto que eu vejo o índice, em qualquer repartição pública que eu chego, consultório médico, aí...

A.: - Aí dá...

G- Aí, eu dou uma lida, né? Às vezes eu até procuro aquela revista, pra... pra ver outro tema.

A.: - Certo.

G- Mas num me ligo muito não. Nem tenho tempo (risos).

A.: - E sempre sentiu necessidade da leitura em tua vida profissional? Porque você foi professora duran...

G- É, exato. Senti muito, depois que eu aposentei, eu relaxei um pouco...

A.: - Sim.

G- Na leitura, mas eu lia bastante.

A.: - Se não lesse...

G.:- É, que tinha que passar pra os alunos, não é?

A.: - Pros alunos procurar.

G.:- E tá sempre informada.

A.: - Durante esses 25 anos de trabalho em sala de aula, quais foram as maiores aventuras, que você considera que um professor tem que enfrentar pra lutar.

G.: - Ensinar educação integrada. Que são adultos.

A.: - Sim.

G.: - E cada adulto tem um problema. E as vez ele se lia aquele problema e não quer nada com escola. E você tem que dar conta disso. A...

A.: - (não entendi)

G.: - Atingir o problema dele, fazer com que ele saia daquele problema, que é em pouco casos, não é? Pra ver se você... se eles chegam ao objetivo.

A.: - Certo.

G.: - Não é? Do... do seu curso.

A.: - Pra que ele possa realmente ter rendimento por sua conta, não é?

G.: - É. Rendimento. Isso.

A.: - Você...

G.: - Mas foi muito difícil.

A.: - Desafiante demais?

G.: - Foi muito! Porque tinha uma turma (faz gestos para identificar a escola) de um determinado bairro e eram da pesada. E eu dominei todo mundo. Toda a vida eu ensinei educação integrada. Dominei mesmo! Porque não chegava nem, o conhecimento da direção, eu mesmo... mesma resolvi na sala de aula.

A.: - Você mesma resolvia.

G.: - Com carinho.

A.: - Claro.

G.: - Com carinho.

A.: - Formando (não entendi)

G.: - Sentando na carteira com ele

A.: - Sim.

G.: - Sentando na carteira com ele.

A.: - Você trabalhou quanto tempo com a educação integrada?

G.: - Foram 25 anos.

A.: - Foi? Sempre...

G.: - Sempre com educação integrada. (barulho de ferro caindo) houve algumas substituições, né? Mas, eu pegava outras salas de aula, mas sempre educação integrada.

A.: - Então sempre trabalhou com adultos?

G.: - Com adultos

A.: - Não é? adultos. E dentro desse pessoal todo tem algum, que você, tem orgulho, assim, de ver hoje, tá formado e que avançou.

G.: - Ah! Tenho. Muitos! Muito.

A.: - Que você, que vê... Poxa! Eu contribui.

G.: - Chega pra mim... Professora, eu devo a minha vida, o que eu sei a senhora.

A.: - Aí eu, falo pra ele. Não, primeiramente a Deus, que lhe deu inteligência, que lhe deu a boa vontade de você aprender. A maioria vêm a mim... mesmo, que foram 25 anos de luta! De luta. Alunos que não queriam nada mesmo e eu consegui. Graças a Deus! Com ajuda divina, né?

A.: - Conseguiram. E todos saíram lendo, escrevendo, né?

G.: - Isso. Tudo direitinho. Não... Ninguém desistiu. Alguns que tinham al... alguma deficiência, que não tinha jeito mesmo, aí é possível, né? É impossível. Mas muito pouco, também.

A.: - Então você avalia, hoje, seu trabalho como um... uma grande conquista. Você conseguiu alfabetizá-los...

G.: - Ah! consegui

A.: - E a faze-los aprender.

G.: - Com certeza.

A.: - Mesmo com dificuldade.

G.: - E eu... e outra coisa, eu começava do zero e chegava a levar a 4ª série, que ia fazer... é... a...

A.: - agora eles já entrar pra admissão.

G.: - Exato. A... Pra fazer admissão e depois... Não é mais, agora é quinta série, né?

A.: - É

G.: - Da 4ª a 5ª série. Ainda alcancei...

A.: - ... É, e ainda você nessa análise, percebe que é... assim, qual o mesmo, quando você analisa hoje, o papel do professor, a função social do professor como um transformador, você... é... como você analisa, hoje, a nossa profissão e... e sem a gente ta... você se sentia mais valorizada naquela época, em relação a hoje ou você não percebe isso?

G.: - Muito! Bem mais, porque é... em função do aluno?

A.: - Não, é pe... pela própria sociedade, as... seus governantes, né?

G.: - Bem...

A.: - Em relação a... a (não entendi) como profissionais.

G.: - Bem...

A.: - Nos valorizando m termos salariais, inclusive, na própria (não entendi) de carreira.

G.: - Olhe, em termo de salário, toda a vida foi à mesma coisa, não é?

A.: - Sempre houve uma... uma grande...

G.: - Uma barreira, não sei por que. Porque o professor está acima de tudo. Não existe profissão...

A.: - Que não passe...

G.: - Que não passe pelo professor. Não é mesmo?

A.: - Deviam ser mais valorizados, mais bem pagos...

G.: - Então devia ser muito mais valorizado. Eu achava, assim, que o professor devia ter um... um lugar de destaque em toda a sociedade. (alguém fala com a entrevistada) Em toda a sociedade e que ele não acontece, não é? Não acontece.

A.: - Então na sua época, você também vivia todas as dificuldades?

G.: - Vivia. Sempre, sempre.

A.: - E de lá pra cá, você percebe que tem melhorado? Ou tem piorado?

G.: - Tem , tem melhorado. Tem melhorado. Tem melhorado porque... é... naquela época a gente não tinha recursos, não é? Se limitava naquilo que tinha no colégio. Hoje não, hoje mais aberto, você já tem... Tem o Centro Cultural que o aluno pode pesquisar, o professor pode passar um trabalho, hoje através de... de apostilas, né? Quer dizer, mudou em termos de... de ensino.

A.: - Ensino?

G.: - Ensino. Mudou muito. Nós não tínhamos... é... não tínhamos a chance que os professores tem hoje.

A.: - Sei.

G.: - Não é?

A.: - Pra... pra fazer o seu trabalho.

G.: - Doações de livros, não é?

A.: - Bibliotecas.

G.: - Bibliotecas, pois é. Num... não tinha, na nossa época não tinha nada disso.

A.: - Todos os recursos audiovisuais, a disposição, né?

G.: - Tudo, hoje. E é vídeo, Tudo isso é uma grande influência.

A.: - São ferramentas que auxiliam na escola agora, que na época vocês não contaram com nem uma disso.

G.: - Nada, nada. A gente dava da gente mesmo, tudo de se.

A.: - Por isso, então, me diga, analisando que os professores tem mais condições atualmente de fazer um bom trabalho. Você acha que tem feito?

G.: - Tem. Tem eu acho, tem. Tem, tem feito, tem feito um bom trabalho, tem. Que hoje o aluno é... ele não aprende, se ele não aprende se não quiser porque é tudo nas mãos. O professor dá... dá tudo pra o aluno, porque que o aluno deixa passar essas oportunidades... assim, ne... assim, de... de mão beijada como se diz, né?

A.: - É. Hoje na... na...

G.: - Hoje tá... hoje...

A.: - Nas últimas pesquisas, por exemplo, é... assombroso o resultado, em relação a isso, né? Que 67% do... do... 75% da população brasileira é considerada analfabeta funcional, como se os professores não tivessem dando conta de ensina-los bem.

G.: - Não. Mas não. Mas não, não. O professor tem... Sim, tem exceções, não é? Tem exceções, mas é... é a memoria. A maioria não tá fazendo o seu trabalho, tudo, dedicando, pesquisando, fazendo passeio com... com ami... pra mostrar ao vivo a cores a natureza, tudo mais, eu vejo Jadina aí, né? O que faz com os alunos, um trabalho dedicado, mesmo. A maioria dos... do... dos professores hoje não, faz... faz o trabalho direitinho. Faz mesmo!

A.: - E o que estaria acontecendo, pra que os alunos tivessem, lendo cada vez pior, produzindo cada vez pior, os sérios problemas na... na... na grafia, na oralidade, na coerência de seus textos? O que que aconteceu no ensino de lá pra cá? O será que pode ter acontecido? Se o esforço dos professores tem sido bom?

G.: - Não sei, porque eu acho assim, é... eu acho, um pouco...

A.: - A qualidade...

G.: - Um pouco de culpa dois pais em... em dá muita liberdade. Em um pouco, não é? Assim, dá muita liberdade, o aluno faz o que quer, não é mesmo? Faz um trabalho se quiser, então, eu acre... eu acho... Isso é uma opinião pessoal.

A.: - Sei.

G.: - Que os pais deve acompanhar. Você vai ter que tudo, mas hoje tá assim... E tudo liberal, tudo liberal. Até o aluno ir para a sala, vai se quiser. Não tem aquele domínio, você vai ter que ir. Eu acho que isso influencia muito.

A.: - É.

G.: - Muito mesmo.

A.: - O resultado tá aí.

G.: - A... é... é... essa liberdade, a liberdade que ele tem é... é... da família. Hoje eu não vou não, então tá bom amanhã você vai. Não, não é por aí.

A.: - Porque tudo que ensina ele aprende.

G.: - É, pois é. Não pode. Não pode mesmo. Eu... eu acho, né? Agora... não... sim, tem exceções, né? Tem exceções, mas a gente pensa que não.

A.: - Ô Glórinha me diga...

G.: - E que... e... e o ensino tão assim, muito fácil. Aí eu...

A.: - Você acha que houve, então...

G.: - É. Aí diz assim...

A.: - Na qualidade.

G.: - Ah! Isso aí eu já sei.

A.: - Não é mais desafio à escola pra...

G.: - Não é mais desafio. Pro aluno, não. De hoje não.

A.: - Então a diferença da escola que você ensinou pra escola de hoje, é que você acha que antes tinha uma cobrança maior?

G.: - Maior. Bem maior!

A.: - Bem maior. Era muito mais difícil, aprofundava mais. Hoje tá tudo mais fácil?

G.: - Houve casos de pais de alunos ir levar o aluno, já... é... com dese... dezoito, dezoito ano ir leva na sala de aula. Porque eu comuniquei que estava faltando e o pai ia levar toda noite. Faz isso hoje? Teve dia (falou baixo pra não ser gravado).

A.: - É (não entendi).

G.: - Não. A família percebia.

A.: - Com certeza.

G.: - Que realmente vai a escola, que estuda?

A.: - tem colégios também que... é... que cobram dos pais a presença, pra falar do aluno, não é? Mas tem escolas que não. É como a música diz "Não tô nem aí". (risos)

Ingrid: - (risos) Tô nem aí. (risos)

G.: - É. Não tô nem aí. Não é mesmo?

A.: - Acontece...

G.: - Reuniões venha ver o... o aprendizado de seu filho.

A.: - Acompanhar...

G.: - Venha ver o comportamento do seu filho. Tem as reuniões. E tem pais que não vão. E tem escola que não cobra também.

A.: - Não aparece em reuniões também.

G.: - Quando chega o final do ano...

A.: - Existem falhas ne ambos.

G.: - Exa... Ah! Existe falhas, existe.

A.: - Não é?

G.: - Com certeza.

A.: - Me diga uma coisa, na sua vida, quais são os fatos que mais marcaram a sua vida? Que você lembra até hoje com saudade?

G.: - Com saudade?

A.: - Se você pudesse voltar o tempo, você voltava... é... voltaria pra onde?

G.: - Nossa! Em termos de que?

A.: - Que foram mais marcantes, que lhe aconteceu. Pela sua mocidade até hoje e que você, assim, relembra, que foi marcante pra você. E que, você assim ao lembrar, sente saudade, daquela época, daquele momento, daquele... situação vivida.

G.: - Bem. Eu tenho saudade do meu colégio, porque eu agradeço a minha formação religiosa. Eu vo... eu tenho... eu tenho saudade do colégio. E da minha juventude com meus pais, porque, assim, eu fui bem, bem criada e bem orientada. Eu tenho saudade.

A.: - Seus pais já estão mortos?

G.: - E eu não pude dar é... é... eu não pude criar meus filhos como eu fui criada.

A.: - Sim.

G.: - Não pude. Porque a... por causa da nova geração.

A.: - Hum. Porque você foi vivendo em outro contexto, em outro (não entendi)

G.: - Exatamente. Exatamente.

A.: - É claro que ia, educar, conforme (não entendi)

G.: - Exato, né? Criei todos respeitando. É tudo direitinho, as normas, é... fazendo a primeira comunhão, fazendo é... curso de cri... fazendo o crisma, né? Casando na igreja, tudo direitinho, como manda a lei de Deus, né? Pois é. Mas já vem a parte do ensino, né?

A.: - Sim.

G.: - Já vem a parte do ensino. Nem todo mundo... é...

A.: - Se formou?

G.: - Se formou. Pois é, não é? Ficou um sem forma (risos). Ficou um, eu não consegui.

A.: - Pois é, como mãe, já se sentiu, né?

G.: - É. Os outros, não. Os outros formaram, todos. É... mas um não... num quis. Não quis. E de... do colégio mesmo, já dada... do ginásio, já sentia que... que ia porque era obrigado. Ai, depois de se tornou adulto, de... Viajou pra São Paulo, começou...

A.: - Recebeu (não entendi)

G.: - E tem uma boa... tem uma profissão. Não me queixo porque, não formou, mas fez cursos.

A.: - Ele então prosseguiu o ensino.

G.: - O cinegrafista teve aqui...

A.: - Sem saber, prosseguiu do mesmo jeito.

G.: - Exato. Mesmo jeito, é. Fazer o que? Gostaria...

A.: - A senhora, mais como mãe, claro que gostaria de ver todos formados. Todos os outros... E... e alguém como professor?

G.: - Tem um.

A.: - Um?

G.: - É... é, a moça, Jaqueline.

A.: - Jaqueline quis ser professora?

G.: - Jaqueline quis ser professora.

A.: - Que presente mãe!

G.: - É.

A.: - E me diga uma coisa, costuma assistir programas televisivos?

G.: - Assistio.

A.: - É? Quais vocês mais gosta de assistir.

G.: - Tem... Eu gosto, programas humorísticos, como a praça é nossa. É... Linha Direta, é... es... esses programas de violência, eu não assisto. Eu gosto... gosto do programa de Hebe. Né? Gosto do programa da Ana Maria, de manhã, quando eu tenho tempo. Também não me apego a nenhum programa de televisão.

A.: - Sei.

G.: - Gosto da novela das oito, das sete, das seis. Não me apego, se eu tiver uma atividade. Se tiver alguma necessidade de sair, não existe novela pra mim. Não só, assim, fiel a novela, não. Não gosto. Não. Assisto por... por ser um horário que eu não tô fazendo nada e de repente

A.: - Aproveita e...

G.: - É. Mas não, não me apego não.

A.: - Assiste jornal ou não?

G.: - Todos os jornais.

A.: - É? Da Globo...

G.: - Da Globo, é, exato. Eu gosto de jornal. E porque...

A.: - Da meia-noite?

G.: - Meia-noite, é difícil.

A.: - O de vinte-um?

G.: - É. Mais o de vinte horas, que é tô chegando da minha caminhada.

A.: - Certo.

G.: - Tô chegando da minha caminhada e aí, assisto. Tem que tá informada, né?

A.: - Claro.

G.: - Tá informada.

A.: - Desses programas que você citou aí, quais o que mais lhe inspira, o que aprende com eles?

G.: - Bem... é... o programa de... de... de Ana Maria, tem a parte da culinária, a gente aprende alguma coisa, não é? É... é... a maneira de ser, de... de fazer amizade. Porque nossa função aqui na Terra é fazer amizade.

A.: - Claro.

G.: - Fazer o bem, não é isso?

A.: - É.

G.: - Então, eu... eu... base... é baseado no... no tema de... de ser feliz não é? Ter muita fé e aproveitar o tempo, aprender alguma coisa, tem a culinária também. É.

A.: - Só aprende de cada programa...

G.: - É, algumas coisa.

A.: - O resto (não entendi)

G.: - Pouca coisa também. Pouca coisa. Não é muita coisa de ficar, vou ter que assistir pra aprender isso, não. Não, não, de jeito nenhum.

A.: - Mas tira proveito daquilo que...

G.: - Alguma coisa, é. Que me interessa.

A.: - Que é de seu interesse.

G.: - Exato.

A.: - E... e me diga uma coisa, você logo... logo... bem no início quando era criança, morava aonde?

G.: - Eu morei...

A.: - Com seus pais.

G.: - Com meus pais, em Salva... em Salvador, depois Senhor do Bonfim, morando... Meu pai era policia e mudava muito, né? É... Aí, mudamos pra Juazeiro, Remanso... não lembro mais os outros lugares.

A.: - Então acabou morando em vários lugares, né?

G.: - Em várias cidades.

A.: - Mas nunca morou na roça.

G.: - Não, não. Nunca. Porque eu nasci em Miguel Calmon, minha família toda é de lá. A família da minha mãe e do meu pai. E de lá, eu pequenininha, naquela idade ali, eu acho tão linda a minha foto com um aninho de idade, aí já fomos pra Salvador.

A.: - E me diga uma coisa...

G.: - Moramos a maior parte do tempo em Salvador. No Rio, eu só fiquei três... três anos.

A.: - Três anos?

G.: - É. Mas já era adulto.

A.: - Dessas cidades por onde passou a morar, já na fase mais adulta, você relembrando hoje, ou vendo, sabendo notícia dela, o que você percebeu de mudança, que mais significativas que ocorreu com elas?

G.: - Bem. É... Senhor do Bonfim, que eu sempre, vou a Petrolina, Juazeiro e passo. Né? É... a cidade se desenvolveu muito. Muito mesmo, né? Em termo de comércio, muito. Eu acho o comércio mais avançado do que o de Jacobina. É.

A.: - (não entendi)

G.: - É bem, o movimento é bem maior em termo de comércio. E cidade pouco desenvolvida, toda no asfalto. Que Jacobina, já num... Né? Apesar de que gosto muito daqui. Não tenho intenção de sair. Que eu passei mais a minha infância...

A.: - Em outro... lugares, né?

G.: - É, exato. E a maior parte, em Senhor do Bonfim. Senhor do Bonfim parece que foi uns dez anos.

A.: - E quais são as vantagens, pra você, de morar na cidade?

G.: - Na cidade e não na roça?

A.: - Sim.

G.: - Ah! Inúmeras (risos). Atendimento médico, não é? Moradia mesmo. Aqui já construí minha casa. Já morei aqui há, acho que 20 anos. É... Comércio, o lazer também. Muito lazer, muita... Tem, tem, muita diferença, não é?

A.: - Acha tantas facilidades, que já num taria na roça.

G.: - Com certeza. Eu já num taria na roça.

A.: - E... e termo de qualidade de vida, por exemplo, o que você percebe, aqui, dá pra...

G.: - Também.

A.: - Pra esta na cidade.

G.: - E o principal é o estudo, não é? Porque, a gente dá , melhor estudo aos filhos, que na cidade, apesar de ser pequena, do que na roça. (não entendi) Inclusive, cursinhos também, não é? Hoje a cidade já tem vários cursinhos, a gente tá aproveitando isso os filhos e netos.

A.: - Claro. As outras gerações, que virão, né?

G.: - As outras gerações, netos no caso.

A.: - Já estão aí.

G.: - Exato.

A.: - Estudando, começando a ter (não entendi). Me explique como né sua relação com seus netos? Você atua um pouco como professora ou com (não entendi). Me conte um pouquinho, como é que você...

G.: -Atuo sim, mas trabalho deles que venham a mim, entrevistar.

A.: - Ah.

G.: - É, eu mesmo, ela só vive, “Vó, venha cá”. Como... (risos) É, é isso ai, é. E eu ocu...

A.: - Sempre alguma tarefinha, que quer, que pergunte.

G.: - Exato, é. Tem, sobre o meu trabalho, minha profissão.

A.: - Certo.

G.: - Na minha época, o que é que usava assim.

A.: - Sim.

G.: - Ai eu passando pra eles.

A.: - Ára. Todos tem promoções.

G.: - Com certeza.

A.: - Mas tem uma relação muito boa com (não entendi) com a que teria com seus netos.

G.: - Nossa! Ave Maria. Sou mãe...

A.: - De amizade.

G.: - Sou mãe duas vezes. Adoro meus netos. Adoro os meus netos.

A.: - E eles também...

G.: - Alguns não conheço.

A.: - É?

G.: - Por moram distantes, é.

A.: - Moram longe.

G.: - Tenho neto em Minas, tenho neto em São Paulo, tenho neto em Terezina.

A.: - Mas em algum momento, assim, quando conversa com eles, é... Conta histórias, cantam, relembram alguns costumes de sua época.

G.: - Já, já, já, já. Já, houve... já houve...

A.: - Momentos.

G.: - Momentos, assim, já. Com certeza.

A.: - De contar história, do que você já aprendeu, que já ouviu...

G.: - As vezes, eles... eles passam... é... a falar de um assunto, eu me lembro.

A.: - Sim.

G.: - Ah! Na minha época andava era assim, na minha época era assim, ai passo, pouca coisa, mas passo.

A.: - Certo. Não tem alguma, assim, musiquinha que eles cantam, de... de cantiga de roda, que já (não entendi).

G.: - É, eu dei agora, ultimamente, foi o coelhinho da páscoa, né?

A.: - Sim.

G.: - Parece que tem uma nova versão, não era como eu cantava.

A.: - Sim.

G.: - Parece que agora aumentou mais a letra. Tem alguma coisa, que eu vi Ilana cantando, né?

A.: - Diferente.

G.: - É diferente, coelhinho da páscoa, que foi a... o presente mais recente, né?

A.: - E... e me diga uma coisa, se você... Você analisando, hoje, né? Depois que você se formou, que percebeu o quanto à leitura muda o seu (não entendi) e nos... nos dá, inclusive a possibilidade de... de uma profissão (barulho de crianças gritando e sirene de escola) de se estabelecer, economicamente, você pensando em avaliar sua vida e... e (não entendi) em relação à leitura, você percebe, que a leitura foi fundamental para você ser o que é hoje, ou não.

G.: - Foi. Foi... é... não tanto quanto hoje, né? Porque hoje a gente vê... é... determinados, aliás, quase todos os colégios, não é? Pedem aos alunos, passam livros, pra através daquele, é... fazer o teste, fazer a prova, não é? Baseado naquela leitura, hoje é bem melhor. Hoje o ensino pede mais leitura, que se na minha época, lesse mais, seria... seria diferente. Que lia pouco.

A.: - As pessoas que tinham naquela época, que liam, que... é... já eram um pouco mais... mais privilegiadas, eram mais destacadas na sociedade?

G.: - É. Na sociedade.

A.: - Mais procurada?

G.: - Mais procurada, realmente.

A.: - Então a leitura...

G.: - A minha professora...

A.: - Tava onde estava o social.

G.: - Isso, eu li... eu me recordo, porque, eu fui pra Sacramentina, mas ela ficou lá, com a escolinha dela. E, assim, sempre tinha contato com ela. Ela lia muito! E ela já estava passando pra os alunos o que não passou pra minha turma.

A.: - Certo.

G.: - Estava passando e agente foi observando que o a... o ato de ler é... é... trans... bem mais proveito de quem não ler nada. Bem mais, mesmo. E é um exercício que temj que fazer, que é bom pra mente, né? Muito bom.

A.: - E... e me diga uma coisa, analisando sua cidade...

G.: - Em Jacobina?

A.: - De... desse tempo que mora aqui, você tá percebendo que ela tem avançado, tem progredido? Qual é sua leitura, sua análise, sobre ela? Ela... ou ela poderia, já ter, assim, um comercio melhor? Poderia, já estar com outras... outros progressos que você, ainda, não consegue perceber, para cidadão?

G.: - É, jacobina tem, já tem alguma coisa, né? De quando eu cheguei a quarenta anos atrás, não é?

A.: - Sim.

G.: - Mais um pouco. É... Desenvolveu mais, mas ainda tem a desejar. Ainda tem a desejar. Tem porque... veja porque... veja bem, é... a gente precisa é... é... um... vamos dizer assim, um tratamento médico. Muita coisa não tem a gente se desloca pra Salvador, Feira de Santana, não é? Salvador ou feira de Santana, porque você tem conhecimento, que é... não tem uma UTI, determinados exames, não é? Nescromêtria óssea, é uma... uma Endoscopia, é, Endoscopia já tem. Mas já tem aquela Tomografia Computadorizada. Então, são coisas que de repente precisa e em termo de saúde, é desejado. Em termo se saúde.

A.: - E em termo de lazer, o que acha?

G.: - De lazer... é... tem pouca coisa, também.

A.: - Muito a desejar.

G.: - É, pobre em termo de lazer, deveria... que cidades menores, assim, eu to falando em extensão, não é?

A.: - Certo.

G.: - Mas cidades mais... é... mais novas, as cidades mais... tem coisas melhores, né? Adoro Jacobina, adoro Jacobina.

A.: - Considerando que Jacobina tem mais de cem anos. Né?

G.: - Mais de cem anos que deveria ter, mais...

A.: - Não era pra estarmos nesse patamar.

G.: - Exato. Exatamente. Exatamente, tem, né? Ficou a desejar.

A.: - E a educação, pra você... o que, que você acha?

G.: - A educação... é... tá engatinhando, não é? Tem o colégio Modelo, é... que já deveria está funcionando, continua inda, né? Os alunos no Deocleciano.

A.: - Agora já começou.

G.: - Começou já? Inaugurou quando?

A.: - É, os professores começaram a dar aula, já em março.

G.: - Agora em março? Imagina, não é do meu conhecimento.

I.: - Mas me parece que não é prédio ainda não.

A.: - Não é no prédio ainda não?

G.: - Não.

I.: - Não, é na... Alice Barros?

A.: - Ah, porque uma colega minha, disse a gente tá estudando... eu fui convidada pra ensinar no...

G.: - Pelo... é... Luiz Eduardo.

A.: - Luiz Eduardo.

I.: - Meu irmão, Eric, também.

A.: - É? Pois é, ainda não inaugurou o prédio ainda.

G.: - Não. É... Em termos de saúde, em termos de ensino... é... é realmente, se a... já devia ter inaugurado, né? Isso. Devia tá inaugurado.

A.: - Claro. E já estamos no mês de abril.

G.: - De abril, exato. Por exemplo, o colégio a... o colégio municipal, que não tem todas as áreas, né? É... e não tem o pri... é... começou com o primeiro ano, terminou no terceiro ano, não vai ter mais primeiro ano, quer dizer, o aluno que estuda ai, não tem curso pra ele, então, tem que fazer sacrificio e botar num colégio particular, como meu caso, com a neta. Primeiro ano, não tem primeiro ano mais, não tem.

A.: - Tirou porque mudou de colégio, que o outro não tem.

G.: - Exato, pra outro colégio. Exato. Então...

A.: -Então, demonstra que...

G.: - Em termo de sau... de... de... de educação, tá a desejar. Tá precisando.

A.: - Pois é.

G.: - Mas inaugurar, é assim que inaugurar, não é? Quem sabe, quando vai melhorar, não é? Melhorar...

I.: - Agora, fala uma coisa aqui pra nois, assim, que... eu como já tenho mais, um conhecimento com ela, né? Uma coisa que eu acho muito engraçado é que (risos) Que ela toda vez, diz, eu tenho um... é... um montão de afilhado. Assim... toda vez, assim, quando eu to aqui, né? Sempre aparece uma pessoa. Aparece outra...

G.: - Alguém.

I.: - Agora diz, quantos afilhados você tem.

G.: - Não, eu só tenho 68 afilhados.

I.: - Só, viu?

A.: - Sessenta e oito afilhados Glórinha?

G.: - Tenho oito pra crisma e batizar.

A.: - Gente!

G.: - Já tem mais de 68, né? Tem quanto aí? Setenta e... seis.

A.: - Agora dá 76.

G.: - Sim, e tem casas, que são duas. A minha comadre Nilza, mesmo, é... são duas. São duas afilhadas. É... a maioria é de dois e tem casas que eu tenho cinco afilhados.

I.: - (risos)

G.: - Tenho cara de madrinha. (risos)

A.: - Me explique, é. Me explique porque...

G.: - Não sei, nunca pedi.

A.: - Você foi tão... nunca procurava, assim...

G.: - Me dê seu filho pra eu batizar, nunca.

A.: - Nunca?

G.: - Nunca. E testemunha de casamento, não conta.

A.: - É mesmo Glórinha?

G.: - (risos) Hoje... hoje a pessoa chegou...

A.: - E será por conta de você fazer doces, arrumar?

G.: - Não, é só amizade.

A.: - As coisas só por conta da amizade.

G.: - Da amizade, só isso. Só amizade. Chega, bença minha madrinha, eu digo, Deus te abençoe minha comadre, porque eu já batizei a filha dela.

A.: - Gente!

G.: - Com certeza, acontece isso na... na... rua.

A.: - É?

I.: - É, se você chega aqui, o pessoal ai, eu chega acho, assim, interessante.

G.: - É.

A.: - Muito.

G.: - Casados, já. Já casados.

A.: - E sempre por conta da...

G.: - Ah, um carinho todo especial comigo!

A.: - Depois do conhecimento as pessoas vão...

G.: - Isso. Não sei, é... A semana...

A.: - Pelo próprio serviço de ser enfermeira, né? No bairro.

G.: - (risos) Não.

A.: - No salão, as pessoas fazem amizade.

G.: - Não sei, não sei. Um garoto ai, é... a... a vó... a mãe... quem cria é a avó. Ela falou, pra mim, olhe e... eu me... coloquei meu menino pra fazer a primeira comunhão, mas tem que batizar primeiro. Ai eu falei pra ela, arranje uma madrinha, que você não pode fazer a primeira comu... a primeira comunhão, antes do batismo. Ai, padrinho já tem, ai ele falou assim, “ah, madrinha eu só quero Dona Glórinha”. Eu nem conhecia ele assim. Não conhecia. Só quero Dona Glórinha. Ela veio falar comigo. Tudo bem. Eu também nunca recusei.

A.: - Ah, que bom!

G.: - Eu acho assim, um carinho todo especial. Que eu passo o ano...

A.: - É, porque você ser escolhida pra ser, madrinha. Pra ser a segunda mãe de alguém.

G.: - Pois é, né?

A.: - Você, mesma, amiga.

G.: - E uma responsabilidade muito grande.

A.: - Muita responsabilidade.

G.: - Agora... é... eu fico assim, meu Deus do Céu! Como isso vai acontecer, né? Bom, passo o ano ganhando presente. Só que eu não tenho condições de dar presente a toda afilharada. É só o carinho. É só o carinho. Tem que diz assim, mãe se tu deixar eu vou morar com a minha madrinha. Eu não quero, não! Que eu não quero cuidar de muito! (risos) É, diz, assim. Mãe, se tu deixar eu vou morar com a minha madrinha. Ah, eu dou carinho, eu dou. Quero bem de coração, mas é 68 mais 8.

A.: - Sei. Ai tá o segredo?

G.: - 68 mais 8. (risos)

I.: - Nunca pensou em entrar pro livro dos recordes, não? (risos)

G.: - Não sei. Eu acho que não. Não sei.

A.: - Ainda mais...

G.: - Eu falo pras pessoas, as pessoas fazem, “ah, tudo isso, né?”

A.: - É. Nunca vi contar que alguém tivesse tanto afilhado (não entendi).

G.: - É, realmente. Eu coloquei na minha agenda... Eu esqueço o nome do... dos afilhados.

A.: - É gente demais.

G.: - Esqueço o nome dos afilhados.

A.: - Você faz a relação documental.

G.: - Faço na agenda e boto o nome do compadre e da comadre. Que e... eu posso entrar... é... é... falar com o compadre, esqueço o nome. É. E, eu não estou contando os afilhados que, estão ne... ne outras cidades.

A.: - Ah?

G.: - Tem, muita... tou contando aqui em Jacobina.

A.: - Ah.

G.: - Exatamente. Quando eu fiz sessenta anos, eu fiz um culto em ação de graça na Missão, na igreja da Missão. E depois eu dei um jantarzinho, assim, umas trezentas pessoas. Mas quando eu olhei, que vi tanto afilhado, ah, eu fiquei feliz dá vida. A maioria.

A.: - Uma família.

G.: - A maioria de afilhados. E muitos porque não deu pra ir. Não pode ir, não pode (não entendi). É a história da minha vida. (risos)

A.: - Nós agradecemos, foi uma entrevista maravilhosa, né?

G.: - Tá bom.

A.: - Aprendemos muito. Enriquece.

G.: - Desculpe alguma coisa, se vocês, não ficaram satisfeitas, não é?

A.: - Não teve nada de insatisfeito. Pelo contrário.

G.: - Nada. De repente, alguma coisa é... é impossível, né? Tantos anos lembrar tudo.

A.: - A medida que nós vamos conversando, as coisas vão surgindo...

G.: - Então.

A.: - E outras coisas entram, né?

G.: - É, realmente.

A.: - Entram na conversa... na... na...

G.: - Com certeza.

A.: - E a gente consegue perceber, quem sabe relembrar.

G.: - Foi bom, foi gostoso conversa com vocês. Ingrid, né, Ingrid? Já é conhecida.

A.: - (risos) Ingrid (não entendi) Por isso que nós trouxemos, pra você responder as perguntinhas, que a gente fica com os dados seus. Agradecemos a simpatia.

G.: - Brigada.

A.: - A acolhida, viu?

I.: - Aqui a gente vai, preenche, as outras eu já preenchi.

A.: - Desta que quando a gente construir o capítulo, a gente promete voltar aqui, com ele pronto.

G.: - Pode, estou as ordens.

A.: - Pra você ver. Pra você ler, pra você se ver também na foto.

I.: - Pra ler o que você falou.

G.: - Nossa!

I.: - Que agora a gente vai transcrever ai...

A.: - Ai transcreve...

G.: - Mas tudo, que fa... Tirou já?

I.: - Não.

G.: - Desliga Ingrid.

I.: - (risos)

(A fita foi desligada, mas surgiu uma nova conversa, que achamos importante ser gravada)

A.: - Como fato da... da história mesmo, né? Que... que lhe fez refletir assim, e... e lhe marcou ou lhe indignou, que tem acontecido. Ou com político, ou com... em relação a qualquer...

G.: - Olha, essas guerras. Essas guerras. Aque... aquela... aquela bomba de Hiroxima, né? Aquilo mexeu com o coração da gente. Então, quem não sente... E ultimamente, é... es... esse acidente a... aquela... é foi um acidente mesmo, né? Assim, provocado.

A.: - Sim.

G.: - Esse dos Estados Unidos, não é?

A.: - Ah, de 11 de setembro.

G.: - De 11 de setembro.

A.: - Atentado.

G.: - Exato, exatamente. Que morreu muito no incêndio. Muita gente. Eu digo inocente, é... estou referindo a crianças, né? Que realmente teve crianças também, né? Mas, inocentes todos eles porque não tinham nada haver com...

A.: - O objetivo de um inimigo.

G.: - Exatamente. Isso chocou muito, muito mesmo. É... marcou... marcou a vida da gente.

A.: - quer dizer assim, que você ficou assim com qual tipo de sentimento?

G.: - Sentimento. Eu fiquei assim, penalizada e revoltada, porque nós não temos nada a ver, não é? Com o que esta acontecendo lá, do outro lado, da... da... do mundo. Mas atinge todos nós porque somos filhos de Deus, somos irmãos, né?

I.: - E já tá atingindo, que agora a conversa é que agora no Brasil tem bomba.

G.: - Exatamente. Eu... eu vejo jornal e fico, né? Informada disso, porque, inclusive, eu fiquei, assim, muito nervosa, porque o meu filho estava bem próximo, lá a Turquia liberou o espaço aéreo. E... tava... avião passava, que caiu até um missel, lá numa cidade perto.

A.: - Perto da que ele estava.

G.: - Que estava. Na época ele estava em Istambul, que agora ele tá ne Diabarquelé.

A.: - Foi?

G.: - É, exato. Mas quer dizer fica todo mundo, não só por ele está lá, mas... não é? Ser humano.

A.: - É você... Uma preocupação a mais porque é um ente querido que está lá.

G.: - A mais, exatamente.

A.: - E pelos outros como seres humanos e irmãos.

G.: - Como seres humanos e irmãos em Cristo, né? Foi horrível, me marcou muito, muito mesmo. Quer dizer, o outro passado e esse, a gente pode até chama atual. Pouco tempo, né? Pouco tempo.

A.: - E em relação a sua participação como cidadão, na política, sempre exerceu seu direito?

G.: - Sempre.

A.: - Sempre participou.

G.: - Sempre votei e sempre em segredo. Não faço campanha política. Gosto de um candidato voto nele e acabou. Todos eles vêm a minha casa.

A.: - (não entendi)

G.: - É, é segredo. Eles todos vêm a minha casa, eu recebo divinamente e sou amiga de todos os candidatos.

A.: - Analisa.

G.: - E simplesmente eu digo, vou votar em fulano, no... em meu íntimo.

A.: - Ah, sim. Não diz pros outros.

G.: - Ne meu íntimo. Nem... nem a família comento.

A.: - É mesmo?

G.: - Porque eu não gosto de... de...

A.: - Seu voto de fato...

G.: - É, eu voto porque é cidadã, tenho que votar, né?

A.: - E não... não joga esse direito fora?

G.: - Não. Não joga direito fora.

A.: - Você usa do seu direito.

G.: - Exato. Como o voto é secreto, eu acho, assim, se eu fizer uma campanha pra determinado candidato, eu estou ofendendo o outro, porque já me pediu voto. Então, eu faço campanha e ninguém sabe pra quem eu voto. Agora, eu voto.

A.: - (não entendi) exerce direito de escolha, olhando, analisando.

G.: - Exatamente.

A.: - Fazendo leitura das propostas.

G.: - Das propostas e vendo...

A.: - Qual é a mais viável, para qual candidato, né?

G.: - Com certeza.

A.: - Lembrar do todo.

G.: - Do todo.

A.: - Certo. Escuta. (alguém fala)

G.: - (risos) É. E não faço campanha, assim, pedindo voto. Oi, vote tal candidato e tudo.

A.: - Sei.

G.: - Ou então...

A.: - Não faz campanha partidária?

G.: - Não, não faço. Não faço e fico amiga dos... dos partidos todos que são... é... é o... são inúmeros, né? Fico amiga de todos e eles acreditam que eu votei pra eles, todos eles. Mais aí...

A.: - Pois é, e você fica na sua...

G.: - E eu me sinto bem assim.

A.: - Sendo uma boa vivã, né?

G.: - É. Fico bem assim, me sinto bem com certeza.

Entrevista com D. Maria Pureza em 15/04/2004 (Realizada no Centro de Convivência do Idoso)



Ana Lúcia: -... que eu tenho que ouvir, depois lê. Quantos anos tem você Pureza?

Pureza: - 66.

A.: - 66?

P.: - É.

A.: - Bom. É um prazer a gente tá aqui hoje, conversando mais uma vez, não é? Com uma nova pesqui... é... entrevistadas, que fazem parte do Centro de Convivência do Idoso. Como você sabe a nossa pesquisa, é pra gente... é... falar sobre história de leitura de vocês e claro que falando da história de leitura, vamo tá falando da história de vida de cada uma, que participa do projeto, que nos conta sobre a importância da leitura na vida, né? O... todas as questões em relação a escola, que relembra, a escola, as memória, a infância. Então a gente tem a cada vez aqui, que a gente vindo, aprendido bastante com cada uma de vocês, pelos relatos que nos mostram, pelas lembranças, pelo que trás pra gente de experiência. Então a primeira pergunta que eu queria lhe fazer, é assim, que você me dissesse qual é o significado, assim, da leitura na sua vida? Pra você, você acha importante? Por quê?

P.: - Ah, eu acho muito importante porque no tempo de eu criança, eu nunca tive essa oportunidade de estudar, não é? E agora eu tô aprendendo um pouquinho, ainda não sei,

não é? Mas eu tô pensando que Deus vai me ajudar que eu vou aprender qualquer coisa, né? Pelo menos eu assino meu nome, já faço meu nome, não faço bem, mas já faço. Graças a Deus! É... E a importância da leitura pra gente é bom demais. Pelo menos pra mim é.

A.: - E você acha que é bom por quê? O que, que ela trás de bom pra gente? Em que elas nos ajuda, quando a gente pode pegar um livro pra lê ou uma Bíblia ou uma carta, assim, o que é que trás de importante, cada coisa dessa?

P.: - Ah, ela trás muita coisa boa pra gente, ela trás uma animação muito... muito boa pra gente onde... Importante mesmo, que a gente pega a Bíblia e lê, que é a palavra de... de Deus, né? E a gente fica por dentro da... da... das coisas, né? Das palavras, dos...

A.: - Dos acontecimentos do mundo, né? Lembra...

P.: - É, pois é, não lembra negócio de... de... de briga, nem disso, nem daquilo, né? Preciso tanto da palavra de Deus, na hora só lembra de Deus, né? É muito importante na vida da gente, a leitura é pelo menos pra mim é.

A.: - Muito bem. E me diz uma coisa, quando você... Tem quanto tempo que começou o estudo aqui na... na... no Centro de Convivência do Idoso? Estudou desde o ano passado ou só começou esse ano.

P.: - Foi, desde o ano passado. Desde o ano passado que eu tô aí estudando.

A.: - Certo e tem gostado muito...

P.: - Tenho gostado muito, graças a Deus. Gostando, tô gostando... do me... do mesmo que eu tiver sentindo, às vez, eu assim, como hoje mesmo, tava com a cabeça doendo. Então minha menina e que vai? Eu vô porque lá, eu me enterto mais, né?

A.: - É.

P.: - Eu fico ma... eu fico mais alegre quando eu tô aqui no Centro de Convivência porque isso aqui, é... é uma casa que parece, que trouxe pra nós, não é? Nós velho que nunca tivemos... nunca tivemos oportunidade de ter... de ver o que nós tamo vendo agora aqui dentro do Centro de Convivência. Principalmente pelas amigas e... e Valdice que é mesmo que ser uma mãe pra... pra gente.

A.: - Faz amigos, né?

P.: - E muitas amigas que a gente espera... que faz, né? E somo de dentro da sociedade, né?

A.: - Claro, exatamente, todos nós participamos dela, né? Vivemos em sociedade e damos nossa contribuição. Me diga uma coisa Pureza, e... e quando você falava aí do significado da leitura, da importância dela na vida, me lembrou uma coisa, você assim, escreve cartas, bilhetes pra seus amigos, pra seus parentes?

P.: - Ainda não.

A.: - Não?

P.: - Ainda não, mas eu...

A.: - Mas já lê algum bilhetezinho, alguma cartinha?

P.: - Eu tô che... eu tô pensando que... que vou chegar lá. Ainda não leio, né? Porque eu não entendo muito essa... a... é...

A.: - Juntar.

P.: - Essa... e... e... essa escrita feito a mão, né?

A.: - Ah, sim.

P.: - Porque a professora custo... costumou nós aqui muito mal, né? Só fazendo alfabeto, né? O alfabeto, o ano todinho fazendo o alfabeto, esse ano, foi que eu falei com ela. Eu digo, ah pró, eu não tô entendendo essas outras letra, que... que escreve, né, assim, coisado, não tô entendendo. Ela disse, pois esse ano eu vou mudar. E esse ano que ela tá mudando, né, o que foi dado.

A.: - Ai...

P.: - Mas o nome que ela faz no quadro, eu sempre...

A.: - Consegue lê?

P.: - Consigo lê.

A.: - Junta e já lê, então, daqui uns dia já tá sabendo lê em casa, fazendo as suas próprias cartas.

P.: - Se Deus quiser! Se Deus me dê a licença, né?

A.: - Seus bilhetes, não é? É tão bom você mesma dizer assim, eu vou sentar agora pra fazer uma carta pra fulano, pra minha amiga, pra minha comadre, né?

P.: - Isso aí, eu peço muito a Deus, pra ele me dá... me dá uma memória boa, o negócio que é... não é só uma coisa, só pra gente, né? Que a gente na... na idade, tem tanta coisa. Tem filho, tem tudo pra pensa, imagina e... e... e mesmo, o jeito da vida, mesmo, né? Porque quem não tem marido, já sabe como é, pensa em tudo.

A.: - Tudo tem que ser resolvido, né?

P.: - Tem tudo que ser eu, pra resolver. Se é pra compra uma coisa tem que ser eu, se é pra resolver um problema tem que ser eu.

A.: - Você é viúva Pureza?

P.: - Sô viúva a dezessete... a dezenove ano.

A.: - É? Não quis casar de novo?

P.: - Não.

A.: - Por quê?

P.: - Quis mais não. Porque a minha vida... a minha vida quando... a minha vida foi muito pecuara, né? Eu peguei um esposo, num... era pobre, mas era trabalhador. Mas era cachaceiro, né? Era cachaceiro, sofri muito com cachaça, com negoço.

A.: - Sei.

P.: - Só vivi com ele, porque é como diz, a mulé quando casa, não é? E mesmo... As de agora não, que hoje em dia todo mundo tem sua liberdade, mas naquele tempo meu não é? Tinha que ser mesmo de baixo do... dos pés, mesmo e... Ai eu me escardei um pouco e não quis saber mais não (risos).

A.: - Ai quis... Não quis outro relacionamento?

P.: - Não, não quero mais de jeito... de jeito nem um.

A.: - Que um pai...

P.: - E logo que ele morreu, fiquei com três filho de menor, né?

A.: - Sei.

P.: - Eu digo, eu vou arrumar outro homem pra vim bater nos meu fio, não dá certo não. (não entendi), aí foi que terminei de criar.

A.: - Criou sozinha mesmo.

P.: - Graças a Deus!

A.: - Mas poderia amar, tantas outras pessoas ainda e ser tão feliz, não é?

P.: - É. Mas...

A.: - Dezenove ano de viúva, dava pra tá com (não entendi)

P.: - Dezenove ano de viúva. Eu fiquei... eu fiquei viúva, parece que eu tinha 45 ano quando eu fiquei viúva.

A.: - Ah, nova!

P.: - Foi. Mas eu não quis mais não. Ele mesmo era uma batalha, batalha da roça... Era uma batalha, e logo eu... eu comecei esse problema de... de coluna. De dor nas costa, foi aí que eu vim aqui pra rua e daí, tô aí. O ano passado, foi o ano trasado, foi. Que eu consegui vim pr'aqui.

A.: - Vim pra cá.

P.: - E graças a Deus...

A.: - Saiu da roça pra cidade?

P.: - Foi.

A.: - Há 3 anos ou lá há 2 ano?

P.: - Já tem... já tem 11 ano, já.

A.: - Que veio embora?

P.: - É, que eu vim pr'aqui.

A.: - E me diga uma coisa, quantos filhos tem?

P.: - Eu tive 12 filho, uma perca 13. Mas eu só criei... criou 6, mas uma morreu, tá com 9 ano que morreu atropelada em Salvador, né? Foi trabalha em salvador e morreu atropelada lá em Salvador. Ia fazer 20 ano, novinha.

A.: - Nova. Ô Pureza, e... e... e como você aprendeu a ler? Você já, veio aprender a lê, mesmo, já aqui? Ou

P.: - Já. Foi, eu nunca... não, eu nunca fui... não, eu nunca...

A.: - Nunca tinha entrado em escola antes?

P.: - Não, eu nunca tinha ido na escola, não?

A.: - Ah! Já veio pra escola, agora aos sessenta e...

P.: - Já agora, já com 65 ano, foi quando eu entrei tava com 65 ano. Foi. Agora que eu vim aprender fazer meu nome e assim, umas letrinhas assim, eu já digo um bando de nome, né? não digo tudo de... eu ainda digo (não entendi)

A.: - Sei, mas já consegue juntar e dizer, né?

P.: - É, pois é, já digo, muito, um bando de nome, mesmo.

A.: - E... e quais as atividades que a pró faz aqui que você mais gosta de fazer?

P.: - Hã?

A.: - De leitura, escrita, de ouvir história. Ela conta história?

P.: - Conta. Ela conta história... ela conta história pra gente, ela bota a gente pra fazer. Agora me... agora mesmo ela... ela tá com a leitura lá de João e Maria, né? (risos)

A.: - Ah! A história em poesia?

P.: - A história de João e Maria pra gente fazer. As outras lá, tão fazendo. Eu gosto muito.

A.: - E quais histórias você já aprendeu?

P.: - Porque ela é uma pessoa... ela é uma pessoa muito boa, que ela não pega muito pelo pé da gente, né? Que sabe que gente veio também não pode ser puxado, né? Que a corda puxada demais quebra, né? (risos)

A.: - Ela tem muita paciência?

P.: - É, ela tem muita paciência, muito boa.

A.: - E... e quais histórias dessas que... que você já tá aprendendo, relembrando, que você mais gostou e tá entendendo um pouquinho? Quais histórias.

P.: - Dessas histórias, a mais... mais gostei foi um livrinho que ela me deu agora no... no final do ano, que ela... ela comprou um livro de... de... do lenhador, né? A dor do lenhador e aí ela me deu e eu já estudo e eu já estudo já leio ele todo sozinha.

A.: - Que beleza! E como é a história do lenhador? Conte aí pra gente.

P.: - A história... a história do... do lenhador, que ele... ele era pobrezinho, né? Ele tinha 7 filho, então ele não... não tinha condição de criar os filhos, então ele foi disse que ia deixar... ia deixar eles na... na floresta, né? E aí ele tinha o Pequeno Polegar, que era bem esperto, então deixou migalhas de pão cair na estrada, pra quando (risos) mode acertar o caminho, que ele escutou o pai dizendo né, pra...

A.: - Pra mãe.

P.: - Que ia deixar ele na floresta, que não tinha condições de criar ele. Então foi, assim, ele... ele... lá, deixou ele lá na floresta, quando eles souberam que tava um... um solzinho, aí ele disse que... disse pra os outros, que num... num se preocupasse não que ele... que ele ia encontrar o caminho, que ele tinha deixado as migalhas de pão, aí... Então as migalhas de pão, quando chegou lá os pássaros já tinha comido tudo e aí (risos) saiu perdido por o mato, gritou socorro, mas não teve jeito, aí achou uma casa, a casa era do Orgon, aí tinha uma veia, disse assim, que eles não podiam ficar lá, que ele devorava criança. O Orgon devorava criança. Aí, eles ficaram, que quando o Orgon sentiu o

cheiro, disse, tô sentido o cheiro de carne fresca (risos). Mas ele já tinha... ele já tinha escapolido. A véia botou eles pra correr. Aí, ele calçou a bota de 7 léguas e aí a... aí a... ell saiu atrás das crianças, mas tava cansado, aí deixou... deitou pra dormir, disse, eu vou pegar uma soneca agora, que tô muito cansado. Aí, bem de juntinho das crianças, aí o Pequeno Polegar, chegou, rançou a bota do pé dele e calçou. (risos) E aí, a bota era mágica, aí pegou as crianças tudo e trouxe pra casa. E aí, eles...

A.: - Sim. Salvaram?

P.: - Chegou... chegou em casa, foi viver com os pais deles. Ficou rico e cabou a fome, todos vivendo. E aí terminou a história.

A.: - E que lição de vida, essa história lhe trouxe Pureza?

P.: - Que lição de vida?

A.: - É. A... você aprendeu.

P.: - O que eu aprende com ela, porque o... a vida... a vida é assim mesmo, pra gente viver tem que ser assim, né? Os trancos e barranco, né? É uns em cheia e outros em vão. Então, é... é... eu apre... eu aprendi, que essa história é muito boa pra gente, contar, assim pra... mesmo pras crianças, né?

A.: - Tem ensinamentos, né?

P.: - Pois é.

A.: - E qual ensinamento, assim, a gente pode perceber na... na história, que pode ajudar a gente nossas atitudes, pra nos... nos... nos dá força em alguns momentos difíceis? Qual seria o ensinamento que... que a gente percebe que a história trás pra gente?

P.: - Uma...

A.: - Porque um pai, abandonar um filho.

P.: - Abandonar um filho.

A.: - Não é fácil, né?

P.: - É.

A.: - Porque não tinha como criar e não tinha todo esse pai também.

P.: - É. Que dizer que pra quem não conhece, acha que os pais... que os pais é ruim, mas só Deus sabe a... como é, né? Que acontece que a gente a... abandona uma coisa sem... sem ter precisão... tem uns que abandona sem ter precisão, já outro é... é a forçado, né?

A.: - Sim.

P.: - Porque não pode, não tem condições como ele mesmo, né? Que 7 filho, minha gente, não é moleza não, pra um pobre lenhador, né? Sustentar da o pão de cada dia, não é moleza não.

A.: - E... e ele preferia que eles a encontrasse alguém em tão.

P.: - Encontrasse alguém.

A.: - E...

P.: - É. Que ele deixou eles na floresta pra ver se eles encontrava alguém que cuidasse deles, né? Na... na floresta.

A.: - No desespero dele, né?

P.: - No desespero dele, porque na realidade, esse aí é uma história, né? Mas na realidade tem família muita desse.

A.: - Pois é, quantos pais que as crianças são encontradas nas cartas, no lixo, não é?

P.: - É.

A.: - Que eles...

P.: - Tem muito... as vez muitos pensa, que é por causa, que a pessoa abandona porque não quer criar. Porque muitas vezes é porque ele não tem condições de criar, né?

A.: - E... e as vezes falta... falta coragem e fé de acreditar que pode resolver. Pode modificar, né? Alguns fazem o contrário, não eu vou dá conta, vou procurar um jeito.

P.: - Que eu mesmo assim, eu pensava assim, as vez...

A.: - E não abandona os seus filhos.

P.: - As vez, antigamente quando meus filho era pequeno, era isso que eu tinha dúvida assim, com o marido. Eu... eu dizia assim, eu podia largar esse miserável, mas meu Deus eu vou viver de que?

A.: - Quem sabe?

P.: - Com que... se eu largo... se eu larga ele, eu não vou deixar meus filho pra ele criar, eu tenho que criar, eu tenho que ir pedir esmola pra criar meus filho, porque eu... eu deixar eles passar fome eu não deixo e dá também aos outros eu não dava, né? Eu pensava assim, né?

A.: - Pois é ninguém dá, pois é. Mãe (não entendi) os pais tem esse (não entendi).

P.: - É. Pois assim, é como a... a gente vê né essas história... essas história assim, porque nem todo mundo pensa assim como eu pensava, né? Porque às vezes muitos deles tá

pedindo, os seus filho, as coisas e eles não dava de jeito nem um. Pede, leva tombro, o tombro passa aqui cai acolá, mas não dá. Criou como pobre, mas cria, não é? E tem muito que não, que não eu vou dá meu filho porque lá vai viver... né? Mas dizer dei e isso e aquilo num...

A.: - Mas antes não ter essa coragem .

P.: - Por sinal, é obrigado tem coragem.

A.: - Que a mãe tem a felicidade dos filhos.

P.: - É.

A.: - Oh, Pureza, e nessa... nesse... na sua vida assim, antes de você casar, você menina, você mocinha. Quais são a... as... assim, as fases de sua vida que você mais lembra e tem saudade?

P.: - Ah, a fase... a fase da minha vida foi um pouco pecuára, né? Porque logo, meus pais era fraco. De idade de 5, 6 ano eu já trabaivava assim mais minha mãe, pra mode ajudar na feira, né? Plantava capim, a gente ia pra roça (não entendi)...

A.: - Sempre trabalhava...

P.: - Era dia de macaco como o povo chama, né? Dia de macaco. Diária, né?

A.: - Sempre trabalhava na agricultura, né? E sempre...

P.: - Ela ganhava 10 tões, eu ganhava 500 reis.

A.: - Sim.

P.: - Naquele tempo era 10 tões e 500 reis. Era...

A.: - E aí você não pôde ir pra escola, ficava só trabalhando, e ajudando seus pais?

P.: - Não pôde ir... não pude ir pra escola de... de jeito nem um, que ajudava a trabaia.

A.: - Sei.

P.: - Passava tempos ruim, né? No... Teve um tempo mesmo, foi obrigado a gente tira pó de paia pra viver, né? Ia pros morro tira paia, pra tirar pó, rala o couro aqui na perna, tirava o pó de paia. Tirava 5, 6 quilo...

A.: - Tirava as palha, ma pra que?

P.: - Hum? Rapaz, eu não sei pra que é que serve. Eu sei que nós vendia, não é?

A.: - Tirava pó de palha, eu não sabia não. Pra vender.

P.: - Tirava pó de paia, tirava pó de paia.

A.: - O que será que faz com pó de palha?

P.: - já tirei muito pó de palha. Quebrei muito licurí, catei muita mamona no chão, pra viver, não é?

A.: - Sempre desde pequena, né?

P.: - Desde pequena, desde pequena.

A.: - E aí não deu tempo vir pra escola?

P.: - Não, não.

A.: - Sempre morando na roça?

P.: - Sempre morando na roça.

A.: - Todos os irmãos trabalhavam, também, junto?

P.: - Todos trabaiava, todos trabaiava. Todos trabaiava sempre na roça.

A.: - Pra ajudar o pai e a mãe que eram lavradores?

P.: - É.

A.: - E quando se casou você continuou sendo lavradora junto com seu marido?

P.: - Foi, junto com meu marido. Meu era...

A.: - Morando na roça?

P.: - era trabalhador. Eu casei com um viúvo, né? eu casei com um viúvo, ele era trabaiador, que era danado. Ele botava 40 tarefa de roça, assim. Aí, gente trabaiava com 5, 6 trabaiadeira na roça pra ajudar, né? Que eu sozinha não dava conta. E te'ra... até muito duro na roça pra trabalha. Agora não, graças a Deus, eu tô no céu hoje em dia.

A.: - Tá ótimo, no céu.

P.: - Me aposentei. Vivo do meu aposento.

A.: - Hum.

P.: - Num... não preciso dos meu filho pra, assim, me ajudar em nada, né? Que eu, quem, sempre ajudo eles, né? Que eles tamém são pobres, são todos. Mas graças a Deus, eu vim praqui, tô no céu. Tô nessa casa aqui pra mim (risos). Eu tô ne... eu tô no céu.

A.: - E... e me diga...

P.: - E me dou muito bem aqui

A.: - E... e... nesse... nessa época, depois foi ficano mocinha...

P.: - Foi.

A.: - Lá na roça, costumava, assim, sair pra passear ou mesmo não tinha assim lá?

P.: - Saia, saia. Eu o... ôxe, eu gostava. Eu saia, assim, pra apanhar café. Apanhei café no Curralinho, panhei café ali no pé de serra. A gente cantava roda na roça. (risos)

A.: - Ah! Tinha parte boa também, não é?

P.: - Tinha parte boa, tinha.

A.: - Assim, de... de cantar.

P.: - E festa, graças a Deus eu ia pra festa. Meus pais nunca impatou eu ir pras festa não.

A.: - Trabalha... Sim.

P.: - De jeito nem um.

A.: - E... e nas festas, qual era as músicas da época que fazia sucesso?

P.: - Ah! A... a... e pensa que eu nem me lembro mais disso (risos) As músicas era...

A.: - (risos) Ia mais pra que? Pra forró?

P.: - Era... era forró, era xote, era negócio... as músicas de Luiz Gonzaga, né?

A.: - Hum. Sim. Luiz Gonzaga, né?

P.: - É. Nesse tempo, nessa época.

A.: - E não lembra de nem uma?

P.: - Lembra assim, de... de ar... alguma. (risos) Tinha Asa Branca, assim no... Tem a que diz assim, foi lá no pé-de-serra, onde eu deixei meu coração. Oh, que saudade eu tenho, é de voltar pra o meu sertão. No meu passado, esse trabalho eu não queria... Ah! Me esqueci. (risos)

A.: - (risos) lembrou só um treixinho.

P.: -Me lembro só esse trabalho eu não queria. Lá ne meu rancho tinha tudo o que queria. Aí que dançan... dessa casa eu não queria, e a sanfona nem parava, também xote a noite dia. O xote é bom, de se dançar. Um passo lá e outro cá (risos). A gente fica se... a gente fica... ah, me esqueci, não sei mais não (risos)

A.: - É bonita essa.

P.: - Ah! Xote.

A.: - E aí dançavam a noite toda?

P.: - Dançavam a noite toda rapaz. Nós dança mesmo.

A.: - Paqueravam os rapazes? (risos)

P.: - Ôxe! Não era o que.

A.: - Era uma época boa, nessa parte, né, Pureza?

P.: - Era, era uma época boa.

A.: - Fazia amizades, né?

P.: - Embora da... da gente ser fraco e tudo, mas era tudo repetido, graças a Deus. A gente ia pra festa ninguém dizia que era bonito, nem que era feio, não é? Não existia muita confusão naquele tempo, também... Naquele tempo, também, as moça não podia dá uma taboca, porque se desse uma taboca morria (risos). Era.

Ingrid: - O que era taboca?

P.: - Ôxe, era... taboca você vinha, se o rapaz chegasse...

A.: - Você chama pra dançar e você não ir.

P.: - Era. O rapaz chegasse você pra dançar se dissesse que não ia, na mesma hora chegasse outro, e ia, pronto. Ali...

A.: - Não podia, que ali tava feita a confusão.

P.: - Não. Já tava feita a confusão.

A.: - Que se não quis vir com um, tem que passar a noite toda sem dançar com nem um, né?

P.: - Tem que ficar sem dançar. Tem que dançar com gato e cachorro, né?

A.: - Com todos.

P.: - Naquele tempo era assim, era gato e cachorro.

A.: - Não podia dizer não. Já foi pra festa, sabe que tá lá pra dançar, né? Isso acontecia muito mesmo.

P.: - Mesmo estando nessa idade brinquei muitas festas, mas graças a deus, nunca puxei uma confusão, nunca dei taboca em ninguém. (risos)

A.: - (risos) E gostava de um forrozinho, né, Pureza?

P.: - Oh, eu gostava demais. Forró, roda, tudo, aí era mais eu.

A.: - Oh Pureza, e aqui... e aqui na... no abrigo do... na casa de Convivência, quando o... botam um forrozinho dançam e cantam e se lembra e se divertem tanto aí, não é?

P.: - Nós dança, é. Nós brinca é muito aqui, não é? Pula, não é?

A.: - E as rodas, me diga quando trabalhava, que tirava mamona, que plantava feijão, quais eram as cantigas de roda que gostavam de cantar enquanto trabalhava?

P.: - Ave Maria! Não me pergunte, que nós cantava demais. Chora bananeira, bananeira chora, chora bananeira amanhã eu vou embora.

A.: - Canta mais uma.

P.: - Subi naquela serra com sapato de algodão, sapato pegou e eu desci de pé no chão.
(risos)

A.: - Pronto (risos) Também de algodão, né? (risos)

P.: - Atrás daquela serra passa boi passa boiada, também passa a moreninha do cabelo cacheado.

A.: - Beleza! Então é... e assim, eu pergunto, quando vocês trabalhavam cantando, o trabalho tinha outro sentido? Vocês não percebiam o tempo passar, como é? Era mais doloroso?

P.: - O dia passava ligeiro. Era, o dia passava ligeiro, que a gente não dava fé, porque a gente ia panha o café, ajuntava uma turma assim, nós pegava um moito de café, assim, né? Aqueles café tudo plantado as carrerinha. Agora, assim, por acaso eu ficava aqui, você ficava aqui, essa outra ficava ali, aí subia, né? Subia até chega no final da roça. Cada qual, na sua carreira de café, cada qual cantando roda e dizendo verso, aí...

A.: - Sei. E aí o trabalho...

P.: - Então, o nosso dia passava que a gente nem via, rapaz. Era uma co... era no momento que o dia passava, né?

A.: - Então quer dizer que o trabalho, já... a gente já viu que podia unir ao mesmo tento...

P.: - AH, sim.

A.: - Ao trabalho, como um pouco de lazer, de alegria, mesmo tando trabalhando, né?

P.: - De alegria, de tudo. É, de saúde também, né?

A.: - Isso.

P.: - Porque a gente... sem a gente não ter saúde, não tem alegria, não é?

A.: -Não tem como.

P.: - É, não tem como ter alegria.

A.: - E me diga uma coisa (hunf) na, assim, ne... nesse período da sua vida. A infância, a sua juventude, a mocidade. Tem algum fato de sua vida vi... que você lembra, até hoje, com saudade? Que aconteceu, que você ainda se lembra, que gostaria de reviver. O que. Que você mais ficou com saudade dessa época?

P.: - Ah, dessa época só fiquei com sau... com saudade, quando eu era mocinha nova, né? Porque eu saia pra fora assim, pras comunidades, pra trabalha, pra cata café, plantar

feijão e a gente ajuntava aquela turma toda e cantava. Aí, no pé de serra mesmo, nós de man... de dia nós na roça cantan... cantando roda, panhando café e de noite era nas casa cantando roda, juntava aquela turma de moça e cantava roda até 12 hora.

A.: - Ah, sim. Faziam de casa em casa?

P.: - É. Nós, não, nos terreiro cantando roda.

A.: - Isso. Certo.

P.: - Fa... juntava moça, rapaz, ali.

A.: - Ah, e fazia uns lual.

P.: - Faça... É, pois é, que umas cantava roda, outras cantava samba, cantava reis. Era assim, né? E aí, a gente por um mês... Ave Maria, eu tenho saudade de... demais, porque era... era uma vida contente, né? hoje em dia quando eu tô aqui mais as meninas, eu lembro muito disso. Porque aqui re... relem... faz a gente relembra.

A.: - Relembra que canta, né?

P.: - É. Relembra, né?

A.: - Tem as cantigas de roda...

P.: - A infância, que agora a gente tá tendo, tomem, a gente vê coisa... nós tamo tendo aqui, o que nós, nunca, também temo, naquele tempo, que a gente não tinha oportunidade. Que naquele tempo era quando a gente saia pra trabalha e tudo. Num ia. Agora não, agora nós tamo aqui. No... nós dança Micareta, nós vai pra festa, nós vai pra todo o canto aqui, que Valdice balança a gente tá, né?

A.: - Ai. (Falando com Ingrid que tentava fechar a porta, por causa do barulho)

P.: - Ainda tá aberto.

A.: - Me diga uma coisa. A professora costuma incentivar vocês a lê, da livro pra vocês lê em casa, como é que ela faz? Incentiva vocês a lerem?

P.: - Não, a gente tem... a gente tem livro, mas ela... ela sempre bota a gente pra lê aqui, né? Ela não dá...

A.: - Não dá pra casa, uma leitura, pra fazer em casa, não?

P.: - Não, não dá pra casa não.

A.: - Ler história, ler outros livros que vocês queiram, não?

P.: - Não. Não dá não.

A.: - E... e aqui também no Centro de Convivência não tem uma biblioteca, pra vocês escolhem livro, pra levar pra casa, não?

P.: - Tem não.

A.: - Só tem a sala de aula mesmo? (hunf)

P.: - É.

A.: - (hunf) Me diga uma coisa (hunf). Como era, assim, a roça que você morava? Ela tinha casas por perto ou era uma roça muito longe uma com outra, isolada. Ou não?

P.: - Tinham. As casas... as casa era assim, meia... meia longe. Assim, da... da outra, mas agora... agora tá... a minha... a minha casa, mesmo, lá. Agora já tem muita casa de junto. Tem as casa de meus filho, né? Tem... tem a casa do sobrinho. Tem a casa de um... de uns vizinho, assim, uns de lá, outros de cá. Tem uma comunidade, né?

A.: - Sim (toca o celular)

P.: - Tudo no Pau-ferro.

A.: - No Pau-ferro.

P.: - É. Fez uma comunidade.

(gravação interrompida)

A.: - Então, aí, né? Agora tá diferente, quer dizer que...

P.: - Agora tá diferente, é.

A.: - Que antes era... era mais afastado.

P.: - Era mais afastado. Era afastado. A... Tinha mata, tinha tudo e agora não. Agora lá no Pau-ferro tem uma pracinha, tem colégio, né? Tem campo de futebol.

A.: - Naquela época não existia colégio, né? Não tinha escola, né?

P.: - Não tinha escola, não. Não tinha nada. Tinha era mato no meio. Agora não, agora formou uma comunidade. É roça de um lado, roça de outro e as casa tudo aí. Tudo uma comunidade mesmo.

A.: - Então já teve muitas mudanças lá na roça.

P.: - Já teve muitas mudanças.

A.: - E tem luz Pureza?

P.: - Tem luz.

A.: -É?

P.: - Tem luz. Só falta ter água daqui. Tem água lá naquela cisterna de lá, né?

A.: - Sim. Água da cisterna.

P.: - E nem encanta... encanar água... água de cisterna pra...

A.: - Água encanada.

P.: - Pras casa, né?

A.: - Certo. E me diga uma coisa. Quai... você... o... é... analisando, hoje, a roça e a cidade. Você gosta mais de viver aqui, ou de viver na roça.

P.: - Eu gosto mais da roça.

A.: - É?

P.: - É. Toda vida eu gostei mais da roça. Eu só tô aqui, por causa desse problema meu que eu criei de... de... de problema na coluna, né? Bico-de-papagaio. E os médico impediu de eu trabaia. E eu quando chego na roça, Ave Maria! Se eu pudesse, eu não ficava queta, né? Não vejo um pezinho. (risos)

A.: - (risos) Já quer novamente.

P.: - E a gente criado na roça, já sabe, né? Não hora que eu vou chegando, eu vou... E no outro dia que eu vou lá, que eu passo os dia todo lá, quando é amanhã, eu passo a semana toda doente. Aí, quando eu chego, é arrancando mato, é falando...

A.: - A crise de coluna.

P.: - Passando... passando (não entendi). Mas eu gosto. Acho, que eu não tô na roça porque eu num... num... guento mesmo fazer nada, né?

A.: - Você acha... você acha ela mais saudável?

P.: - Fazer nada. E tamém... pode. E eu não tenho um transporte, se eu tivesse um transporte todo dia pra ir.

A.: - Hum.

P.: - Já tem, a gente tem um pedacinho de roça lá, 20 tarefa de roça da gente, né?

A.: - Sim.

P.: - Pra criar galinha e tudo, ôxe, eu ia todo dia e vinha, mas eu não tenho transporte.

A.: - Não dá pra ficar vindo e voltando.

P.: - Não dá pra ficar vindo e voltando, que o dinheiro não dá, pra pagar todo dia pra ir e voltar.

A.: - Mas vai todo final de semana?

P.: - Todo final de semana eu vou. Todo domingo, assim, que o genro tem... tem dessas aí, que trabalha na serra. Quando é dia de domingo, ele pega ele, que ele é de lá também, pega a gente e leva tudo pra lá pra roça.

A.: - Sei. E... e Pureza, você acha que lá na roça tem... é uma vida mais saudável assim, que é mais... mais saudável, assim?

P.: - É... é mais saudável, assim... é mais saudável assim, que é mais... mais sossegado, né?

A.: - Sim.

P.: - A vida da roça, mais sossegada. Mas sobre coisa, aqui é mais saudável, por causa do tratamento das águas, né? Já é tratada, né? É... tem mais outro tratamento, a gente também tá mais perto da... da... do centro de saúde, né?

A.: - É. Certo.

P.: - Tudo... tudo é mais melhor do que lá. Mas lá, eu acho... eu gosto mais do que aqui.

A.: - Mais do que viver na cidade?

P.: - É, mais do que viver na cidade, e... e de minha verdade, eu só ainda tô aqui, por causa daqui do Centro de Convivência. Se não fosse o Centro de Convivência, assim, mesmo, eu já tinha voltado pra minha roça. Sem guentar, eu já tinha voltado pra minha roça.

A.: - Mesmo sem guentar?

P.: - É.

A.: - Pu... e... e... a... na cidade aqui, você acha, o que, que você acha de muito de ruim na cidade que num... num lhe faz gostar muito?

P.: - O ruim, que eu acho aqui na cidade, porque aqui na cidade a gente não tem a liberdade, que a gente tem na roça, aqui a gente vive na cidade. É quase, como um preso na cadeia, né? Não pode, não tem licença nem tá com a porta aberta, já viu como é que é, né? E... e não... não tem essa liberdade. Na roça não. Na roça você dorme até de porta aberta se for possível.

A.: - Hunrum. Não há problema algum, né?

P.: - Não há problema algum.

A.: - Em termos sobre a violência.

P.: - Ah, mas agora do jeito que tá também, já tá começando, né?

A.: - Na própria roça, tá chegando também

P.: - É, já tá chegando. Lá mesmo, na casa de minha sobrinha, tá um negócio de um... uns 2 mês, chegou 2 cara lá de... de moto encapuçado e... e roubaram televisão, capa de sofá e tudo. Prendero eles dentro de um... de um banheiro e fizeram isso. Carregaram tudo que um... até a roupa da menina ir pra escola, as farda da menina pra menina ir pra escola.

A.: - Carregaram?

P.: - Carregaram tudo.

A.: - Lá na roça?

P.: - Lá na roça.

A.: - Então, a violência também chegou ao campo?

P.: - Já tá chegando.

A.: - É?

P.: - Pois é já tá chegando. Como agora mesmo, hoje mesmo eu peguei no rádio. Roubaram a moto de uma mulé, alguma coisa, né?

Valdice: - Boa! Oi!

A.: - Olá!

V.: - Tudo bom? Como é que tá? Tudo bem?

A.: - Oh, minha querida, estamos aqui conversando com Pureza.

V.: - Tá conversando com Pureza. Tudo bom?

A.: - É. Tá aqui contando umas histórias

P.: - Chegou a minha mãe nova. (risos)

A.: - É. (risos)

V.: - Como vai coisa fofa?

P.: - Hum.

V.: - Tudo bom mô?

A.: - Tudo em paz.

V.: - Tudo em paz, graças a Deus!

A.: - Nas entrevistas.

V.: - Eita! E aqui é bom?

A.: - É. Aqui a gente abre a janelinha, pra refrescar, não sentir calor.

V.: - É né?

A.: - E aí o som fica bom pra ouvir bem, né?

V.: - Ah, sim. Ah! E tava gravando agora que eu entrei? (não entendi)

A.: - Não, que a gente vai ouvir a fita e transcreve a fita.

V.: - Não porque eu... eu vi a porta fechada com isso, abri pra vê.

A.: - (não entendi) que Ingrid tirou.

P.: - Né minha fita vai sair minha mãe nova.

A.: - Ingrid espera pra senhora afastar.

V.: - Meu amor perdoe.

A.: - Não, que é isso. (não entendi)

V.: - Tchau! Viu? Licença aqui.

A.: - Certo. E então Pureza.

I.: - Tira a chave, tá?

A.: - Me diga uma coisa Pureza. É... Você costuma assistir televisão?

P.: - Assistio.

A.: - Assiste?

P.: - Assistio.

A.: - E dos programas que você assiste, quais são os programas que você mais gosta de assistir? Por que? Que, que você aprende com eles?

P.: - O que eu gosto mais de assistir, eu falo minha verdade. eu gosto mais de assistir as novela. (risos) Eu sou chegada numa novela.

A.: - Numa novela.

P.: - Porque não é desde agora não. Desde quando eu morava na roça, eu assistia pelo rádio, né?

A.: - Ah, era?

P.: - Era. Antigamente, quando a gente não tinha televisão.

A.: - Sim.

P.: - A gente assistia no rádio. Tinha um radinho de pila e a gente assistia as novela da rádio Petrolina, né?

A.: - Na época da rádio novela.

P.: - Em Petrolina tinha umas novela bonitinha,. E tinha os horaro da gente assistir. A... a radia globo, tinha Tia Leninha, dia de sábado, contava as história de Branca de Neve. Contava as história de Cinderela, e aí a gente escutava mesmo, né? E aí, eu fiquei naquilo. Quando eu comprei minha televisão, aí eu sou ligada mais nas novela.

A.: - Continuou assistindo a novela. E dessas novelas que você assiste, o que é que você assim, tira proveito para a sua vida? Lhe faz, pensar sobre algum fato da sua vida, lhe faz refletir as cenas que passa na novela? Aprende com elas?

P.: - A gente aprende. A gente aprende porque tem muitas coisas que passa... que passa na novela que... que é feito pela realidade, né? Muitas coisa, muita mesmo. Que passa nessas novela que é... que tirado pelo um... a realidade. Oh, o mal... o mal mesmo, né? O... o mal, pra fazer o mal uns aos outros. Aí, como é que diz?

A.: - O que mostra lá na televisão.

P.: - Mostra na televisão e tem na realidade do mesmo jeito. Pessoa que... que deseja o mal pros outros. Pro próximo, né? Não gosta, xinga, briga, não é? Tudo isso. E a gente vê na televisão, também, desse mesmo jeito.

I.: - Das novelas atuais, a senhora gosta mais da qual?

P.: - Rapaz, eu tô gostando mais da novela de Aninha. (risos)

A.: - (risos) Ah, Chocolate com Pimenta?

P.: - É. Chocolate com Pimenta. Tô adorando ela.

A.: - Por quê?

P.: - Porque... eu... eu gosto de vê a coragem dela, né?

A.: - E é uma novela de época.

P.: - De Aninha. Gosto de vê a coragem de Aninha. Porque, né? Do jeito que o povo faz com ela, tudo e ela tem aquela coragem, tem aquela força, né? E aquela boa vontade de seguir, e nisso ela tá vencendo, né? Ela tá vencendo.

A.: - Então já é um aprendizado que se tira, né?

P.: - Pois é.

A.: - Que ela... ela tem passado por dificuldades, né? As pessoas tem feito...

P.: - Ela era pobre da roça, né?

A.: - Pois é.

P.: - Pobre da roça e tudo. Que ela ser pobre e fraca, aí os outros fica pisando, né? Pisando nela, fazendo de tudo, chamando ela de golpista, mas ela não deu um golpe, né? No... pensar da gente é... é como agen... como a gente vê. Quem... quem tá lá, tá pensando que ela deu o golpe, mas ela não deu o golpe, não. (risos)

A.: - (não entendi)

P.: - Aqueles ali, parece como na realidade, que a gente vê na realidade, que acontece disso. Muito rapaz faz o mal pras moças e larga aí, né? (barulho de moto) Fica com a cara pra riba, vai outro e casa, né? Com ela e tudo. Acontece, acontece demais.

A.: - Ela teve uma pessoa, né? Que quis ela, que fez tudo isso pra auxilia-la, né? Na verdade...

(Mudança de lado da fita)

P.: -... e não sei dizer e não dá certo. Soletrando, pelejando pra dizer. Eu digo, é meu Deus, mas eu tive tanta oportunidade quando eu era pequena, mas eu tive tanta oportunidade quando eu era pequena, mas... de estuda e num estudei, agora pelejo e num... Peço... peço uma boa memória a Jesus e eu sei que ele... que ele vai me dá, assim, pra eu aprende, né? Mas... eu peço muita força a Deus, né? Que ele... to... toda coisa eu tenho muita vontade de aprender a ler a Bíblia.

A.: - Sei.

P.: - Tenho muita vontade de aprende, porque eu escuto assim, eu escuto...

A.: - De tá na sua casa de lê, né? Refletir.

P.: - Eu escuto o povo lê... lê a Bíblia e tudo. Eu entendo um bando da coisa da Bíblia, que tem muita gente que as... que tem... que tem a leitura e não entende. A vez, muitas coisa que a bíblia diz, tem muita gente que tem a leitura e num entende. Sabe o... lê... lê e num... e num reflite aquilo que a Bíblia ensina a gente, não é? E a gente escutando, eu mesma escutando, eu entendo um bando de coisa que a Bíblia ensina... ensina pra gente.

A.: - Que tá lendo e ouvindo. Tá, né? Pela (não entendi)

P.: - É, escuto é.

A.: - E aí, você que ler também.

P.: - Eu quero lê também, pra mode eu saber o que é partilhar contando aos outros pessoal, também que não sabe, né?

A.: - Isso, muito bem.

P.: - É, com outras pessoas também que não sabe.

A.: - A qual, as outras pessoas teriam possibilidade, né?

P.: - Assim, como muitos lê pra mim, né? Que tem vez que chega crente lá em casa e fica lendo e me explicando tudo. E eu gosto, porque tem gente que diz assim, não, eu não recebo crente aqui ne mi... minha casa e esses queima panela, queima feijão. Pois eu não, eu nunca... pra mim, se eu recusar, tô recusando Deus. Porque se eu vim com a palavra, não é? pra vim com a palavra de Deus, pra explicar pra gente eu bato a porta na cara dela, pra mim tô batendo na cara de... de Deus, porque nossa semiança, não é?

A.: - A semelha nós somo filhos de Deus e você entende como uma oportunidade de conversar, de aprender, não é?

P.: - De conversar. De conversar e delas me... me explica.

A.: - Delas explicar.

P.: - Delas me explicar, porque é como diz, eu não tenho a leitura. Eu não sei. Eu não sei lê e ela já vem ali com todo cuidado de me ensinar, tem... deu o trabalho de... de me ensinar, me explica aquilo ali tudo. Eu gosto. Gosto muito.

A.: - De ouvir, de falar, contar, né?

P.: - De ouvir. De ouvi, de falar, de aprender também pra...

A.: - Claro.

P.: - Pra ensinar algumas pessoa, porque tem muitas pessoas que caminha pra igreja e são muito... muito rebelde, né? Não sabe, não entende. Não entende de nada. Só sabe de Deus... Eu vou pra igreja, eu vou pra missa, mas não sabe nem o que é que o padre diz lá, não sabe nem o que é que... que é a palavra, do que foi dito na palavra.

A.: - Você é católica?

P.: - (não entendi) sou católica, graças a Deus.

A.: - E freqüenta?

P.: - Freqüento.

A.: - Vai mais dia de domingo ou dia de sábado?

P.: - Vou mais no sábado de noite, né? Quando eu não vou pra roça, no domingo, eu vou no domingo. Quando eu vou pra roça eu vou no sábado de noite.

A.: - Lá na... na... na missa, reflexões... Quais são, assim, os cantos que você mais gosta que ouve, que pra você lhe dá uma paz de espírito ou ele trás ou lhe trás um ensinamento? Lembra de algum canto lá da igreja?

P.: - Ah, rapaz. Tens uns que... tem tanto canto bonito agora. (não entendi) Num pego não, né? a cabeça agora não dá mais. Mais como naquele tempo que eu era nova. Naquele tempo que eu era nova se eu ouvisse uma can... uma música uma vez, eu aprendia. Agora não.

A.: - Aprendia logo.

P.: - Não aprendo não. Só aquela hora que a gente tá ali, cantando mesmo. Não decoro.

A.: - Depois esquece.

P.: - Depois esqueço. Parece que tá num... num pouco de esquecimento, não sei mais lembra nada. Sei não, ainda ontem mesmo, falando aqui, ela tá me ensinando uma reza de levantar espinhela. Pois, quando foi hoje eu me bati pra lembrar, só lembrei dois pezinho o outro não sei. Agora eu vou procurar ela, que é pra ela (risos).

A.: - Pra torna lembra?

P.: - Pra ela copia, pra vê e eu vou tentando lê, né?

A.: - Pra pode, você vai lendo. É.

P.: - É. Pra eu tentar, pra vê de eu aprendo.

A.: - Mas olhe aí, uma coisa boa. Ela copia pra você e lendo, que você já tá aprendendo a lê. Desafia você, a descobri com sua mente.

P.: - Pois é.

A.: - E lendo você mesmo...

P.: - É isso aí, foi isso mesmo, que eu pensei de manhã, vou pedir a ela pra...

A.: - Porque você vai decifrar.

P.: - É.

A.: - Né?

P.: - É isso mesmo.

A.: - E aí você vai... a medida que você vai é... é... melhorando na leitura, vai aprendendo a também. Não é?

P.: - Pois é isso aí.

A.: - E você acha que se você tivesse aprendido a ler, entrado na escola, como toda criança, estudado, se formado, e a sua vida profissional, sua vida hoje, seria diferente?

P.: - Rapaz, eu não sei, né. Eu não sei. Isso aí eu não sei nem explicar. (risos)

A.: - Se tivesse da... dado conta de ler, de sabe ler, se forma, mudaria a sua vida? A leitura poderia mudar sua vida?

P.: - Talvez, né? Talvez, se tivesse arrumado um bom emprego, né? Ou trabalho, né? Aí, mudava. Mudava muito, né? Porque de quando eu fiquei na roça, só dando duro. No macaco, trabalhando de roça, trabalhando, assim, né? Num... num... mudou nada. E a vez, a pessoa tendo uma boa leitura, a vez arrumava um bom emprego, que agora não. Que os emprego tá tudo difícil, ma naquele tempo da gente, não é? Tinha muito emprego bom, né? E a gente tendo a leitura ajudava muito a gente, mas não deu pra mim, né? Quer que... quer que a de fazer. É pedir sorte a Deus, né? E toca o restinho da vida que tem pra...

A.: - E você agora tá percebendo que sempre é tempo de fazer. Porque... não é?

P.: - Ainda é tempo, pois é. Enquanto Deus de oportunidade de vida a gente, dá oportunidade, né? Dá sempre saúde.

A.: - Quer de qualquer sorte, agora tá na escola, tá estudando, tá querendo do mesmo jeito.

P.: - É. Do mesmo jeito.

A.: - É vencendo outros desafios. Não é verdade?

P.: - É, pois é. Pedindo a Deus pra vê se eu aprendo, se eu não aprender, viva a Deus, é porque eu não tinha mesmo que aprende, né?

A.: - Pois tá aprendendo. Tá acabando.

P.: - Tô trabalhando. Graças a Deus, fazendo meu nome, eu já não... Eu faço ne todo lugar que eu chego, eu já faço meu nome, não vou mais botar o dedão. (risos)

A.: - Pois é, que é terrível e ninguém gosta, não é?

P.: - Pois é.

A.: - Pra marca. Você... mas você toda eleição vota?

P.: - Voto.

A.: - Vai bota o nome direitinho, vota certinho?

P.: - Voto. Graças a Deus!

A.: - Muito bem exerce o seu direito de cidadania, né?

P.: - É isso aí.

A.: - E, você me disse que assim, gostaria, mesmo de aprender a ler pra acerta a sua casa, lê a Bíblia, né? A contar, refletir. Que outros livros mais você poderia contar, se já soubesse ler, já tivesse, bem, lendo bem com proficiência?

P.: - Ah, Ana, quando a gente lê assim as historinha, né? Livros de história, os romance, né? Que toda a vida eu vi o povo lê e eu tinha vontade de... de aprender, de lê. E a gente sabendo lê, né? A gente já... a gente aprende, né? Eu mesmo, tenho um... um livrinho mesmo lá de... de Nossa Senhora de Fátima que meu menino me deu. Todo dia pego ele, leio um pedacinho. E já... já digo muito nome nele, é pouquinho nome que eu tô errando, né?

A.: - Tá vendo aí.

P.: - Num... já... já... pra mim já é um...

A.: - Passo adiante.

P.: - Passo a frente que eu tô dando, não é?

A.: - Um passo a mais.

P.: - Agora só como diz, agora essas letra de imprensa, é que eu... eu tô por fora delas.

A.: - Se atrapalha.

P.: - Aquela letra de imprensa, mas porque a professora passou um ano todo só...

A.: - Que fez o alfabeto só manuscrito?

P.: - É. Só alfabeto. Só... só letra maiúscula, né? A, B, C. Só fazendo os nome tudo com só... com as letra, né? A gente também só tá naquilo. Essas letra de... de imprensa a gente... eu... já... não entendo muito não. Uma vez um livro mesmo...

A.: - Tem, tem como diferenciar uma da outra.

P.: - Um livro mesmo que ela me deu, tinha uma carta, né? e eu já tenho me batido pra lê essa carta. Muito... digo um bando de nome, mas um bando de nome não digo. Não sei. Tem umas letra que eu não sei.

A.: - Você não sabe qual é a letra?

P.: - Qual é a letra, é. Pois é.

A.: - Então, mas a gente acredita e confia, e sabe, que o aprendizado, é eterno e que a gente sempre, que tiver tempo e oportunidade, vai esta aprendendo.

P.: - Vai está aprendendo.

A.: - E o mundo, a vida da gente, tudo o que acontece no mundo, que a gente olha, que a gente analisa, por exemplo, você olhando sua cidade hoje, né? O estado da Bahia, o que, que você acha que tá precisando muda?

P.: - Ana...

A.: - Na realidade nossa, pra melhorar a vida o povo.

P.: - Ah, rapaz! Precisa de muita coragem pra mudar. Principalmente trabalho que não tem, não é? Principalmente trabalho, como eu vejo aqui, eu vejo aqui eu falano... eu falano com... parece que foi com meu menino que eu tava falano. Esse meio, mundo de... de mato aqui. Esse aqui ó. Isso aí devia... de tivesse um... um governo ou um prefeito que tivesse a cabeça e sim. Desapropriar isso tudo aí e fizesse umas usina, aí. E plantasse cana ou banana, qualquer coisa, fizesse umas usina aí, pra fazer doce, ou pão, ou fazer um engenho pra fazer rapadura. Tudo pra dá trabalho ao povo aí, não faltava trabalho, não, né? Não faltava emprego, não. Mas cadê? Não tem.

A.: - Pensa como agir pra fazer.

P.: - Não tem.

A.: - Pra gera emprego, né?

P.: - É. Não tem como agir. Não tem como agir e não tem também uma pessoa que... que tenha uma idéia, assim. Porque...

A.: - Que tenha idéia e bote em prática.

P.: - Claro. Porque o rio passa aí dentro, né? Eu oiando assim. O rio passou aí dentro. Não tá vendo que se tivesse um... um governo que coisasse, desapropriasse isso aí, fizesse uma usina, botasse pra... Botasse coisa que desse... que desse... Coisasse um marmelo, uma coisa que fizesse um... assim como a Caatinga do Moura, né?

A.: - Sim.

P.: - Se botasse, num... num aparecia trabalho? Aparecia trabalho. Esses... esses roubo acabava mais, porque o que faz mais... mais roubo é também, mais, as pessoas que tão (não entendi) Se não tem trabalho. Que naquele tempo mesmo que... que foi começado São Paulo, né? Todo mundo vivia empregado. Não fartava emprego, não fartava trabaio. Todo mundo vivia trabaio. Quem é que dizia que era negócio de roubo? Não se via isso não. Depois que pego de... São Paulo não quis mais nin... A SUS não tava

dispatchando todo mundo pra ir embora, foi que pegou esse negócio de assaltando, de assalto pra todo canto. Só se vê falar ne roubo. Oh, pro Rio de Janeiro. Tá um... tá um castigo, não é? Tá um castigo no Rio de Janeiro meu Deus do céu. Ave Maria! Tá de dá dó.

A.: - Ninguém, hoje, tá analisando. Meu Deus a guerra. Olha, observar... é... A gente que se diz civilizado. A gente que sabe tanto, né? Que precisou (não entendi). Que culturalmente, basta bem... bem informado tudo letrado. E porque o Rio, vive está situação? Né? Uma boa pergunta.

P.: - Pois é.

A.: - E porque, você analisando aí, você tá vendo, parece que os homens não estão, então, botando em prática todo conhecimento.

P.: - É. Tá nada. Não tá vendo que se tivesse... se tivesse um bando de fábrica trabalhando ali, dando trabalho pra aqueles povo, pra aque... esses homem que só vivem a toa aí, tirano a vida dos outro pra viver e tudo. Pra mim acabava mais, a metade desses negócio. Não acabava porque todo... o povo também vive a gente, sem trabaia de mais. Não tem dinheiro, então se toca assim, a rouba, matar os outros. E pior que mata, que se roubasse, fosse só um roubo e não matasse, né?

A.: - A violência, né? Tá...

P.: - É. A violência tá demais, é. Tá demais.

A.: - A situação do Rio de Janeiro, né?

P.: - É como aqui em Jacobina. Aqui em Jacobina é parado de trabalho. Ninguém tem trabalho e tudo. Então, se tivesse uma fábrica aí, né?

A.: - Gera emprego, é.

P.: - Tivesse umas aí, seja de doce, sobre sapato, ou de sandália, seja o que for. E que desse trabaio, aí pra todo mundo, pra homens e mulé, e tudo. Não existia muito, não. Que graças a Deus aqui num... num existe muito roubo, né? Mas se tivesse um trabalho, não era melhor?

A.: - Claro.

P.: - Era bom. (não entendi) Aquela Morro Velho, mesmo, que trabalhavam antigamente, né?

A.: - É. Tão reabrindo.

P.: - Antigamente, tão reabrindo agora, né?

A.: - Tomara que eles comecem a...

P.: - Mas muita gente tá comendo de ir, por causa da Siricose, que matou muita gente.

A.: - Também tem essa parte. Já matou gente demais e as pessoas tão caladinhas. Mas o... o grande prejuízo, né, que a Morro Velho deixou aí, foi também, muito pavoroso. A silicose, ela é fatal, ela não tem cura.

P.: - Não tem cura.

A.: - Morreu gente demais. Tem muitos filhos até hoje sofrendo.

P.: - É isso aí. Arrumasse outras fábricas, de outras coisas, né? Arrumasse outro... outro modo das pessoas viver. Mas aí, faltava uns home, porque... Deus... é como diz, Deus dá um jeito, né? Que é como diz, Deus dá um jeito e eles tendo cabeça pra fazer qualquer coisa, Deus dá o dote a eles pra estuda.

A.: - Então falta essa vontade política de pensa, de articula, de hoje, não é?

P.: - De pensa. E bota... em prática pra... pra agir, não é?

A.: - Certo.

P.: - Só falta isso. Aqui, pra nossa cidade crescer e ser melhor. (risos)

A.: - Pois é Pureza, que maravilha. Fez uma análise e tanto, né?

P.: - É.

A.: - Uma boa e não sabia que isso que você fez foi lê? Você tá fazendo uma leitura da cidade, uma leitura do mundo, da vida. Então, ler... A gente lê, tá vendo? Porque os acontecimentos, tão aí pra ser lido interpretado e analisados. Com essa análise que você fez, como é que você... conseguiu sa... olhar, olhou, viu a mata, percebeu que passava o rio. Que passando o rio, já era propícia aquele cliente? Que você conseguiu lê. Perceber e analisa.

P.: - Pois é. É porque eu passo aí e vejo. Porque tan... tanta mata aí, gente. Tanta mata, tanta coisa. Um rio que passa por dentro. Coisa boa! Gente, não vê uma casa ali, não vê uma fábrica de nada, perto desse rio. Num... num vê uma roça de nada, né? Porque uma vazante dessa aí, era pra ter uma roça de banana aí, ou de cana, um canavial de cana, né? Ou de marmelo. O marmelo mesmo (não entendi) tá aqui pertinho. Tem marmelo bastante. Ou... Uma vazante de fruta... de fruta aí, se tivesse um... umas fábricas aí, pra... pra construí.

A.: - Trabalha.

P.: - Pra trabaia. Nem que saiba, pra fazer polpa pra vender aí, coisa, né? (risos) Ôxe, dava trabalho pro povo, pra menino, pra muié, pra tudo, rapaz, que tem muita precisão de ganhar.

I: - Eu não sei, mas parece que tem uma fábrica de goiabada, ou se é doce, justamente pra aí, esses lados que tava falando.

P.: - É, pra a Caatinga do Moura.

I.: - E tá... é, também tá exportando.

P.: - A Caatinga do Moura não é (não entendi) Eu quero sabe é aqui, dentro da cidade. Aqui dentro da cidade. Que vê essa fábrica aí, mesmo, que tão abrindo aí, mas acho que nunca nem começou trabaia. Nós vendo trabalho?

A.: - Ainda não começou, não.

P.: - Pois é. Nunca nem começou. Aí, como é que vai pra frente?

A.: - Que a outra foi embora e não ficou pronta, ainda. Eu lhe agradeço, a belíssima entrevista, aprendemos muito. Assim, com as histórias.

P.: - Desculpe, eu não saber conversar, não é?

A.: - Sabe disser, muita coisa. Porque a gente... é... sabe que a leitura, não é só do que lê no papel, né?

P.: - Da memória também tem que ajuda as pessoas.

A.: - Muito, as memórias, as histórias que viveu, os acontecimentos, tudo isso, faz a gente...

P.: - Ah, já vivi mais história, porque não dá pra gente conta tudo, não (risos).

A.: - (risos) Conta uma parte né Pureza?

P.: - Em 51, eu lembro bem que ne 51, aí tava... foi meio ruim, não é? Eu tinha de 12 pra 13 ano em 51, foi essa passagem de 12 pra 13 ano. Então, aí a roça da gente ficou ruim, ficou pecuária, mesmo. Aí eu tinha um cunhado que ele... ele trabaia de vaqueiro na fazenda de Nilson Valois, aí na Floresta, né? Então a seca tava grande, que ainda, eu disse que a gente tirava pó de paia pra viver. Então, é... é... levaram a gente pra lá, né? Que lá, Nilson Valois teve... tem 2 açude grande lá, né? Então tinha açude, lá. Aí, eles plantava e moiava de irrigação, né? Plantava. Tinha muita coisa e Nilson Valois, mesmo, tinha uma chácara lá, que tinha de tudo, banana, limão, mamão. Tinha de tudo, mesmo,

na chácara. Então, é... então meu cunhado morava lá (não entendi) trabalhava de vaqueiro, então levou a gente pra lá. E Nilson Valois também queria roçar uns pastos lá. E levou os pais da gente, pra trabalha lá. (não entendi) Ai, não era nada, não. Ai eu... eu ia... é... nós foi todo mundo pra lá, ficamo todo mundo, lá. Quando, não tinha, não existia negócio de farinha, nem nada. A farinha vinha de longe, de fora, aqui pra jacobina, aquelas balas desse tamanho assim.

A.: - Era?

P.: - Era aquilo balas, a gente comprava naquele tempo, quando era... parece que era 35 mil reis, um... um saco de farinha, mas era umas bala. Nesse tempo era Coronel Reinaldo. Parece que era ele nesse tempo. E aí, a gente pegava fina aí, pra comprar farinha... pra comprar farinha segunda e... acontecia de estrui, de alcança um prato de farinha, era um prato, quando coisava, talvez vinha aquele milho já despelado. Um milho comprido, já vinha despelado aí pra vende, que o povo coisava. A gente chegava em casa, a gente pisava aquele milho pra fazer cuscuz e fazer farinha, pra comer com aquela farinha que a gente arrumava, aí comprava um prato de farinha ou dois prato de farinha, que a gente tinha muita gente. A vez a gente cia de achar e não dava pra comprar. O tanto suficiente pra passar por semana, né?

A.: - Hã.

P.: - Chegava lá penerava, agora nós ia pro pilão pisar aqueles caroço de farinha pra rende mais.

A.: - Pra rende, pra depois tornar ceça e dá mais, não é?

P.: - É, pra rende. Então lá pra... lá pra Ijaí, tinha muito maxixe lá na... na vazante lá do... do açude lá. E lá tinha um cavalo chamado Trata Fina, cavalão grande, gordo. E tinha... aí tinha uma dona lá, que era mãe de Edilaso Laso, que trabalhou na radia, ela chamava Fravia e só, eu e ela, que montava nesse cavalo. Nós fazia uma ca... uma carga de maxixe, pra vim vender aqui. Ela montava no meio, saltava na garupa. Ele pulava, pulava, pulava. Quando ele cansava, aí ele dava na estrada. Pra viajar. Aí, nós vinha, vendia o maxixe. Comprava alguma coisa.

A.: - E não derrubava os maxixe?

P.: - Não. Derrubava, não. Nós marrava a... os caçuá, dentro dos caçuá.

A.: - Sim.

P.: - Porque sabia que ele pulava muito.

A.: - Se não, não ficava um.

P.: - Ele pulava, pulava e nós chegava aqui, vendia os maxixe, comprava alguma coisinha, levava pra...

A.: - Sei.

P.: - Pra lá, pra comer. E era uma vida muito dura, depois... depois nós saímos de lá. Nós foi pra Caem. Agora saímos daqui de pé pro Caem. Com a cachorra nas costas como diz o povo. Chamava era cachorra. (risos) Os cofos nas costas.

A.: - Os cofos?

P.: - É. Saímos daqui, rapaz, umas 6 hora da... umas 6 hora da tarde. Vim chega no Caem, já era de madrugada. Um dia eu tava no céu. Nós foi pra lá. Ôxe, quando nós chegamo lá, inté palmito... inté palmito meu pai tirava pra... pra come. Enquanto tava duro, tava ruim, que tava perdendo.

A.: - Foi uma grande seca, não foi Pureza?

P.: - Ôxe, uma seca grande em 51 pra 52. Uma seca grande. E dava palmito, agora eu não gostava daquilo não. Vixe era ruim, eu achava ruim. Pra cozinha dentro do feijão ali.

A.: - É.

P.: - Pra cozinha come aquilo ali, era tormento. É... Eu não passei muita vidinha boa, né? (risos) Mas graças a Deus, a gente venceu.

A.: - Tá viva, com saúde hoje pra conta a história.

P.: - É. Viva, também séria, graças a Deus. Eu tô aqui contando a história.

A.: - Contando a história.

P.: - Eu tô alegre, satisfeita. Eu tô numa vida...

A.: - Não é bom?

P.: - Eu tô numa vida, que pra aquele tempo, hoje em dia, eu sou milionária.

A.: - Pois é. Graças ao homem que viveu, não é?

P.: - Graças ao meu Deus, é. Graças ao meu deus. E é assim, mesmo, minha vida é esta.

A.: - São histórias, que a gente sabe, que serve de lição pra cada um de nós, né?

P.: - É, cada um de nós. A velha é... tempo... de vez em quando eu digo a meus fio. Eu digo, ah, meus fio. Vocês hoje... vocês hoje tão no céu.

A.: - Não sabe nada da vida.

P.: - Vocês tem direito de estuda, vocês tem direito de fazer o que vocês querem. Naquele tempo, nós nunca tivemos isso. Meus fio, todos eles, sabe assinar seu nome e eu sei o que? Eu vô na tosse, tô aprendendo agora, mas não sabia de jeito nem um. Nem... nem a letra do o.

A.: - Mas todos os seus filhos você colocou na escola?

P.: - Botei na escola, graças a Deus.

A.: - Pra estudar?

P.: - Todos eles. Só tenho 5, que uma morreu era 6, morreu... morreu, a que eu falei, que morreu atropelada em Salvador. Ficou 5, mas todos 5, graças a Deus, sabe assinar seu nome muito bem.

A.: - Muito bem Pureza. Então a gente agradece a você pela entrevista, quando a gente preparar o capítulo, a gente vai voltar aqui, que é pra todo mundo ver as fotos, ouvir o que disse, não é?

P.: - É isso aí.

A.: - Pra relembra. Olha, mas eu disse tudo isso mesmo. Vai... demora um pouco porque tem que ouvir as fitas todas, transcrever tudo, depois eu tenho que analisar cada entrevista, escrever tudo, bota as fotos, mas a gente aparece aqui.

P.: - Aparece se Deus quiser.

A.: - Novamente, viu? E vocês vão ver a história já pronta depois, né?

P.: - Desculpa aí mos erros, viu?

A.: - Não tem nada de erro.

P.: - Muito obrigado, né? Posso ir?

A.: - Obrigada a você. Pode. Vou chamar Dona Edite agora...

Entrevista com D. Nilza 11/03/2004 (Realizada do Centro de Convivência do Idoso)



A.: - Então, nosso projeto vai é... História de leitura na 3^a idade, a gente vai contar, as histórias de vocês, da vida de vocês, das leituras que fizeram ao longo da vida, né? E... nosso objetivo é depois que a gente ouvir as fitas a gente vai transcrever a entrevista construir o capítulo, a gente vai tirar as fotos de vocês, vamos marcar um dia pra tirar as fotos pra gente... trazer naquele capítulo, saí a foto e o histórico, sabe? Pra que a gente possa fazer... depois, publicar o resultado de nossa pesquisa. É... como você sabe Nilza, essa... essa pesquisa é um... é do meu mestrado, é uma pesquisa que eu estou desenvolvendo desde o ano passado, depois a gente entrou em recesso, eu não pude vir mais, aí fui concluir a parte das disciplinas pra depois voltarmos, pra continuarmos conversando. Vocês estiveram lá na universidade.

N.: - Tivemos.

A.: - Não é? Apresentou o filme o projeto e agora a gente já vai conversar um pouquinho, nessa tarde com você. Assim, a gente queria saber de você primeiro, qual é o significado da leitura em sua vida? Se você acha que é importante, porque que é importante?

N.: - Ah, leitura é muito importante, eu num... num estudei, só fiz até o primeiro ano, mas a leitura pra mim é a coisa mais importante da vida. Tinha muita vontade... aprender inglês.

A.: - Ah, Nilza?

N.: - Sou apaixonada por inglês.

A.: - Por inglês.

N.: É, mas não tive oportunidade de aprender nada, nem estuda. Porque só sei fazer essas besterinha, coisa pouca. Eu só estudei o 1º ano.

A.: Ah, chegou a ir a escola?

N.: Cheguei, fui na escola.

A.: Então, assim, a primeira série foi feita.

N.: Isso.

A.: Alfabetizou, né?

N.: Hum. Foi.

A.: E aí depois foi que desistiu de estuda? Ou porque os pais tiraram?

N.: É que meu pai veio embora, mora aqui nu... numa fazenda, tirou a gente da escola e quando a gente chegou na... em 1950, professor era difícil, né? Só tinha aqui na cidade. Nois morava na Tombador.

A.: Porque morava fora da cidade.

N.: Fora da cidade, aí não tive oportunidade, mas de estuda. Não tinha uma professora por lá... lá naquela hora. Hoje em dia tem tudo.

A.: Ah, agora tem.

N.: Mas agora tem. Quando eu cheguei que no 1950 não tinha, aí eu estudei com 15 ano, pouco tempo, com 16 ano casei.

A.: Casou nova, não foi?

N.: Cuida de família. Tive. 16 filho. Fui cria esses filho, agora meus filho tudo estudo. Tem que forma, mas (não entendi) estuda.

A.: Mas voltando a história do inglês que eu achei interessante. Você num... num... não quer, não gostaria de aprender, mesmo agora, numa idade?

N.: Ah, minha fia, eu tenho uma neta que sabe, né? Ela vai lá. Ô, minha vó, eu vou te ensinar, mas eu... ela... ela... eu, mas eu sou, assim, pego o que? Eu não aprendo, tu já

viu? A gente tem que começar do 1º grau, mas lá no fim do grau, na... no fim da escada, não dá tempo aprender mais não, que eu tinha que aprende mais a... a leitura pra mim pode aprende outra língua.

A.: Pra... pra a 2ª língua.

N.: Mas não tive essa oportunidade.

A.: Mas a... a...

N.: Acho lindo, adoro.

A.: Ah, a língua inglesa, né?

N.: É.

A.: Porque sempre é tempo de aprender.

N.: Ou Deus!

A.: Enquanto estamos vivos, enquanto estamos

N.: Já to com setenta e tantos anos.

A.: Pois é, ótima, muito bem, a... muito bem apresentável, né? Ta... uma aparência ótima.

N.: É, mas, agora, papagaio veio não aprende a falar.

A.: Aprende, esse discursos... (risos) Existe mesmo esse dito popular, mas não sabe que... que a gente pode ressignificá-lo porque o exemplo disso é muita gente que hoje chegou na universidade, sabe quantos anos ela tem, passou no vestibular? Setenta e dois.

N.: É mais ela já... ela fê... ela fez o...

A.: Pois é, ela começou...

N.: Ela começou.

A.: Gostou, né? Não quis parar.

N.: E eu no começo parei.

A.: Parou, então?

N.: Num... num evolui nada.

A.: É isso que eu digo. Vai... você tem a inteligência, capacidade de aprender, sim. A partir daí, se você realmente quiser que a mi... a sua neta... Você, claro, como você disse. Eu continuaria lendo mais ainda a Língua Portuguesa, demoraria na leitura...

N.: É.

A.: Depois, começaria a aprender inglês, com a própria neta.

N.: É, a neta me estimula. Eu digo, eh minha fia, não sei muito falar isso não.

A.: É, mas é bonito, né?

N.: É lindo, eu adoro, mas não. Não tenho essa facilidade. E nem vou ter, né? que eu já tou mais no fim do que no começo.

A.: E diga uma coisa, e aí quando... quando chegou na escola eu lá... onde você morava... onde na... na roça, você teve dificuldade exatamente, por conta da época não haver professores lá, não é?

N.: Não havia muita professora, não tinha muito médico, não tinha de... de... desenvolvimento de... dessas coisa. Era muito... Depois quando desenvolveu que veio as professoras, que veio tudo, eu já não estudava. Mas já era os filhos que vinham pra escola.

A.: Já não voltou mais pra escola.

N.: Não.

A.: Porque aí você já tava casada.

N.: Sai da escola com 12 ano e pronto, aí, fiquei, acabou.

A.: Quantas professoras você teve?

N.: Duas.

A.: Duas. Então você alfabetizou, fez a 1ª série e pronto.

N.: E pronto, aí acabou. Acabou a história (risos)

A.: Mas gosta de ler? Quando pega assim uma...

N.: Eu leio de vez em quando, assim, em casa. Que eu... eu tive muito filho, já criei tudo. Tudo foi embora, mas eu fico. Vejo um pedacinho, um livrinho uma coisa e lê alguma coisa. Sou...

A.: Uma história.

N.: Não sou de ler muito, mas eu leio.

A.: Ah, que gosta de ta... A gente vê, porque há, inclusive... A gente sabe que a partir do momento em que você cria, esse vínculo com a leitura, você vai desenvolvendo. Quanto mais você pega pra lê, mais você vai...

N.: É.

A.: A cada dia lendo melhor, com mais eficiência.

N.: Vai desenvolvendo mais, né?

A.: É. se quem gosta de ler, por exemplo, que gosta de freqüentar a missa ou lê Bíblia. Ou ler histórias, revistas, cada vez mais.

N.: É. e eu gostaria de mim... de as... de aprender mais, mas não tive essa oportunidade. Na... bo... gostaria de falar certo. Ao pronunciar as palavras, mas não tive oportunidade de aprender.

A.: E aqui no Centro de Convivência do Idoso, você participa da... daquela parte da aula ou não?

N.: Não. Aqui eu aprendi, bordar. Aprendi outra coisa, mas...

A.: Não quis ir aula, não?

N.: Ir pra... na escola não. Não posso vir todo dia. Que eu moro só, aí tenho que cuidar de casa, fazer alguma coisa, fim de semana.

A.: Ai você vem...

N.: E a escola tem que vim todo dia.

A.: É.

N.: Né? E aí, não dá não.

A.: Não dá pra você?

N.: É.

A.: E desse... de... desse período que você esteve na escola, quais foram, assim, as história que você leu? As leituras que naquela época fizeram, que marcou sua vida, que mais lhe ensinou, que você até hoje se recorda?

N.: Na... no período teve muita coisa boa, quando eu estudava e história, num... num aprendi muita não.

A.: Não?

N.: Não.

A.: E a professora fazia, assim, algumas leituras, lia poesia, lia textos ou era mais assim na mesa? As letras, o alfabeto.

N.: As letras, a alfa... a alfabetização, as letra, ensinava aquele tempo, ensinava era soletrando. Aprendi... aprendi mais a soletrar de que...

A.: De que ler corrido.

N.: - Lê corrido. Depois com o tempo foi que eu fui...

A.: - Juntando, né? E foi desenvolvendo. E... e me diga uma coisa, mas assim no decorrer de sua vida, no tempo depo... mesmo depois que você saiu da escola, depois você disse que casou cedo, foi cuidar de filho, né Essas questões todas e... e você como mãe, já não sabia contar histórias para seus filhos? Ou você inventava histórias, já pra contar a eles, como mãe, pra fazer cantiga de ninar, pra botar pra dormir?

N.: - Não, eu num... num... não tive essas histórias com meus filhos não.

A.: - Num... num... não tive isso? Não?

N.: - Não.

A.: - Não contou?

N.: - Minha vida na roça era meia dura. Morei ali no Tombador 28 ano, na fazenda de Doutor Marcos. Era trabalhando, era buscando água na cabeça, buscando lenha, passando ferro de ferro de brasa, varrendo terreiro, cozinhando pra vaqueiro, pro patrão que era o pai dele, que ia pra lá, fazendo requeijão. A minha vida foi... de nova, foi assim.

A.: - Sim.

N.: - Até 40, 50 ano.

A.: - Depois é que veio pra Jacobina?

N.: - Depois quando... o meu... a minha filha mais velha tem 50 ano, quando ela tava com 10 ano, eu vim morar aqui. Eu vim morar aqui, que a patroa dizia “Ai, tem que botar essas crianças na escola”.

A.: - Pra estudar?

N.: - Foi que... ai eu vim pra aqui, ai ficava quando dava as férias, eu ia pra roça. Quando iniciava as aulas vinha até aqui. Eu sei que tudo... eu tenho filho formado em Salvador, eu tenho em São Paulo. Tudo estudou. Eu tenho uma que tá aqui trabaiando.

A.: - Então todos conseguiram...

N.: - Todos conseguiram, só não estudaram, quem não quiseram. Mas todos estudou. Eu tive 16 filhos, criei 12. E todos os 12 estudou.

A.: - E conseguiram todos formar?

N.: - Não. Só três, os outros sabe ler, mais só três.

A.: - Mas não... não prosseguiram nos estudos, né?

N.: - Não. Num quisero ficar no estudo. Agora tão querendo estudar depois ai, que já tá com 30 ano. Pois é, nunca é tarde, né?

A.: - É.

N.: - Eu mesma, se eu tivesse a idade de... de 30, 40 eu ainda ia ser al... alguém.

A.: - Nilza, pois eu tô... eu tô querendo que você pense exatamente a partir daí. Você tem tudo ainda pra ser Nilza.

N.: - Se eu... Todo dia eu digo, se eu tivesse uns 40 anos.

A.: - Você quer baixar a idade. Você tá botando... é... (risos) Você tá botando como... como marca a idade.

N.: - Eu ainda ia ser alguém. Eu ainda ia estudar. A coisa que eu acho mais linda é a pessoa saber conversar, o... a pessoa fazer uma pergunta, você saber responder, pronunciar as palavras, saber as palavras que é errada que é certa. Tudo com eficiência.

A.: - (risos) Mas você se pronuncia bem. Comunicativa. Se você quiser, você ampliará cada vez mais.

N.: - Oh! Acho lindo, mas...

A.: - Estudando a sua competência comunicativa, não é? Me diga uma coisa e... e... então, como você passou um período curto na escola, então poucas histórias você...

N.: - É.

A.: - Gravou, né? Na época de criança.

N.: - Poucas histórias.

A.: - E cantigas de roda, das brincadeiras, quais foram às cantigas que mais marcaram, que você aprendeu, que gostava de cantar?

N.: - Eu e... No tempo que eu tinha 8 ano, eu ia pra casa da minha avó, minhas tias... aquele no tempo do carracismo, o... o pai, o meu avô não deixava elas sair, né? Moça daquele tempo... elas cantava roda, a gente ficava lá, eu pequena com oito ano, sete ano. Então, era isso, só lembro de uma roda que ela cantava, leva eu minha saudade, que eu também quero ir, quando chego na ladeira, tenho vontade de cair.

A.: - Conheço.

N.: - Então, só lembro dessa... dessas, assim, dessa roda.

A.: - Não foi sua época, aquela Sereia não. Eu morava na areia sereia...

N.: - É, no tempo que eu era criança também tinha isso aí.

A.: - Sereia?

N.: - É, mas eu quase que num...num participava de coisa, assim. Só mesmo...

A.: - (não entendi)

N.: - Tem. Quando... aí eu, desde 10 ano. Doze ano vim me embora pr'aqui, ai num participei mais dessas coisas. Meu pai gostava de festa, me levava muito era lá. Pro forró.

A.: - Ah, e tinha muito forró naquele dia... naquela época, me diga aí tinha...quais eram os forrós bons?

N.: - Era de Luiz Gonzaga. O baião de Luiz Gonzaga. Asa branca. A... a...

A.: - Eram os sucessos da época?

N.: - Era. Asa branca.

A.: - Isso há quantos anos mais ou menos?

N.: - Já tem uns... uns 50.

A.: - Mais de 50 anos.

N.: - Uns 50.

A.: - E eram os chamados forró pé-de-serra mesmo.

N.: - Era, era. A gente ia pra Caatinga do Moura. Ia pro Batata, não tinha batata, era uma fazenda. Ali no Tombador não tinha casa, era fazenda, mas o povo casava por a roça, fazia as festa de São João, a gente tava no meio.

A.: - Sei.

N.: - Aqui para dentro, pro lado da Mirangaba, num lugar chama Correia. Aí na Santa Cruz que era onde comadre Jandira morava. E tinha um bocado, tudo era parente, a gente ia pra essas festa e aí era música de Asa branca, era Mandacaru quando flora na seca. Era... o... e é um bocado de... de nome.

A.: - Aquela... aquela do sertão, do ABC também? Tinha uma interessante de Luiz Gonzaga, que o cabloco lê.

N.: - É. Meu cabloco lê o le lê.

A.: - É. O J é gi, o L é lê. São essas músicas todas.

N.: - Mandacaru quando flora na seca.

A.: - Isso. E qual é a lição dessa? Qual é... O que, que você entende por essa canção, quando diz que mandacaru quando flora na seca, é sinal...

N.: - É sinal de chuva no sertão.

A.: - Ah?

N.: - E sinal que é, né? É sinal quando os mandacaru já tá florando a gente diz logo, a chuva ta pra vim.

A.: - Tá pra... hunrum. E... e aquela trechinho que diz, da menina, quando a...

N.: - A menina enjoa da boneca é sinal que o amor chega no coração. Também, eu acho que sim. (risos) Eu acho que é. Eu pouco brinquei de boneca, né?

A.: - Foi?

N.: - Brinquei de boneca.

A.: - Porque casou muito cedo também, não é?

N.: - Casei cedo.

A.: - E as brincadeiras que você, assim, na... na época, na sua infância, de... e... em virtude de você também, morar na roça, ter pouca gente para conviver.

N.: - É, eu não tinha colega. Nenhuma colega.

A.: - Né? Não acha quem

N.: - Na fazenda que eu morava não tinha colega. Mais tarde, foi uma prima, minha, morar... passar uns tempos mais a gente e pronto.

A.: - E quantos filhos os seus pais tiveram?

N.: - Meu... meu pai?

A.: - Hum.

N.: - Só foi eu, um casal, né? Eu e meu irmão. Depois ele arrumou uma mulher particular e tem meia dúzia de filho particular.

A.: - De outro casamento.

N.: - De... de... com muié, com muié que ele arrumava. Namorada.

A.: - Ah, sim. (risos) Particular você quer dizer porque não era.

N.: - É. Não é do casal.

A.: - Não é do casal, né?

N.: - É. Não é do casal.

A.: - Então significa que ter filho com mulher particular, ele namorava com outras?

N.: - É.

A.: - Era isso?

N.: - Ele teve... filho. Teve filho com a prima da comadre Jacira. Teve três. Tem ali na Catuaba, que trabalha no posto Gumiro, o povo chama ele de Capitão, é filho de outra. Tem quatro e era assim a vida dele. Quatro e três, sete né?

A.: - Do casal mesmo, só você e seu irmão, né?

N.: - Já foi, só eu e meu irmão. Meu irmão já morreu.

A.: - Mas são vivos?

N.: - Não.

A.: - Seus pais e o irmão.

N.: - Não. Morreu meu pai, morreu mãe, morreu tudo. Morreu meu irmão.

A.: - Seu irmão morreu quando?

N.: - Morreu tem dois anos, morreu em São Paulo.

A.: - Ah, morreu em São Paulo. E aí, todos vocês, então, assim, conviveram com a cantiga de roda, com as músicas, com as brincadeiras que você...

N.: - É. Pouca coisa, agora dancei muito.

A.: - Sim, aí nas festas sim. Deixava você dançar o forró.

N.: - É, nas festas sim, agora, no quarto de roda não, só rodei quando tinha de oito pra nove ano.

A.: - E... e... assim... então aproveitou mais essa segunda parte, já mocinha.

N.: - É, já. Logo casei, e aí eu ia completar ainda 16 anos.

A.: - Foi nesses forró Nilza, que conheceu o amado?

N.: - Não. O... o... o meu marido, por incrível que pareça, meu pai era viúvo, casou a... a minha madrasta muito boa, também já morreu lá em São Paulo. Me criou e aí eu casei com o irmão dela.

A.: - Ah, interessante!

N.: - Casei com o irmão dela.

A.: - Quer dizer que ela que lhe criou, depois...

N.: - É.

A.: - Você veio a conhecer...

N.: - Eu tenho 50 ano que eu casei.

A.: - Hum. Veio a conhecê-lo e aí foi começando a namorar.

N.: - É. Aí, fizemo parte de uma família só. Aí o povo não entendia, quem era tio, quem era marido. Ficou essa mistura.

A.: - (risos) Deu uma confusão na cabeça, não foi?

N.: - Teve gente que era preciso explicar.

A.: - Da... das pessoas, pra pensar o que é que era... que ele é mesmo de Nilza?

N.: - É.

A.: - Não é?

N.: - Se era tio, se era marido.

A.: - Mas ainda vive até hoje?

N.: - Vive. Vive na roça mais e eu aqui.

A.: - Ele fica mais na roça do que na cidade?

N.: - É.

A.: - E quanto... quantos anos tem ele hoje?

N.: - Ele tem 74. O nome é José Machado e chama Zequinha das Pedra.

A.: - Chama Zequinha das Pedras, ele trabalha com essa parte de pedra, lá no Tombador?

N.: - Trabalhava, mas ele vendeu a pedreira e botaram esse apelido Zequinha das Pedra, pegou. Agora ele trabalha na roça da gente mesmo. Fica lá no Batata.

A.: - Sim. Eu já ouvi falar dele, que na época da pedreira. Lá na... Né? No Tombador.

N.: - Isso mesmo.

A.: - E me diga uma coisa, assim, de... depois que você casou, criou seus filhos, né? Que você da... da pra eles que guarda esse sonho, realmente de... de estudar, já tinha iniciado outra língua e saber até inglês. E assim qua... quais os contatos que você teve assim com livros. Teve, assim, pouco contatos com livros. Que tipo de livro você mais... é assim consegue ler ou pegar ou... ou ter assim, uma convivência maior?

N.: - Tu sabe que eu não faço isso?

A.: - Não?

N.: - Não.

Ingrid: - Nem revistas, assim?

N.: - Revistas ainda leio um pouco, mas o livro, essas coisas, todo tipo de livro, não.

A.: - E a Bíblia, lê?

N.: - Às vezes.

A.: - Às vezes. Que geralmente...

N.: - Às vezes, que eu leio (não entendi)

A.: - Tem gente que gosta de ler ou revista ou Bíblia, ou que eles possam comunicar.

N.: - É.

A.: - Pouco contato, não foi?

N.: - Pouco contato.

A.: - Na escola que você estudava naquela época, que era uma roça, também não tinha biblioteca, tinha?

N.: - Tinha não.

A.: - Tinha não. Não... num... E os professores, mesmo no... naquela época, você foi lá pra 1950, por aí que você veio embora...

N.: - Isso. Foi de quaren...

A.: - Você estudou mais. Quarenta e pouco, né?

N.: - É. Quarenta até quarenta e oito, quarenta e nove. Em 1950, a gente veio embora pr'aquí, que nós morava no morro, né? A professora ainda é viva.

A.: - É?

N.: - É.

A.: - Em Morro do Chapéu

N.: - É. Uma morreu e outra é viva chama Ieunice.

A.: - Ieunice?

N.: - É.

A.: - então deve tá bem velhinha.

N.: - Tá bem velhinha, porque eu já tô velha e ela foi quem me ensinou. (risos)

A.: - Que bom ainda tá viva, né? Mas já é de idade. Que maravilha. E então, você, assim pouco contato teve com... com, revistas livros...

N.: - É. Tive um pouco de cada.

A.: - Que você mais... mais conhece assim, de... de hoje pegar pra ler, assim, mas a revista Istoé, Veja você já ouviu falar, né? Essas revistas.

N.: - É, eu vejo. E quando eu chego assim num, consultório, numa coisa ali eu pego e olho, né?

A.: - Certo.

N.: - Mas, assim em casa, eu não compro, e nem tenho.

A.: - Certo. Não tem...

N.: - Mas quando eu vejo, eu... eu gosto de olhar as partes falando da vida dos artistas, mais ou menos assim.

A.: - E diga uma coisa. Mesmo ne... nessa época de 48 pra 59, que os professores começaram a lhe ensinar as primeiras letras, os primeiros contatos, seus professores, que você só teve duas, elas costumavam incentivar o hábito da leitura, dizer a vocês pra ler ou trazer um livro, ou um texto diferente pra vocês lê? Ou isso não é...

N.: - Não, não, é... eu a primeiro eu li o ABC, né? Que naquele tempo, lia ABC, hoje em dia... Lia ABC, aí ia contar na tabuada, no quadro. Aprender contar que um até dez. e ler as letra, depois ia conhecer as letra, botava um papelzinho e cobria, pra conhecer as letra toda. Foi aí que eu conheci, depois passei pra cartilha no texto (barulho de carro) das mães, né? Cartilha da mãe, eu acho que hoje em dia nem tem mais isso, aí...

A.: - Nunca ouvi falar como é? Me diga aí.

N.: - Pois é a cartilha das mães. É escrito coisas assim de... de...

A.: - Tinha histórias?

N.: - De história, de animal, de tudo.

A.: - De família.

N.: - Depois passei a lê a cartilha do povo, falando... Tinha uma lição que chamava assim, eu vi o jacaré na beira do rio, é aí a gente... aí a... eu decorava aquilo na cabeça e ia correndo pra escola, que era uma distanciazinha. Eu, eu, eu, soletrando, já, já, já, vi, vi, o j, a, ja. C, a, ca. R, e, re. Jacaré. N, a, na, na. B, e, be. I, r, a, ra. R, i, o, rio. Pra aprender essa lição. Decorava.

A.: - Ah, mas quando a pró mandava ler, você sabia?

N.: - Sabia.

A.: - Onde é que estava essa frase, não é?

N.: - É, sabia.

A.: - Sabia ler direitinho.

N.: - Era tudo mercadinho as cruzinhas, onde marcavam todos, d'aqui pr'aqui.

A.: - Sim.

N.: - Quando a lição era grande ela dividia.

A.: - Dividia.

N.: - E dividia um tanto depois.

A.: - E... e se ela dissesse, assim, por exemplo, Nilza,. Leia só a última parte. Pra vê se vocês tinham decorado. Você acertava ler?

N.: - Acertava, que a gente lia a metade d'aqui pr'aqui, aprendia essa. E quando a gente lia aqui todinho, que já sabia, ela marcava o resto e lia tudo. E quando aprendia, lia todinha.

A.: - Lia todo. Então qualquer dia, que ela dissesse, assim, vamos ler aquela lição...

N.: - É

A.: - Vocês saberia ler?

N.: - A gente ia ler. É.

A.: - Se ela dizer assim, eu quero que leia só essa palavra?

N.: - É, mas ela não falava isso não.

A.: - Não? Pra vê se realmente decorou ou sempre...

N.: - Não. só mandava a gente lê. Lê aí pra ver se sabe mesmo e a gente lia.

A.: - Porque às vezes o aluno pode decora.

N.: - É.

A.: - E a hora que a pró, bota de uma palavra sozinha. Lê aqui essa palavra.

N.: - E a gente naquela ansiedade de brincar.

A.: - Sim.

N.: - Aí a gente estudava, estudava, até aprender pra poder... saber a lição, pra poder brincar.

A.: - Ah, pra dá espaço...

N.: - É

A.: - Pro recreio.

N.: - Pro recreio. E aí na hora das contas, que a gente levava bolo. E quando não sabia, ficava conversando, colocava de castigo.

A.: - E tabuada tinha?

N.: - Falava a tabuada.

A.: - Fazia sabatina, né?

N.: - Hunrum. Batia de bolo. Naquele tempo de... de palmatória.

A.: - Quando errava.

N.: - Hunrum.

A.: - Me diga uma coisa Nilza e... e... nesse... nessa época, que você teve esses 2 anos de escola, tinha quantos colegas mais ou menos?

N.: - Ah, tinha bastante.

A.: - Tinha muito?

N.: - É, era muito.

A.: - Todos da redondeza vizinha?

N.: - Todos. Todos, todo. Era muita criança.

A.: - Mais ou menos quantos?

N.: - De 20 em diante. Vinte, trinta em diante. Era muito. Era muita criança. Eram... A gen... eu morava na fazenda, meu pai morava na fazenda e era perto. E aí tinha um comercinho, assim, um arraialzinho, que tinha igreja, tinha casamento todo mês e tinha escola, né? Aí as professoras dava aula. E era... era muita criança...

A.: - Todos da redondeza iam pra lá?

N.: - Muita criança. Uma turma de manhã pra meio-dia, outra de meio-dia pra tarde.

A.: - Ah, tinha 2 turnos ensinando na escola.

N.: - É, dois turno. É. E era um... um salão, uma... uma escola só.

A.: - Sim.

N.: - Pra esses alunos tudo.

A.: - Naquela época já tinha quadro Nilza?

N.: - Tinha. Tinha um quadro que fazia.

A.: - (não entendi) já... já dava aula assim, botando lá no quadro a lição?

N.: - É. Mais aí, largava lá, pra gente fazer conta e escrever o ABC.

A.: - Sim.

N.: - Essas coisa.

A.: - Fazer cópia, né? E me diga uma coisa, você... assim, desses números de alunos, tinha mais coleguinhas, tinha mais meninos ou meninas?

N.: - Eu acho que era igual, porque era muita criança.

A.: - Porque era (não entendi), né?

N.: - É. Muito menino, muita menina.

A.: - E então, na hora do recreio quais era as brincadeiras mais, que vocês brincavam?

N.: - Pular corda.

A.: - Ah!

N.: - Pular corda e... e... e brincar de se esconder, chicotinho queimou. Era esses as brincadeiras.

A.: - (não entendi) Chicotinho queimou, também, naquela época, você brincava muito. E você, é... assim, pelo que você contou pra gente que... depois que casou, então não voltou mais pra escola, não voltou pra estudar mais (barulho de caminhão), mesmo querendo voltar, né? Mesmo, sendo assim, pra você um... uma vontade grande, mas que você acabou não... não podendo fazer.

N.: - É. Nunca mais estudei.

A.: - Me diga. Você sentiu, assim, necessidade da leitura, se tivesse assim, necessidade ou essa falta da leitura na sua vida profissional. Pra você realizar qualquer coisa que você sentiu assim, poxa se eu soubesse ler, agora eu faria isso, isso e isso. Ou isso, nunca foi falta pra você?

N.: - Não. Não. Já... já... já pensei meu Deus se eu soubesse a ler, pra mim ter um emprego melhor, ter... o... outro... saber outras coisas já pensei isso um dia.

A.: - Você então já percebeu que com a leitura você teria outra oportunidade na vida?

N.: - Outra oportunidade.

A.: - De emprego (não entendi)

N.: - De ficar só sendo dona-de-casa, cuidando da casa e filho e marido.

A.: - Sei. Então você consegue perceber que a leitura, te daria, não é?

N.: - Ah, se eu soubesse a leitura!

A.: - Essa oportunidade dessa profissão.

N.: - Sei nem se eu tava aqui.

A.: - Certamente que não, né, Nilza? (risos)

N.: - O sonho, o sonho.

A.: - Porque você percebe que ela que nos leva...

N.: - É.

A.: - Pra essa maior participação social, não é?

N.: - A leitura, pra mim, é tudo na vida. Só que eu não estudei, mas acho a coisa mais linda do mundo, estudar. Estudar, conversar, aprender. Agora esses povos, tão falando, na aí, nas televisão, falando as língua. Eu fico assim escutando. Acho... Eita que beleza que eu acho!

A.: - E de cantar.

N.: - E naquele , menino da novela, tava dando entrevista ontem, você foi no Vídeo Show? (música vindo da aula de Yoga. Um... man... man... (não entendi) sei o que. Esqueci o nome dele. E ele falando. Falando em inglês.

A.: - Ah, falando.

N.: - E falava em inglês e repetia a... a... o...

A.: - Dizia... traduzia em português, né?

N.: - Mas aí, que eu acho aquilo a coisa mais linda do... Eu perco hora olhando.

A.: - Você acha um... um desafio.

N.: - É.

A.: - Né? Se você, nessa idade, ah, se eu pudesse... Mas você (não entendi) entenda que essa possibilidade, é que eu digo. Se for uma meta através da sua própria neta, ela vai ser uma das pessoas, que estaria sendo sua... sua...

N.: - Ela vai lá casa. Ô, minha avó, deixa eu lhe ensinar.

A.: - Pois é.

N.: - E eu tenho uma agenda que têm os nome de... do... do ano a... o... o... ano todo, né? Tem e... e... em...

A.: - Em português.

N.: - Em português e inglês, aí ela me diz tudo, mas eu não entendo patavina de nada .
(risos)

A.: - Como é que lê um, one, dois, two.

N.: - É como é que lê como é que diz amor. Como é que fala tchau.

A.: - É.

N.: - Ela me ensina.

A.: - Então é sabida.

N.: - É. É danada.

A.: - Que série é ela?

N.: - Ela... ela tá... ela agora vai fazer 13 ano parece que ela tá na 5ª série, é, na 5ª série, que ela tá. Ela já sabe um bocado.

A.: - Hunrum, sabidinha já. E me diga, dos programas de televisão, você falou aí, que viu, ontem, o vídeo... ao vídeo... ao Vídeo Show. Ouviu, né? Sabe falar dessa... dessa personagem, desse artista. Quais são os programas de televisão que você mais gosta de assistir?

N.: - Eu gosto de jornal. Gosto de... das novela e de Malhação.

A.: - É?

N.: - Aquela aula de Malhação, quando aquele povo tá lá.

A.: - Você aprecia?

N.: - Eu também fico apreciando. Tudo que tem... que tem leitura, eu gosto de apreciar.

A.: - Que é pra lê, você gosta. Que bom Nilza! E me diga uma coisa, desses programas que você me disse aí, o que é que você aprende com eles? Qual o que mais lhe ensina? Qual o que mais lhe informa sobre as coisas, sobre as notícias do mundo? O que é que é que você aprende?

N.: - Não, o jornal, né? Que é importante, porque a gente vê, muitas coisas. E eu gosto também muito da Malhação. Da Malhação, das... das novelas.

A.: - E aquelas intrigas que eles... que eles armam, aquelas questões todas, o que é que reflete sobre isso? Aquelas traições, a falsidade.

N.: - Ah, aquilo quase tá... tá... na... na realidade, né? É uma parte, quando ali... a maioria daquelas coisa, eu acho que na realidade acontece muito. Muita coisa na realidade.

A.: - Do que ocorre lá. As intrigas, como as pessoas agem com o outro, né? Porque a gente tava é... conversando, outro dia sobre o Malhação. E um colega meu disse, acho que o título não devia ser Malhação, devia ser Armação. Porque a gente percebe o tempo todo o quanto um sempre está fazendo com o outro, tenha problema, não é? Escrito como... assim...

N.: - Tem violência, tem tudo, né?

A.: - Isso, mostra muito desse lado de como as pessoas agem com as outras.

N.: - É.

A.: - Quais as conseqüências disso. Então como você primeiro morou na roça. Você morou na fazenda e como era a sua fazenda?

N.: - Eu nasci, me criei, na roça.

A.: - Sim.

N.: - Depois me... em 65, eu vim morar aqui. A roça, quando eu morava lá. Eu adorava. Eu go... gosto de roça. A gente tem roça, mas eu só lá a passeio. Gostava da roça, eu nasci e me criei lá. Trabalhava, lavava, cozinhava, fazia requeijão, plantava roça, fazia um bocado...

A.: - Tinha muita habilidade. Já sabia fazer requeijão, tudo isso é?

N.: - Sei. Sei fazer requeijão.

A.: - Hoje... hoje não faz mais. Ou ainda faz algum?

N.: - Não, é fácil. A gente botar o leite pra coalhar, tampa. Que agora tá vendendo leite, mas quando não vende que... que qualha lá na roça, eu vou lá e faço. Eu faço meu marido faz. E a roça, quando eu morava na roça, era lá na roça.

A.: - Gostava da roça?

N.: - Gostava. Aprendi...

A.: - Por que?

N.: - Tudo na roça eu sei fazer.

A.: - É.

N.: - Tudo.

A.: - E cuidar de... de galinha

N.: - De galinha. De... de... de...

A.: - De porco?

N.: - De porco, de... de gado. De tudo eu fazia. De tirar lenha, de lava roupa.

A.: - De tira leite?

N.: - Não. Tira leite, eu nunca fiz isso aí, mas de prender vaca, eu já aprendi.

A.: - Ah, já aprendeu.

N.: - De andar a cavalo, que a gente tinha pra feira aquele cavalo. Morava lá na fazenda de doutor Flori primeiro, depois que eu fui morar na fazenda do pai de doutor Marcos.

A.: - Sei. Me diga uma coisa de lá pra cá, assim, quando você aí você morou esse período todo na roça, que você, inclusive gostava de... dessa convivência com a roça, das,,, de tudo que a roça teria de dá, né?

N.: - É.

A.: - (não entendi) até a própria, parte de alimentação, todo mundo que morava na roça fala que a diferença é grande...

N.: - Tudo. É.

A.: - Na fartura.

N.: - Eu plantava verdura pra gente comer.

A.: - Hunrum. Quer dizer, consegue ter alimento de qualidade, a fartura, tudo isso. De forma, também, é, que gente sabe que na cidade não tem.

N.: - É.

A.: - Quais foram, assim, as mudanças que você mais nota. Daquela época que você era moça, que você saiu da roça, que veio pra cidade, as mudanças que você mais se impressionava de ver na cidade, hoje, daquela época pra agora, o que é que tem assim, de tão diferente?

N.: - Da cidade da roça, eu acho a... a mudança, olhe aqui na cidade, a gente, tudo é dentro de casa. Pra lavar, pra cozinha, pra ir no banheiro, pra tudo e na roça eu não tinha essa facilidade. Tudo era nos mato, né? E aqui não, tudo é dentro de casa. Hoje tem a facilidade, num... num se passa o ferro mais com ro... com ferro de brasa. Num... num se lava roupa ne rio, num se... num se queima mais lenha. Tudo... tudo na cidade é... desse tipo aí é fácil. Eu acho, porque eu... a minha vida de roça foi muito dura. E todo ano eu tinha um filho. Eu tive 16 filhos.

A.: - Pois é, tinha um filho por ano, né, Nilza?

N.: - É, um filho por ano. Tive 11 filho homem e 5 mulé.

A.: - E criou todos sozinha Nilza?

N.: - Criei. E ainda quis... ainda criei mais gente particular.

A.: - Foi?

N.: - Ainda morava com a gente, que eu criei, duas menina. Uma era minha prima, morava em... em Salvador. Outra foi embora pra Miame, não sei se tá viva, nem se tá

morta. E criei mais dois rapaz, fora os que morava dentro de casa, pra ajudar a gente assim, ne... ne roça.

A.: - Sim, na roça. E essas pessoas que você criou, foi... chegaram lá e te pediram pra criar?

N.: - Uma menina, eu fui pegar pra criar, outra era minha prima, ficou sem pai, eu trouxe pra criar de lá do morro.

A.: - Parente.

N.: - Parente. E os outro foi d'aqui. Um mora aqui ainda, mora e trabalha na prefeitura.

A.: - E chamam de mãe até hoje? Tem contato?

N.: - Não, não chama de mãe não. Tens uns que chama de tia, outros de dona Nilza mesmo, só. Mas me tratam bem.

A.: - Mas até hoje mantem contato com você, né?

N.: - É.

A.: - Tem, essa afetividade. E, eu achei interessante aí, da sua comparação. Entre a roça e a cidade. E... e... e dessa parte de... depois que você, assim, veio morar na cidade. O que, que você passou a sentir falta em relação a roça? Quais são as vantagens da cidade, as vantagens da roça, as desvantagens da cidade, as desvantagens da roça?

N.: - Olhe, quando eu morava na roça, eu não tinha televisão. Não... não tem... escutava rádio. Novela escutava no rádio, aí quando, agora, eu vim morar na cidade desde 65, me acostumei na cidade com televisão tudo. Quando eu vou pra roça, acho ruim.

A.: - (risos)

N.: - Acho ruim, não vou.

A.: - Já não se acostuma com essa parte?

N.: - Já não me acostumo mais. Fico lá dois dias apenas, aí volto.

A.: - Lá tem... tem luz ou... ou...

N.: - Tem luz solar.

A.: - Você... ah.

N.: - Tem luz solar, apesar que lá... lá na... na minha roça, não é ruim não.

A.: - Então a roça já... já levou muita coisa da cidade, não foi?

N.: - Mas eu perdi a... a... a von... a... perdi assim o estímulo da roça, sabe por quê? Tem um ano e meio que mataram um filho lá.

A.: - Ai! Na roça, Nilza?

N.: - Na roça. Ele... ele dormiu na roça e veio pro Batata, chegaram e mataram ele no Batata.

(mudança no lado da fita)

N.: - ... ele novo, bonito, trinta e dois ano.

A.: - Ô, Nilza!

I.: - Nossa Senhora!

N.: - Morou em São Paulo tanto tempo. Oito anos. Era bem empregado da Petrobrás.

A.: - Mas Nilza!

N.: - Comprou carro, comprou tudo. Eu ia pra lá cuidava, , muito mais deu,

A.: - Que tragédia!

N.: - Depois, veio p'aqui, com 1 ano que chegou aqui. Chegou lá e morreu.

A.: - E ele morava em São Paulo e veio pra Bahia?

N.: - É, mais a irmã, é. Que eu tenho uma filha lá, que ela é enfermeira. Trabalha numa clínica. E aí...

A.: - Novo. E... e num... num se sabe até hoje por quê?

N.: - Não.

A.: - Ninguém entende?

I.: - Num foi assalto não?

N.: - Sei não, ele tava sentado no bar, o cara chegou no bar e matou ele.

A.: - Gente! Nilza, assim?

N.: - No bar de um sobrinho.

A.: - Não se descobriu, ninguém sabe o motivo? Não houve...

N.: - É. Ninguém, até hoje, ninguém sabe.

A.: - Briga, não houve confusão?

N.: - Ninguém viu. Ninguém diz nada. Ninguém até hoje nunca...

I.: - E quem até sabe, não fala.

N.: - É, a gente registrou queixa, né?

A.: - E no final, não se sabe se foi pra roubar, que não pegaram o carro dele nem nada, né, Nilzinha?

N.: - Não. Pra roubar num... reixa com político.

A.: - Uma antiga será? Quando ele saiu... quando ele foi morar ne... já era rapaz?

N.: - Já.

A.: - Quando ele foi morar em São Paulo?

N.: - Quando ele foi pra São Paulo, ele tinha 26 anos.

A.: - E até hoje é mistério, ninguém sabe? Aí você deu queixa ou não deu importância?

N.: - Entreguei pra Deus tomar conta.

A.: - É a outra justiça.

N.: - Dá castigo a quem merecer.

A.: - Pois é, existem outras justiças para além da Terra, não é?

N.: - É.

A.: - Sabe disso quem confia, sabe que existe uma... uma outra lógica, uma outra ordem. É a justiça de várias formas (não entendi, barulho de moto).

N.: - Mas as... as nossas não é ruim não. (não entendi)

A.: - Por isso o desgosto veio daí, né? Marcou você, porque pelo que você ta me dizendo o próprio progresso chegou na roça, não é? Já tem luz. A luz é... A luz elétrica lá, né?

N.: - Tem, ele colocou. Ele veio de São Paulo ele colocou o alumínario técnico, plantou, floresceu feijão, plantou melancia. Ele saiu, ele enjoou quase de São Paulo, veio embora pra Bahia. Ele... não discutia quase nada. E com um ano, ele tinha tudo. Liberou o (não entendi), vai tomar conta de irmão. Mas eu não gosto, nem de ir lá.

A.: - É, pra uma mãe, realmente, é muito difícil, porque um filho na vida da gente.

N.: - Na semana do Carnaval, passei um dia lá, mas não agüentei ficar lá.

A.: - Porque vai lembrando, né, Nilza? É claro, entristece. E dá cidade. O que é que você acha de... de desvantagem de morar na cidade, que deveria esta na roça por quais outros motivos? Assim, em termo de vida?

N.: - Não, eu... eu gosto... eu gosto.

A.: - Ou gosta de viver na cidade?

N.: - Eu gosto dali. A minha mocidade foi, na roça, mas a minha velhice vai ser na cidade. Eu gosto muito de passear.

A.: - Hum.

N.: - Todo ano eu viajo.

A.: - Ótimo!

N.: - Esse ano mesmo eu passei o Carnaval em... o Natal, em Salvador. Fui pro Rio de Janeiro, passei o Reveillon lá mais meu filho.

A.: - Foi?

N.: - Desci pra São Paulo, fiquei lá de...passei meu... meu aniversario lá, que foi 12 de janeiro. Vim embora pr'aqui e tenho filho por ai tudo, cada ano eu vou pra um canto.

A.: - Vai até o Sul?

N.: - É pra o Rio Grande do Norte, é pra Fortaleza, é pra Salvador. Qualquer canto...

A.: - Sempre viajando muito, que ótimo!

N.: - Minha... velhice ta sendo muito boa.

A.: - Muito boa.

N.: - Eu tive esse transtorno todo com o meu... a perca do meu primeiro filho, mas em outro motivo é bom.

A.: - Mas seu marido não viajou, você é que viaja?

N.: - Não.

A.: - Fica na roça?

N.: - Ele não gosta de sair.

A.: - Cuidando das coisas da roça e você já se aproveitando?

N.: - É. Não gosta de viajar.

A.: - Ele só gosta da roça. Dessas cidades que você falou, qual que você acha, assim, mais bonita que mais gosta?

N.: - Ah, menina! Rio de Janeiro é maravilhoso, embora com tanta violência. Mas é maravilhoso. Fortaleza também.

A.: - Também, né? Mas Fortaleza é bem mais tranquilo, né? Nilza? Mas o Rio é lindo realmente.

N.: - É lindo! Maravilhoso o Rio de Janeiro.

A.: - É, concordo com você.

N.: - Lindo, lindo, lindo.

A.: - Tem uma re... uma propaganda que diz assim, "Rio, bonito de se ver" e que quando a gente chega no Rio, percebe que é um texto publicitário que...

N.: - É, é. Parece um cartão postal.

I.: - A senhora foi lá no Cristo Redentor?

A.: - Conhece Nilza?

N.: - (balançou a cabeça afirmando)

I.: - Ah, então... então foi uma viagem maravilhosa mesmo. (risos)

A.: - É. Conhece o Cristo.

N.: - Conheço o Rio Grande do Norte. Agora Rio Grande do Norte é boni... Maravilhosa as praias.

A.: - As praias, belíssimas.

N.: - Mas a capital mesmo...

A.: - Não gosta?

N.: - Não achei muita graça, não.

A.: - E foi naquele passeio as dunas?

N.: - Fui.

A.: - Que ali é bonito, né? Aquela praia Jenipabu que é muito bela, né?

N.: - É. Lá na praia de... ai, me esquece o nome da praia.

A.: - Tem Morro do Careca, tem do Tucunú, tem aquela, HUM, que tem uns que pinta, que desce no “aerobunda”.

N.: - É, eu fui nessa ai é que esquece o nome.

A.: - Tem a... a Agulha Negra, ponte... Ponta Negra.

N.: - Jenipabu.

A.: - Jenipabu, isso.(não entendi) E Salvador, o que acha de Salvador?

N.: - Ah, Salvador eu gosto também. Meu filho mora lá, vez em quando eu visito ele. Mora lá na Federação e trabalha na é... na Itu.

A.: - Hum. (não entendi)

N.: - É estudando pra fazer prova ai, ele já pe formado de... de Administração de Empresa. Agora ta estudando Turismo, porque ele trabalha nessa...

A.: - Nessa área e... voltou a estudar, Turismo pra dá conta do emprego.

N.: - Estudar língua, né? Que recebe muita gente.

A.: - É, exatamente. Olha aí, logo é que... (risos) que você em se... seu filho já, também, já vê um orgulho.

N.: - É. A eu acho lindo. Eu adoro ele. Ele é tão maravilhoso! Conheceram ele. Eu acho... Ele já veio aqui.

A.: - Como é o nome?

N.: - Pedro.

A.: - Pedro?

N.: - Pedro Machado.

A.: - Mas ele conheceu Jacobina?

N.: - Ah, ele se formou aqui com Doutor... Como é? Aquele professor que morreu outro dia. Aquele (não entendi) Doutor Armando.

A.: - Ah, (não entendi)

N.: - Aí depois foi que lê foi pra Salvador, caba de estudar.

A.: - Sei.

N.: - Pois é, estudou aqui em Doutor Armando, depois foi pra Salvador, e aí fazendo (não entendi) se formou. (não entendi) E agora ta estudando, vai formar em agosto.

A.: - Quando você vai passear na casa de cada filha, nessas cidades, que você falou aí. Que é que você mais gosta, assim, de visitar, de conhecer, de saber das coisas?

N.: - Ah, eu gosto de... de ir num lugar, no centro, pra mim ver par ir pas... na... ne praia, e... passear, fazer compra.

A.: - Hum.

N.: - É. Fortaleza é maravilhoso pra fazer compra. Tanta coisa linda bordada! Menina, que a... haja dinheiro pra comprar.

A.: - Aquelas feiras. (risos)

N.: - As coisas mais linda do mundo!

I.: - Dá vontade de carregar tudo.

N.: - É.

A.: - No Madureira...

N.: - (não entendi) gosto muito de passear(não entendi), vou lá no Madureira tem muita coisa, lá. Mas agora, mesmo, eu fui no Madureira não gostei das coisas de lá. Em São Paulo, eu adoro ir lá no Braz, na 25 de Março.

A.: - Sim.

N.: - A gente vai passeia, compra, lá no Ipiranga. Na... na... no Museu. E a...

A.: - Ah, você gosta também dessa parte cultural, né, Nilza?

N.: - Hunrum.

A.: - E... e cinema. Gosta de ir, não vai?

N.: - Olhe, tu acredita que eu num... num... com a idade que eu tenho, eu só fui no cinema uma vez.

A.: - Foi mesmo, Nilza?

N.: - Uma vez, que a... a mãe de Doutor Marcos, quando era viva, eu dizia a ela, que eu num... num conhecia o cinema, que tinha vontade de conhecer e Lea foi me levar quando tinha cinema aqui, ela foi me levar no cinema.

A.: - Aqui em Jacobina?

N.: - Aqui em Jacobina.

A.: - Lá em Salvador vai ou nunca foi ainda?

N.: - Em São Paulo, fui ne um... um...

A.: - Num cinema.

N.: - Aí, nunca mais fui.

A.: - Mas gosta de ir assistir aos filmes? Ver, analisar alguns aspectos?

N.: - Vou. Assim, na... na televisão eu assisto os filme.

I.: - Mas talvez é... agora botem aqui novamente, né?

A.: - Tão pensando em restaurar o cinema?

I.: - Tão pensando.

N.: - Os filmes dos trapalhões, já adoro. Trapalhões, a Xuxa.

A.: - Por que você gosta deles?

N.: - Dos trapalhões?

A.: - Sim.

N.: - Ah, porque eles eram muito engraçados.(risos) São muito engraçado.

A.: - Você se diverte?

N.: - É. É divertido o... o Renato Aragão.

A.: - E lá em Salvador nunca foi, né? Na Barra, nem no Iguatemi, nos cinemas?

N.: - Não, ma vou passear lá na Barra.

A.: - Eu sei, mas nunca lembrou, eu sair e assistir a um filme.

N.: - É, mas pra ir... pra ir assistir filme nunca fui não.

A.: - Pega uma sessão de cinema. Tem uns filmes belos em cartaz.

N.: - Mas já, por lá tudo, já passei. Todo... todo ano. Eu vou num lugar. Ou em Fortaleza, ou em Rio Grande do Norte, agora fui pra o Rio e São Paulo. Ai eu vinha por Brasília, que eu tenho um filho em Brasília, mas depois de tanto, vou deixar pra...pro ano que vem.

A.: - Fazer um novo passeio.

N.: - Porque se não aí acaba, tanto passeio.(risos)

A.: - (risos) Seu roteiro.

N.: - É, vou deixar pra outro... outro roteiro.

A.: - No outro ano, tem mais uma opção, não é?

N.: - É.

A.: - Mas Brasília num... nunca foi, realmente?

N.: - Na... não. Ali, não fui... meu filho mora lá, mas(não entendi).

A.: - Já é outra cidade que já vai conhecer?

N.: - É. E lá de Brasília eu vou pra Goiás. Pois é, a vida , minha foi essa daí.

A.: - Mas eu... eu achei interessante que... você... é... assim, enquanto ta falando com a gente, quando eu lhe perguntei, diferença do campo da cidade, o que mais gosta, que é a cidade. E... e tá... Você falou, também que os programas que assiste que gosta, né? O que, que você mais aprende quando... por exemplo, assiste aos jornais e as novelas. Quais lições você tira? Quais reflexões faz pra sua vida? Que ensinamentos tira daí?

N.: - (não entendi) A gente aprende muitas coisas boas, que vê eles falando, fazendo. Mas a gente não tem a oportunidade fazer. Aquilo que eles fazem lá na televisão. Aqueles artistas.

A.: - O que por exemplo?

N.: - É, eu tinha... se...se eu... se eu estudasse eu tinha vontade de ser atriz, né?

A.: - Era?

N.: - Era. Queria ser uma atriz, mas não estudei. Atriz ou jornalista. Mas cadê a oportunidade, que eu não tive?

A.: - Quer dizer que jornalista também seria um...

N.: - Era.

A.: - Uma profissão que você gostaria de exercer, não é?

N.: - Eu gostaria de ser uma jornalista.

I.: - A senhora pensava isso desde antes, é... quando a senhora era mais jovem? Ou é uma vontade da senhora hoje?

N.: - Não. Vontade de estudar era desde nova, que eu não tive oportunidade de estudar. Não tive, quando eu... eu casei nova, tive logo um monte de filho, todo ano um filho, só... criando e trabalhando na roça, cozinhando pra patrão, aí quando eu vim em 65, tinha meus filhos. Eu é... a... fiquei doente, fui pra Salvador, fui pra São Paulo. Operei de faringe, operei de esôfago. Ti...vivi aquela vida de tan... tendo filho e doente. Eu nunca tive oportunidade de nada, né? Aí passou tudo pra mim.

A.: - Ôh, Nilza me diga uma coisa, desse período todo, que você falou do seu trabalho. Você nunca... já teve um período de sua vida que... que em algum momento esse trabalho era remunerado ou tinha salário ou sempre trabalhou mesmo pra ajudar marido. Sempre foi trabalha...

N.: - Nunca tive salário.

A.: - Nunca se sentiu assim, esse é meu suor, meu...

N.: - Não. Eu já trabalhei a dia na fazenda, pra ganhar 500 réis, naquela época. Cê... você conhece uma moedinha de 500 réis? É antiga, mesmo, mas deve ter alguém que... que tem ela, também, guardada.

A.: - Que coleciona.

I.: - Colecionador, né?

N.: - É, coleção. 500 réis. E que esse 500 réis de antigamente é 50 centavos hoje.

A.: - Hoje, por aí.

N.: - É. Aí eu trabalhava na... à dia e guardava esse dinheiro, pra vim aqui, na Jacobina, compra es... meu esmalte, batom, compra enfeite, digo assim, brinco. Tudo.

A.: - Brinco, essas coisas que você gostaria de usar?

N.: - É. Morava lá no Tombador, naquele pé de serra. Você já passou nessa estrada?

A.: - Já.

N.: - Pois, era lá na... Quando você chega lá na... Não tem a Pingadeira?

A.: - Sei.

N.: - Você olha lá pra baixo, você vê as casas lá no pé da serra. Era ali, que eu morava.

A.: - Hum, era ali.

N.: - Meu filho é todos ali.

A.: - Aquele Tombador é belíssimo, aquela parte ali, né, Nilza? Perigoso, mas é lindo.

N.: - Agora tá muita... tá muito cheio de mato, no meu tempo era tudo limpinho. Tudo roçado. Tinha bastante gente, mas depois, quem não morreu foi embora, e ai ficou pouca gente. Mas no tempo, que meu pai morava lá, era bom. Mau pai, meu marido. Era... Eu que morava lá, agora...

A.: - Nunca, mais, esteve por lá?

N.: - Custou de ir, já tem uns... uns 2 anos que eu passei lá, passei. Mas uma minha, que por parte de pai, que mora em São Paulo. E ela veio, e nois foi lá.

A.: - E você, hoje, é aposentada?

N.: - Sô.

A.: - Conseguiu se aposentar?

N.: - Sô.

A.: -Então, assim, de vim ter salário mesmo, que você passou a... a receber somente...

N.: - A ganhar, só foi esse da aposentadoria.

A.: - Da aposentadoria, sua vida inteira de trabalho.

N.: - Muito suado!

A.: - Pois é, depois desses anos todos de trabalho, né, Nilza?

N.: - Todos, foi que eu vim...vim ter minha liberdade. Agora depois de veio, que eu me aposentei com 57 anos, ai foi que minha liberdade foi liberada, que eu ando, eu passeio, vou pra onde eu quero, eu faço o que quero. Tenho pouco dinheiro, mas dá pra fazer.

A.: - Mas dá pra você fazer.

N.: - Faço um empréstimo no Banco, viajo.

A.: - Ai, tudo que você gostaria, não é?

I.: - E quantos anos a senhora tem agora?

A.: - Eu? Tenho 66. Sou de 12 de janeiro de 38.

N.: - Sessenta e seis, tá ótima, viu Nilza?

A.: - Tenho 16 filho. Tenho 32 neto. Quatro bisneto.

N.: - Já tem bisneto Nilza!

I.: - Nossa!

N.: - Tenho uma bisneta com 10 anos.

A.: - Nilza, minha filha, é mesmo? Então você já passou uma geração toda aí, né? Uma geração, outra geração por sua vida. São duas gerações.

N.: - O (não entendi) tem uma com 10 anos, é a mais velha, o menino com 8 e duas de 1 ano.

A.: - Mas se relacionam muito com você ou moram longe?

N.: - Não, mora tudo pertinho.

A.: - Moram aqui?

N.: - É, eu me dou muito bem com meus neto. Adoro!

A.: - Seus netos e bisnetos?

N.: - É. Tenho um filho mais velho que os meu, morreu de... de rastro de carro, batida de carro. Esse outro que morreu, mataram. Esses 2 filho, é... grande tragédia.

A.: - Situação assim.

N.: - E os outros que morreu pequeno, uma menina morreu porque caiu de uma rede e teve infecção na perna, os médico operou, anestesia foi geral, passou, matou.

A.: - Vixe!

N.: - E dois menino gêmeo que eu tive, que nasceram anêmico. Eu tava, nesse tempo, eu tinha problema de esôfago. Meu esôfago era muito fechado, eu não me alimentava.

A.: - E ai os bebês nasceram...

N.: - É. Tinha uma menina que morreu com 8 mês. E largou o intestino e morreu. Morava na roça, não tinha médico pra tratar da gente.

A.: - Ah, cuidando, né?

N.: - Tinha médico, nerá? Mas pra vim de amotoado né cavalo.

A.: - Mas até chegar aqui, não dava muito, não.

N.: - É, tinha carro. Tinha carro, nessa época que eu morava lá no Tombador. Depois foi que...

A.: - O transporte era... com animal, né?

N.: - É, era animal. Há não ser, quando o patrão ia lá de jipe. E a gente...

A.: - Naquela época os carros mais usados em roça eram desses.

N.: - Era jipe. Que era o pai de Doutor Marcos.

A.: - Marcos Jacobina?

N.: - É. Trabalha lá no Regional.

A.: - No Regional.

N.: - É.

A.: - E até hoje a fazenda é de deles? Existe ainda?

N.: - É. Existe. Alí são gente boa. Marcos, pra mim, é mesmo que um filho.

A.: - Conviveu muito, né, que a senhora disse?

N.: - Ele, Amauri. Você conhece Amauri? Que é engenheiro agrômo ? Trabalha...

A.: - Qual é? É o de seu... Lelinho? Ou não?

N.: - Não. É filho de Jacobina, mas né não.

A.: - (não entendi) Jacobina. É o outro. Sim.

N.: - São gente fina mesmo.

A.: - Todos são seus amigos!

N.: - Ione que é a irmã dele, também é advogada.

A.: - É. Advogada, ela?

N.: - Advogada não. Ela é juíza.

A.: - Juíza, né? E o pessoal que você conviveu.

N.: - E depois apareceu essa casa dos idosos, que isso aqui... uma terapia na cabeça fa gente.

A.: - Pois é.

N.: - Ai que eu adoro isso aqui! Eu viajo mas fico morrendo de saudade daqui, da turma.

A.: - De voltar, de ver a turma.

N.: - Valdice é uma pessoa maravilhosa. Doutor Leopoldo, a gente foi... Eu nunca tinha com... eu nem conhecia o que era um... uma computação. A gente teve aula de computação. Ai, mais foi maravilhoso! Tanto que...

A.: - Ah, fizeram o curso?

N.: - Fez, também.

A.: - Aqui?

N.: - Foi lá em baixo, na Caixa Econômica lá. Na Caixa velha, tem.

A.: - Ah, sim. Na... naquele é nu...

N.: - Menina, isso... essa casa dos idosos aqui.

A.: - Núcleo de Tecnologia.

N.: - Foi à coisa melhor, que existiu na Jacobina. Se é exagero, não sei. Até agora, que é administrada por Doutor Leopoldo e Valdice, pra mim, é uma maravilha isso aqui.

A.: - É uma terapia, né, Nilza?

N.: - Isso é uma coisa maravilhosa que apareceu na Jacobina. E Deus abençoe, que conserve, assim.

A.: - Que os outros prossigam, né?

N.: - É, a mesma coisa.

A.: - Tragam cada vez, mais, melhorias. Que vocês possam tá aqui.

N.: - Isso aqui é bom demais.

A.: - E quais coisas você gosta de fazer aqui, quando você vem pra passar suas idéias?

N.: - Ah, eu bordo. Faço Vagonite, Ponto Cruz. Sempre a gente faz bordado de fita, que eu aprendi, que eu não fazia isso. Eu bordava, quando eu morava na roça, mas era outros tipos que eu trouxe bordadinho. Ai aqui, aprendi bordar de fita, aprendi Ponto Cruz, aprendi Vagonite.

A.: - Sim.

N.: - Sempre a gente bordava paninho. Aqui sempre tem

I.: - Vocês tem uma professora que ensina isso ou é uma que passa pra outra?

N.: - Umas que... as que sabe ensina a outra. Mas quem me ensinou foi Morena.

A.: - Sei.

N.: - Morena, essa fortona que tem aí.

A.: - Hum.

N.: - Na rua dos índios. Foi quem me ensinou, e aí a gente vai passando uma pra outra quem vai aprendendo vai ensinando quem não sabe. Ainda ontem, mesmo Jandira tava aqui. Jandira e Nair que é a..., povo, irmã de... de Zé do Grande. Ela é a mulher de Zé do Grande e a irmã, né?

A.: - Sei.

N.: - E aí queria que eu ensinasse, mas com a aula da menina lá dentro e ela tava com pano de... Ela tava com o pano de Vagonite, tava com o pan... Ponto de cruz, ai é mais ruim di... difícil pra ensinar quem não sabe.

A.: - Pra ensinar.

N.: - Quem sabe, pra fazer já faz no Ponto Cruz, mas par ensinar outra é ruim.

A.: - Sei. Não, mas um vai trocando com outro, aprendendo.

N.: - É, trocando, né? Maravilhoso isso aqui.

A.: - Uma troca e... uma experiência muito boa, né? Rica.

N.: - É.

I.: - E as amostras a senhora pega assim com elas mesmo ou a senhora tem... ou a senhora pega em revistas?

N.: - Aprendi tudo com as de Morena e eu tenho um bocado de amostra, as minhas eu já mandei pra São Paulo, pra minha filha, que lá eu tava ensinando ela, mas não tava com a amostra. Aí, eu disse, olhe, ensinei até onde eu sabia, aquelas de... de có. E depois eu... que eu cheguei aqui, eu mandei as amostras, ela já tirou e já mandou. As amostras. De fita, né? Consegui lá, ensinei a ela, também, que ela não sabia.

A.: - Não sabia.

N.: - Já fez não sei quantas barras de toalhas e lá tá fazendo lençol.

A.: - Que beleza!

N.: - E é assim. É uma beleza, isso, aqui.

A.: - Ah, e na parte de... de dança e quando vai ter os forró daqui, essa coisa... curte muito mesmo, gosta?

N.: - É. Eu gostava muito, viu? Agora, só esse ano que eu num... num partici... Eu vim, mas na hora da festa eu fui embora.

A.: - Foi?

N.: - Que esse filho meu que morreu, ele era apaixonado por forró.

A.: - Ah, Você lembrou dele.

N.: - E aí, quando eu vi tocando aquelas músicas de forró, aquilo me tocou.

A.: - Sei.

N.: - Aí fui me embora. Desde que ele morreu, nunca mais eu liguei um rádio dentro. Ele deixou som, deixou tudo.

A.: - Ôh, Nilza foi mesmo?

N.: - Nunca mais liguei nada. Nada, nada, nada.

A.: - Então sua diversão, mesmo, só é vim aqui, né?

N.: - É. E aqui a gente participa dos passeio que Valdice leva, agora mesmo dia 25, nós vamos ali pro ho... pra aquele hotel.

A.: - O Fiesta?

N.: - Fiesta.

A.: - Que beleza!

N.: - Nois passeia na fazenda dela. Nois passeia na fazenda de... de... NUTH, menino da locadora. De Luciano da Locar.

A.: - Luciano da Locar, já foram lá, que belo passeio hem?

N.: - E é assim. Nois já foi pra Piritiba.

A.: - É uma diversão.

N.: - É uma diversão, isso aqui é maravilhoso. Uma coisa melhor que já apareceu na Jacobina foi a... esse... esse Centro dos Idosos pra gente.

A.: - Pra todos. Já tem muita gente, inclusive, né, Nilza?

N.: - Tem. Tem mais de 200 pessoas é porque não vem tudo, todo dia.

A.: - É porque cada um vem no dia que melhor dá certo, né?

N.: - É. Eu mesma dia de sexta-feira eu não venho. É muito difícil.

I.: - Por causa da distância da...

N.: - Não, eu moro aqui perto. Eu moro em frente a Eletrocar, aí em baixo, no começo da Caeira.

A.: - Ah, sim.

I.: - Ah, então pra senhora fica melhor?

A.: - Pra senhora é perto.

N.: - É perto, mas eu não venho porque eu sou sozinha, né?

A.: - Tem que ajeitar sua casa?

N.: - Aí eu vou arrumar a casa, vou passar ferro, vou lavar roupa. Vou... Aí minha casa é grande. Era muita gente aí foi embora todo mundo. Só ficou eu e o véio. O véio vai pra roça mais um filho meu caçula. Ele morava... tava em São Luiz do Maranhão agora veio pr'aqui, agora tá esses tempos, mas fica tudo na roça, ele vem aqui de 15 em 15 dias.

A.: - É mesmo, Nilza, e fica sozinha?

N.: - Sozinha. E tenho uma filha que... que mora ali na rua dos Índio, na Santa Inez. Aí quando o marido dela vai lá pra roça, que ele foi lá olhar a roça, ela vem dormi aí em casa, que ela não dorme na dela só.

I.: - Quem é a filha da senhora que mora lá?

N.: - Patrícia. Patrícia Machado, ela tá até trabaiano lá no Deocleciano.

I.: - Acho que eu sei quem é, eu moro lá.

N.: - Ela mora lá na Santa Inez.

A.: - É.

I.: - E eu na Travessa. É assim, as ruas se cruzam.

N.: - Hanram. Ali na descida, né? Tu mora ali perto da casa de Diva é? De Diva de Bernadinho?

I.: - Não mais em cima.

N.: - Mas em cima.

I.: - Ela é pra baixo, eu moro mais em cima, né?

N.: - Eu sei.

I.: - Bem na re... bem no topo da ladeira. (risos)

N.: - É. No topo da ladeira, pois é, ela é minha filha. Mora ela aqui e... e tem Sil também trabalha de... de vigilante no Banco do Brasil.

A.: - Que também é seu filho?

N.: - É.

A.: - Pois agradecemos.

N.: - Brigada.

A.: - Foi uma tarde, assim, muito de aprendizado. A gente ouvir sua história...

N.: - É. Vocês... É, maravilhoso.

A.: - E saber, né? De tantas, de todas essas coisas.

N.: - Eu não tenho muita história de... de... da infância. Mas...

A.: - Mas a vida da gente já dá uma grande história, já... cada um tem uma história pra contar, né? E assim como... como... o interessante é perceber como apesar de... de você ter tanto pouco como rápido material escrito, como lê as outras coisas do mundo ao redor. Como você analisou a roça a cidade.

N.: - É.

A.: - Tudo isso é fazendo leitura, então, assim você é uma leitora, uma leitora sábia, que diz.

N.: - Ah, que vontade que eu tinha de ser!

A.: - E aí você... você tá... tá... porque o seu desejo de ler, cada vez mais, com proficiência o texto escrito, né? De tendo... tá fazendo esse mergulho nos livros...

N.: - Eu tenho uma comadre ali na... Você devem conhecer Glorinha, que ela é professora, mora... tem um salão Jaqueline.

I.: - Conheço.

N.: - É.

I.: - Eu arrumo meu cabelo nela. (risos)

N.: - É. Ela me diz o minha comadre nunca... Ela é minha comadre. Eu adoro ela! Ai é... tomei de manicure, cabeleireiro com ela. Aí, ela disse oi, minha comadre, nunca é tarde, porque ela diz que estuda língua, tá aprendendo violão, (não entendi). Êh Glórinha, mas tu já começou, né? Tu começou do 1º degrau, que tu começou estuda e foi... e vai subindo e eu nem ne...nem no 1º só... só...

A.: - Vamos começar.

N.: - No 1º desci.

A.: - Vamos do 1º Nilza.

N.: - Não vô... não vô subir mais pra... mas menina eu não vou aprender mais.

A.: - Sobe, sobe, aprende mesmo.

N.: - E ela, ah minha comadre nunca é tarde, nunca é tarde. E ela.

A.: - Aprende, que você tem uma memória boa, você a... você percebe as coisas que estão em volta.

N.: - Ela tem não sei quantos cursos, eu digo, “ah minha fia, eu não chego ai não, quando você começou foi do 1º degrau eu... eu já tô mais... no fim do degrau”. Já tô longe.

A.: - (risos) Mas sempre há, realmente tempo pra aprender, porque o tempo quem vai fazendo é a gente.

N.: - Se eu fosse mais nove, eu ia aprender, mesmo.

A.: - Mas você só bota a idade. Você é que sabe que a idade não vai lhe interromper.

N.: - Mas menina, eu quando acabar de aprender isso eu já... já morri.

A.: - Quem disse isso? Que nós não sabemos, que a vida é um grande mistério.

N.: - Ah, meu Deus do Céu!

A.: - A gente pensa tanta coisa, mas o que vale a pena é fazer com o coração, com a vontade.

N.: - Agora... agora eu fico assim assistindo, vendo aquelas muié, aquelas atriz.

A.: - Alcançar os seus sonhos.

N.: - Todo mundo sabido.

A.: - Mas olhe!

N.: - Ah! Eu fico imaginando que eu vou tá ali naquele meio. Pois é, tudo de bom pra vocês.

A.: - Pra você também Nilza. Nós agradecemos.

N.: - Brigada.

A.: - Vamos voltar aqui outras muitas vezes. Depois já vou voltar pra tirar as fotos com vocês, viu?

N.: - Se Deus quiser.

A.: - Pra gente botar no capítulo as fotos e as histórias.

N.: - Pois é, tudo de bom pra vocês, uma boa tarde.

A.: - Você também.

N.: - Adorei a entrevista de vocês.

Entrevista com Terezinha Lapa dia 19/03/2004 (Realizada na casa da mesma).



Ingrid:- Entrevista com Dona Terezinha Lapa.

Ana Lúcia:- Terezinha já deve ouvido falar do projeto, mas a gente tem que lembrar, né?

Terezinha:- Isso.

A.:- É você foi na faculdade na... na, quando a gente lançou o projeto do que se dava, foi uma das pessoas escolhidas para trabalhar na pesquisa “Histórias de Leitura na 3ª Idade”, não é? Então nesse... nessa momento que eu venho conversando com as... as entrevistadas eu... a gente vai falar sobre as histórias de vida, a história de leitura, como aprendeu a ler... a contar, né? Pra a gente tá sabendo isso, tá na verdade fa... colocando na pesquisa todas essas histórias dessas pessoas que estão colaborando e que eu vou tornar público, né? Todas as histórias das pessoas. Algumas que convivem na Casa do Idoso e ou... e duas pessoas que eu escolhi na comunidade. Na verdade eu escolhi três, mas uma ainda tá...tá... tinha viajado e agora nós vamos já falar com outra pessoa, pra fazer o trabalho. Então primeiro eu queria saber, quantos anos você tem?

T.:- Eu vou fazer 68 anos, no dia 2 de dezembro.

A.:- Em dezembro, pertinho. É... e aqui a gente queria que você contasse, começasse a contar pra gente, qual é o significado da leitura na sua vida, sua importância, pra quê, que foi importante?

T.:- A leitura pra mim, na minha vida, é de grande importância, porque é através da leitura, que a gente conhece muitas coisas desconhecidas. E também viaja. Viaja pra outros lugares e... tornando a gente a gente... capaz de conhecer o que está lá. Longe.

A.:- Longe. Embora não tenha ido...

T.:- Não tenha ido lá. Viaja. Fazendo viagens.

A.:- ...Viaja através das imagens... mentais. Tele-imaginais.

T.:- É. Na imaginação, né?

A.:- Hum! Como foi que você aprendeu a ler? Você se lembra como era a época de escola em que livros, e que anos foram mais ou menos os que entrou na escola?

T.:- Rapaz! Eu entrei na escola mais... mais ou menos assim... morar em Tissé e botou todo mundo na escola. Naquele tempo, todo mundo ia pra escola. Se dé 7 ano ou não ia pra a... pri... principalmente a tabuada e o ABC...

A.:- Sim.

T.:- ...Eu comecei a aprender as frases, a ler, através do ABC. O ABC a gente começava a conhecer as letras. As letras graúdas chamadas maiúsculas, né?

A.:- Maiúsculas.

T.:- E as minúsculas. Quando eu sabia, como eu tinha conhecido das maiúsculas, ai aprender as minúsculas, né? Pra... pra juntar. Através da... fazendo essa... esse... juntando as palavras. A maiúscula com a... as maiúsculas e as minúsculas, ai elas faziam o B-A ba, B-E be, B-I bi, B-O bo, B-U bu. E lia. A gente lia até C-A ca, C-E ce, C-I ci, C-O, o outro a gente não podia dizer não, né? Que achavam que era nome feio.

A.:- (risos) Imoral.

T.:- É imoral. Aí lia o da, de,di,do,du. Ca... H, A, H, E, H, I, H, O, H, U. e o go... gê. Quando chegava no gê, que o gegê era, ga, gue, gui, go, gu. Esse eu aprendi. E também a gente só...

Rúbia Lapa:- Vou ali... Ah! Tá gravando é?

T.:- E, a... E também. Depois que lia... que aprendia o ABC, lia todo o ABC. Lia tornava a voltar pra... pra recordar. Ia pra cartilha. A cartilha do povo. Tinha cartilha das mãos e a cartilha do povo.

A.:- Do povo, é.

T.:- Em que... em que anos mais ou menos, daquelas épocas?

T.: - Menino! Daquela época, houve... seis...

A.: - Década de quando?

T.: - É. Numa década assim de... xêu vê... Olhe, em 48 eu lembro que eu já estava no quarto ano primário.

A.: - É.

T.: - Que eu fui pra Sacramentina

A.: - Ah! Então você foi alfabetizada lá para os anos 30?

T.: - Foi. Mais ou menos.

A.: - Não é?

T.: - É. Mais ou menos.

A.: - Década de 30. em 38. por aí, né?

T.: - É. Mais ou menos. É. Minha professora... inclusive, eu estive agora em... com a minha professora. Mora em Salvador. Risolda de Carneiro. Encontrei com ela, aí eu disse: “Professora vim lhe agradecer. Soube que a senhora está viva, vi lhe agradecer”. Ela, “Agradecer?”. Eu digo: “Tudo o que a senhora me ensinou...”

A.: - Quantos anos já, deve está ela?

T.: - Ela deve ta, cem... Deve ter uns cem... cem anos viu? Mais ainda está batendo bola. Ela disse sorrindo: “Mas Terezinha!” Eu digo: “Professora eu era um perigo. Eu lembro que uma vez, que no... aos sábados tinha... tinha a... aula. A aula era chamada, que era trabalho manuais, que era pra a gente aprende borda. E ela, essa professora, tava noiva e botaram, todo mundo da escola pra fazer os panos de prato, pra fazer isso e aquilo. Quando foi um dia eu não fui. Ah! Eu não vou mais, não! Aí, mãe disse: “Terezinha, você não vai, hoje, borda, não, pra professora”. “NUTH! Diga aquela professora, que eu só vou bordar pagado. Se for pagado, porque se não for pagado eu não vou mais... E quando foi no outro... lá... segunda-feira, mais a professora me bateu tanto! Era de régua! Era reguada e tudo, puxava as orelhas, dava bolo. Naquele tempo era assim. E todo mundo aprendia. Graças! Ao ensinamento dela que eu estou formada e aprendi muita coisa, viu? Muitas coisas aprendi.

A.: - Na... na sua época de escola, que você, teve os seus primeiros anos de escola, assim, tinha muitos colegas na sala?

T.: - Tinha. Naquele tempo, Ave Maria! Era 60, 70.

A.: - Era?

T.: - Era. Tudo misturado.

A.: - Mais homens ou mulheres?

T.: - Homem e mulher. Tudo misturado.

A.: - Sim. Mas, tinha mais meninas ou meninos.

T.: - Mais mulé.

A.: - Era sempre mais meninas.

T.: - É. E todo mundo não tinha idade, faixa etária. Era todo mundo. Podia... só, não, casado. Ai (não entendi)

A.: - E nesse período da sua escola, qual foi a história que mais marcou assim tua vida, que você até hoje lembra, sabe contar ou a poesia.

T.: - Ah! Eu lembro. Essa semana ai, que dizer, eu lebro, assim, de uma colega minha, ela não tinha mãe. E também lembro... eu... eu tenho... vá... várias poesias. Inclusive, eu tava dizendo pro menino que antigamente as professoras botava pra... pra declamar, né? Pra pessoa aprender. E através, das declamações é que surgiram tantas pessoas célebrs, né? Que sabe faz... que sabe declamar, recitar, como chamavam. E uma delas era apreu... Uma colega minha, dizia assim: “Meu filho termina um dia, a primeira estrela brilha, procura a tua cartilha, e resa pra (não entendi), os gados cantam no curral... nos currais, o sino toca na igreja, pede a Deus que te proteja, que dê vida aos teus pais”. Esse aí é de Erasmo Braga. Esse livro, aí. Daquele tempo. Que... tinha também. Eu tinha uma colega, que deixou... quando e... ela não tinha mãe. E ela recitava: “Minha mãe era bonita, era toda a minha vida, era todo o meu amor. Seu cabelo era tão louro, que nem uma fita de ouro, tinha tamanho esplendor”. Essa me deixou marcada.

A.: - Ah! Marcou sua vida, não é?

T.: - É marcou.

A.: - E quer dizer que ela já daquela época, ela já era...

T.: - Já.

A.: - Órfã.

T.: - Era órfã. Ainda hoje ela é viva. É minha comadre, inclusive.

A.: - É?

T.: - É, eu batizei um filho dela. E ela...

A.: - A amizade durou pra além da escola, né?

T.: - A amizade. Foi. É. Ela, hoje, mora em Quisé, perto de Bonfim.

A.: - Então, desde esse momento, que, pelo que você tá me dizendo, os professores cultivam o hábito da leitura? Não é?

T.: - Ah! Incentivam. E a pessoa tinha de ler. E as pessoas liam bem rapaz! Eu fico, assim, besta, quando vejo um... certas moças hoje. Que não tem, assim, sei lá. É o dom da... da palavra, é o dom da leitura, interpreta, não é? Para fazer muitas coisas e a faz... uma boa redação depende também de uma boa leitura, né? Principalmente a leitura silenciosa, né? E eu fico, assim, besta com o jeito que as pessoas não lê.

A.: - Analisando...

T.: - Analisando. É.

A.: - A época de hoje, pra outra época, você acha que...

T.: - A de antigamente era melhor.

A.: - Muito melhor?

T.: - É... era. Porque hoje... eu sei lá! Hoje a menina não tinha... hoje as menina passa só na pesca. Não é? Depois pergunta o que foi que...

A.: - Que estudou.

T.: - Que estudou. Não sabe, não é? Pois eu não. Olhe, de cada livro que eu li. O livro cartilha do povo. Li o primeiro ano Nosso Brasil, o segundo ano Nosso Brasil, terceiro ano Nosso Brasil, quarto ano Nosso Brasil, quinto ano Nosso Brasil. Todos eles sei uma coisa. E a leitura.

A.: - Que marcou e você até hoje se lembra, não é? E... e como as professoras... é... assim... incentivavam o hábito de ler. Quais histórias... quais histórias eram mais lidas e contadas naquela época?

T.: - Histórias?

A.: - Sim.

T.: - Mais, daquela história, mais, era do descobrimento do Brasil, né?

A.: - Sim.

T.: - Era isso mesmo. Brasil. É a que a gente aprendia mais, não era?

A.: - E... e aquela... e as histórias de literatura?

T.: - Sim. As histórias de literatura. Ah! Tinha muito, rapaz.

A.: - Me conte.

T.: - Era... mas não era... mas não tinha tanta assim... como hoje é proibido, alguém conta porque é história do lobo mau, que dizer lobo não, lobisomem, né?

A.: - Ah?

T.: - Que todo mundo tinha medo. Hoje, não. Hoje não pode contar, a gente tem que saber como é que conta. Era tanta história que a gente contava. Era história... Sentava pra contar, história, assim, à noite, né? E brincar de roda. (barulho de um gato miando) A noite, mesmo era muitas histórias bonitas que (não entendi).

A.: - E... e nos recreios, me diga (não entendi), quais eram as brincadeiras e as rodas que mais cantavam, que você se lembra, que ainda sabe cantar alguma?

T.: - Oxê. Naquele tempo a gente canta: “A rosa vermelha é meu bem quere, a rosa vermelha e branca, eu ei de amar até morrer”. E “Casaquinho vermelho está na moda agora, pega essa menina que namora a toda hora.” Tinha essa também.

A.: - Tinha essa também?

T.: - É. Tinha várias.

A.: - Já falando dos namoros.

T.: - É. Naquele tempo, é.

A.: - Quer dizer então, que não é só agora que se fala de menina namorada.

T.: - Não, Naquele tempo...

A.: - Namora por aí...

T.: - É mais todo...

A.: - O verso tá dizendo que namora a toda hora.

T.: - Toda hora. Era.

A.: - O que é isso no seu entendimento?

T.: - É que... é quer dizer que quando ela sai. Que ela... é... como é que diziam era... Bom, tinha uma sa... um nomezinho que dizia com as moça namorada. Vigarista, não, era... Eu esqueci. Mas era...

A.: - Tinha uma palavrinha?

T.: - É. Uma palavrinha. Era. E me esqueci. Mas que as moças gostavam de namorar gostavam. Agora, namorava só com um. Não era muitos, não.

A.: - Ah! Sim. Tinha cada momento aquele.

T.: - Cada momento, é.

A.: - Só aquele.

T.: - É, só aquele.

A.: - E venha cá. Nessa passagem da...da escola, depois que encontrou no colégio, quais...quais foram os livros que mais leu, assim, na adolescência. Que... na... que depois já passa, já da mocidade? Foi... foi muitos anos de leitura?

T.: - De leitura. Assim os livros?

A.: - Sim.

T.: - Assim, do... de quando tá no ginásio?

A.: - Sim. Já no ginásio. Se leu... lia romances.

T.: - Ah! No ginásio...

A.: - Quais romances?

T.: - A pois, eu li. Tinha muitos romances. Tinha aquele o a... Eu li, deixa eu lembrar, assim o... o Amor nunca morre, eu tinha em casa. A escrava Isaura. Tinha de José de Alencar, muitos romances bons. Iracema, não é? Que eu li.

A.: - O guarani.

T.: - O guarani, tinha esse. Eu tinha lido...

A.: - Iracema, todos esses você... vocês, também leu, todos esses...

T.: - É... É. Quando estava no colégio. Era.

A.: - Isso no ginásio?

T.: - No ginásio. É.

A.: - E fazia prova escrita e prova oral.

T.: - Era?

A.: - Era. Naquele tempo. E, eram 10 questões, que tinham que ser respondida. Respondia as parte escrita pra depois fazer a oral. Por... por essas duas provas é que era baseada, quando a pessoa passava.

T.: - Passava. Então, to... todos os livros lidos. Todos os romances que a professora indicavam, sempre tinha uma valiação sobre isso.

A.: - Uma avaliação. É.

T.:- E. Na... quais eram as aulas que você mais gostava. Qual era a disciplina que você mais gostava de estudar na época de escola?

A.:- Ai, sei não. Eu gostava muito de história. História gostava muito.

T.:- Porque?

A.:- Agora, não tolerava, era ciência. História porque a gente tinha... Contava aquela história de Pedro Álvares Cabral. Aquelas navegações, né? A... a...

T.:- Principalmente a... a... história. Quando eu estava lá, no ginásio, em Bonfim, tinha aquela boa Jermita, né? Aquela... a... aquela história que conta dos romanos, né? E Moíses. É muita coisa bonita nessa história.

A.:- Então, é... o que... a disciplina que você mais gostava exatamente porque lhe trazia... (gato miando).

T.:- É. Me trazia muitos conhecimentos, não é? As grandes navegações e... Ave Maria! Aquilo ali, meu...

A.:- E ciências que não gostava.

T.:- Ciências eu não gostava, não.

A.:- Porque Terezinha?

T.:- Ciências, eu sei lá. Eu não gostava, não. Achava, assim, que não...que não dava pra mim.(não entendi) E eu só tirava 6, 7. Uma vez eu tirei 6, a mestra me chamou, mas você Terezinha tirar 6. No... achou a nota 6! Vixe! É que eu não gosto muito. Mas você tem que estudar.

A.:- Ciências que você não gostava.

T.:- É. Mas não gostava muito. Era muita coisa, naquele tempo, pra estudar, pra ler, pra saber. Aquele tempo não era como hoje, não, rapaz! Naquele tempo era uma... era uma faculdade que estudava e não sabia, não é?

A.:- Ah! O nível que você achava profundo.

T.:- É. O nível. Não era o que, rapaz! Aquela (não entendi), tinha que saber de co e salteado. A... aquele Governo republicano, todo mundo sabia, né?Tudo.

A.:- Era pra ficar na ponta da língua.

T.:- É, E, assim, ponta da língua.E sabia as datas. As... as... tudo.

A.:- Que marcava também.

T.:- É. Marcava. E na...

A.:- Não bastava saber o fato. A professora queria também que soubesse quando aconteceu.

T.:- É. Tudo. Quando aconteceu. A história, (não entendi).

A.:- E você... e você estudou até se formar ou você chegou a tirar o 2º grau ou parou...

T.:- Não. Eu me formei... Não, eu... Foi assim, eu estava estudando em Bonfim, fazendo o ginásio. E lá em Bonfim a... as freiras começava agora na católica, religião católica. Lá elas, incentivando a gente. Eu sei que eu cheguei ao ponto de querer ser freira.

A.:- Foi?

T.:- Foi justamente minha vinda pra aqui, pra Jacobina, né? Ai, elas incentivaram. E aqui (não entendi). Eu estudava o ginásio. Lá você pode estudar o normal. Porque você estudando o normal, se forma logo e vem logo também. Mas quando eu cheguei aqui, encontrei Bernadete, falano, é uma colega minha e ela “Eu também ia ser freira, mas não vou ser mais”. Nós duas no mesmo, terceiro ano normal, né? Chamava. Ai, batendo papo e lá, deixa eu ir avisar as freiras que não ia mais.

A.:- Abandonou a idéia de ser freira.

T.:- De ser freira.

A.:- A partir do momento que veio para Jacobina, conheceu sua colega.

T.:- É. Conheci essa colega.

A.:- E... Por que, também algum namoradinho?

T.:- Não. Depois foi...

A.:- Que descobriu o amor.

T.:- Depois foi que eu tive um namoradinho, meu esposo. Depois. Depois muito tempo, né?

A.:- Ah! Sim.

T.:- Que ela também arranjou um namorado. Disse: “Não, vamo namora”. Eu, NUTH! Não tava nem querendo (não entendi). Eu toda...

A.:- (risos) Ah, é?

T.:- É. Eu toda vida eu num gostava disso, não. Queria ser freira mesmo.

A.:- Não era namoradeira?

T.:- Não.

A.:- Nunca foi?

T.: - Não.

A.: - Mas gostava das atividades da igreja.

T.: - Gostava. Da igreja.

A.: - De ler. Bíblia.

T.: - É, de ler.

A.: - Cantar.

T.: - É. Passear.

A.: - Os cânticos. Todos da igreja.

T.: - Passear. Os cânticos. É.

A.: - Você sempre foi ligada, um pouco, a essa questão religiosa?

T.: - É. Fui. Toda vida. Eu gostava. Principalmente minha família, é toda religiosa, né?

A.: - E... e então entre os livros que você lia, a bíblia é um... era um dos livros que você costumava ler. Ou isso, só veio a acontecer já na idade adulta?

T.: - Não. Depois de adulto foi que eu... Naquele tempo a gente quase que não tinha tempo de ficar lendo assim, não é? (não entendi) Eu lia... eu aprendi ali na... nas férias a gente tirava pra estudar.

A.: - Era?

T.: - Era pra poder... na casa de minhas tias mesmo com negocio de passa... quando ia passear lá. Eu passava por longe. Porque ela dizia "Amanhã venha, tem aula". Ela dava aula pra poder... como o reforço, chamado, né?

A.: - Ah! Reforçando.

T.: - É.

A.: - O aprendizado. E me diga uma coisa. Desses livros que você me falou, que você leu, né? Na época, já do ginásio, já... que foram os livros de literatura que mais marcaram. Não existiu na época livros que eram proibidos de você lerem. Vocês liam escondidos, não, ou vocês não faziam isso.

T.: - Lá... não. Quem era doído. Porque se não... Ah! Aquele tempo chamava pecado, nera? Porque tudo era pecado, né? Entretanto tinha alguns pecado. Ninguém lia assim, não tinha. Até hoje, que a gente vê, todo mundo ler e fala até, algumas coisas que naquele tempo nunca falava não. Respeitava também as mães da gente. Tinha que ter o

maior respeito. Falar mesmo como hoje é liberado, né? Falar em tantas coisas, que não posso falar, acho feio.

A.:- E... e... assim existia algum tipo de livro que num... que não era... deixava as moças lerem. Existia alguma literatura que não era indicada. Não esse livro não pode ler ou isso nunca foi dito.

T.:- Não, nunca foi dito. Agora tinha um negócio de um... de uma... de um caderno de confidência que ela fala “Esse caderno era frase... freira, Ave-Maria! Quem pegasse, tinha as coisas que as meninas dizia, fazia aquelas coisa, já foi beijada, não. Nunca me esqueço. gosta de namorar, gosto. Oh! (risos)

A.:- É virgem? Né?

T.:- É. É virgem.

A.:- Tem todas as perguntas.

T.:- Tinha essas duas perguntas. É.

A.:- Você chegou a responder esses cadernos de confidências na época em que estava na escola.

T.:- Mas de lá não, mas aqui algumas colegas minhas me deram.

A.:- Lá em Jacobina, aqui em Jacobina já.

T.:- Aqui em Jacobina, né? Já tinha saído do convento, não ia mais pro convento, quer dizer, eu ia deixar a vida de freira, né?

A.:- Sim. Porque você já começou... Na escola em que você estudava, tinha biblioteca Terezinha?

T.:- Não. Naquele tempo, tinha não.

A.:- Não existia biblioteca. Então, só a leitura e o incentivo vinha apenas da professora.

T.:- Agora, no ginásio, as Sacramentina. Que acho, que tinha viu?

A.:- Sei. Já tinha.

T.:- Já.

A.:- Já no ginásio.

T.:- Na Sacramentina.

A:- Em Senhor do Bonfim.

T:- Já. Em Senhor do Bonfim. E aqui também, né?

A:- E aqui quando voltou pra Jacobina, tinha?

T:- Tinha. No colégio. Pouca coisa, mas, não é?

A:- Mas já tinha. Mais livros de Literatura ou mais mesmo de datas, de História e Geografia?

T:- Olhe, naquele... eu acredito que mais de data viu.

A:- Na biblioteca, ainda não tinha um acervo.

T:- Não. Que naquele dia... que antigamente a professora, como é? Ela... ela li... ela dava aula pra se aprenda... aprender. Hoje, a professora só faz dá o livro. Faça isso e isso, não é? Então o aluno interpreta e tudo. Quer dizer, é bom mas...

A:- Por outro lado...

T:- Por outro lado eu acho que... que não é... que não é bom não viu? (gato miando)

A:- Não tem boa qualidade.

T:- É. Que eu... ali você saiu dali pronto.

A:- E venha cá, você... é... falando de leitura e falando da importância da leitura, você já sentiu e já avaliou a necessidade da leitura na sua vida profissional. Qual é o valor dela, na sua profissão?

T:- Sim. Ela é de grande valor porque através... Sim, a boa... Depende da dicção. A leitura da dicção. A interpretação e a maneira também de falar, não é? Tudo isso depende de uma boa leitura e também...

A:- No seu trabalho você também é... é percebe que... que

T:- No trabalho. Precisa. Sim.

A:- A necessidade da ampliação da leitura, do procedimento, da interpretação?

T:- Sim. Precisa de tudo. Saber a maneira, como é que deve tratar as pessoas, por causa da... da leitura, não é? E também através da leitura, a gente aprende a vali... valorizar as pessoas, não é? No conhecimento. Através do conhecimento e da leitura.

A:- Sei. E a... e a comunicação, você acha que melhora, a partir da leitura. As informações que você vai poder dar, a pessoa com quem você trata dentro da sua profissão. A leitura auxilia inclusive nisso, pra gente ter mais informação pra dar, pra gente ter mais clareza?

T:- Sim. É de grande importância. Que é através da leitura a gente pode pronunciar as palavras com mais clareza, né? E também saber valorizar as pessoas com quem se vai conversar. É isso?

A:- Isso. E me diga uma coisa, em relação a... a... Você sempre morou... é... antes de vir pra... pra Jacobina, você morou em Senhor do Bonfim.

T:- Sim.

A:- E antes? Onde você... Onde foi que você nasceu? Qual é... era roça, era alguma cidade do interior? Me diga.

T:- Era...

A:- Como era a sua vida antes de chegar a escola?

T:- Era o seguinte. Meu pai era gene... era chefe da leste, antigamente chamava, né?

A:- Ah! Leste que passava.

T:- E me... minha mãe só andava, naquele tempo, de uma classe especial, pra viagem, né? Então nós foi criada quase... quem gosta de viagem, gosta de viajar. Fomos criadas, assim dentro de uma classe. Na classe tinha dormitório, banheiro, tinha tudo. E aí, meu pai, quando nos vigiava passava... Não sei se era um ano ou dois, assim num lugar.

A:- Em cada cidade.

T:- Em cada cidade. E por fim, foi pra Oquissé, foi morar em Quissé.

A:- Naquela época...

T:- Mais... Sim.

A:- Era em... trem de ferro? (barulho forte de moto)

T:- Sim. Era a companhia trem de ferro, que a Maria Fumaça chamava.

A:- Maria Fumaça?

T:- É.

A:- Quem era a estação Leste, que seu pai trabalhou?

T:- Também. É. E... meu o... assim antes. Antes de ir mo... de... Eu nasci em Queimado. Que os meus dois pais eram de Queimado. Meu pai e minha mãe, né? Que a família... principalmente a família do meu pai, foi uma família que tinha muitas professoras. E, a minha tia mesma, que era casada com o meu tio, foi uma das primeiras professoras de Queimado. Professora Cecília.

A:- E você se formou em magistério também? (barulho forte de celular)

T:- Sim.

A:- E formou aqui no Deocleciano?

T:- Foi aqui no Deocleciano.

A:- E sua vida como professora. Você trabalhou sempre com primário? Alfabetizar muita gente? Como foi sua...

T:- Eu...

A:- Sua trajetória profissional?

T: Eu comecei alfabetizando se... Não. Primeiro eu fui ensinar numa roça.

A:- Ah!

T:- Perto de Queimado. Aí em 1957... Eu me formei em 56, eu me formei. Em 57...

A:- Começou.

T:- Porque antigamente era assim, todo mundo tinha de ir pra... pra roça, pra pode... porque lá aprendia ler...

A:- Era (não entendi) na roça.

T:- É. E lá estudava, né? É. Ia pra roça pra depois de três anos ir pra... (não entendi)

A:- Professor da Zona Rural.

T:- É. Depois vinha aqui pra cidade. Foi o que eu fiz. Lá mesmo, pra Queimado, fui pra Lagoinha, num lugar chamado Feira do Pau, porque todo domingo tinha briga. Aí, colocaram a Feira do Pau. Inclusive eu fui agora, as bordas de ouro, lá, de uma... de uma ex a... de uma aluna minha, que naquele tempo estudava, moça, casaram tudo, né? A noite. Eu lá nesse lugar, (não entendi) de manhã, de tarde e de noite, você sabe não é? Moderninha, com 17 ano, né? Pra ensinar tudo. E... também... e... Depois...

A:- Depois foi que...

T:- Sim. Depois... Lá eu ensinava 1º, 2º, 3º e 4º...

A:- Certo.

T:- Até que grande, se ensinava. Tudo misturado.

A:- Sim. Ah! É... era salas...

T:- É... era misto. É. Como é?

A:- Mistos

T:- Era.

A:- As chamadas multisseriadas?

T:- Era.

A:- Classes multisseriadas.

T:- É. To... todo mundo.

A:- Isso da década de 50 e?

T:- Na... de... 56.

A:- 56?

T:- 57.

A:- 57.

T:- De 58, 59. em 60, eu não dei...

A:- E você... você percebia a dificuldade pra... pra entender a todos os alunos já que era classe multisseriada ou você dava conta de atende-los?

T:- Não... não. Era o seguinte, enquanto eu estava... eu passava exercício, por exemplo, primeiro ano, aí o terceiro, o segundo. Aí, ia fazendo, assim, né? Fazendo meu planejamento. E naquilo, eu sei que eu atendia, né?

A:- E você avaliou o seu trabalho como... assim, você avaliando hoje já, né? Tantos anos depois, você percebia que mesmo sendo uma classe multisseriada e mesmo sendo vários alunos. Eles conseguiram aprender. Conseguiram ler bem. Escrever bem?

T:- Sim. Porque naquele tempo o a... aluno só passava de ano quando soubesse ler, escrever e também as conta. Era aquelas principais, né? Não é como hoje que não. Hoje... Antigamente a pessoa lia e escrevia, sabia fazer as quatro operações pra dizer que era formado, né? Já hoje, não, que é... que é diferente.

A:- Já que você acha que... que hoje, é com essa mudança, o aluno sai com menos bagagem?

T:- Menos bagagem.

A:- É.

T:- É, quer dizer, pode só existir alguns, que não te... não sabe escrever, mas através da televisão, quando (não entendi) televisão, rádio, né?

A:- A facilidade dos meios de comunicação.

T:- É, facilidade dos meio de comunicação que num...

A:- Quais programas de televisão você costuma assistir?

T.:- Menina, ói, eu quase que não tenho tempo. Eu vivo mais, a vida assim... a... Eu já assisti, NUTH, o ano... o ano passado, eu assisti o... Não, eu tô a...esses Dois Corações, eu sei, assim, algumas partes. Eu quase que não tenho tempo, mas eu sei assim alguma coisa

A.:- Sei, essa mini-série que passou.

T.:- É. E as vez... Agora eu, assim, quando (não entendi, barulho forte de caminhão) da Rede Vida, da (não entendi). Sabe?

A.:- Tem as missas, tem aquela parte da...

T.:- É. Daquela parte das missas, da... A Rede Vida e a... Salvação é? Esqueci agora.

A.:- O Terço da Libertação?

T.:- Sim. Eu gosto. E a (não entendi).

A- São programas que quando você tem tempo de assisti, que você assiste.

T- Assisto. Outros eu num... Quando eu tenho... Se eu chegar pra começar, tinha... O ano passado tinha muito, era boa, que eu me esquece da novela. Boa! Oh, meu Deus!

A- Novela que...

T- Eu gostava da do ano passado.

A- Que você assistia?

T- É. O... esqueci o nome.

A- E além de novela, assim, quando chega em casa a noite, assiste jornal?

T- Go... Eu gosto. Se chegar e der tempo pode assistir o jornal, né?

A- E o que é que você aprende com esses programas televisivos? Que quê ele traz de benefício para a sua vida? Quais são as reflexões que você faz sobre ele? Que de útil você...

T- Ói, tem muita utilidade, mas tem umas coisas assim, aquele tetetê desnecessário, né? Através dessa televisão eu acredito que os jovens estão aprendendo muitas coisas que eles não aprendam, né? (barulho forte de carro)

A- Por exemplo.

T.:- Ói, o vício da... Você tá vendo que essas meninas, também, tudo é novela que tenha negócio, das meninas, ói em sexo, em tudo, né? As drogas, né? Tem ensinado... Tem coisa até que obriga, não é?

A- Que acaba... Você acha que acaba influenciando?

T- Acho. É tem influência. Eu acho.

A- Sim. No comportamento dos jovens?

T- Sim. No comportamento dos jovens, é. tem muitos que outra vez já querem fazer como aparecer. Querem se aparecer, né?

A- E acabam atravessando...

T- E acabam... É.

A- Atravessando tudo.

T- Derrotando os (não entendi)

A-Então, isso que... que você acha que traz influência negativa?

T- Negativa.

A- E os programas que você assistiu, pra você, que lhe beneficia, que lhe faz aprender, lhe faz refletir a vida. Quais são? Que passa na televisão.

T- Que passa na televisão?

A- Hum.

T- Oi. A Rede Vida. É porque esse (não entendi) aquelas missas. É muito bonita. (barulho de buzina de carro) O padre... É Rosi, né? Aquele que...

A- Marcelo Rossi?

T- Marcelo Rossi, gosto muito daquele padre. Dá muito estímulo e coisa da vida da gente. Tem uma vida muito deturpada. Um mundo cheio de tantas coisas, né? Que a gente fica até assim pensando como é que se vive tanto nesse mundo, com tanta... assalto, com tantas coisas, né? Tantas mortes, né? Jovens se acabando, né? As drogas acabando com eles e eles, né?

A- Então, você... você analisando a sua época de escola, toda a sua juventude, pra época de hoje, as transformações que ocorreram. Você analisa que... que essas transformações trouxeram mais benefícios ou mais malefícios? E porque?

T- Oi, a... na...

A- O que era de bom na outra época que você ainda sente saudade e o que é de bom que você acha com as transformações, com o progresso da ciência, que quê...

T- Com o progresso da ciência, digamos que hoje tem muitas coisas diferentes que ajuda muito, né? Ajuda muito as pessoas aprender, as pessoas saber lidar com as coisas, não é? Principalmente os jovens, né? Mas tem muitos negativos, muitos pontos negativos

mesmo. Que antigamente as moças, qual era a moça que andava fumando na rua? Qual é a moça que andava sozinha? Que ia com o namorado, só? Não podia, né? E outra coisa. Tinha que pedir antes a autorização dos seus pais, pra sair, saia com outra pessoa, não é? Hoje não, amanhecer o dia, vão pra festa sozinha, uma menina com 15 ano vai pra festa sozinha, chega no outro dia, né? O desrespeito com os pais, coisa que eu nunca fiz. A... até hoje, Deus me livre de eu sair e não dizer, eu vou em tal lugar...

A- Então a sua... Você avaliando, hoje. Você como foi criada, seu processo, em relação aos seus netos há grande mudança?

T- Eu acho... eu acho que, Ave Maria, é horrível! Porque os netos hoje não tão, Ave Maria! Não tão, assim, mas respeitando com tinha que respeitar o avô, a mãe, Ave Maria! Os mais velho, a professora, a... tinha... até pra gente usar sutiã, a gente tinha vergonha quando ela mandou, porque era chamado, né? Oi, ta no tempo de usar sutiã. Tinha uma vergonha, de tudo!

A- Ah! Ela chamava, verdade?

T- Chamava, fazia a (não entendi)

A- Fazia o papel de mãe. De orientadora.

T- É. Fazia. A... a professora era tudo naquele tempo.

A- Sei.

T- Ensina tudo. Tudo que tinha que ensinar, ela ensinava.

A- E... e... em relação aos jovens de hoje...

T- Ninguém namorava, não. Tinha que respeitar. Te uns que tava namorando, que via a professora, todo mundo tinha medo.

A- Ah! Tinha também. Aí sim.

T- É tinha. Aí moça só andava mesmo quanto tava a noiva do rapaz, com o namorado, assim mesmo com outra pessoa.

A- Sei, sempre acompanhada.

T- É. Oi, hoje a... me desculpe, hoje a malandragem que não faz nem gosto, né?

A- E isso, pra você como avó, também, você vê isso como tristeza, né?

T- Com tristeza. Muito desrespeito com (não entendi) A gente, a vista num lugar assim, eles tão se beijando. A mãe ta de junto, eles se beijando. Tem que ter respeito, né? O negócio é ter respeito, mesmo, né? Hoje tá a desvalorização humana.

A- Ah! Sim. Você, então, ad... percebe isso como uma desvalorização humana, por se mesmo.

T- É. Principalmente a mulher, não é rapaz? Que... agora eu acho que como hoje, a mulher hoje, ela tem o seu direito, que antigamente ela não tinha o direito. A mulher tem o seu direito de com... Se há um fio e não dá certo com o marido, sair. Hoje vai, se desquita, faz tudo. Porque é o... é o direito dela. E antigamente, a pessoa ficava ali, se acabava. Sofrendo por causa da... por causa da sociedade. Hoje não. Muitas coisas tão boa, hoje, né?

A- Sei, então a... a mulher...

T- Tem muita vantagem e desvantagem.

A- E desvantagem, né?

T- É.

A- Nesse sentido de... das conquistas da mulher. Como que se deu. E o (barulho de carro de propaganda) próprio progresso da ciência e da medicina como é que você vê?

T- A medicina? Ah! A medicina, tá mudada. (barulho muito forte de carro propaganda, não deu para entender)

A- Na medicina. Olha aí, a leitura! Como a leitura proporcionou, esse avanço aos médicos e estudiosos.

T- É conhecimento. Por que através da leitura, a mulher primeiro aprende os meios de cuidar de um nenê. Antigamente, tinha o mal de sete dias, rapaz. Uma coisa que não precisa se preocupar. A criança quando tinha sete dia morria, porque ela não tinha conhecimento de como é que limpava o mijo da... das criança, o seio, né? Era a higiene... a higiene.

A- Na verdade era por falta de higiene.

T- É. Falta de higiene.

A- E são chamado, mal de sete dias.

T- Mal... Mal de sete dia. Não limpava o umbigo, no lugar botava o saco do cachimbo, nera minha fia. E ficava... aí a criança morria. Pegava um tétano. Era chamado tétano que agora depois de... (mudança de lado da fita)... a cabeça amarrada, num lençol, pra tomar banho só depois de trinta dias. Ficava com aquele mau cheiro horroroso, que não sei, aí pronto adoecia.

A- Tinha que adoecer, não é? Infeccionava.

T- E... é. E muitas assim mesmo, com tanta imundice, assim, quando terminava o resguardo, já tava grávida.

A- Imagine você se não fosse (risos).

T- Mas é. É. Hoje com a leitura, né? Hoje com a leitura elas sabem se... sabe fazer a higiene.

A- Pois tudo isso, então a leitura não proporciona apenas o conhecimento, em termo de... de você para realizar suas conquistas, mas profissionalmente, em termos de cidadania, de conquistas de direito, quer dizer, tudo isso a leitura ta proporcionando.

T- A leitura traz. Proporcionando

A- E... e a mulher (não entendi) já é marca de como, só, através de conhecimento é que as pessoas conseguem evitar até certas... certas conseqüências.

T- Conseguem. Se... Muito bem. Através das... dos livro hoje. Antigamente ninguém sabia de nada rapaz. A moça até... Num lia, que pra lê um livro, assim, Ave Maria! Era só quando tivesse mesmo perto de casar. Se os pais dava, né? Pra pode sabe. Porque tudo era pecado. Era... era ignorância, né? Era... tudo era... é, era...

A- Era tudo muito escondido pra ler, não é?

T- Escondido pra gente lê e tudo. Até a menstruação, rapaz. Ninguém podia saber. Era uma coisa feia. Eu mesmo não sabia.

A- Então a moça naquela época, menstruar... ela menstruaria e desconheceria que estava menstruando e tomava um choque.

T- É. Uma... Toma... uma vez, uma moça menstruou. Sangue! Aí começou a gritar. Começou a gritar. Aí, dizendo a mãe que tava desonrada. Minha fia a coisa ficou feia.

A- Explicar.

T- Explicar o que era, né, mulher. Sabia que aquilo, era uma coisa honrosa! E hoje não. Hoje a leitura as meninas já sabem de tudo! As meninas sabe a... através dos conhecimento da... das leituras boa, as menina sabe de tudo! Vai no outro mundo, mexe e volta através dos conhecimentos dos livros, dos bons livros também.

A- Você gosta de viajar?

T- Gosto.

A- Quais são as cidades que você, assim, foi? Que mais lhe marcou?

T- Ma...

A- Que mais... Que quê você aprendeu sobre a cultura dela? Me conte.

T- Menina! A que eu... a que eu mais gostei, até hoje, foi quando eu tive em Buenos Aires.

A- Foi?

T- Eu achei uma co... lindo! Bariloche não é que é muito frio, mas eu achei bonito também, assim como o comércio de lá é mais a noite. Pela manhã eu trabalho até meio-dia. A tarde (não entendi) o céu com a noite

A- Ah! (não entendi)

T- Aí depois (não entendi) ainda vou voltar que é muito bonito!

A- E... e aqui no Brasil. Quais... quais, assim, os lugares que você foi, que mais lhe marcou? Que achou bonito?

T- Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Blumenau, mas eu não gostei mais de Blumenau. Santa Catarina, ai que bonito! É o Sul, tudo são bonito.

A- Sim. Bonito, né?

T- É.

A- E que...

T- Todo o nordeste, também. O nordeste eu conheço. Conheço...Agora eu gostei também chama Fernando da é... (não entendi) Fernando de Noronhas.

A- Já foi em Fernando de Noronha?

T- Já. Fernando de Noronha.

A- A preservação ambiental é percebida.

T- É. Tudo ali você pode chegar ó... hum. Você pode chegar e... e deixar ali que ninguém bole. Lá ne... ne...

A- Lá em Fernando de Noronha.

T- Fernando de Noronha. Muito bonito! Inclusive, eu fiquei olhando, assim, como foi que Valdir Pires, Miguel Arraes, lá, ficar naquele lugar, rapaz. Na i... Perto da Ilha dos remédios. Ali, naquele... chamava... (não entendi). Ali era (não entendi). Dentro daquelas pedras, rapaz. Não sei como aqueles fica... não morreram, né?

A- Na época da...

T- Na época. É. Da... da anistia.

A- Anistia. Sim. E Tereza e... nesse... a cada viagem que você faz, quais são os aprendizados que você traz pra sua vida? O que lhe enriquece?

T- Ah, uma coisa assim, que me enriquece, assim, é o conhecimento. Assim, não só o conhecimento... conhecimento... eu quero chegar assim...

A- Não só...

T- Não, é... conhecimento...

A- Não só culturalmente.

T- Culturalmente. Como também socialmente, né?

A- Sei. Conhecer as pessoas.

T- Pessoas.

A- O lugar.

T- É.

A- Os costumes.

T- Muitas... os costumes

A- A lhe dar... As relações interpessoais.

T- É.

A- O tanto de pessoas e amigos que você fez, né?

T- É. De amigo que eu tenho deixado. É. Eu conheci nesses lugares muito. É.

A- No sentido de conhecer outras culturas também, não é isso?

T- É.

A- O que... o que é que tem em outra cultura que é diferente da nossa, que aprende.

T- Que é diferente da nossa. É as comidas, né? Os ba... é a... A nossa...

A- As danças.

T- A danças, né? Ai, eu também gostei muito de Manaus. Manaus... A coisa é linda, é o rio Amazonas! Minha gente que... Olhe eu vou dizer a você, o Rio Amazona é o... pra... é o mundo nosso. É uma coisa linda, rapaz! Você chega, assim, dá vontade de você cada que você olha pra o rio, você diz mas meu... Ai você acredita na existência do Ser Supremo que é Deus, né? É um Mar Dulce, chamado segundo Francisco Olariano chamou, não foi? Mar Dulce daquela viagem (barulho muito forte), chamou que era um Mar Dulce.

A- Você achou, encantador?

T- Encantador. Aquela Vitória-régia, aquela... a... aquela flor, né? Que é a Vitória-régia. Tem também os índios com aquele... com aquele... a jibóia, com aquele... as cobras. Toda a... enfim, assim da flora, ele leva pra apresentar. Como meio de ganhar dinheiro. Tanta coisa boa! Aquelas comida... Eu tava olhando, assim, o pirarucu, que é o maior peixe de lá, mas não podia comer, o pirarucu é um negócio... achei que ele tinha uma carne diferente.

A- Não gostou, não?

T- Não.

A- Não chegou a provar, não?

T- Não. Paguei assim, mas não tive coragem, não. Agora, as frutas, o... o... baba... como é aquele? A frutazinha. Oh, meu Deus! NUTH! Cabo, como é? Cabosinha.

A- Cupuaçu?

T- Cupuaçu. Ah! uma delícia, enorme! E tem o... tem vários, lá a gente come na... lá a gente come mais maniçoba. Ave Maria! Aqui não. Muitas folhas eles comem. É descendência de índio mesmo, da cultura, né?

A- Sim. Da cultura indígena. Então quer dizer, você vai começar a conhecer e ao mesmo tempo saborear outras iguarias, que você (não entendi).

T- É. De muita... muitos índios. Agora no... no paga... Paraguai tem muitos índios, uns home feio! Agora bonito é lá no Rio Grande do Sul.

A- No Sul. Os gaúchos.

T- É, os gaúchos.

A- São bonitos

T- É. São bonitos, viu?

A- Me diga uma coisa Tereza, na sua época de moça, você gostava mais era, assim, de... de passear ou de festas?

T- Rapaz, naquele tempo eu... Eu vim as... eu vim freqüentar mesmo festa, depois que... depois que a gente tava aqui, mas quando era... Até quinze anos ninguém dançava. Quinze anos, só ia pra festa depois dos quinze ano. Era ainda menina moça, ficava dentro de casa, brincando de boneca, né? Boneca, tomando conta, cantando roda. Agora depois dos quinze ano...

A- Quais as rodas que vocês mais cantavam? Quando era menina

T- Bonitas, era aquelas que eu cantei. Minha Sabiá Minha Zabelê. Minha Sabiá, minha Zabelê, toda meia-noite, eu sonho com você, mas se você duvida, eu vou sonhar como pra você vê. Tinha uma também que era... namorava...

A- As cantigas de roda ia até tarde.

T- Ôxe, não é o que! Tinha...

A- Morava na Areia?

T- É, também já cantei Morava na Areia, é sereia. A cidade da barra virou banana, que era pra gente pular sem... pra sambar, rodar com a... pegada no braço e outro pegada ne outro, e assim a gente brincava.

A- É? Nunca ouvi falar, como é? Cidade do bá?

T- É. A cidade da barra virou bananal, ainda onde eu comi bananinha de lá, virou, virou, virou bananal, ainda onde eu comi bananinha de lá. Pegava, uma pegava no braço da outra e uma ficava ao contrário, né?

A- Sei.

T- E rodava. Mas era bom demais! Aquele... tempo desse, era macacão, macaco que a gente chama. Pulava, era corda. Eu mesma pulei uma corda danada, viu? Corda, já gostava. Eu... Caminhava muito, eu... eu fui criada logo com leite de cabra, que no lugar que minha mãe me teve não tinha leite de gado, só de cabra, aí por isso que eu pulava muito. Ô minha fia, porque...

A- (risos) Era forte?

T- É. E eu não sabia, eu ia cantando música, NUTH! Como é? Lá no (não entendi) E os versos que a gente dizia também.

A- E os versos?

T- Ah! Aqueles versos, aquelas cantigas que a gente dizia os versos. Êta! Mas é bom, viu?

A- Que é morava na areia e depois cada um vai dizendo um verso.

T- Dizendo um verso. Aí tem Minha Sabiá (não entendi) também, tinha tan... era tanta cantiga. Tem uma que eu tou procurando (carro propaganda ou de som: Participe da primeira caminhada da luz, próxima Semana Santa...) Rapaz!

A- E depois quando já moça, já tudo, é que passou a freqüentar festas?

T- Foi, passei a freqüentar festas.

A- E freqüentava que tipo de festa? Mais baile. Forró ou seresta, como?

T- Naquele tempo... naquele tempo tinha mais era baile, né? Aqueles baile bonito! Principalmente aqui na 2 de janeiro, que na 2 de janeiro, eles fazia aquelas fes... aqueles trajés, bonito! Pra poder ir lá pra... era a 2 de janeiro, era roupa boa, né?

A- Eram orquestras?

T- Eram orquestras.

A- Então assim, na verdade, tinha muitas serestas?

T- Serestas, mas era... era uma seresta, mas não é... sim uma seresta. Agora, não tinha, assim, esse negócio... Carnaval tinha que era aquela... aquela sombrinha.

A- Ah! Sim.

T- Aquele negócio bonito, né? Carnaval lá era bom, eu com a serpentina, Ave! Tinha uma lança-perfume, oh! Mas era bom, viu? Eu não, usava não, porque na... eu não sei, que antigamente a gente não usava essas... só rico. Os ricos tava lá com os pobres, não usava, não. Porque era cara.

A- Ah! Sim.

T- Aquela, lança-perfume, mas era bom demais! Êta, cheirosa!

A- E naquela época, tinha... já tinha... tinha blocos ou o povo saiam de fantasias?

T- Tinha bloco e saiam com fantasias, né? Muita gente queria...

A- Era os bailes nos clubes?

T- Nos clubes e também nas praças...

A- E também tinha os desfiles nas praças.

T- Nas praças. É.

A- Mas naquela época era sempre com banda e não tinha trio elétrico?

T- Não, não tinha trio elétrico não. Agora, saía, assim, cantando.

A- Todo mundo cantando e acompanhando?

T- Todo mundo cantando, é. E acompanhando, é. Depois de uns tempos foi que...

A- Com as filarmônicas?

T- É. Depois, muito tempo foi que tinha, agora, os trio elétrico, né?

A.- Depois que aparece?

T.- Aparece, é. Ai depois.

A.- E quais eram, assim, as marchinhas famosas do carnaval de sua época?

T.: A... oi, eu tava... oi eu... Mamãe eu quero, mamãe eu quero mamar, traga a chupeta, traga a chupeta pro bebê não chorar lalarará. Tinha essa e tinha Índio quer apito se não der pau vai comer, lá no banana a mulher de branco, levou, levou pra índio, colares que vê, índio quer fa... to... índio que, como é?

A.: Apito.

T.: Como é bonito, não, índio quer colar, índio quer apito, né? Eu mudei, eu tenho hora, que eu me esqueço. E tem... e tinha outra lá, Colombina. Colombina eu te amei, aí que era bonito! Eta, que a gente saía!

A.: Mas você...

T.: Você não quis (não entendi) um pierrô feliz. Os confe... os confete dourado que alguém tirou, não foi eu quem jogou, não foi eu, não foi eu. E tinha aquela também. Oh, jardineira porque está tão triste, essa é que fazia sucesso. Oh, jardineira porque estais tão triste? Diga o que foi que aconteceu Foi a carmélia que caiu do galho, deu dois suspiro e depois morreu. Vem Jardineira, vem meu amor, não fique triste, que esse amor é todo seu, você é mais bonita que a corvélia que morreu. Pronto ai. (risos) Bole a pança que hoje é só lembrança.

A.: Muitas... bonitas, e quando cantavam, paravam pra pensar no que tava dizendo a letra ou ninguém...

T.: Que nada ninguém nem pensava. Ali, só queria mesmo só dançar.

A.: Só dançar?

T.: É.

A.: Mas... Quando... quando você canta, você, assim, reflete, o que é que é que a musica tá passando de mensagem? O que será que quer dizer, Colombina eu te amei, mas você não liga (não entendi).

T.: É. Não, hoje a gente sabe, né? Que... que quando fazia as declarações, ele tá é... foi um rapaz declarando, que procurou namorar e não quis, né?

A.: Uma história?

T.: Uma história. É.

A.: Conta uma história.

T.: Con... é.

A.: Então ai, você faz a leitura do que tá na sua mensagem.

T.:- É. Todo dia, essa música eu dancei tanto em Queima... em Itiubá. Em Itiubá, não. Em Santa Luz. Itiubá, Queimado, era meus canto. Minhas primas chegava, eu moderninha, né? Chegava lá e ia é... ói, hoje tem festa, carnaval em Santa Luz. A gente se dava muito com o prefeito. Ai dizia, ó que eu vou ne Queimado. Pra viajar não precisa... onde trabalhava... Rica! Oxé, eu já tinha as fantasia lá, eu já... Eu lembro como hoje, o vestido verde, eu tinha uma... eu tinha uma cinturinha! Oh, uma cinturinha fina, ai nós fomos dançar! “Quem sabe, sabe. Conhece bem, como é gostoso, gostar de alguém. Quem sabe, sabe. Conhece bem, como é gostoso, gostar de alguém!”. Aí, quando eu já ia , o rapaz, “Vai morena, deixa eu gostar de você, morena, poderãã rããã.” Ai . (gesto de beijo) Lindo! Também.

A.:- Então você... Você ajudava?

T.:- Eu trago... é. Eu trago recordação, Ave Maria! Daquele... entrava naquele baile, assim, quando entra bem (não entendi) to lembrando, ele fazendo isso. Oh, tempo bom! Os boleros que eu dançava, já dancei muito bolero.

A.:- Bolero?

T.:- Sim. Já aproveitei muito, viu? Oi, Rubinha, foi, que não aproveitou nada, assim, não.

A.:- Sua filha, não.

T.:- Não, não sabe, mas eu?

A.:- Não sabe dizer nada disso.

T.:- É. Ave Maria! Eu fui nos clube bacana. Oi, antigamente, pra você vê como é a... hoje a... a cultura... a cultura, a leitura, a comunicação, acho ajudou em tudo, porque antigamente tin... Oi, tinha um lugar aqui chamado Conceição do Coité, que era assim. Tinha o baile dos... dos negro, o baile do moreno e os baile dos branco.

A.:- Era?

T.:- Era. Eu mesmo, pois, fui pra... pra... com minha prima, nós fomo pra...

A.:- Era, assim, separado.

T.:- É separado.

A.:- Não ia todo mundo junto como...

T.:- Não. Não ia não.

A.:- Todos irmãos, todos...

T.:- Não. E aquele dos brancos, era mais os rico. Então, eu chegando lá, morena e tudo, mas era professora, ai quando encontramos uma turma. Ai disse e ai, nós vamos pra o baile dos... vamo pro baile dos branco. Eu. Por que? Ah, vocês são... você é professora. E eu vi que tinha um negão que era... que era médico, pra você vê, não é?

A.:- Quer dizer que já mudava.

T.:- Era um médico.

A.:- Não era mais a cor da pele.

T.:- É. Mudava. Da pele. Já mudava a... a... como é o nome?

A.:- A condição cultural.

T.:- A condição financeira e cultural, né? Inclusive era...

A.:- então a importância da inserção do sujeito, tem a leitura.

T.:- Era, antigamente era. Oxé, antigamente era minha fia, que o... pessoa pra estudar, ah! Eu mesmo estudei em colégio, pagando naquele tempo, era 7 mil, na Sacramentina. Sete mil o ano.

A.:- Ah, era muito caro, não é?

T.:- Era caro. Não era todo mundo que podia estudar, não.

A.:- Terezinha, ficava interna?

T.:- Ficava. Eu fiquei interna. Primeiro eu fui pra casa do meu tio, ai minha mãe chegou. Tinha minha tia , meu tio já tinha morrido, mas tinha as minhas prima e tinha a moça que criava s minhas prima. Mas não tinha uma certa alimentação, ai mãe chegou um dia, assim, saiu de lá, volta e pensa, Tu tomou café? Eu, tomei e tudo. Ai, ela foi lá e eu fui interna. Ai, fiquei interna e estudei... só. Depois vim pra aqui, ficar aqui, né?

A.:- Depois foi que veio pra cá e formou em magistério, né?

T.:- É. E aprendi muito, viu?

A.:- E, me diga você ficou no magistério até se formar ou saiu antes, pra depois fazer concurso para o INSS?

T.:- Não, eu fiquei no magistério até me aposentar, em 89, porque tinha uma lei e diz que não podia, né? Ai, eu passei a ensinar a noite, foi quando eu mudei ao invés de ensinar 1º, 2º, 3º, fui só ensinar o quarto ano.

A.: - Sei. Educação integrada, naquele tempo. E me aposentei pra pode ficar lá. Ai fiz dois concurso, passei. Baseado naquele estudo que quando... foi... aquilo que eu sabia quando...

T.: - Foi a base que ficou.

A.: - A base que segura. E eu, modéstia à parte, hoje ainda sei, os sistema mesmo. É... Eu não sei mais equação, nem álgebra, esse negócio, mas que... tem hora que se eu for pegar assim ainda... Mas sistema mesmo, frações decimais, frações o... ainda sei decompor, fatorar, esse negócio todo que ele tem.

A.: - Todo, você ainda sabe?

T.: - Eu sei, ainda sei. Eu sei ainda. Algum papel, uma hora tira só pra fazer com Matemática e Português, viu? Aquelas freira, com uma capacidade! Também a pessoa só passava quando sabia mesmo. Que ela pea... pegava assim a... arb... que ra chamada a arbu... argüição.

A.: - Argüição.

T.: - Pegava o... quanto é? Seis. Nois... O livro do ano que nois estudamo, ela botava ali no... no... fazia aquele...

A.: - As perguntas?

T.: - Não. Bilhetinho, né?

A.: - Os papeizinhos.

T.: - Os papeizinho. Ali, as caixa de junto da gente, ai puxava, quando puxava, diz todos fala.

A.: - Sim, para a argüição oral.

T.: - Ai, tudinho ia dizer, eu já me formei, a formatura nois já fizemo o...

A.: - Era por conta e você ia falar tudo o que sabia, é?

T.: - É, falava, ai ela dizia, isso aqui. Ai, esse aqui, conte porque. Diga ai o primeiro ponto, o descobrimento do Brasil. Ai, ela lhe perguntava qualquer coisa e... Outra, ai fica a segunda, ai faz o... cite dois, pros de português. Era (não entendi) mas tudo... e a gente aprendia, viu? Modéstia a parte. Aprendia porque tem muitas coisa. De cada coisinha eu guardo.

A.: - Até hoje, né?

T.: - É. Eu tenho. É.

A.: - Você gosta mais de ler ou de escrever Terezinha?

T.: - Que? Ultimamente eu... (risos) Eu não sei mais escrever. Eu não to escrevendo não. Agora, ler, eu leio... to lendo pouco.

A.: - É?

T.: - É. Porque a gente já faz muita coisa assim no computador, quando chega em casa já tá, não é?

A.: - Cansada?

T.: - É. Mas era pra ler mais, não é?

A.: - No seu serviço você ler e lida com computador?

T.: - É. Eu leio (não entendi).

A.: - Servindo no computador?

T.: - No computador. É.

A.: - É a escrita que você mais usa ultimamente?

T.: - É. Ultimamente. É.

A.: - Mas ler, escrever cartas, ninguém fez nunca mais, né?

T.: - Não. Nunca mais. Nunca mais ninguém fez. É.

A.: - Ma... mais na época da juventude gostava mais de que, ler ou escrever?

T.: - Ah, eu gostava...

A.: - Costumava fazer muitas cartas pra colegas ou não?

T.: - Mais, eu gostava de escrever. Gostava de escrever. Ler, eu fico com uma preguiça, mas sempre gostava de ler, que eu vivia sempre com o estudo, viu?

A.: - Mas gostava mais de escrever, não é?

T.: - É, gostava mais de escrever.

A.: - E gostava também de poesia ou cartas? O que mais gostava de escrever? Que tipo de texto?

T.: - Menina, eu tinha uma preguiça de fazer qualquer carta porque tinha dia... quando eu... eu namorava com ele, meu marido. Ele queria bo... ele fazia uma carta pra eu. NUTH! Mas home, eu vou contar a mesma coisa. Negócio desse homem pra conta segredo! Ele gostava muito de saber minhas coisas e eu não queria contar.

A.: - Contar tudo (risos)

T.- Contar tudo, aí eu fazia... Você parece que só faz a mesma carta (risos). A mesma coisa. Eu digo, é, descobriu, né? Porque eu fazia a mesma coisa.

A.- (risos) As cartas dele vinham contando as novidades todas.

T- É. As dele era muita.

A.- E você repetia o que contava?

T- É. Ele era muito... muito inteligente pro lado de escrever, agora eu... toda semana ele escrevia, agora eu não.

A.- Aí, você resumia.

T- Aí, eu já sumia (risos). Vixe, eu tinha uma preguiça!

A.- E ele queria saber das novidades, mas Tereza!

T- As novidades. Aí eu chegava, cortava logo, aí botava tô morrendo de saudade e pronto. Tô bem, não digo que ia pra tal lugar, oxê. Que naquele tempo ele ia saber... Menina, naquele tempo era... Eu tinha minha... minha cunhada, se ela fosse pra Bonfim da aqui a dois meses, mandava dizer a meu irmão. Namorando... Mandava dizer se podia ir. Oh! Bestagem, né?

A.- Você nunca achou isso certo?

T- Não.

A.- Porque fazia a sua vida, independente do namorado estar lá.

T- Não é o que? Não é o que? Ôxe, eu dançava e tudo.

A.- Não dava satisfação?

T- Oxé, não dava não. Aí, se quisesse terminar, terminava. Que naquele tempo, terminava. Mas se terminasse, ficava atrás de novo. Rapaz! Era um negócio sério, viu?

A.- E você se apaixonou por ele e no final casou foi com ele?

T- Foi com ele, foi. Só tive esse namorado. Esse que...

A.- Foi Tereza?

T- Foi. Só tive esse. Foi bestagem, menina! Que naquele tempo o... a sinceridade. Deixa pra sincera só no... o... Mas depois, me arrependo. Sabe porque? Hoje, a mulher tem a obrigação de escolher, namora com um hoje, namora com outro (não entendi). Esse negócio de tá só com um.

A.- Pra fazer sua escolha?

T- Não é? Não é o que, rapaz! A gente depois pega um troço aí, como a gente pega aí, um negócio aí, que não dá certo. Fica... Que hoje, ah! Eu... eu hoje, assim... eu acho, assim, de vinte ano atrás, era aquela bestage, a gente não podia... sofria que só o diabo! Né? Cheia de su... Mas não, hoje não ta mais assim, não. Não prestou, oi. Bye, bye. Vai embora. Ôxe! Mais menino, ficar com...

A.:- Quer dizer que você foi seu... seu único amor?

T- Foi.. Só tive esse. Eu... Tive uns apaixonado, mas eu...

A.:- Mas não, não...

T- É. Com sinceridade e bestage.

A.:- Sei. E por exemplo, enquanto ele tava lá, que só ficava por carta, você não paquerava ninguém?

T- Não. Só fazia dançar. Dançava pra me acabar! Agora tô...

A.:- Não dançava muito. Mas não contava a ninguém?

T- Não. Ninguém sabe, quando foi uma missa, no dia de Santo Antônio, disse que não deu, mas hoje eu não vou aí, não, que eu vou passar as férias aqui. Menina, que quando eu vou chegando, ela, Terezinha, eu disse o que é? Teu noivo tá aí. É mesmo? Vixe, minha Nossa Senhora! Não se importe, não, que eu vou inventar uma coisa. Aí, passei. Oh! Como vai tudo? Oh! Meu Deus que não sei o que? Ah! Eu vim. A sua prima vai até Bonfim e você, não vai, não? Eu digo, oxê, eu não posso sair da aqui de jeito nenhum. Por... Eu fiz uma promessa pra Santo Antônio, não posso. Eu tenho que acompanhar a procissão descalça e não posso ir. URF! Assim, todo calmo.

A.:- Sem acreditar.

T.:- É. Aqueles (não entendi) Ai perto da... do... do... Ai faltando uma hora pra viajar. Ai Fui levar na estação. Eu digo, agora eu vou pra procissão, vai sai nestante. Ai fui pra procissão, ia com véu e descalça. Vai, vai. Ai quando TUUu. Eu digo. Ê pai e agora, ai tirei o veu, oxê, mas menino, eu ia lá. Vou é pra festa hoje de noite dança. Eu com meu respeito demais, dançava pra me acabar.

A.:- Se não tivesse feito isso nem... nem curtia, nem a vida.

T.:- Oh, se eu tinha curtido minha vida.

A.:- Nem essa parte de festas.

T.: - Ah! Que eu sofri tanto, rapaz! Depois que eu casei.

A.: - Depois que casou, né?

T.: - Sofria. Ave Maria! Não saia pra lugar nenhum, rapaz.

A.: - E ai a senhora não ia, mais pras festas com ele?

T.: - Nada. Oxê, não ia pra lugar nenhum, rapaz.

A.: - É mesmo? E ele não gostava de dançar?

T.: - Ele gostava, mas um dia ele foi dançar... nós fomos dançar, já a noite, né? Ai fez um apertado ali, que eu larguei ele pra lá e pronto. Foi mesmo no salão. Eu larguei ele pra lá, logo, que ele gostava de beber, né? E... Mas menina, eu me arrependi tanto, depois que eu casei, viu, comadre? Vixe Maria! Foi um casamento... Casamento bom foi de um Juiz, que era meu primo, louco pra casar comigo, mas eu (não entendi). Minha tia disse, minha filha, se com três dia você divorcei , ai eu disse que nada. E até, quase 10 ano eu namorei. E me arrependo. Esse negócio, hoje a pessoa tem de... negócio de se casar, eu vou... não deve se não tem, né? Vá curti, porque da vida eu entendo.

A.: - Você namorou 10 anos pra casar?

T.: - Dez ano.

A.: - E ele ciumava, né?

T.: - Ciumava, avé!

A.: - Que depois que casou, já não deixou você mais sair?

T.: - Não. Hoje que me...

A.: - Não ia pra festa, já não tinha diversão? Nada?

T.: - Não ia pra nada. Oxê, que nada. Um bicho ciumento. Ave Maria! Era...

A.: - Você acabou ficando dentro de casa pra...

T.: - É. Daquele jeito, é. (risos)

A.: - Me diga uma coisa Tereza, e ai, nesse dia da festa foi pra festa?

T.: - E fui pra casa toda dançando.

A.: - E ele che... E ele descobriu depois?

T.: - Não. Oxê, não. Não descobriu nada.

A.: - E ele morava aonde?

T.: - Ele morava aqui e eu ficava em Queimado. Dançava. Minha prima era diretora dos clube. Ai quando eles...

A.: - Sim E ele morava aqui.

T.: - É. E ele morava aqui. Quando eu chegava, dia de sexta-feira. Terezinha! Eu digo, Eu vou Chegando. E hoje? Eu digo, hoje tem era... como era? Como é? Tinha um nomezinho que a gente dizia. É... Uma festinha que chamava...era... Sei lá. Eu (não entendi), ai eu chegava gritava. Alô, alô, hoje tem festa! É um... tem um nomezinho que dizia. Depois eu lembro. Eu dançava e dançava ali, e tudo. Ai eu não namorava, de jeito nenhum. Porque eu tinha aquela sinceridade e tudo. Mas que bestage!

A.: - Exatamente porque era leal ao compromisso, não é Terezinha?

T.: - É. Muito le... É o compromisso, é.

A.: - Mas você, naquela época, não era noiva. Só era um namorado de compromisso, na verdade, né?

T.: - É. Não.

A.: - Ou já era noiva ? De aliança e tudo?

T.: - Não. Eu não era noiva de aliança não.

A.: - Era... uma moça...

T.: - Com compromisso. Mas tinha aquela bestage, né?

A.: - Certo. Tinha aquele respeito de compromisso.

T- Respeito. Era.

A.: - Mesmo ele estando em outra cidade, né?

T- Mesmo longe a gente tinha respeito. Era.

A.: - Não existia traição, não existia troca um por outro, né?

T- Não. Não existia não. É.

A.: - Ai finalmente você casou, já... com ele.

T- Casei. É. Casei...

A.: - E teve ...

T.: - Tive dois filho, e pronto. Aí, fui ... fui me acaba de trabalha. Se... O mundo passou que eu não vi, viu? Gente se ... nesse tempo que eu me casei, eu vi o mundo ... Passava cumadi que eu nem... que num via. Porque eu saía cedo. Eu levava os menino na escola depois trabalhava, vinha só tomar ca... almoçar. O tempo passava logo, todo assim. Passava que eu não via, quando via o menino. Minha salvação foi quando ele morreu.

Porque quando morreu, fiquei livre e de tudo estou aqui, oi, catando. Se não, se ele tivesse vivo, eu já tinha morrido há muitos anos.

A.: - E ai, depois que... que ficou viúva que vol...

T.: - Ah! Vol...

A.: - Retomou a vida ...

T.: - Ah! Voltei aquela vida boa .

A.: Ai, pronto, ai voltou aquela vida que tava.

T.: - Ah! Agora, você, eu mesma me mando.

A.: - Ai voltou a ... as festas...

T.: - As minhas festas, danço, minhas dan... tomo cerveja. Não ultrapasso do limite, mas, eu acho assim que a gente tem que viver, porque a gente é vivendo... É morrendo que si vive como diz o ... Santo Agostinho. Então a gente precisa viver as coisas boas da vida, não é? E usufruir de tudo o que é bom e melhor, e deixa o ruim pra lá, não é?

A.: - (não entendi)

T.: - E uma, que hoje a mulher, como diz? A evolução.

A.: - Sim.

T.: - E através da evolução e da cultura e da sua leitura, que hoje a mulher ta ai. Livre de... da ... daquele como é? Daquele carrancismo besta. Não vão... A mulher não podia votar, né? Antigamente, né?

A- Exato. O direito a cidadania negado, né?

T- Depois foi que deu o direito agora de tudo, ser prefeito, o que diacho ela quiser. Até presidente num dão, mas tem onde botar os pé.

A- Pois é.

T- E outra coisa também. Hoje a mulher tem sua liberdade. Ela vive com um homem só si quiser, se não der certo, (batida de mãos), não da certo, case com outro. Não é obrigada a pessoa sofrer, não. Oxê! Eu não condeno. Eu acho que a mulher hoje, tem seus direitos. Não viver, lhe escondendo não. Hoje ta livre oi.

A- Pra ver a (n entendi) não foi? Não sofre jamais por uma

T- Pra ver, é. Não é obrigado você sofrer não rapaz. Morrer. Oxê!

A- Por uma coisa que num... uma relação que não dá mais certo.

T- Porque não dá mais certo, né?

A- E de coisas de casa, que você sempre gostou de fazer, que atividade assim? Pelo bordar, cozinhar, costurar, ou você nunca gostou, só passeio?

T- Não. Eu nunca (risos) gostei desse negócio. Não é comigo não. Eu era só pra trabalhar, mesmo fora. Porque não tinha quem... Ou eu trabalhava ou então, não comia, né?

A- Sei. Você sempre pra criar seus filhos... já foi...

T- É. Não criava os filhos. É.

A- Trabalhava cedo.

T- É. Só fui trabalhar.

A- Que você era professora e depois você foi...

T- É professora. Oi, eu era professora, eu trabalhava no fórum e ainda ensinava deficiente. Trabalhava de manhã, trabalhava de tarde no fórum e ainda ensinava de noite. Depois, quando eu fiz o concurso do INPS, aí foi que eu... que eu deixei, fiquei só como professora, ensinando a noite. Mas houve uma lei que proibia e então me aposentei e fiquei só no INSS.

A- Ficou na... no INSS. E me diga uma coisa, teve muito de... assim, te... de tipo de leitura, hoje, o que é que você mais... mais costuma ler? É um jornal, é uma bíblia, é uma revista ou são livros de orações ou... ou você não lê? É... lê as vezes.

T- Não. Eu leio todos que eu pegar assim. Uma vez eu pego um jornal, leio. A bíblia também, eu ... leio e uma coisa assim, que me interesse eu leio.

A- Sei.

T- Gosto de ver um romancinho também, leio.

S- Sim algum romance.

T- Mas num... Eu não tenho... Quase que eu não tenho ... tendo tempo, né? Que vem o cansaço e aí a gente dorme, né?

A- Então, mas são... em leitura, são ligados mais a igreja?

T- A igreja. A igreja, é. A igreja e ... assim, às vezes no jornal, que leio pra saber das notícias.

A- E você foi... foi criada sempre na religião católica.

T- Na católica, é.

A- E fez opção pra ser católica mesmo, convicta e atuante, né?

T- É. Sempre. É.

A- E assim, na... na sua religião, dentro dos grupos de trabalho, das coisas que vocês praticam, o que é que você mais gosta de fazer?

T- Ah! Eu...

A- (não entendi)

T- Ah! Eu gosto de cantar viu, viu?

A- É?

T- Cantar na igreja. Cantar, vender coisa, vender no... tudo eu faço.

A- Pra igreja?

T- Pra igreja. Ajudo a arrecadação, ajudo-a... na liturgia.

A- Sim.

T- Tudo isso eu ajuda ló, na igreja domingo de tarde.

A- Participa de novenas?

T-Sim, participo das novenas. Faço tudo. Acompanho, ajudo, trabalho, faço tudo.

A- Em prol da ... de toda...

T- É, do trabalho...

A- O trabalho social da igreja, né?

T- Social. É.

A- Sei. E me diga um coisa Terezinha. É... Você é... é... depois que teve os seus dois filhos, que criou, depois seus filhos, né, se casaram, ou seja, já esteja... já tem netos... Quantos netos você já tem, hoje?

T- Tenho três mulheres e um homem.

A- É cinco, né? Quatro mulheres.

T- Três.

A- Três.

T- Três mulheres e um homem

A- (não entendi) seus netos? Todos moças e rapazes ou ainda são pequenos?

T- Já. Não. Quer dizer, tem uma menina que a... ainda é... já faz onze anos. Tá na adolescência. Agora tem uma... que... Hoje, mesmo tá fazendo ano, né? Inesa.

A- E hoje é Terezinha?

T- É . Tá fazendo, parece que 20 ano.

A- Vinte anos?

T- É. E o menino que é moderno. Não é que ele tá muito na faixa etária. Ela é que já tá, mas um dia tá, né? Dupla, né? Que é mais velho.

A- É.

T- Parece que na (não entendi) é 20 ano.

A- 20 anos é... na idade (não entendi)

T- É acima de 18 ano, né?

A- É.

T- Que agora é a lei. Essa nova lei, né?

A- Então, eles... seus netos... já todos tá, só ela... só a menina...

T- É.

A- A menos, que...

T- É.

A- E me diga, como é sua relação com seus netos? Um... como é que você é... convive com eles? Como é a convivência? Quais são os ensinamentos que trocam um com outro? O que é?

T- Ói, menina, eu gosto mais... O meu neto, eu gosto... Que eu tenho até um respeito, né? Gosto de respeitar e tudo, mas pergunto tudo ele, ajudo muito, mas... Eles são bom comigo, mas eu queria ... principalmente as menina, que a ... (não entendi), mas não o povo... quando esse povo que entra em faculdade, parece que quer saber tudo da... do mundo e hum liga pras coisa de Deus, né? A igreja já que...

A- A parte espiritual?

T- É. Que devia (não entendi) que ia pra (não entendi). Porque a menina de Marcelo, todos os dois estão na... na Igreja Filadélfia. É ... Eles são bem... eram bem..... assim... já tem bem... Alguns ensinamentos mesmo voltados pra eles e tudo ela sabe decidir. Não tem dúvida.

A- E a sua outra neta (não entendi)

T- Não, não (não entendi) não. Luciana é uma tristeza pra Deus. Eu que

A- Você convida Terezinha? Vamos pra missa...

T- Eu digo, menina aqui tá perto. Perto de sua casa, lá em Salvador. O menino ainda vai, coitadinho! Mas ela, eu num... até agora vi. Eu quero vê se ela não vai. Es... Seja, assim,

uma coisa diferente, né? Fica até com raiva. Ói, dá raiva na gente, um dia quando eu convidei. Vá pra missa. Você sabe que uma moça religiosa tá difícil de ter... cair na... no papo dos moleques. Que hoje moleque, com qualquer coisa, se a pessoa não tiver... Você sabe que a igreja é um... É um freio, não é?

(Fim da 1ª Fita)

A- Então em relação aos netos, você sente, assim, mais esse lado.

T- É, esse lado.

A- O lado da religião, você acha que...

T- Os outros são bons (não entendi) Mas não é religião, eles continuam, né? Tá frequentando e tudo. Porque a moça sem religião não pode não, principalmente é... nessa época que nos estamos, né? Atravessando esse mundo de tanta coisa.

A- Mas, assim, há uma amizade, eles gostam muito de você...

T- É, amizade. É gostam muito de mim, é...

A- Gostam de conversar, gostam... Costumam sair junto, lhe convidam pra fazer alguma... alguma programa juntos...

T- Não. No caso...

A- Ou dificilmente, se você disser assim, quer sair no comércio.

T- Não, disse assim... Não, deixa eu ir aqui. É, não sai lá em Salvador, tão lá.

A- Que eles também não moram...

T- É não moram, né?

A- Em outra cidade.

T- É.

A- E eles...

T- Mas se for pra sair sai, mas eles não... eles tão morando lá agora, né? Aqui as vezes sai eu (não entendi). Essa turma hoje, só querem saber andar com a... a turminha, não é?

A- Com suas próprias coisas, né?

T- É.

A- E quais eram as atividades que a professora gostavam mais de realiza, na aula, quando ela queria dar uma aula de leitura?

T- A professora?

A- Sim.

T- Ela primeiro fazia o ditado. Aí, quem sabia fazia aquele ditado, ela ditava, depois ia a corrigir, não é? Depois que corrigia, é... (barulho de telefone tocando) Daquela própria... da... da... própria leitura, do livro ela já fez aquela leitura. Então depois tomava a leitura ou se não de tudo que a gente fazia, todas leituras, ela abria, assim e fazia de qualquer um...

A- Pra saber se você tinha... sabia mesmo ler ou se você tinha decorado, né?

T- É.

A- A mat.. E matemática também am professora costumava (não entendi).

T- Em matemática?

A- Sim.

T- Ah! Pegava... Sim, matemática a professora fazia sempre... tinha a... dava, primeiro ela ensinava a tabuada, né? Ensinava a tabuada... Quando a pessoa sabia toda tabuada, começava a conhecer primeiro os números e tudo, depois a contar, isso mesmo depois a tabuada, depois da... da tabuada ia ensinar a conta, fazer a conta. Depois que a pessoa aprendia as quatro operações, aí entra no... nos problemas, né? E quando chego no pe...nos problemas é que ela começou, assim, a saber o tipo ...saber resolver as operações, ne?

A- Certo

T- Pegava aquele problema, que a operação era chamado problema, né?

A- Então... e... daí é que você falou que também tinha esse incentivo de declamar, de ler poesia...

T.: - Ah! É tinha.

A- Pra trabalhar a oralidade, pra pessoa soubesse coisas novas, pra ler em voz alta, né?

T- É sabe.. Era pra gente fazer festa, é. Ói pra fazer a... havia local por intermédio de... dessas poesias ele alí sabia, o que é que a pessoa tinha o dom, não é? Eu mesma era... era artista, porque a professora só me botava pra eu... é... era carro pra ver a apresentação de dançar, era assim como eu te disse. Declamar é... era (barulho de caminhão) Essas coisas naquele tempo era bom, tinha a ginástica, rapaz. A ginástica, era ginásio, tinha aquele saber todos os hinos. Os hinos... como era o nome? Da... das Cívicas.

A- Ah, sim, é?

T- É.

A- Da Bandeira, da Independência.

T- Lá tinha o hino da bandeira, da Independência, da Proclamação da República, da... do 2 de julho, da Bahia, tudo a gente tem que saber.

A- Ah, todas as datas cívicas.

T- To... É, todas as datas cívicas tinha que saber.

A- Comemorava, cantava os hinos.

T.- Era e... e no dia... no dia das datas cívicas... Dia da Bandeira todo mundo festejava, né? No dia 7 de setembro também, todo mundo ia pra lá, tinha aquela hora de... de... arte chamado, naquela era aula de arte, chamado (não entendi). Aula de arte tinha a... a ginástica civil, que fazia a... a marcha, né?

A.:- Sim. Todo mundo participava do 7 de setembro.

T.:- É. Sete de Setembro, é.

A.:- E... e parece me que os alunos daquela época tinham gosto de estudar, né?

T.:- Tinha. Todo mundo. Gosto... gostava de estudar, porque a pessoa fazia tanta coisa, rapaz! Marchava, (não entendi), fazia ginástica, nego... A saúde é um precioso. E (não entendi) ainda cantava e fazia ginástica, quer dizer, e brinca, né?

A.:- Ah, e brinca, né?

T.:- Era, pois era.

A.:- Sei.

T.:- E tinha as marcha. Cantava e cantava marchando. Vamos com alegria resolver as (não entendi) Vamos com alegria, oh, criamos a jornada, (não entendi) machamos firme e com coragem. Eu sei quela é bonita. Ave Maria! Oh, tempo bom! Ali era bom demais. ^a.. essa professora mi... minha, oxê. Um dia deu tanto recado que nunca que... de Aleninha, minha irmã, que tinha Aleninha Também, ma... era de minha... meu tempo e tava na casa dela, né? Professora me deu, eu dei pra ela vim. Tudo de farda com aquela parecendo ói. Hoje mesmo quem fez foi minha irmã, suco pra vocês não entendi).

A.:- E, então, é... me diga, assim, dessa... desse época toda de sua vida, né? Que tem essas leituras todas, que você já analisou e já viveu, é... como é que você ta vendo a...

a... o Brasil atual, a Bahia, as questões econômicas, no nosso país, o... o... a nossa... a nossa política atualmente.

T.:- Rapaz...

A.:- Qual é a sua análise de tudo isso?

T.:- Menina, ói eu to analisando. Eu estou chegando ao ponto... Assim, eu to vendo... desvalorização do professorado, né? Porque o professor é... é o sustentáculo de tudo...da...de político de tudo, porque através do professor se ensina, é que vai ser mestre, professor, esse aquele, né? Ser um bom político. Tudo depende da professora e tão sendo desvalorizado, as pobrezinha. Dando duro para ganhar pouco, não é? Trabalham coitadas! Né? Porque trabalham, porque hoje... antigamente tinham respeito também. Eram valorizado em tudo! Mas hoje os alunos só faltam bater as professora disposta, né? E a nossa política, hoje a gente tá vendo, tanta gente tá vendo...uma política acabada. Não tá vendo nada. Estamos esperando ainda alguma coisa de Lula, vamos ver, né? Que todo mundo votou (defeito na fita) ele mais assediado, vamos ver. Da nossa Bahia, taí uma Bahia acabada. Tanta gente, tanta... vou dizer assim, tanta gente... a fome! É a fome. Tanta gente passando fome. Principalmente em nossa cidade. Tem tanta gente passando fome. E o mundo “velho” acabando mesmo. Tá um mundo “velho” acabado mesmo, viu?

A.:- Você atribui isso a que Terezinha? Você acha que há como mudar isso? Tem como a gente transformar ainda tudo isso?

T.:- Eu penso que...

A.:- Ou você não acredita nisso, que vai dar conta de uma...

T.:- Menina , do jeito que tá eu não sei não. Só Deus, né? Só os poderes divinos pra tomar conta, pra botar tudo no lugar, porque do jeito que esses homem tão querendo fazer, né? Que sei lá. Então só Deus, mas eu acredito que esses homem tão querendo fazer, né? Tanta (não entendi), tanta coisa, não é? Que sei lá. Então só Deus, mas eu acredito que a gente ainda vai chegar a... a um mundo bom, como antigamente era. Mas toda vida foi assim, a gente pensava que tava bom, né?

A.:- Sempre existiram os problemas de uma época, não é?

T.:- É, o problema, é. Sempre existia.

A.:- Então a gente agradece, foi uma conversa maravilhosa, nós já conversamos desde, de... já são 16:15, né?

T.:- E, e eu (risos).

A.:- Passa o tempo que a gente nem... nem vê, né? Mas o... o que você gostaria, mas de dizer, em relação a... a leitura, a escrita, ou (não entendi), a importância dela no seu trabalho, na sua vida, que você poderia falar pra gente aí.

T.:- Eu... eu agradeço a minha professora, por ter me ensinado a assumir os erros, porque através dela eu cheguei ao bom conhecimento, que sei lidar com as pessoas, sei pensar o que é bom, distinguir do ruim e valorizar mais as pessoas, isso é o principal e ter muito conhecimento, porque a gente viaja através da leitura, né? Viaja, como hoje também através da comunicação, pela televisão, não é? Rádio.

A.:- São outros meios.

T.:- Outros meios que a gente vai lá... quando nós vamos lá, não é? Vamo lá sem... vamo lá no... exterior, tantos lugares, né? Só vendo. Não é? Porque nós tamo lendo. Então eu acredito no... que... O pessoal... O desenvolvimento do país, de uma sociedade, depende muito de bons políticos e bons eleitores, e de bom relacionamento.

A.:- Você acredita que é por aí, que tudo acontece, não é?

T.:- Que tudo acontece. Sem isso...

A.:- A... as nossas (não entendi).

T.:- É.

A.:- Do processo todo da linguagem...

T.:- Da linguagem.

A.:- Do poder que ela tem.

T.:- Você... Se botar uma pessoa que não seja culta pra o poder, acaba. Quem não tem conhecimento de nada, não sabe ler, não sabe..., não é?

A.:- Como ele vai deixar.

T.:- Sim, como vai, não é? Por isso que hoje tem que colocar prefeitos, governadores, homens cultos, formados. Até o qua... até os vereadores mesmo tem que ser homens

cultos, que tenham ser informados, pra levar conhecimento novo e não ficar naquela coisa de dia, de diazinha.

A.: - Que... que não possa, de alguma forma trazer benefícios pro contribuinte.

T.: - Trazer benefícios, é, contribuinte. E eu sei, que você tem bons conhecimentos, que você mesma, é uma boa mestra, boa filha, boa irmã, boa esposa e boa mãe, porque você tem muito conhecimento. Você faz, através de sua... da leitura da... daquele curso, como é que você faz lá?

A.: - Da universidade?

T.: - Você é muito... você lê muito.

A.: - É. Eu estudo melhor.

T.: - Fez muito curso, fez muitos cursos e é por isso que você é uma pessoa letrada, Viu?

A.: - Então a... o letramento, quanto mais alto for o letramento, mais a gente vai alcançando, não é?

T.: - Alto. Vai alcançando.

A.: - Outros conhecimentos. Tendo mais conhecimentos ainda.

T.: - Conhecimentos, é. E você merece uma pessoa bem culta, pra pode você, pode... fazer... ter o...

A.: - Muita conversa.

T.: - É. Conversa. Saber conversar.

A.: - Enriquecer.

T.: - Enriquecer sua vida, né?

A.: - Meus conhecimentos.

T.: - Seus conhecimentos. Que a pessoa conversar, só com pessoas que... Olhe, se a pessoa for ensinar na roça... Naquele tempo eu tinha uma colega, Camada Zenabra, era filha de um médico, ela foi ensinar, perto de lá de onde... de onde eu ensinava. E vai, né? Conversa vai, ela já tava, quando foi um dia, ela voltou pra casa dela, assim, passando as férias, porque a gente só vinha em... em março, só vinha em junho e dezembro. Ela tava dizendo, ô menina, com a empregada, vem aqui, ela, traga ai a candeia, elas... ai o noivo, disse o que Zenabra, ela disse, vixe desculpe, vicio de linguagem que era da cidade de lá, como eu dissesse.

A.: - Conforme a comunidade, há a variação lingüística.

T.: - O... a... a... é... é... de região, né?

A.: - É regional, é.

T.: - E o (não entendi).

A.: - A gente vai, assim, cada lugar que a gente convive, olha aí um exemplo que a gente aprende.

T.: - Aprende, é.

A.: - Não é? Que troca conhecimentos, que a cultura de um, a... a língua, com essa variação de nome lugar pra lugar, cada lugar que se vai, se aprende mais.

T.: - Você vai conhecer mais.

A.: - Pelo dinamismo da cultura, não é? E aí ela vai percebendo, a gente cresce por um lado em uns aspectos, num determinado lugar e outro a gente já enriquece, em outro aspecto, né?

T.: - Em outro.

A.: - É... Tem o ditado que diz, que não há ninguém no mundo que não tenha o que ensinar e nem que... e que não tem o que aprender. Sempre vamos ter o que ensinar e vamos sempre precisar aprender alguma coisa.

T.: - Aprender porque o homem...

A.: - Que o homem tá formado (não entendi), né?

T.: - É. E que o homem é produto do meio, né? Se você tem um meio bom, né?

A.: - A influência do meio também faz...

T.: - É.

A.: - Com que muito coisa acontecer.

T.: - É. Se eu ando com pessoas dentro de casa, você aprende.

A.: - As ambiências, né? Ajuda a pessoa a formar o leitor, o produtor de texto.

T.: - Essas moças, assim, simples, assim, que a gente arruma, chega lá no lugar pobre, mas ela tem o... o convívio com moças, assim, que tem o conhecimento, aprende, porque ela tem o conhecimento.

A.: - Ok, nós agradecemos. Depois a gente vai, mandar por escrito lhe mostrar tudo, com tudo o que eu você falamos.

T.: - (risos) É mesmo?

A.: - Que é muita coisa. É.

T.: - Rapaz!

A.: - (não entendi) depois a gente lê, vê se é tudo isso mesmo, né? E você... é...

T.: - Assim naquele... era boate, menina que chamava. As boate.

A.: - Ah, as boate.

T.: - As gatinha faz, hoje vai ter boate aqui em casa.

A.: - Sim.

T.: - Oh, meu Deus do céu!

A.: - Era assim, que dizia, não é?

T.: - É, era boate.

A.: - E então, e aí a gente, depois, lhe mostra um capítulo com a história, com a sua foto, com tudo, quando construir todo o trabalho da pesquisa.

T.: - e seu pai, já... já que...

A.: - Meu pai olha, 40 e tantas folhas, falamos já, falou, falou, falou, muito, conversamos muito também, aí a gente tá analisando, passando o que... depois ouve a fita, transcreve e também saber de você, se autoriza que a gente publique com o seu nome, ou se você quer que tire o nome?

T.: - Não, pode botar. Eu não me importo, não.

A.: - É? Porque tem que saber isso do entrevistado também. Se quer que saia na pesquisa o nome ou a foto, tudo contando a sua história de leitura, sua história de vida.

T.: - Tem nada não. Eu tenho até o livro de Amado, você viu? Amado

A.: - Vi. Foi.

T.: - Amado me pegou assim, mas ele me pegou e ligeirinho.

A.: - Sua vida, não foi?

T.: - É. Porque na verdade ou vou dizer pra você, viu? A...

A.: - Ela está no livro deles. As pessoas de Jacobina, que como história (não entendi)

T.: - Viu, eu tava....